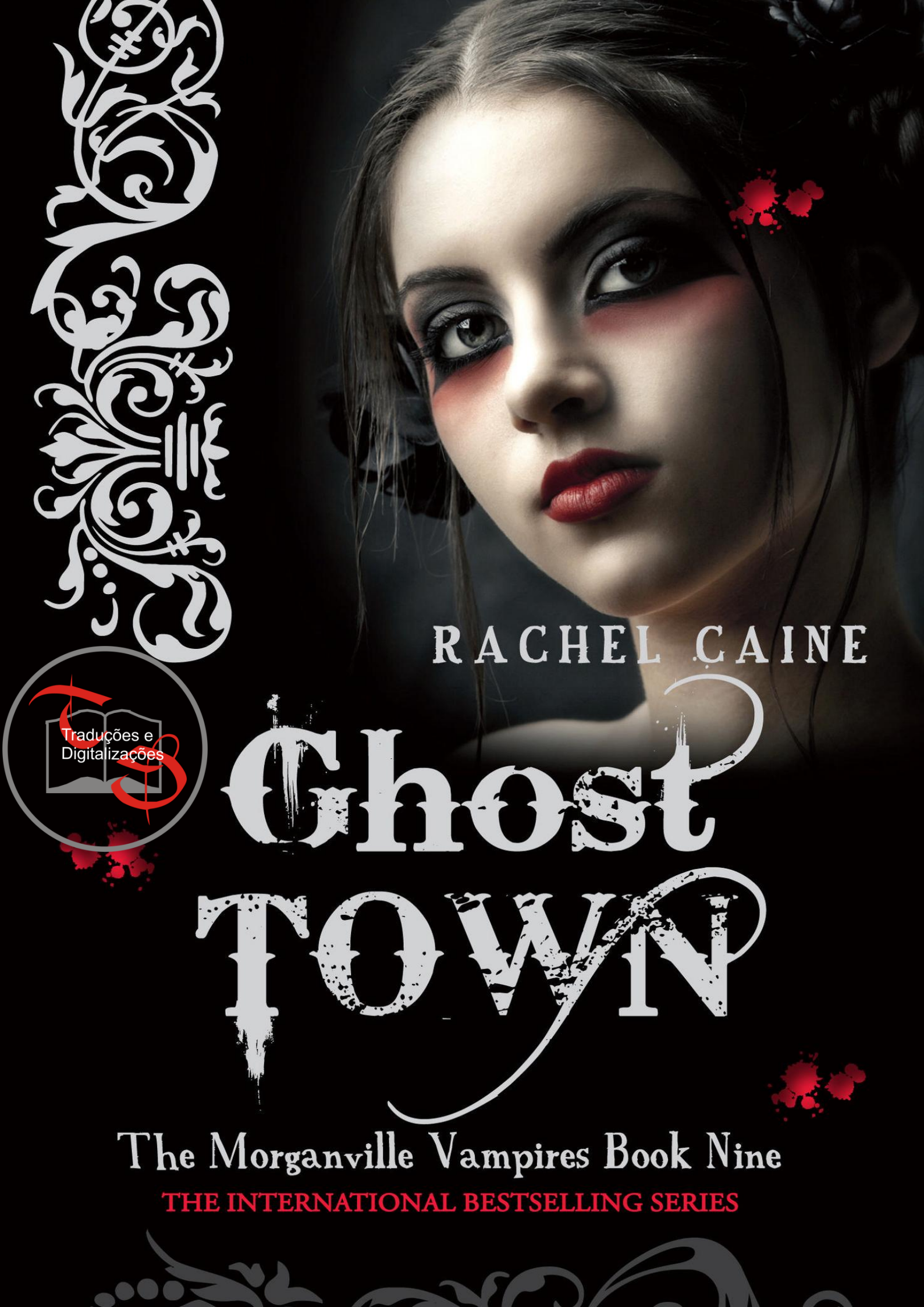




RACHEL CAINE

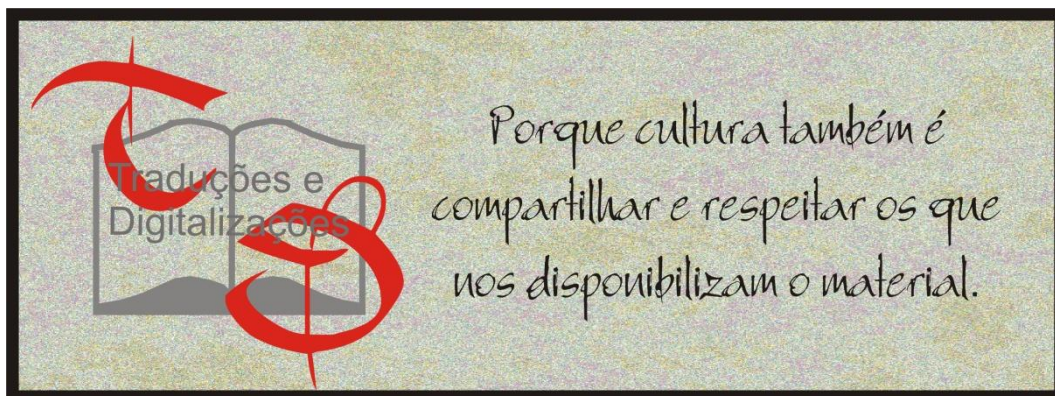
Ghost TOWN

The Morganville Vampires Book Nine

THE INTERNATIONAL BESTSELLING SERIES

Traduções e
Digitalizações





Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>



Ghost TOWN



Rachel Caine

Ghost TOWN

The Morganville Vampires Book Nine



Para todas as pessoas maravilhosas em minha vida que tem sido prestativas em me ajudar e compreensivas, desta vez... Heidi, J.T, Wendy, A.J., Jackie, Bill, Jo, Jean, e especialmente Sondra.

Espero um dia merecer toda sua fé e bondade.

Agradecimentos

Steven Smith

Joe Bonamassa

Charles Armitage

Lucienne Diver

Barbara Tibbles

Anne Sowards (e muitos outros...)

Meus amigos e família em NAL, Allison e Busby, e todas as minhas outras maravilhosas editoras pelo mundo!

Introdução

BEM VINDO À MORGANVILLE. Você nunca desejará partir.

Então, você é novo em Morganville. Bem vindo, novo habitante! Há apenas algumas regras importantes que você precisa saber para se sentir confortável em nossa pequena calma cidade:

- Obedeça os limites de velocidade;
- Não faça bagunça;
- Não importa o que faça, não invista para o lado dos vampiros maus.

Sim, nós dissemos vampiros. Lide com isso. Como um humano recém-chegado, você precisará encontrar um vampiro Protetor para si — alguém disposto a assinar um contrato para guardar você e os seus, a salvo (especialmente dos outros vampiros).

Em retorno, você pagará taxas... como em qualquer outra cidade. Claro, a maioria das outras cidades, já que, aquelas taxas não são arrecadadas pelo banco de sangue móvel.

Ah, e se você decidir não obter um Protetor, pode fazer isso, também... mas é melhor que você aprenda a correr rápido, ficar distante das sombras, e construir uma rede de amigos que possa te ajudar.

Tente entrar em contato com os moradores da Glass House — Michael, Eve, Shane, e Claire. Eles sabem por onde podem andar, ainda que, de alguma maneira, sempre acabem no meio de problemas.

Bem vindo a Morganville. Você nunca vai querer ir embora.

E ainda que queira... bem, você não poderá.

CAPÍTULO

UM

“**A**h *isso* não soa como uma boa ideia”, Claire disse, olhando para o papel que foi empurrado em sua mão por um estudante passante. Ela parou na sombra do alpendre do prédio de ciências para lê-lo. Apenas idiotas ficavam parados por perto nesse sol intenso na TPU¹ no meio da tarde — bem, idiotas e jogadores de futebol — então, Claire se ajeitou em um canto onde ela não seria atingida pela torrente de pessoas saindo do fim da aula. Havia uns poucos audaciosos salmões tentando nadar contra a corrente, mas ela não pensou que eles fossem conseguir.

Todas as pessoas ao redor dela estavam carregando o mesmo pedaço de papel amarelado que ela — empurrado nos bolsos, enfiados nos livros, seguros nas mãos.

Ela fora uma das últimas a ser panfletada, ela achava. Ela estava um pouco surpresa que alguém tivesse se incomodado, de fato, dado ao fato de que ela, Claire Danvers, era pequena para sua idade, parecia mais jovem que seus dezessete-quase-dezoito anos, e tendia a se misturar na multidão na maioria das vezes. Embora sua companheira de quarto superfashion, Eve, tivesse feito com que ela se sentasse no banheiro e feito luzes em todo o seu cabelo castanho, e agora ele brilhava em vermelho no sol. Mesmo assim, ela ainda não era... notável.

Ela aprendeu isso do modo difícil: maldita admissão precoce no colégio.

Alguém parou perto dela na relativa quietude da sombra. Era um garoto alto e de boa aparência. E ele soltou sua bolsa no chão de azulejos com um

¹ TPU é a 'Texas Prairie Universitie' - A faculdade da Claire

baque enquanto olhava o mesmo panfleto que ela segurava.

“Ahn”, ele disse, e olhou para ela, “Você vai?”

No momento em que ela superou o entorpecimento pela sua boa aparência (na verdade, não durou muito, o namorado dela era tão atraente quanto ele) ela checkou seu pulso. Ele era nativo de Morganville, estava usando um bracelete em torno de um dos pulsos, feito de cobre e couro, com um adorno que parecia um símbolo gravado no centro da superfície. Significava que ele era propriedade de vampiro — propriedade de Ming Cho, que era uma das vampiras com quem Claire não lidava diretamente. Ela gostava daquele jeito. Realmente, seu círculo de vampiros conhecidos era bastante, da forma que estava já era o suficiente.

“Ei”, ele disse outra vez, e balançou o papel na frente do rosto dela. “Alguém aí? Você vai?”

Claire olhou para o papel de novo. Tinha um monte de figuras e símbolos, sem palavras. Uma nota musical, que significava que uma rave estava no esquema. Algumas figuras de rosetas de festa indicavam que a maioria das coisas ilegais estaria circulando. O endereço estava codificado na forma de um enigma, que ela facilmente resolveu; era um endereço no sul de Rackham, com sua enorme quantidade de armazéns falidos que já foram lucrativos. A hora era bem óbvia: Meia-noite. Era pra isso que o gráfico da bruxa servia — hora da bruxa. A data era dali alguns dias.

“Não estou interessada”, ela disse, e estendeu para ele sua cópia. “Não é meu tipo.”

“Muito ruim. Vai ser lá fora.”

“É esse o porquê.”

Ele riu. “Você é uma festeira motorizada?”

“Eu não sou muito festeira, na verdade”, Claire disse, e não pôde evitar sorrir; ele tinha um riso mesmo muito bom, um que fazia você querer rir junto. E ele não estava rindo *dela* pelo menos. Era diferente.

“Oi, a propósito, eu sou Claire.”

“Alex”, ele disse. “Você está vindo da Química?”

“Não, física computacional.”

“Ah”, ele disse, e piscou. “E eu não faço ideia do que é isso. Muito bem,

continuando, Einstein, prazer te conhecer. “

Ele pegou sua bolsa e saiu antes que ela pudesse ao menos explicar sobre potencia de corpos e sistemas físicos não lineares. *Sim, isso realmente deveria tê-lo impressionado. Ao invés de ir embora, ele teria corrido.*

Ela se sentiu um pouco machucada, mas só um pouco. Pelo menos ele falou com ela. Isso era noventa por cento melhor do que seu atual placar com os caras da faculdade, exceto aqueles que queriam fazer algo terrível com ela. *Aqueles caras* eram muito faladores.

Claire piscou contra a brilhante luz solar e olhou para o pátio. O grande espaço de tijolos estava limpo, apesar de que estava, como sempre, lotado de pessoas em volta da coluna central onde os panfletos eram postos para passeios, quartos, festas e vários serviços e causas. Ela tinha tempo antes da próxima aula — cerca de uma hora — mas caminhar por todo percurso até a cafeteria da universidade no meio do intempestivo outono não soou atraente. Ela chegaria lá, talvez, em meia hora, e então ela teria que andar mais um longo caminho para chegar a sua próxima aula. TPU realmente precisava investigar a passagem de pessoas.

O prédio de Ciências era mais perto do canto do campus do que a maior parte dos edifícios, então era realmente uma caminhada menor para um dos quatro portões de saída, do outro lado da rua, e então para o Common Grounds, a cafeteria de fora do campus. Claro, era chefiado por um vampiro, e não um dos legais, mas em Morganville, você não podia ser muito exigente sobre os tipos de coisas se você considerasse a sua cafeína importante. Ou seu sangue.

Além do mais, Oliver, a maioria das vezes, era confiável. A maioria.

Decisão tomada, Claire agarrou a pesada bolsa cheia de livros e se foi pela devastadora luz do sol para o centro dos vampiros.

Sempre era divertido para ela agora — andando pela cidade ela podia dizer quais pessoas eram ‘conhecedoras’ sobre Morganville e quais não eram. Os que não sabiam, quase sempre pareciam entediados e infelizes, empacados, sem nada para fazer na pequena cidade, movendo-se pela calçada ao entardecer. Os que sabiam também pareciam infelizes, mas de um modo assombrado.

Ela não os culpava, não de verdade, ela passou por todo o ciclo de adaptação, do choque a descrença para a miséria da aceitação. Agora ela estava só... confortável. Surpreendente, mas ainda assim a verdade. Era um lugar perigoso, mas ela conhecia as regras. Mesmo que ela, nem sempre obedecesse às regras.

Seu celular tocou enquanto ela estava atravessando a rua — O toque *Twilight Zone*. Significava que era o seu chefe. Ela olhou para o display, franziu as sobrancelhas, e desligou sem atender. Ela estava de saco cheio de Myrnin, de novo, e ela não queria o ouvir dizer de novo, que ela estava errada sobre a máquina que eles estavam construindo.

Ele queria pôr um cérebro humano nela. Então não rolou. Myrnin era louco, mas normalmente era um louco legal, não um louco tenebroso. Ultimamente ele parecia estar empurrado ao final mais distante da medida de ‘tenebroso’. Ela realmente se perguntava se ela devia conseguir algum vampiro psicólogo para dar uma olhada nele ou algo assim. Eles provavelmente tinham alguém que era de quando Freud estava só terminando a faculdade de medicina.

Common Grounds estava abençoadamente na penumbra e agradável, mas impiedosamente ocupado. Não havia uma mesa livre para ser ocupada, o que era deprimente. Os pés de Claire doíam, e seu ombro estava quase deslocando do constante puxar de sua bolsa de livros. Ela encontrou um canto, e abandonou o peso do conhecimento (potencial, de qualquer forma) com um suspiro de alívio e juntou-se a fila na janela do pedido. Havia um cara novo trabalhando no caixa, de novo, o que não surpreendeu muito Claire; Oliver parecia dispensar muito rápido seus empregados. Ela não tinha certeza se era sua natureza rígida ou se ele os estava comendo.

Havia a possibilidade de ser um ou outro, mas o último não era provável, ao menos isso. Oliver era muito cuidadoso, mesmo que ele não quisesse realmente ser.

Levou em torno de cinco minutos para alcançar a frente da fila, mas Claire fez seu pedido de café mocha sem muitos problemas, exceto que o garoto novo escreveu o nome dela errado no copo. Ela se moveu para o caixa, e quando olhou para cima, Oliver estava olhando para ela da máquina de café

expresso, enquanto colocava as doses. Ele parecia o mesmo de sempre — antigo hippie, cabelo cinza puxado para trás, em um clássico aparente rabo-de-cavalo, um brinco de bolinha na orelha direita, respingos de café no avental que pareciam tinta e olhos como gelo. Com todos os detalhes em gêneros hippies, você não tendia a notar a palidez de sua pele, ou a frieza de seu olhar a menos que você realmente o conhecesse.

No próximo segundo, ele sorriu, e seus olhos mudaram completamente, como se outra pessoa tivesse invadido seu corpo — o amigável vendedor de café como ele pretendia ser.

“Claire”, ele falou e terminou de tomar seu café mocha. “Que ótima surpresa. Desculpe pela falta de assentos.”

“Acho que para os negócios é bom.”

“Sempre”, ele sabia como ela gostava da bebida, e adicionou chantilly e chocolate granulado sem perguntar antes de lhe entregar. “Acredito que os rapazes da fraternidade, perto da janela, estão quase saindo. Você pode pegar um lugar se apressar.”

Ele estava certo, ela podia as primeiras preparações para a retirada. Claire acenou em agradecimento e agarrou a bolsa, empurrando entre cadeiras e pedindo desculpas em seu percurso para a mesa, de forma que chegou lá quando o último garoto pegou suas coisas e se dirigiu para a porta. Ela era uma das que estavam almejando um dos quatros lugares vazios, e só percebeu isso quando umas mãos longas e bem cuidadas se estenderam.

“Com licença, *nossa* mesa.” Monica Morrell disse, olhando para ela com inconcebível deleite. “A seção de putinhas é bem ali, perto do lixo. Vadia.”

A irmã do prefeito de Morganville sentou em uma das quatro cadeiras, balançando seu cabelo escuro brilhante por seus ombros; ela adicionara algumas luzes loiras a ele de novo, mas Claire não achava que elas lhe favoreciam em algo. Ela estava de braço dado com um cara grandalhão, estilo brutamontes, com um daqueles rostos musculosos, mas ainda assim bonitos.

Ele era loiro, o que parecia ser o novo tipo de Monica e (Claire o conhecia de uma das aulas que tinha com ele) estúpido, que era *sempre o tipo de Monica*. Ele estava carregando o café da Monica, que colocou na frente dela antes de se sentar próximo a ela, perto o bastante para envolver o seu braço

grande em torno dos ombros dela e olhar para o seu decote.

A coisa segura a fazer seria dar as costas e deixar Monica bradar sua insignificante vitória, mas Claire realmente não estava no clima. Ela não tinha mais medo de Monica — bem, não normalmente — e a última coisa que ela queria fazer era deixar Monica saquear a única coisa pela qual ela estivera procurando durante toda a caminhada: um assento decente para apreciar sua bebida.

Então, Claire colocou seu mocha na mesa e se sentou no terceiro assento, o que estava bem na frente de Jennifer, que estava planejando pegá-lo. Gina, a outra subordinada/amiga sempre presente de Monica, já havia pegado o último assento.

Monica, de forma peculiar, não disse nada. Ela olhou para Claire como se não pudesse perceber o que diabos estava fazendo lá, sentada em sua mesa, e então, uma vez recuperada do choque, ela sorriu, como se tivesse ocorrido a ela que isso talvez pudesse ser divertido. De um jeito vil. Seu novo namorado temporário não parecia notar nada enquanto ele sorria maliciosamente e enquanto cumprimentava alguns amigos pela cafeteria.

Jennifer permaneceu lá, olhando para Claire, claramente incerta sobre o que fazer e Claire estava afiadamente consciente que tinha suas costas para a garota. Não era boa coisa. Ela não confiava em *nenhum* deles, mas menos ainda em Jennifer, por esses dias. Gina tinha descoberto uma espécie da humanidade, de uma forma vaga, e Monica... bem, Monica poderia usualmente ser cotada por fazer coisas boas, para Monica. Jennifer era imprevisível, e tinha seis dos piores tipos de loucura. Gina era medíocre, e Monica podia ser perversa, mas Jennifer não parecia ter qualquer senso de limites, de qualquer jeito. Além do mais, Jennifer fora a primeira das três a empurrá-la. Claire não se esqueceu disso.

Claire sentiu um movimento a suas costas, e quase se curvou, mas se forçou a não vacilar. *Nada vai acontecer, não aqui. Não na frente do Oliver.* Não que Oliver fosse afeiçoado a ela, — ele apenas não gostava de conflitos dentro de seu estabelecimento, que ele mesmo não tivesse iniciado.

Os olhos de Monica foram para Jennifer — largo e um pouco bizarro, como se Jennifer tivesse a assustado também.

“Jesus, Jen, segura a onda”, ela disse, o que fez Claire querer se virar e ver se a outra garota havia sacado uma faca, mas ela conseguiu resistir. “Só encontre outra cadeira. Não é um desafio para a ciência.”

O tom de Jennifer deixou claro que ela ainda estava olhando para a parte de trás da cabeça de Claire.

“Não tem nenhuma.”

“E? Vai assustar alguém lá fora. É isso que você faz.”

Aquilo foi frio, mesmo para Monica, e Claire de repente se sentiu inquieta sobre isso. Talvez ela devesse apenas... sair. Ela não queria estar no meio, porque se Monica e Jennifer fossem às vias de fato, alguém pelo meio seria morto.

Mas antes que ela pudesse decidir o que fazer, ela ouviu Jennifer se afastando, em direção a um grupo de pessoas estudando no canto, com livros, calculadoras e cadernos espalhados pelo espaço livre da mesa.

Ela mirou o cara maior, bateu no ombro dele, e sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Ele se levantou. Ela agarrou sua cadeira e a carregou de volta com ela, e o cara ficou lá em completa confusão.

Claire percebeu, que era uma estratégia realmente boa. O cara não parecia o tipo de levantar uma briga por algo tão pequeno, especialmente com uma garota do padrão de Jennifer (e de sua reputação). Então ele finalmente encolheu os ombros e ficou parado lá estupidamente, resignado ao seu destino. Jennifer jogou a cadeira entre Monica e Claire e se sentou. Monica e Gina aplaudiram, e Jennifer, finalmente, parou de encarar e rosnar, orgulhosa de ter ganhado a aprovação delas. Era apenas... triste.

Claire sacudiu a cabeça. Ela ainda queria sentar e descansar, mas realmente não valia a pena por aquela pequena vitória ser parte disso. Ela levantou, agarrou sua cadeira, e levou de volta através da sala, e a deslizou perto do rapaz que Jennifer havia roubado a cadeira, que ainda estava em pé.

“Aqui”, ela disse. “Estou de saída, de qualquer maneira.”

Agora ele *realmente* pareceu confuso. Monica e suas moniquetes também, como se o conceito de devolver algo a alguém nunca tivesse sido apresentado a elas antes. Claire suspirou, trocou o peso de sua mochila, e se preparou para sair, a mocha em mãos.

“Ei!” Monica a agarrou pelo cotovelo e a forçou a parar. “Que inferno? Eu quero que você fique!”

“Por quê?” Claire perguntou, e se soltou do aperto. “Então você pode me picar por mais uma hora? Você está realmente entediada?”

Monica parecia ainda *mais* confusa. Ninguém nunca recusara a fazer parte do círculo de abelhas rainhas. Ainda assim, passado o momento de vulnerabilidade, sua expressão endureceu.

“Não me desdenhe Danvers, estou te avisando.”

“Não estou te desdenhando.” Claire suspirou. “Estou te ignorando. Existe uma diferença. Desdenhar de você significa que você é realmente importante.”

Enquanto ela andava para fora, ela ouviu alguém atrás dela gargalhar e aplaudir. Elas rapidamente se aquietaram, mas isso a aqueceu um pouquinho. Ela não se opunha à artilharia de Monica diretamente, mas ela estava cheia de jogos. Monica precisava sair e encontrar alguém para enfiar seus alfinetes. O mocha continuava delicioso. Talvez até um pouco *mais* delicioso, por estar lá fora, ao ar livre. Claire cumprimentou algumas pessoas que ela conhecia na rua, todos moradores nativos, e andou devagar quarteirão abaixo. Ela não estava no humor para comprar roupas, mas a distante pequena livraria rua abaixo estava a convidando.

Book Mad² era um empoeirado buraco na parede, cravado do chão ao teto com pilhas de volumes dentro — tão longe quanto Claire podia ser capaz de dizer — somente um vago senso de ordem. Geralmente, não ficção estava na frente e ficção estava atrás, mas você nunca podia afirmar. As pilhas nunca pareciam nem um pouco menores, nem mesmo a poeira era perturbada, mas ela sempre achava alguma coisa nova que ela não tinha visto antes. Era estranhamente divertido.

“Olá Claire”, disse o dono, Dan, um cara alto perto da idade do seu pai. Ele era magro e um pouco nerd, mas deveria ser apenas porque usava óculos, que eram gravemente retro e seriamente tortos. Claire nunca podia decidir. Ele usava uma camiseta divertida, como sempre. Hoje o destaque era um cartoon correndo de um tiranossauro rex gigante, e se lia: EXERCÍCIO — ALGUMA

² Assim como 'Common Grounds' ficou original, preferi deixar original também o nome da livraria. Mas se fosse traduzir seria 'Livro Louco'.

MOTIVAÇÃO SE FAZ NECESSÁRIA. Ela tentou não sorrir, mas perdeu a batalha. Realmente *era* engraçado.

“Tem alguma coisa de física que acabou de chegar. Está bem ali”, ele gesticulou vagamente à distancia. Claire concordou.

“Ei”, ela falou. “Onde você consegue os livros? Quer dizer, eles são antigos. Alguns são realmente dos tempos ancestrais.”

Ele deu de ombros e olhou no velho registro no balcão e varreu um pouco do pó das chaves. “Ah, você sabe. Por aí.”

“De um depósito na biblioteca? Talvez no quarto andar?” Ela o tinha, ele olhou para ela, estreitando os olhos.

“Eu estive lá. Estava me perguntando o que eles iriam fazer com tudo aquilo uma vez que tivessem acabado. Então, quem lhe dá os livros?”

“Não sei do que você está falando”, Dan disse, e toda cordialidade se foi de repente. Ele parecia desconfortável e suspeito, e a camiseta divertida, de repente, não acompanhava seu humor. “Me deixe saber se você encontrar algo que queira.”

O quarto andar da biblioteca da escola era uma confusão de caixas fechadas de livros, reunidos por quem-sabe-se-lá- quais vampiros. No tempo que Claire o visitara — bem, invadira — vampiros (sem dúvida ordenados por Amelie, a fundadora da cidade) faziam uma varredura a procura de *um livro em particular*. Ela se perguntava o que eles planejavam fazer com tudo aquilo uma vez que a tarefa fosse concluída.

Naturalmente, acabou que Amelie estava fazendo dinheiro com os livros restantes. Vampiros não eram nada, senão práticos.

Enquanto Claire vagueava pelas pilhas empoeiradas, se inclinando para ler títulos apagados, ocasionalmente espirrando pelo cheiro de papel velho, ela achou um livro fino, um volume com capa de couro que ainda estava em excelentes condições. Sem título na lombada, então ela o puxou, tirando-o, e olhou na frente. Nada na frente também. Dentro, na primeira página na parte inferior havia um papel translúcido antigo, era uma fotografia em preto-e-branco de Amelie. Claire piscou e olhou mais atentamente; sim, realmente era ela. A Fundadora de Morganville parecia jovem e frágil, com seu cabelo louro-esbranquiçado armado em um complicado penteado no alto da cabeça que

exibia seu pescoço longo e elegante. Ela usava um vestido preto, algo dos anos 1800, Claire achava, com fofas mangas e toneladas de saias e anáguas. Havia alguma coisa sobre seus olhos — a fotografia os fazia parecer ainda mais claros que o cinza gelo que eles eram costumeiramente.

Era profundamente assombroso.

Claire virou uma página e leu o título: UMA HISTÓRIA DE MORGANVILLE

Seus moradores e eventos importantes — Uma crônica de nossos tempos.

Ela piscou. Com certeza eles não planejavam que *isso* fosse cair na livraria, onde qualquer um podia encontrar. Ela nunca havia visto nada como isso antes.

E, claro ela *tinha* que tê-lo. Ela estava queimando de curiosidade sobre Amelie desde que a conhecera, a Fundadora parecia ter tantos segredos que era difícil saber onde eles começavam e terminavam. Mesmo que, Amelie tivesse, uma vez ou outra, ajudado-a a se livrar, e tinha dado a ela sua Proteção, e salvo sua vida uma vez, Claire realmente não sabia muito sobre ela, exceto que era antiga, majestosa e assustadora.

O preço escrito dentro da capa era de apenas 5 dólares. Ela rapidamente encontrou títulos mais obscuros de ciência, enterrou a história na pilha, e puxou os livros para a frente.

Dan bufou. “Você nunca vai conseguir empilhar isso na sua mochila.”

“É, provavelmente não”, ela concordou. “Poderia me dar uma sacola?”

“Com o que eu pareço? O supermercado Piggly Wiggly? Aguenta aí.” Ele se abaixou atrás do balcão, levantando nuvens de poeira que o *fez* tossir, e finalmente lhe deu uma grande velha sacola. Ela começou a contar o dinheiro, e ele rapidamente abriu os livros e somou o total. Ele não estava prestando atenção, o que era bom, ele apenas somou e disse “vinte-e-sete e cinquenta”.

Era muito terrível, quase tudo o que ela tinha no momento, mas ela continuou sorrindo e entregou. Assim que o dinheiro deixou sua mão, ela agarrou a sacola e começou a enfiar as coisas dentro.

“Qual é a pressa?”, ele perguntou, somando a sua estupidez. “Não está perto do crepúsculo.”

“Aula”, ela disse. “Obrigada.”

Ele acenou, abriu a caixa registradora, e colocou o dinheiro dentro. Ela o sentiu a observar por todo o caminho até a porta. Ocorreu a ela que ela não sabia qual era o vampiro que chefiava seu negócio, ou como ele ou ela deveria se sentir sobre a venda do livro... mas ela não podia se preocupar com isso agora.

Ela realmente tinha aula.

CAPÍTULO

DOIS

 Não levou muito tempo para ler o livro. Ela parou em um parque no caminho de casa e sentou em um balanço de borracha desbotado pelo sol, e balançou lentamente para trás e para frente enquanto virava as páginas.

Era sobre pessoas que ela nunca ouviu falar... e pessoas que ela conhecia. Amelie, era uma. Disputas de Amelie com vários vampiros. Decisões da Amelie, de condenar ou poupar estas pessoas por seus crimes, poupando outras. Havia outros vampiros retratados também. Alguns ela nunca ouviu falar. Ela supôs que eles realmente morreram, ou foram embora, ou talvez eles fossem apenas reclusos. Oliver não estava no livro, porque ele era ‘recém-chegado’ na cidade. Curiosamente, Myrnin também não. Ela supôs que Myrnin estivesse guardando os segredos da cidade desde o seu início.

Era estranhamente interessante, mas, além disso, ela não sabia que bem iria fazer para ela saber que Amelie apresentou uma queixa contra um homem que possuía uma loja de produtos secos (o que era uma loja de produtos secos?) para enganar os fregueses humanos. E que a denúncia tinha tirado a loja dele, e ele abriu o primeiro cinema da cidade. Chato.

No final, Claire jogou o livro em sua mochila, e pensou em mandá-lo anonimamente para a biblioteca. Talvez ele realmente pertencesse a ela, de qualquer jeito. Ela pensou sobre isso no caminho para casa, mas ela acabou se preocupando se os vampiros poderiam de algum jeito intuir que ela pegara aquilo. *CSI: Vampiros*. Não era um pensamento confortável.

“Você está atrasada”, Michael observou enquanto ela andava para dentro

da casa Glass pela porta da cozinha. Ele estava parado na pia, lavando louça; não havia nada mais estranho para ela, do que ver seu companheiro de casa, que era todo tipo de delícia, para não mencionar todo o tipo de vampiro, cheio de espuma até o cotovelo. Estrelas do rock realmente faziam serviço doméstico? “Além do mais, não é meu dia da cozinha. É o seu.”

“É seu jeito passivo-agressivo de tentar me fazer assumir seu dever de lavagem?”

“Não sei, está funcionando?”

“Talvez”, ela colocou as sacolas na mesa e foi ajudá-lo com na pia. Ele lavava os pratos e os dava ela, ela enxaguava e secava. Muito doméstico. “Eu estava lendo, esqueci que horas eram.”

“Traça de livros.” Ele jogou espuma nela.

Michael estava em um excelente humor, sem dúvidas sobre isso; ele estivera pelos últimos dois meses. Sair de Morganville e gravar sua música com uma gravadora real e original fizera bem para ele. Voltar foi difícil, mas ele finalmente se estabeleceu na rotina. Eles todos tinham. Foram férias loucas e esquisitas, quase como algo que eles sonharam, Claire decidiu.

Mas, caramba, foi legal estar fora com os amigos, na estrada, sem as sombras de Morganville para pressioná-los.

Michael abruptamente parou de rir e apenas olhou para ela com aqueles grandes olhos azuis. Aquilo a fez momentaneamente atordoada, e ela sentiu o rubor vindo. Não que ele estivesse flertando com ela — não mais que o normal — mas ele estava olhando para ela bem mais profundamente que o costume, e ele não piscou.

Finalmente ele piscou, voltando sua atenção para a pia, e lavando outro prato antes de dizer, “Você está nervosa sobre alguma coisa. Seu batimento cardíaco está mais rápido que o normal.”

“Você pode ouvir — ah, é claro, você pode.” Ele não estivera a encarando devido o sangue dela se mover através de suas veias. E era meio arrepiante, exceto que era *Michael*. Ele tornava o arrepiante adorável a maior parte das vezes. “Eu corri parte do caminho para casa; provavelmente é isso.”

“Ei, se você não quer me contar, não conte. Mas eu posso dizer quando você mente.”

Okay, aquilo era superarrepicante. “Você pode?”

Ele sorriu para a lava-louça. “Não, mas, tá vendo? Você caiu do mesmo jeito. Cuidado, ou eu vou ler sua mente com meus incríveis superpoderes vampirescos.”

Ela suspirou e esfregou as mãos enquanto ele puxava o disjuntor da lava-louças e deixava fazer um redemoinho para a escuridão. A cozinha parecia realmente cuidada. Ela realmente devia a lavagem de roupa para ele, provavelmente. Claire jogou a ele o pano de prato

“Isso foi trapaça.”

“É, ainda sou um vampiro, se liga.”

Enquanto ele deixava as mãos e os braços sem espuma, ela abriu a bolsa na mesa, vasculhou para achar o fino volume, e o estendeu a ele. Ele sentou em uma cadeira. Enquanto ele olhava, suas sobranceiras levantaram: “Onde você arrumou isso?”

“No sebo”, ela disse. “Eu não acho que Dan, você sabe, o carinha que é o dono, sabia que estava lá. Ou se ele sabia, talvez — não sei — está cheio de mentiras? Mas esta é uma foto de Amelie, certo?”

“Eu não sabia que havia alguma história, mas isso definitivamente é uma.” Michael fechou o livro e devolveu. “Talvez seja propaganda de Morganville. Parece como feito por Amelie de vez em quando, o que no caso, não é grande coisa. Mas se não for —“

“Se isso é a verdadeira história de Morganville, eu devolveria isso a Amelie antes de me meter em problemas. *Sim papai, valeu.* Já percebi isso.”

Ele se curvou sobre os cotovelos e riu. “Você é uma criança difícil. Mas uma inteligente.”

“Não sou criança”, ela disse, e mostrou o dedo, bem como Shane ou Eve teriam feito. “Ei, quem vai fazer o janta-“

Antes que ela pudesse terminar a última palavra, a porta da frente se escancarou e a voz alegre de Eve ecoou pelo hall.

“Oláaaaaa criaturas da noite! Ponham suas calças! A comida está aqui, e eu não estou falando de mim!”

Michael apontou mudamente na direção dela.

“Me diga que ela não está trazendo as sobras dos sanduíches do Centro

Universitário.” Claire se lamentou enquanto Eve irrompeu pela porta da cozinha com um saco de papel branco na mão.

“Eu ouvi isso.” Eve falou e abriu a geladeira para entulhar o saco dentro. “Eu te trouxe o especial de bactéria; sei o quanto você gosta. A equipe da cozinha do Centro Universitário envia seu amor. O quê que tá rolando, cara morto?”

“Não estou morto ainda”, Michael disse e ergueu-se para dar um beijo nela.

Exceto pelo tom azulado legal de sua pele, ele parecia como qualquer outro cara de dezenove. As presas traçoeiras e pontudas estavam escondidas, como uma serpente, e quando ele estava assim, Claire meio que se esquecia de que ele era um vampiro e tal. Apesar de que ele estava usando uma camiseta desbotada com uma cara feliz, com presas de vampiro na frente. Provavelmente Eve tinha comprado para ele. Eve teve que ficar na ponta dos pés para beijá-lo, que foi uns cinco segundos, mas longo do que um ‘oi amor, bem vinda em casa’ e quando eles se separaram, as bochechas de Eve estavam rosadas embaixo da maquiagem gótica. Depois de um dia duro colocando doses no café da TPU, — ela alternava entre lá e Common Grounds — ela ainda parecia alegre e alerta.

Talvez fosse toda a cafeína. Estava impregnada dentro do corpo dela, mesmo sem ela ter bebido. Ela estava usando calças pretas com abóboras laranja nelas — sobras do Halloween, Claire percebeu, mas o Halloween era todos os dias para Eve — uma saia preta justa e três camadas de camisa finas, cada uma de cores diferentes. A de cima era preta, transparente, com um triste olhar de caveira de pirata impresso nela.

“Gostei dos brincos novos”, Claire disse. Eles eram caveiras pretas, e seus olhos brilhavam de vermelho toda vez que Eve virava a cabeça. “Elas são você.”

“Eu sei, certo? Não podiam ser mais legais”, Eve sorriu radiante. “Ah, e realmente eles estavam sem o especial de bactéria, então eu trouxe o de presunto e queijo para você. Costuma ser o mais seguro.”

Seguro era um termo relativo quando vinha da comida do campus.

“Obrigada”, Claire disse. “Amanhã eu vou fazer spaghetti. Sim, antes que

“você pergunte, com molho de carne. Carnívoros.”

Eve fez um som de deglutição com seus dentes. Michael apenas sorriu. O sorriso sumiu enquanto ele perguntava, “Você não tem que ir ver Amelie esta noite, tem?”

“Não, provavelmente não. O livro tem estado naquela loja por sabe Deus quanto tempo. Pode esperar até amanhã. Tenho que ir ao laboratório, de qualquer jeito. Amelie será um ótimo intervalo, depois do meu tempo obrigatório com meu chefe louco.”

Eve pegou para si uma coca gelada da geladeira e estalou a tampa enquanto arrastava a bolsa de Claire de uma cadeira, e jogava no canto.

“Como está o ‘chefe louco’ de qualquer forma?”

“Myrnin está... bem, Myrnin, eu acho. Ele está ficando um pouco esquisito.”

“Docinho, vindo de você, isso é alarmante. Você tem uma escala impressionantemente grande do que é ser esquisito. “

“Eu sei.” Claire suspirou e sentou-se, apoiando o queixo nas duas mãos. Ela se questionou sobre o quanto dizer, mesmo a seus amigos, mas honestamente, ali não haviam segredos. Não na casa Glass. “Acho que ele está sob muita pressão para consertar a máquina. Você sabe, a que—“

“*Ada?*” Eve perguntou. “Ai, sinceramente, ele não está trazendo *aquilo* de volta a vida, está?”

“Não... não exatamente. Mas Ada não era de todo mal, você sabe. Bem, *Ada* era, a personalidade, mas a máquina fazia todos os tipos de coisas que os vampiros precisam, tipo preservar as fronteiras da cidade, dar alertas quando os residentes saem, apagar memórias quando eles querem... e executar os portais.” Os portais eram as portas dimensionais que haviam pela cidade. Myrnin descobrira algum jeito bizarro de acelerar partículas e construir túneis estáveis através do espaço-tempo, alguma coisa que Claire estava se esforçando para entender, deixando o mestre sozinho. Não era *mágica* totalmente, mas às vezes não parecia haver fronteiras entre *mágica* e a ciência de Myrnin. “É importante. Nós estamos apenas tentando, sabe, tirar o fator Ada da equação e manter o pedaço mecânico funcionando, sem a sua mente.”

“Computadores assassinos.” Eve suspirou. “Como se não tivéssemos

problemas suficiente em Morganville. Não estou tão certa se alguma dessas coisas que você está falando são boas para nós amigona. Você me entende?”

“Se por nós você quer dizer humanos comuns, sim, eu sei. Mas” — Claire dá de ombros — “O fato é que tendo essas garantias, lhes permite confiar em nós, pelo menos um pouco. E confiança é tudo o que mantém esta cidade.”

Eve não tinha como responder aquilo. Ela sabia. Claire estava certa.

Morganville existia em um oscilante e perigoso balanço entre a paranoia e violência dos vampiros, e a paranoia e violência dos humanos que os excedam. Bem ali, no ponto do balanço, eles podiam todos coexistir. Mas não precisava de muito para pesar as coisas de um lado ou outro, e se isso acontecesse, Morganville queimaria.

Claire mordeu o lábio e continuou.

“Estamos terminando; sério, nós estamos, mas existe algum tipo de prazo estipulado que ele não está me contando, e estou preocupada que ele vá fazer... algo maluco.”

“Ele vive em um buraco no chão, se veste engraçado, e ocasionalmente come seus assistentes.” Eve disse. “Defina *louco*.”

Claire fechou os olhos. “Está bem. Acho que ele quer pegar meu cérebro e colocar em uma jarra, e colocar dentro da máquina.”

Silêncio mortal. Ela abriu os olhos. Michael estava olhando para ela, congelado no ato de abrir a porta da geladeira; Eve soltara sua coca, seus olhos estavam arregalados como se algo tivesse drenado sua animação. Michael finalmente lembrou o que estava fazendo, alcançou uma garrafa esportiva verde, que ele trouxe para a mesa e se sentou.

“Isso não vai acontecer”, ele disse. “Eu não vou deixar isso acontecer. Muito menos Amelie.”

Claire não estava certa sobre essa última parte. Mas ela estava certa do que Michael quis dizer, e aquilo a fez sentir um pouco melhor.

“Eu não acho que ele seja sincero sobre isso.” Claire disse fracamente. “Bem, não a maior parte do tempo. Mas ele fica falando o quanto um cérebro é melhor que uma CPU.”

“Não vai acontecer”, Michael repetiu. “Eu vou matá-lo antes, Claire. Eu falo sério.”

Ela não queria Myrnin morto, mas ela se sentia melhor por ter seu amigo para dizer isso. Michael era uma doçura boa parte do tempo, mas a verdade era que havia alguma coisa fria dentro dele — e isso não era só seu coração que não batia. Isso era... outra coisa. Alguma coisa mais escura.

A maioria das vezes, ele não demonstrava.

Às vezes, ela era agradecida por isso.

“Shane está atrasado”, Eve disse, mudando de assunto. “Onde está o Sr. Churrasqueiro McStabby?”

“Trabalhando até mais tarde”, Claire respondeu. “Alguém faltou ao serviço noturno, então ele teve que assumir o trabalho do jantar. Ele disse que estava tudo bem; ele poderia usar a hora extra. E ele não gosta que você o chame de Senhor McStabby, você sabe.”

“Você ao menos já *viu* ele cortando a carne? Ele é como um artista com fatias. E sua faca é tão grande quanto meu braço. Senhor McStabby é isso.”

Elas discutiram isso por um instante, com Michael tomando um golinho de sua garrafa esportiva de — provavelmente — sangue, até que Eve pegou os sanduíches e eles comeram um frio e um tanto pastoso, jantar. Depois disso, Claire ficou inquieta, muito impaciente para estudar, sentindo falta de Shane, até que Eve finalmente estalou com ela sobre seu caminhar e mexer nas coisas, e então, ela subiu para o seu quarto.

Instintivamente, ela não foi pra lá; ela parou no corredor, tateou e encontrou a passagem escondida para a sala secreta. A madeira estalou se abrindo, e ela entrou e fechou a porta atrás dela. Nenhuma maçaneta desse lado, mas tudo bem; ela sabia onde a abertura estava.

Ela correu pelos degraus e foi para dentro da sala desprovida de janelas, empoeirada, que eles sempre achavam que tinha sido o espaço de Amelie quando ela vivia nessa casa. *Parecia* com ela, de alguma forma — mobília vitoriana antiga, tapeçarias penduradas, lâmpadas Tiffany multicoloridas que provavelmente custavam uma fortuna. Sempre era um pouco frio ali, por alguma razão. Claire se esticou no velho sofá de veludo, olhando para o teto, e pensou em quantas vezes ela viera aqui com Shane. Era seu lugar particular, onde eles podiam apenas fugir de tudo, e o cobertor atrás dela cheirava como ele. Ela o puxou sobre si e sorriu, sentindo como se o fantasma do Shane

estivesse ali com ela, aconchegando-se mais perto.

Ela não tinha ideia que tinha adormecido pra começar, e então ela pensou que estava sonhando, porque alguém a estava tocando. Não a machucando ou coisa assim, apenas a pontinha dos dedos tocando sua bochecha em volta dos seus lábios... um lento, gentil tipo de carícia.

Ela abriu os olhos para ver Shane de agachado perto dela. Seu cabelo estava — como sempre — bagunçado, caindo em volta de seu rosto, e ele cheirava como churrasco e madeira queimando, e seu sorriso era a coisa mais linda que ela já tinha visto.

“Ei dorminhoca”, ele falou. “São três da manhã. Eve pensou que os vampiros te raptaram, mas apenas porque você não fez sua cama essa manhã. Acho que sou uma má influência.” Seus lábios se separaram e seu dedo parou ali, traçando a boca dela lentamente. Ela não falou. O sorriso dele aumentou.

“Sentiu minha falta?”

“Não”, ela respondeu. “Eu queria algum lugar calmo e silencioso. Eu nem sabia que você tinha ido.”

Ele colocou suas mãos no peito, como se ela o tivesse atingido, e caiu no chão. Claire rolou do sofá para cima dele, mas ele se recusou a abrir os olhos até que ela o beijou, longo e profundamente. Ela lambeu os lábios enquanto se afastava. “Huuuum, churrasco.”

“Com fome?”

“Eve trouxe sanduíches do campus.”

Shane fez uma careta. “É, estou feliz que perdi isso. Mas eu não estava exatamente falando de lanche da meia noite.”

“Garotos, isso é tudo em que vocês pensam?”

“Lanches da meia-noite?”

“É disso que os garotos legais estão chamando atualmente?”

Ele riu, e ela sentiu o rubor através de sua pele. Shane não ria muitas vezes, a não ser quando eles estavam juntos; ela amava a luz dos seus olhos castanhos, e o jeito perverso com que seu sorriso enrolava no canto.

“Como eu gostaria de saber”, ele disse. “Nunca fui um dos garotos legais.”

“O caralho.”

“Que linguagem, Senhorita Danvers, Ah espera, merda - eu sou uma má influência.” Ela abaixou a cabeça novamente, a orelha contra seu peito, ouvindo o sussurro de sua respiração. “Me diga o que você gostava na escola.”

“Por quê?”

“Porque eu perdi isso.”

“Você não perdeu muito”, ele disse. “Eu e Mikey saíamos juntos. Ele era o Sr. Popular, você sabe, mas muito tímido. Garotas, garotas, garotas, mas ele era muito exigente. Pelo menos até nosso primeiro ano.”

“O que aconteceu no primeiro ano de vocês?” Ela perguntou antes de pensar.

Os dedos de Shane apertaram o cabelo dela enquanto ele respondeu. “A casa queimou, minha irmã Alyssa morreu, minha família foi embora. Então eu não sei como Michael estava nos dois últimos anos da escola. Nós falamos um pouco quando eu voltei, mas ele não era o mesmo. Alguma coisa aconteceu a ele. Certo como o inferno, que alguma coisa aconteceu a mim. Você sabe.” Ele deu de ombros, mesmo com o peso dela nele, mas ela não era muito pesada, e ele era um cara forte. “Não tenho muito que dizer a meu respeito. Eu era um pateta entediante.”

“E nos esportes?”

Ele riu. “Futebol algumas vezes. Eu gostava mais de hockey, mais chances de bater nas pessoas. Mas eu realmente não sou um jogador de time, então terminei no pênalti umas duas vezes a mais que todo mundo. Não muito divertido.” Ele ficou em silêncio um tempo, então disse, “acho que você sabe que Monica correu atrás de mim por um tempo.” Aquilo a surpreendeu.

“Monica *Morell*. Você quer dizer, atrás de você no sentido de—“

“Eu quero dizer no sentido de ela me mandar bilhetes realmente sujos e tentar arrancar minhas roupas no armário de vassouras uma vez. O que eu achei que para ela era amor. Não tanto para mim.” Sua expressão endureceu por um momento, e então relaxou. “Eu a chutei, e ela ficou puta, você sabe o resto.”

Shane acreditava — e Claire não tinha razão para duvidar — que Monica tinha posto fogo em sua casa, matado sua irmã e destruído a vida de sua família. Aquela ferida nunca iria sarar; ele sempre estava inclinado a odiar

Monica com uma fervorosa intensidade que estava a dois segundos da violência. Não que Monica puxasse o saco dele, a maior parte do tempo, ela parecia gostar da raiva dele.

Claire não podia pensar em muita coisa para dizer, então ela o beijou de novo, e pareceu doce, quente e um pouco distraído da parte dele. *Ela não devia ter trazido isso à tona*, ela pensou. Ele não gostava de pensar sobre aqueles dias.

“Ei”, ela disse. “Eu não quis —”

“Eu sei.” Seu sorriso voltou, então ela pensou que ele estava de volta aqui e agora, com ela, ao invés de nos dias ruins. “Feliz que você não estava aqui para aquilo tudo, realmente, eu não era essas coisas todas para conhecer. Na verdade se você quiser saber eu era um malandro no fundamental.”

“Todos os garotos são malandros no fundamental. E na maior parte no ensino médio. E então eles crescem para ser malandros.” Ela o beijou de novo. “Mas não você, Sr. McStabby.”

“Ah, cara, Eve não está com isso está?”

“Nem remotamente.” Ela se sentiu sorrindo também.

Shane sempre trazia um pouco de traços loucos que ela não pensava que tinha — esse era provavelmente o porquê seus pais se preocupavam tanto sobre eles dois. Mas Claire gostava disso. Quando ela estava com Shane, ela podia *sentir* — sentir o sangue golpeando suas veias, sentir cada nervo acordado, vivo e faminto para ser tocado. Tudo era mais brilhante, mais claro, mais límpido. Um pouco de loucura era uma coisa boa.

“Você quer fazer?”

“Talvez eu devesse tomar um banho. Eu cheiro a carvão e churrasco.”

“Você cheira bem”, ela disse. “Eu amo o jeito que você cheira.”

“Você está ficando melosa, sabia? E talvez um pouco bizarra.”

“Ah, cala a boca, você gosta.” Ele gostava, ela podia dizer, especialmente quando eles estavam debaixo do cobertor, enrolados juntos no sofá, e o refúgio de Amelie era o deles, seu lugar particular, doce, aquecido, paraíso onde nada poderia se intrometer.

Bem, exceto o despertador do telefone celular de Claire, que estava marcado para sete horas. *Que merda.*

Acordar foi difícil, em parte porque nenhum deles tinha dormido muito, e

em parte porque Claire não queria nunca sair do quarto, mas ela finalmente conseguiu beijá-lo e obter caminho livre descendo as escadas para a porta fechada.

Ela não abriu. “Shane!”, ela gritou. “Eu tenho que ir!”

Sua risada malvada desceu, exagerada, mas ele apertou o botão e a deixou ir. Ela ganhou de Eve para o chuveiro, é claro; Eve não era naturalmente uma madrugadora, e era seu dia de folga, então Claire pôde gastar seu tempo na água quente sem ninguém apressá-la. Quando ela abriu a porta do banheiro e saiu, ela encontrou Shane sentado no chão ao lado da porta, bloqueando o corredor com as pernas. Ele estava usando sua calça jeans amarrotada, mas ele deixou de lado a camiseta.

Então, não é justo. Ela adorava olhar para o peito dele, e ele sabia disso.

“Temos de ter um segundo banheiro neste monstro”, disse ele, e beijou-a no seu caminho através da entrada.

“Você toma um banho muito longo.”

“Não tomo!”, disse ela, indignada, mas a porta já havia fechado entre eles. “Eu levo *metade* do tempo de Eve!”

“Ainda é muito tempo”, ele disse de dentro. “Garotas.”

Ela bateu na porta, em seguida, encolheu-se e esperando que não ter sido alto o suficiente para acordar Eve ou Michael, e desceu o corredor até o quarto dela. Shane tinha razão: ela não tinha feito a cama ontem, mas ela fez hoje, arrumando os travesseiros e tudo mais. Então ela puxou roupas velhas e molambentas, e seu pior casaco. Não havia sentido em usar roupas boas no laboratório do Myrnin. Eles estavam prestes a se sujar com coisas grudentas, ou coisas que faziam buracos não importando quão criativo você fosse na lavanderia.

Claire trouxe uma tigela de cereal na cozinha, de pé, sobre a pia, e começou a lavar a tigela — mas era o dia de Shane na cozinha, e com uma risada maligna, ela soltou a louça suja. Servia direitinho por ele tentar fazê-la se atrasar.

Ela arrancou a maior parte do conteúdo de sua mochila, exceto as coisas que seriam relevantes para seu projeto com Myrnin, então adicionou o fino livro de história e pegou tudo.

Era uma linda manhã, ela perdeu o nascer do sol, mas ainda estava um pouco agradável, e o céu era um lindo e claro azul com apenas umas poucas nuvens escassas no horizonte. Para essa hora, o sol parecia amigável, não como o vulcão monstruoso que ele se tornava à tarde.

Claire desceu os degraus do portão, e se dirigiu primeiro para o Common Grounds. Sem Oliver, e desta vez ambos os funcionários eram novatos. Seu nome foi dito errado novamente. Café na mão, ela rumou para o laboratório de Myrnin.

Morganville estava ocupada essa hora, com praticamente todo mundo que não era vampiro tomando vantagem do brilho do sol e da segurança aproveitável. Crianças andavam em grupos, mesmo assim; a maioria dos adultos não andavam sozinhos tampouco, mas as vezes iam. Claire encontrou muitas pessoas que sabiam por que ela andava sozinha.

Parecia familiar. E era realmente um pouco triste.

Um carro policial parou perto a ela na rua, indo e voltando e Claire viu Hannah Moses acenar para ela. A chefe policial de Morganville baixou o vidro.

“Você precisa de carona, Claire?”

Hanna era... impressionante. Ela apenas tinha todo aquele ar competente ao redor dela, e uma cicatriz no rosto que a devia tornar desfigurada, mas nela, a fazia parecer mais intimidadora — até que ela sorria. Então ela parecia linda. Hoje ela usava seu cabelo em tranças em um coque frouxo, elegante e um pouco formal. Para Hannah, de qualquer forma.

“Não obrigada”, Claire respondeu. “Eu agradeço, mas é um dia realmente ótimo. Eu devo andar. E você provavelmente está ocupada.”

“Ocupada é lutar com vampiros pela provisão do lanche”, Hannah disse. “Isso não é, acredite. Tudo bem, tenha um bom dia. Se você ver Myrnin diga a ele que quero minha panela elétrica de volta.”

“Sua... Você emprestou a ele alguma coisa em que você põe comida?”

O sorriso de Hannah desapareceu. “Por quê?”

“Ahn, esquece, eu vou me assegurar de desinfetá-la antes de devolver. Mas não empreste a ele nada que você não possa esterilizar.”

Aquilo fez até *Hannah* parecer apreensiva. “Obrigada, diga ao garoto louco um olá.”

“Eu direi”, Claire prometeu. “Ei, se você não se importa se eu perguntar — quando ele pegou isso emprestado de você?”

“Ele apenas apareceu na minha porta uma noite a uma semana, e disse ‘Oi, prazer em conhecê-la. Pode me emprestar sua panela elétrica?’ O que pelo que eu entendo é bem típico de Myrnin.”

“Muito”, Claire concordou. “Bem, eu devo ir, o café está esfriando—“

“Vá pela sombra”, Hannah disse, e acelerou se afastando.

Claire apertou o passo também, andando mais rápido enquanto ela passava através de um casal de vizinhos e chegou na rua com a Day House — um reflexo da de Michael, porque ambas eram casas da Fundadora, as casas originais construídas por Amelie e Myrnin. As casas da fundadora não apenas pareciam a mesma, elas continham a mesma energia nelas, Claire achava. Em algumas era mais forte que em outras, mas todas tinham levemente a sensação inquietante de... *inteligência*. Era mais forte na Glass House, quase uma personalidade dela própria.

A Day House era no final de um beco sem saída. Os parentes de Hannah viviam ali, ou pelo menos Vovó Day ainda viva. Claire não sabia para onde Lisa Day havia ido, exceto que ela escolhera o lado errado durante a revolta de Morganville alguns meses atrás, fora encarcerada e liberta depois de umas duas semanas. Ela nunca voltaria para a Casa Day. Aquilo era certo. Claire sabia que Hannah ainda procurava por sua sobrinha. Havia apenas umas poucas possibilidades — Lisa havia planejado escapar de Morganville, ou ela se escondeu, ou ela nunca saiu do cárcere viva. Para a vovó Day, Claire esperava que Lisa tivesse escapado.

Ela não era a pessoa mais amigável, mas a velha senhora a amava.

Claire não estava planejando parar na Day House, até que vovó Day, uma pequena senhora idosa sentada em uma grande cadeira de pedra, a chamou e perguntou se ela queria alguns pãezinhos de café da manhã. Claire sorriu para ela e balançou a cabeça — vovó nem sempre ouvia bem — e conseguiu um amigável aceno de volta enquanto ela se virou a direita, baixo no estreito beco cercado entre a Day House e a área desconhecida da casa do outro lado. Era muito estreito para um carro, esse beco, e ia ficando cada vez mais estreito ao que se seguia, como um funil. Ou uma garganta. Era suspeitosamente limpo

também — não cheio de lixo jogado e até mesmo os cardos não estavam presentes. E aqui estava ela, andando direto para o covil, para a armadilha da teia da aranha.

A porta bamba da cabana no fim do beco balançou aberta antes que ela pudesse alcançá-la, e a própria aranha a recebeu, agarrou seu café de sua mão e jogou dentro na velocidade vampiresca antes que ela pudesse dizer uma palavra. Pelo lampejo que ela teve dele, ele estava usando calças pretas, estilo carga que eram muito grandes para ele, sandálias com margaridas em cima, e algum tipo de colete de cetim, sem camisa, provavelmente apenas porque ele esqueceu de colocar uma.

Myrnin não se vestia por vaidade. Completamente aleatório, sério, como se ele apenas fosse vendado para o closet e pegasse qualquer peça que ele tocasse primeiro. Claire foi à velocidade humana para dentro da cabana e desceu os degraus, emergindo em um grande aposento que era o laboratório de Myrnin e algumas vezes sua casa. (Ela pensava que ele tinha uma separada, mas ela raramente o via longe daquela, e esta tinha um quarto atrás com roupas deixadas de lado que ele esmiuçava quando estava de bom humor.) Myrnin estava inclinado sobre um microscópio, observando sabe-se-lá-o-quê. Ele tinha todas as luzes acesas, o que era legal, e o laboratório parecia limpo e legal hoje. Com todas essas coisas misturadas do moderno ao antigo, brilhantes. Ela se perguntou se ele tinha um cientista-louco ajudando na limpeza.

“Obrigado pelo café”, ele disse. “Bom dia.”

“Dia.” Claire respondeu, e jogou a bolsa em uma cadeira. “Como você sabia que o café era o seu?”

“Não sabia”, ele deu de ombros. “Você não retornou nenhuma das minhas ligações. E você sabe o quanto eu desgosto de fazer isso em primeiro lugar. Telefones são tão frios e impessoais.”

“Eu não respondi por que não estava a fim de repetir o argumento outra vez. Não estamos chegando a lugar nenhum com isso, estamos?”

Ele levantou os olhos do microscópio, levantou os velhos óculos fora de moda para cima de seu longo e cacheado cabelo negro, e olhou para ela com um sorriso devastador. Myrnin era — para um vampiro que *parecia* duas vezes

a idade dela, mas umas centenas de anos mais velho — muito gostoso. Ele podia ser doce e afetuoso em um minuto, e frio e predador no outro, e aquilo a impedia de ter uma paixonite por ele, a maior parte das vezes.

Na verdade era o que fazia dele um namorado possivelmente terrível e fatal. Ela também não fazia ideia de como ele se sentia sobre ela, lá no fundo. Ele a tratava como um bicho de estimação particularmente inteligente a maior parte do tempo.

“Eu adoro discutir com você Claire, você sempre me surpreende, e ocasionalmente, você até mesmo faz sentido.”

Ela poderia ter dito a mesma coisa sobre ele, mas não de um jeito satisfatório. Ao invés de tentar colocar isso em palavras, ela pegou seu café da bancada do laboratório. Ele estava usando um microscópio moderno, digital, que ela pediu especialmente para ele. Ele parecia feliz com ele por agora, apesar de que ele em breve deveria voltar para a sua antiga monstruosidade de latão e vidro. Myrnin só ficava mais confortável com a tecnologia vitoriana.

“O que você está fazendo?”

“Checando meu sangue”, ele disse. “Faço isso toda semana. Você ficará feliz em saber que ainda não tenho sinal do vírus de Bishop.”

O vírus de Bishop era do que eles chamavam a cruel doença que atacara os vampiros muito antes dela chegar — um vírus fabricado pelo pai de Amelie, Bishop, que havia disseminado, porque só ele tinha a cura. Infelizmente para ele, desde que ele tinha usado pela primeira vez a cura em si mesmo, o seu sangue tinha a cura para todos os outros, e agora o velho vampiro mau estava trancado na segurança máxima, em algum lugar Morganville. Ninguém sabia onde, exceto Amelie e as pessoas que o guardavam.

Claire gostava dessa maneira. A última coisa que ela queria pensar era em Bishop fugindo, e vindo atrás de todos eles por vingança. Ela tinha conhecido alguns vampiros desagradáveis, mas Bishop, na medida do que ela se preocupava, era o pior.

“Estou feliz que você está bem”, ela disse.

O vírus de Bishop fez com que os vampiros se perdessem, perdessem suas memórias, seu autocontrole. Acontecia lentamente para a maioria, o que

era ainda pior — como o Alzheimer humano, só que o vampiro desprovido dessas coisas era uma besta imprevisível e perigosa. Diferente dos outros, Myrnin não havia se recuperado completamente, ou, provavelmente ele sempre foi um pouco fora da bolha de normalidade. “Posso ver?”

“Ah, claro”, Myrnin disse e se afastou para deixá-la mirar na objetiva do microscópio.

Ali, em cores vividas, a ocupada vida de sugador de sangue de Myrnin — que não era seu próprio sangue, na verdade, tanto quanto era de outros. Havia um monte de diferenças entre sangue de vampiro e de humano, e Claire ainda estava fascinada sobre como isso funcionava.

“Viu? Estou em ótima forma.”

“Parabéns.” Ela desligou o microscópio — que não fazia sentido estar funcionando na provavelmente horrível fiação do laboratório — e tomou um golinho de café enquanto ele bebia o dele. “O que vamos fazer hoje?”

“Ah, acho que devemos tirar um dia de folga, ir ao parque, passear, pegar um cinema...”

“Sério.”

“Você me conhece muito bem, Já que você não estava falando comigo essa semana, eu projetei alguns circuitos novos. Gostaria de ver o que você pensa disso.”

Ele pulou para outra mesa, essa coberta por um lençol branco. Por horríveis poucos segundos ela pensou que havia uma *pessoa* ali embaixo... mas então ele deslizou, e era apenas uma pilha de metal, vidro e plástico, não parecia muito como um conjunto de circuitos. A maioria das coisas que Myrnin projetava não pareciam certas. Elas apenas funcionavam. Claire se aproximou e tentou descobrir onde começava — provavelmente ali, no cano aberto que circulava e levava a um tipo de tubo a vácuo, e então dentro o que parecia uma placa de circuito perdido em algo mais racional, então em cachos de arame, todos da mesma cor, que enrolavam como espaguete em outras coisas enterradas embaixo de mais tubos espiralados. Ela desistiu.

“O que é isso?”

“O que você acha que é?”

“Poderia ser qualquer coisa desde um cortador de grama a uma bomba,

pelo que eu sei.”

“Eu nunca construiria um cortador de grama”, Myrnin disse. “O que o cortador faria para mim? Não, é uma interface. Para o computador.”

“Uma interface”, Claire repetiu devagar. “Entre o quê e o quê?”

Ele lançou a ela um longo olhar, um daqueles ‘não me faça perguntas que você já sabe a resposta’ e ela sentiu seu estômago torcer.

“Eu não vou deixar você fazer isso”, ela disse. “Sem cérebros em suas máquinas. Não. Você não pode matar alguém só para energizar seu computador estúpido, Myrnin, é *errado!*”

“Bem, eu mato as pessoas por sangue, você sabe. Acho que isso é mais conservador — não desperdice, não queira e tudo isso. Se eu já os estou matando.”

Claire rolou os olhos, “Você *não* mata pessoas por sangue, *não* em Morganville. Eu sei por que desde que você melhorou, você *não* —” Mas o que ela *sabia*, realmente? Ela tinha certeza? “Eu tenho certeza que você não tem matado...”

Ele sorriu, e era um sorriso triste, doce, do tipo que quebrava o coração. “Ah, Claire”, ele disse. “Você pensa em mim como um homem muito melhor do que o que eu sou. Isso é amável, e cortês.”

“Você está dizendo que—”

“Donuts!” Myrnin a interrompeu, e se lançou, pra voltar em segundos com uma caixa aberta. “Cobertura de chocolate, seu favorito.”

Ela olhou para ele, suplicante, e finalmente pegou um. Eles estavam frescos, então ele realmente foi comprá-los. Ela podia imaginar *como* ele havia ido à loja de donuts, especialmente considerando o que ele estava vestindo hoje.

“Myrnin, você tem caçado?”

Ele levantou as sobrancelhas e mordeu um donut com recheio de geleia. A framboesa sujando tudo, e Claire respirou fundo.

Depois que ele lambeu os lábios, e os limpou, ele disse, “Vamos olhar a *sua* última descoberta mais recente, não vamos?”

Ela o seguiu de volta ao laboratório, onde seu circuito aparentemente muito mais saudável estava, situado em outra mesa, embaixo de outro lençol.

Ele havia feito algumas... adições, ela viu, em seu estilo não tradicional de costume. Ela não podia imaginar como tubos de cobre e velhas molas e alavancas deveriam melhorar seu trabalho, e por um Segundo ela se sentiu muito irritada. Ela trabalhara *duro* naquilo, e como uma criança malcriada, Myrnin havia arruinado.

“O que você Fez?”, ela perguntou, um pouco áspera demais, e Myrnin se virou lentamente para encará-la.

“Melhorei o projeto”, ele disse, e dessa vez sua voz era fria, e não muito amigável.

“Ciência é colaboração, garotinha. Você não é uma cientista de verdade se você não pode aceitar melhoramentos em sua teoria.”

“Mas—“ Frustrada, ela mordeu seu donut. Ela passou *semanas* trabalhando naquilo, e ele tinha prometido que não ia mexer enquanto ela estava fora. Ela estava tão *perto* de fazer funcionar! “Como exatamente você melhorou?”

Como resposta, ele alcançou o fio de energia — ainda moderno, graças a Deus — e o ligou no interruptor ao lado da mesa.

O monitor do computador — Lcd, perfeitamente bom — havia recebido o tratamento de Jules Verne, também. Era quase invisível na confusão de tubos, alavancas e engrenagens... mas ligou, e Claire reconheceu a interface gráfica que ela desenhara para ele. Ela havia o feito no estilo moderno-antiga, é claro, porque ela sabia que o faria feliz, mas com ornamentos na parte de fora que pareciam meio loucos. Perfeito para Myrnin, então.

Ela passou pela tela de toque de menus rapidamente. *Segurança da cidade, controle de memória da cidade, teletransporte da cidade...* controle de teletransporte e de memória foram duas coisas que não estavam funcionando, mas agora, pelo menos de acordo com a interface, eles funcionavam.

Ela pressionou o botão na tela para teletransporte da cidade e um mapa apareceu, com pontos verdes brilhando em cada grupo de portais — como buracos de minhoca — que corriam entre as casas da fundadora na cidade, e através da maioria dos prédios públicos. Havia dois na TPU, e dois na prefeitura, um no hospital, alguns em lugares que ela não reconheceu.

Mas só porque eles estavam verdes na tela não queria dizer que

funcionavam, é claro.

“Você testou isso?”, ela perguntou.

Myrnin estava terminando seu donut. Ele limpou o vermelho de seus lábios e disse, “É claro que não. Eu sou muito valioso para entrar nos experimentos. É seu trabalho, assistente.”

“Mas funciona?”

“Teoricamente”, ele disse, e deu de ombros, “é claro que não recomendo um teste em uma pessoa ainda. Tente primeiro, algo inorgânico.”

A despeito de si, Claire sentiu um leve arrepio de excitação. *Está funcionando. Talvez.*

Controle de memória e teletransporte haviam sido dois problemas impossíveis, e talvez, apenas talvez, eles haviam realmente resolvido um deles. O que significava que o segundo não era intransponível, tampouco.

Ela tentou manter isso fora de sua expressão, assentiu, e andou para o gabinete de madeira que cobria o portal que havia no laboratório. Ela tentou deslizar. Não se moveu. “Você fixou isso nesse lugar ou algo assim?”

“Ah não, apenas armazenei algum chumbo do lado de dentro”, Myrnin disse alegremente, e com uma mão, ele deslizou a besta pesada para fora do caminho. “Aqui vai. Eu esqueci que você não pode realmente mover montanhas, você faz uma imitação tão boa disso. Vou transportar o chumbo para outro lugar.”

Ela não tinha certeza que foi um elogio, então ela não disse nada, apenas se focou no portal em frente a ela. Ele havia posto uma nova porta, que estava trancada, para fechar, e ela tinha que procurar a chave para o cadeado, porque é claro, não estava balançando no gancho que deveria estar. Levou vinte minutos para localizá-la no bolso do roupão esfarrapado de Myrnin, que estava pendurado num esqueleto humano articulado, colado no canto do laboratório — algumas das ferramentas de ensino antigas, ela esperava que não fosse um ocupante antecessor de seu próprio trabalho.

Uma vez que ela abriu a porta, o que estava além era um espaço vazio, escuro, levando a... bem, uma horrível morte em potencial.

Claire alcançou e agarrou um livro de uma estante próxima, verificou o título e decidiu que eles poderiam viver sem. Então se concentrou,

imaginando a sala de estar na Glass House. Era mais difícil do que antes projetar aquela imagem no portal, quase como se houvesse algum tipo de força lutando para *não* abrir a conexão, mas então a imagem se formou através de um quase audível *estalo* e o colorido explodiu na frente dela. Borrado, depois lentamente entrando em foco.

“Oh Meu Deus”, ele realmente fez funcionar.

Em frente a ela estava as costas do danificado sofá de casa. Ela podia ver a guitarra acústica de Michael, ainda largada ao lado de uma cadeira. A televisão estava desligada, então, obviamente, Shane não chegara ainda.

“Ei.” Claire chamou. “Ei Eve!”

Eve intrigada, parou e virou ao redor, olhando para cima, no segundo andar, então olhou para a TV.

“Aqui!” Claire disse. “Eve!”

Eve se virou, e seus olhos se arregalaram. “Claire? Ah, os portais funcionam?”

“Não, fique aí, estou testando”, Claire levantou o livro. “Aqui, pegue.”

Ela lançou o livro pela conexão aberta, e viu Eve erguer as mãos do outro lado. O livro alcançou as mãos de Eve e virou pó. Eve, surpresa, soltou um pequeno guincho e sacudiu o pó de suas mãos.

“Você tá legal?”, perguntou Claire ansiosamente.

“Sim, só surpresa. E suja.” Eve mostrou as palmas das mãos. “Não terminaram ele ainda, certo? A não ser que você *queira* pulverizar as pessoas.”

“Não exatamente”, Claire suspirou. “Obrigada, vou continuar a trabalhar nisso. Desculpa pela sujeira.”

“Bem, não é como se já não tivesse *sujeira* nele. Michael deveria varrer, você acha que ele varreu?” Eve riu. “Boas tentativas com ciência estranha, mas por agora, eu acho que vou andando.”

Ela Jogou um beijo para Claire, e Claire deslizou para trás, o colorido desvanecendo outra vez, transformando Eve e a sala em preto e branco, e então apenas um mar de líquido escuro. Myrnin estava em seus cotovelos quando ela voltou. Ele estava batendo um dedo nos lábios. “Aquilo”, ele disse, “foi muito interessante. Além disso, você me deve a terceira edição de Johannes Magnus.”

“Você já tem seis deles. Mas a coisa importante é que quase funcionou.” Claire disse. “A estabilidade não, mas a conexão está funcionando, é um enorme passo.”

“Não um passo tão grande se você virar cinzas na chegada. Eu posso fazer isso sozinho passando tempo o bastante no sol. Bem, é seu problema agora, Claire. Estou trabalhando em outra parte.”

“Que outra... Ah. Limpando a memória das pessoas quando elas deixam Morganville.”

“Exatamente, eu estou realmente acabando, creio.”

“Mas você não vai usar um cérebro. Quer dizer, além do seu próprio.”

“Já que você insiste, estou tentando do modo difícil. Não estou otimista que vai sequer funcionar”, ele disse, e recorreu a caixa de donuts outra vez, com um floreio de mágica.

“Mais um?”

Ela realmente não pode resistir, quando ele deu aquele sorriso.

CAPÍTULO

TRÊS



Nos próximos três dias, Claire demorava para ir para casa, ela ficava obsessiva quando encontrava algum problema, ela sabia disso, mas isso era tão *legal*. Ela foi até uma loja e comprou muitos brinquedos de plásticos baratos, e passava horas jogando através do portal, e isso estava entediando cada vez mais Eve, e depois Michael, e depois Shane. E eles tinham sua própria provisão de brinquedos também, e jogavam pelo portal em direção oposta.

Fora isso por dois dias e meio, foi o bastante para Shane dizer que ela era um vácuo permanente na casa, e então ela voltava para casa. Ela sabia que ele estava mal-humorado, tanto porque era chato jogar os brinquedos de volta, mas também porque ele mal a via durante dias, exceto quando ela voltava para casa durante as refeições e quando ela ia para a cama. Ela estava chateada com tudo isso também, mas tinha alguma coisa dentro dela, que fazia com que ela não saísse de perto daquele maldito problema, não até que ela conseguisse fazer aquilo funcionar ou quebrar. Ela não quebrou.

E no terceiro dia, Shane ainda foi surpreendido na obrigação. Ele estava sentado de pernas cruzadas, no chão, encostado na parte de trás do sofá e usando uma daquelas máscaras de respiração sintética. Ele a comprou por autodefesa, ele disse a ela; ele não queria respirar o pó dos brinquedos e tossir um pulmão fora.

Ela não o culpava, mas isso daria uma foto bem engraçada, pelo menos até que ela se deu conta da mesma coisa na extremidade dela e pegou uma máscara de segunda mão do Myrnin guardada no estoque de suprimentos. E

óculos de proteção. Shane agora invejava seus óculos de proteção.

“Pegue.” Ela disse, depois de usar sua última tentativa de jogar uma bola de plástico de neon que tinha virado pó do outro lado do portal. “Eu tive uma ideia.”

“Eu também”, disse Shane. “Filmes, cachorro quente, e não fazer mais isso. Gostou?”

“Adorei”, disse ela, e continuou. “Mas me deixe fazer só mais uma coisa, ok?”

Ele suspirou e voltou a encostar-se ao sofá.

“Claro, tanto faz.”

Ela realmente é uma namorada terrível, Claire pensou e correu pelo laboratório, cuidando para não tropeçar nas coisas que ela não conseguiu convencer Myrnin que eram perigosos. Ela chegou à mesa de trabalho, onde seu Circuito (com adições incompreensíveis de Myrnin) que de longe cantarolava baixinho.

Ela desligou a energia e verificou novamente as conexões. Toda a tensão era constante; não havia nenhuma razão para que o outro extremo fosse instável, a menos que...

A menos que fosse algo que Myrnin tivesse feito.

Claire começou a seguir a tubulação, o que levou a uma mola, o que a levou a uma complicada série de engrenagens e alavancas, o que a levou a um líquido verde borbulhante de gelo em um compartimento selado...

Só que não estava borbulhando. Ele não estava fazendo nada, mesmo quando ela ligou a energia. Ela então se lembrou, que Myrnin disse que era suposto a borbulhar.

Ela não tinha ideia do por que era importante, mas supôs que talvez a borbulhação criasse algum tipo de pressão, que... fazia o quê?

Exasperada, ela bateu a coisa com o seu dedo.

Começou a borbulhar.

Ela piscou os olhos, viu a coisa toda por um tempo, decidiu que não ia explodir ou transbordar, e voltou para onde Shane estava fingindo roncar do outro lado do portal.

"Atenção, preguiçoso!", ela disse, e jogou uma outra esfera de néon para

ele.

A reação de Shane foi realmente, realmente boa, e ele ficou com os olhos abertos e as mãos para cima ao mesmo tempo...

... e a bola caiu direto em suas mãos.

Shane olhou para ela por um segundo, e depois tirou a sua máscara enquanto ele a girou em seus dedos.

"Está tudo bem com ela?" Claire perguntou ofegante. "É —"

"Apalpando está ok", disse ele. "Droga. Inacreditável." Ele lançou a bola de volta para ela, e ela a pegou. Ela parecia exatamente a mesma — nem um pouco quente ou um pouco fria. Ela elevou a bola sobre sua cabeça, e saltou em um círculo, apenas como Eve faria, o que a fez tonta. Ela girou ao redor e parou instável, e Shane a pegou.

Porque ele estava *aqui*, no laboratório com ela, em vez de no outro lado do portal. Seu cérebro enviou uma mensagem de *Oh, ele é tão bom*, apenas cerca de meio segundo antes de a parte lógica a trazer de volta a realidade.

Claire o empurrou para trás, chocada e assustada. "Que diabos você está fazendo?"

"O quê?" Shane perguntou. "O que eu fiz?"

"Você... você veio?"

"A bola estava bem."

"A *bola* não tem órgãos internos! Órgãos sensoriais! Como você pode ser tão louco?"

Ela estava literalmente tremendo agora, profundamente aterrorizada como se ele estivesse prestes a explodir em uma nuvem de poeira, derreter, ou morrer em seus braços. *Como ele poderia ser tão louco?*

Shane parecia um pouco confuso, como se ele não estivesse esperando este tipo de reação, mas ele olhou para o portal, os montes de poeira, e disse: "Oh. Sim, eu vejo o seu ponto. Mas eu estou bem, Claire. Funcionou."

"Como você sabe que você está bem? Shane, você pode *morrer*!" Ela correu para ele, jogou os braços ao redor dele, e agora ela podia sentir seu coração batendo rápido. Ele a abraçou, segurou-a enquanto ela tentava controlar o seu pânico, e suavemente beijou o topo de sua cabeça.

"Você está certa, foi estupidez", disse ele. "Pare. Relaxe. Você fez isso,

ok? Você fez isso funcionar. Apenas... respire."

"Não até que você veja um médico", ela disse. "Idiota." Ela ainda estava assustada, ainda estava tremendo, mas ela tentou fazer com que a Claire antiga voltasse, aquela que podia enfrentar vampiros rosnares. Mas isso era *diferente*.

E se ela tivesse matado ele? Quebrado algo dentro dele que não poderia voltar a funcionar?

Myrnin veio do quarto dos fundos, com uma carga de livros, que ele deixou cair com um estrondo no chão para então encarar os dois.

"Desculpe-me", disse ele, "mas quando o meu laboratório foi destinado para amassos?"

"O que é amassos?" Shane perguntou.

"Ridículo exibicionismo de afeto inadequado diante de mim. Traduzindo grotescamente. E o que *você* está fazendo aqui?" Myrnin estava genuinamente ofendido, Claire percebeu. Não era bom.

"É minha culpa", disse Claire depressa, e se afastou de Shane, embora ela continuou segurando sua mão. "Eu... Ele estava me ajudando com os experimentos."

"Em quê? Biologia?" Myrnin cruzou os braços. "Nós estamos trabalhando em um laboratório secreto ou não? Porque se você vai trazer seus amigos na hora que quiser, por favor- "

"Retrate-se cara; ela disse que sente muito", disse Shane. Ele estava olhando para Myrnin com um olhar frio, o que era um sinal de perigo real. "Não foi culpa dela, de qualquer maneira. Foi minha."

"Foi?" Myrnin disse suavemente. "E como é que você não entende que *aqui, neste* lugar, esta menina pertence a mim, e não a você?"

Claire ficou fria, em seguida, quente. Ela sentiu o rosto ficar vermelho, e ela mal reconheceu a voz dela quando ela gritou: "Eu não *pertenço* a você, Myrnin! Eu *trabalho* para você! Eu não sou sua... sua escrava!" Ela estava tão furiosa. "Eu consertei seus portais. E nós estamos indo embora."

"Você vai sair quando eu—espere, o que você disse?"

Claire o ignorou e pegou sua mochila. Ela seguiu em frente até as escadas. Em três degraus acima, ela olhou para trás. Shane ainda não tinha se movido. Ele ainda estava observando Myrnin. Ainda entre ela e Myrnin.

"Espere", Myrnin disse em um tom completamente diferente agora. "Claire, espere. Você está dizendo que os objetos estão sendo transportados com sucesso?"

"Não, ela está dizendo que ela *me* transportou com sucesso", Shane estalou. "E nós estamos indo agora."

"Não, não, não, espera — você não pode. Devo fazer uma série de testes; eu preciso ter uma amostra de sangue." Myrnin estava abrindo uma gaveta e pegou um kit de potes, e foi na direção de Shane.

Shane olhou por cima do ombro para Claire. "Eu estou seriamente pensando em matar esse cara se ele tenta tirar alguma coisa de mim."

"Myrnin!" Claire estalou. "Não. Agora não. Estou levando ele para o hospital para ser examinado. Eu com certeza pego uma amostra pra você. Agora, *nos deixe em paz*."

Myrnin parou, e ele realmente pareceu ferido. *Oh, pare com isso*, Claire pensou, ainda furioso. *Eu não chutei o seu filhote*.

Ela estava quase no topo da escada, e Shane estava bem atrás dela, quando ouviu Myrnin dizer, em voz baixa, aquele Myrnin que ela realmente gostava, "eu sinto muito, Claire. Eu nunca quis dizer... eu sinto muito. Às vezes eu não sei... Eu não sei o que estou pensando. Eu desejo... Eu gostaria que as coisas pudessem ser como eram antes."

"Eu também", Claire murmurou.

Ela sabia que não seriam, no entanto.

Levar Shane em um médico foi mais complicado que ela esperava. Claire não poderia exatamente dizer para as pessoas da sala de emergência o que poderia estar errado com ele, então depois de um completo fracasso na emergência médica, ela foi atrás de um médico que ela conhecia — Dr. Mills — aquele que tinha tratado dela antes, e sabia sobre o Myrnin. Ele realmente tinha ajudado a criar um antídoto para a doença dos vampiros, então ele era muito confiável.

Ela ainda não explicou sobre os portais, mas ele não perguntou. Ele era um cara legal, de meia-idade, um pouco cansado, como a maioria dos médicos geralmente pareciam ser, mas ele só balançou a cabeça e disse, "Vamos dar uma olhada nele. Shane?"

“Eu não vou tirar as minhas calças”, disse Shane. “Eu apenas pensei que teria que dizer o que aconteceu.”

Dr. Mills riu. "Apenas o básico, tudo bem? Então me deixe ver se você está saudável."

Eles caminharam em direção ao seu escritório, deixando Claire na área de espera com as pilhas das antigas revistas que ainda questionavam se Brad Pitt e Jennifer Aniston ficariam juntos. Não que lia essas coisas de qualquer maneira. Muito.

Ela ainda estava com raiva de Myrnin, mas agora ela percebeu que era principalmente porque ela estava muito cansada e estressada. Ele não tinha sido pior do que o normal, realmente. *E quanto isso é ruim?*

Não importa, ela disse a si mesma. *Eu fiz uma coisa incrível, e ninguém se feriu.* Ela sabia que ambos tinham tido sorte, apesar de tudo. Ainda voltou a pensar no que poderia ter acontecido, tudo porque ela não tinha pensado em dizer para o Shane não passar pelo portal, não importando o quão seguro parecia.

Os médicos sempre pareciam demorar uma eternidade, e enquanto Shane estava sendo examinado, Claire se impacientou e pensava sobre o progresso que tinha feito, e — o que a preocupava mais — o progresso que *Myrnin* tinha feito.

Aparentemente. *O que ele estava pensando?* Era impossível saber, mas ela tinha certeza que ele não tinha desistido da ideia de colocar um cérebro — ou seja, *seu* cérebro — em uma jarra e fincá-lo no computador. Era o tipo de coisa que Myrnin pensaria que não era lógico, mas de alguma forma *útil*.

Ela realmente não queria acabar em uma jarra, como Ada tinha antes dela. Um fantasma, se tornando gradualmente louca, porque ela não poderia tocar, ser tocada, ser *humana*. Embora no caso de Ada, ela tinha sido uma vampira. Mas ainda assim, Ada não tinha sido bem sucedida de todas as suas bolas. Oh, ela parecia fazer seu trabalho, o funcionamento dos sistemas; ela manteve os portais abertos e as fronteiras fechadas, emitira alertas quando os moradores tentavam fugir, provavelmente, até fez muito mais do que Claire nunca tinha visto. Mas, no final, Ada tinha ficado cada vez menos saudável, e cada vez mais determinada a manter todo o Myrnin só pra ela, e não se importava com o resto de Morganville.

E Myrnin não tinha sido capaz de admitir que havia um problema.

Isso trouxe um retrospecto ruim na imagem de uma adequada Ada professora vitoriana à sua frente, mãos juntas, sorrindo. Esperando que Claire morresse. *Bem, eu não morri*, Claire pensou, controlando um estremecimento. *Ada morreu. E eu não vou terminar como Ada, como uma louca tentando ficar viva a qualquer preço...* Ela estremeceu quando alguém tocou em seu ombro. Shane. Ele sorriu para ela.

"Os hospitais enlouqueceram você?"

"Eles deveriam", ela atirou de volta. "Você está sempre acabando por aqui."

"Não é justo. Você já esteve aqui também."

Sim, mais vezes do que ela queria. Claire se levantou apressadamente, e pegou suas coisas, e viu o Dr. Mills em pé a poucos metros de distância. Ele estava sorrindo. Isso era um bom sinal, certo?

"Ele está bem", disse o médico, em uma voz tão suave que deixou Claire ansiosa.

Ou em pânico.

"Ao que quer que seja que ele ficou exposto acidentalmente, não posso encontrar alguma coisa que esteja errado. Mas se você começar a se sentir estranho, tonto, enfrentando qualquer dor ou desconforto, não se esqueça de me chamar, Shane."

Shane, de costas para o médico, revirou os olhos, então se virou e disse um educado agradecimento.

"Quanto lhe devo, doutor?"

Dr. Mills ergueu as sobrancelhas. "Eu vejo que você está usando o broche da Amelie."

Shane estava, por acaso, usando preso no colarinho da camisa; ele reclamou sobre isso no início, mas Claire insistiu que ele usasse, o tempo todo. Amelie tinha prometido que iria identificá-los como um tipo especial, livre de qualquer ataque por vampiros — embora ela ainda não testasse na teoria.

Aparentemente, eles também eram cartões bandeira ouro, porque o Dr. Mills continuou: "Não há nenhuma cobrança por serviços prestados para os amigos de Morganville."

Shane franziu a testa e pareceu que ele iria argumentar, mas Claire puxou seu braço, e ele deixou-se ser levados para os elevadores.

"Nunca reclame por algo gratuito", disse ela.

"Eu não gosto disso", disse Shane, "eu não gosto de ser algum caso de caridade."

"Sim, bem, acredite: você não podia pagar a conta de qualquer maneira." Ela se virou para ele quando o elevador soou a sua descida para o térreo, e se aproximou. "Você está bem. Você está realmente bem'."

"Eu disse que estava." Ele se inclinou, e ela virou o rosto para cima, mas eles tiveram tempo apenas para um rápido e doce beijo antes de as portas se abrirem e eles tivessem que desviar do caminho de uma maca com um paciente sobre ela. Shane pegou a mão dela, e eles saíram do saguão do hospital e no sol do final da tarde.

No caminho ela teve um vislumbre de um rosto nas sombras, pálido e nítido e duro. Um homem mais velho com uma cicatriz viva estragando seu rosto. Claire parou de andar, e Shane continuou a dar um passo antes de olhar para ela.

"O que foi?", ele perguntou, e se virou para ver onde ela estava olhando.

Ninguém estava lá agora, mas Claire estava certa de que tinha visto, mesmo naquele breve flash. O pai de Shane, Frank Collins, estava vigiando-os. Isso era preocupante, assustador.

Ela não vira Frank desde que — não desde que ele salvou sua vida. Ela soube que ele estava por aqui, mas vê-lo era uma coisa totalmente diferente. Frank Collins era o vampiro mais relutante do mundo e, além disso, ela tinha certeza de que ele era a pessoa que Shane menos queria ver.

"Nada", disse ela, e focou sua atenção de volta para Shane com um sorriso que ela esperava que estivesse feliz. "Estou tão feliz que você esteja bem."

“Então, como vamos comemorar meu bem estar? É o meu dia de folga. Vamos ficar doidões. Brilhar no escuro jogando boliche?”

"Não."

"Eu vou deixar você usar a bola para as crianças."

"Cale a boca. Eu *não* preciso de bola infantil."

"Do jeito que você joga, eu acho que precisa." Ele agarrou-a e fez uma dança exageradamente formal e a girou ao redor, com mochila e tudo, o que não fez dela o mais gracioso. "Dança de salão?"

"Você está *louco*?"

"Ei, garotas que dançam tango são quentes."

"Você acha que eu não sou quente, porque eu não danço tango?"

Ele respondeu rápido. Shane era um menino inteligente. "Eu acho que você é quente demais para dança de salão *ou* boliche. Então você me diz. O que você quer fazer? E não me diga estudar."

Bem, ela não iria dizer isso. Embora ela o considerasse. "E quanto ao cinema?"

"Do tipo pegar o carro de Eve e de ir ao cinema drive-in?"

"Morganville ainda tem um cinema *drive-in*? Em que ano estamos, 1960?"

"Eu sei, patético, mas é legal. Alguém comprou há alguns anos e o consertou. É o lugar quente para tornar um encontro quente. Bem, mais quente que a pista de boliche, pois tem... privacidade."

Soou estranho, mas Claire pensou, isso parecia mais romântico do que o boliche, e menos velho do que dança de salão. "O que está passando?"

Shane deu-lhe um olhar de deboche. "Por quê? Você está planejando assistir o filme?"

Ela riu. Ele fez cócegas nela. Ela gritou e correu na frente, mas ele a agarrou e a colocou na grama do parque da esquina, e por alguns segundos, ela continuou rindo e lutando, mas então ele a beijou, e a sensação de seus lábios quentes macios movendo tomou a briga diretamente para fora dela. Era *maravilhoso*, aqui deitada na grama, com o sol brilhando sobre eles, e por alguns minutos, ela estava flutuando em uma nuvem, macia e quente de prazer, como se nada no mundo poderia estragar esse sentimento.

Até que uma sirene de polícia começou a tocar, e Shane gemeu e saiu de cima dela e ficou em pé, pronto para. . . o quê? Lutar? Ele sabia melhor. Junto, à medida que Claire se apoiou em seus cotovelos, e ela viu que o carro da polícia que tinha estacionado no meio-fio era — novamente — a chefe de polícia Hannah Moses. Ela estava rindo, com seus dentes muito brancos contra a sua pele escura.

"Relaxe, Shane; eu só não queria que você assustasse as velhinhas", disse Hannah. "Eu não vou te prender. A menos que você tenha algo a confessar."

"Ei, não sabia que beijar era proibido no código."

"Há provavelmente algo sobre demonstrações públicas de afeto, mas eu não sou de me incomodar muito com isso." Ela apontou para o horizonte ocidental, onde o sol estava desaparecendo. "Hora de ir para casa."

Shane olhou para onde ela apontava, e balançou a cabeça, subitamente sóbrio. "Obrigado. Perdi a noção do tempo."

"Bom, eu posso ver o porquê." Ela acenou e afastou-se, procurando por outras vítimas que realmente deveria prender. Ela era diferente do irmão de Monica, Richard Morrell, o jeito que fazia as coisas, e antes dele, o antigo chefe de polícia, mas Claire gostava disso. Parecia... mais solidária.

Shane estendeu a mão e puxou-a para que ficasse em pé, e a ajudou a retirar a grama de suas roupas, ele estava fazendo isso para poder tirar uma lasquinha. E ela não se importava muito com isso. "Você viu meu movimento ninja? Foi rápido, né?"

"Você não é um ninja, Shane."

"Eu vi todos os filmes. Eu só não recebi o certificado por correspondência ainda, claro."

Ela sorriu, ela não podia ajudá-lo. Seus lábios estavam ainda formigando, e ela queria que ele a beijasse mais uma vez, mas Hannah estava certa — no pôr-do-sol era um mau momento para fazer isso em público. "Eu estava pensando sobre o drive-in."

"E?"

Ela então se colocou ao lado dele enquanto caminhavam em direção a casa. "Eu não me importo com o que a gente faça depois."

Suas sobrancelhas se levantaram. "Que doce."

Michael não estava em casa quando eles chegaram lá, mas Eve estava, descendo as escadas. Claire poderia dizer imediatamente, porque ou eram os sapatos de Eve, ou um galope de um pônei.

Não é que Eve era grande, ela apenas... andava desajeitadamente. Eram suas botas grandes e pesadas.

"É noite de chili", disse Shane. "Quantos?"

"Dois", disse Claire.

"Sério? Isso é muito para você."

"Estou comemorando o fato de que você não fritou o seu cérebro por ser estúpido."

Ele olhou para ela e mostrou a língua, que era nojento e engraçado, e deu um tapa no lado de sua cabeça para colocar tudo de volta ao local. "O júri ainda não deu o veredito. Dois chilis saindo."

"Ei!" Claire chamou depois dele, enquanto ela colocou sua mochila contra a parede. "Sem cebolas!"

"Azar o teu!"

"Eu iria dizer isso para *voce*! Pois se você colocar, é você quem vai ficar sem beijos hoje à noite!"

"Porra, garota. Nem me fale isso."

Ela sorriu e correu até as escadas com a intenção de usar o banheiro — mas Eve foi sem fôlego correndo em direção a ela. "Espere, espere, espere!", ela chiou. "Eu tenho que terminar minha maquiagem! Por favor?"

Claire piscou. A roupa, até mesmo para Eve, estava um pouco muito... um minivestido preto justo com todos os tipos de laços e fivelas, e botas xadrez grande com sola de duas polegadas de espessura que chegava até os joelhos.

"Claro", disse ela. "Uh — onde você está indo?"

"Cory — você sabe, a moça da lanchonete UC, a que não é uma Idiota? — ela vai a uma rave, e eu prometi que eu iria com ela, só assim ela não se sente tão bizarra. Ela não é muito festeira. Vai ser de madrugada, mas prometi à ela que eu estaria pronta às sete—"

"Ela vai pagar você?"

"Sim. Por quê? Você precisa do carro?"

"Se você não estiver usando."

"Divirta-se — apenas, *por favor*, deixe-me ter o banheiro!"

Claire suspirou. "Vá em frente. E obrigada. Ah, e tome cuidado, ok?"

"Por favor. Eu sou a rainha do cuidado. Também, a fabulosa princesa punk."

Ela provavelmente estava certa, sobre essa última parte, de qualquer

maneira. Claire continuou andando pelo corredor para ir ao quarto dela, fechou e trancou a porta, e abriu a cômoda dela para ver quais eram as suas variedades de roupas íntimas. Ela queria algo bonito. Alguma coisa... especial.

No fundo da gaveta, perfeitamente dobrado, tinha um sutiã e uma calcinha que Eve tinha comprado para o aniversário dela — *de certa forma as peças eram muito reveladoras*, Claire pensou, uma vez que era quase transparente e um pouco cor de rosa. Mas... era bonito. Muito bonito. Quando Eve lhe deu, ela sussurrou, "Não abra na frente dos garotos. Confie em mim. Você vai corar." Então ela tinha guardado para abrir ao estar só, e a meteu no fundo de uma gaveta, embora ela tivesse ficado encantada. Era como um pequeno segredo sexy que ela não sabia se ela teria coragem suficiente para compartilhar.

Agora, ela respirou fundo, e tirou o jeans e a blusa, e as roupas íntimas simples e claras dela, e colocou o sutiã e calcinha novos. Eles ficaram muito bem nela — não que ela esperasse outra coisa da Eve, que tinha um olho para esse tipo de coisa. Ela estava com medo de olhar, mas Claire se forçou a caminhar para o espelho que ficava atrás da porta.

Após o deslumbrante choque de "*Oh Meu Deus!*", ela tentou ser objetiva e não se cobrir com um cobertor. Ela parecia... nua. Bem, quase. Mas... quanto mais ela olhava para aquilo, mais ela gostava do que estava vendo. Ela estava até formigando, mas só um pouco. O que *realmente* a fez vibrar foi a ideia do que Shane poderia dizer quando a visse assim.

Porque ela pretendia que ele a visse assim.

O jeans e a camiseta não pareciam bons o suficiente para usar. Claire foi para seu armário e retirou coisas que não eram as certas, até que ela encontrou uma camisa que ela tinha quase esquecido que tinha — uma compra feita por impulso em Dallas, como a peruca rosa encima da prateleira que ela usava quando estava em um tolo humor. Ela era macia, uma camisa aberta de botões na frente, vermelha escura, e se ajustava realmente bem — tão bem que ela se sentia confortável a usando na escola ou no laboratório, ou em qualquer outro lugar, aliás.

Por isso, era simplesmente perfeito.

Vestiu-se, acrescentou um toque de batom, e voltou. Eve ainda estava no

banheiro, é claro. Claire bateu na porta e gritou, “ataque de vampiros!”

“Diga para eles me morderem mais tarde!” Eve gritou de volta. Claire sorriu e desceu as escadas, e chegou no exato momento que Shane saía da cozinha, carregando dois pratos de cachorro quente de chilis.

Ele não *os deu* para ela. Ele colocou sobre a mesa e disse, olhando para ela, “camisa nova?”

Ela sorriu. “Comprei em Dallas. Gostou?”

“Ah, vamos lá. Como não? Especialmente com os botões de fácil abertura.”

“Você não disse isso em voz alta.”

"Huh. Eu acho que falei sim, na verdade."

Claire sentou em sua cadeira. Ele tinha trazido a ela uma Coca-Cola gelada também, o que foi perfeito. Então começaram a comer os cachorros quentes de chili. Ele, ainda por cima, tirou as cebolas.

"Delicioso", ela murmurou com a boca cheia, e depois pensou que provavelmente isso estragou seu novo look extravagante.

Seu novo look extravagante, porém, não era nada comparado com roupa de Eve, e logo a campainha tocou, Eve desceu, fazendo muito barulho com suas fivelas e rendas e meias arrastão e botas, e as sobrancelhas de Shane subiram. Ele mastigou o cachorro quente de chili, engoliu e disse: "Há algum feriado que eu esqueci? O dia das garotas se arrumarem?"

"Sim, Shane, e é um dia que você nunca vai partilhar", Eve disse. "Você só ganha o benefício. Então cale a boca."

"Você se parece como que uma fábrica gótica explodiu por toda parte em você!", ele falou, enquanto ela corria para o corredor.

"Eu também te amo imbecil!"

A porta se fechou em uma batida. Shane sorriu e deu uma mordida em seu enorme segundo cachorro quente. "Ela é tão sensível", ele murmurou.

"Isso é porque você não é."

"O quê?"

Claire suspirou. "Não importa. Eu deveria saber melhor, que os caras nunca entenderiam."

"Ok, essa não é uma conversa que eu pretendo ter. Você conseguiu o

carro?”

"Eve disse que tudo bem."

Shane engoliu o resto de sua comida em tempo recorde, antes de ela até tentar começar o segundo cachorro quente. Ela sacudiu sua cabeça, levou seu prato para a cozinha, e colocou na geladeira para mais tarde... embora ela tinha certeza de que Shane poderia voltar rapidamente e comê-lo, também, se ela não chegasse primeiro.

Ele estava praticamente saltando para cima e para baixo, quando ela voltou com as chaves do carro, que ela jogou para ele traiçoeiramente; ele as agarrou enquanto se movia para a porta.

"Pensa rápido!" Claire gritou.

Ele riu e abriu a porta e deu um passo enorme para trás, porque, de todas as pessoas, *Amelie* estava ali. Ela não veio de dentro, embora ela pudesse ter vindo; enquanto Claire se juntava a Shane, ela olhou cada um deles de modo que seus olhos cinza frios refletiam a luz do corredor, como se fosse um tipo estranho de passagem. Ela usava o cabelo dela solto esses dias, que ainda era estranho para Claire, que estava tão acostumada com o cabelo de ouro branco preso no alto. O cabelo longo a fez parecer mais jovem. Ela mudou o modo como ela se vestia também — em vez do terno formal, pomposos casacos e saias, ela colocou uma calça escura e uma camisa preta de seda. Estava usando um pingente de ouro na forma de um lírio, com uma pedra vermelha no centro. Parecia bonito, caro e antigo.

"Uh... oi, Amelie. Quer entrar?" Claire deu uns passos para trás para dar passagem. Amelie sorriu levemente e acenou com a cabeça enquanto ela passava por eles. Ela cheirava a rosas frescas. Ela caminhou à frente deles corredor abaixo, parou na sala, e voltou-se para olhar para Claire.

Shane ainda estava na porta. "Onde estão os transportadores de lança?"

"Perdão?" Amelie levantou as sobrancelhas claras.

"Você sabe, o seu pessoal. Os seguranças."

"Eles estão lá fora. Devem ficar lá, a menos que eles sejam necessários. Acredito que não serão, Sr.Collins."

Shane trancou a porta e voltou para ficar ao lado de Claire. Ele cruzou os braços e esperou. Amelie se sentou no sofá e cruzou as pernas, ainda olhando

para Claire e Shane. De repente, Claire sentiu como se tivesse sido chamada ao escritório do diretor. *O que ela tinha feito de errado?*

Amelie disse: "Perdoem a minha intrusão, eu teria ligado, mas eu estava na área, e eu ainda tinha tempo para que passasse aqui." Claire notou que ela não perguntou se *eles* tinham tempo... embora, ela não iria perguntar. "Por favor, sentem-se."

"Não, obrigado", disse Shane. "Nós estávamos de saída."

"Ah. Bem, então serei breve." Ela focou os olhos nele. "Seu pai ligou para mim e pediu para ser incluído no registro de vampiros de Morganville. Eu permiti. Sinto que devo isso a ele, apesar dos crimes que ele cometeu contra nós; afinal, foi meu próprio pai que o condenou a esta vida, e sei que ele não queria." Ela estava totalmente concentrada em Shane, que estava meio tenso e muito quieto.

Seus olhos ficaram planos e brancos por um tempo, e então ele se endireitou e respirou fundo.

"Eu não me importo com o que ele faz", disse ele. "O incluía em tudo que você quisesse. Mas ele não é meu pai. Meu pai morreu."

Claire e Shane tinham visto isso acontecer. Frank Collins, assassino destemido de vampiro, tinha sido arrastado e atacado pelo mal vampiro ancião pai de Amelie, Bishop. Ele tinha sido drenado. E então ele foi trazido de volta.

Fora horrível ver isso, especialmente para Shane. Mas pior para ele foi saber que seu pai virou um vampiro. E saber que ele ainda estava andando por aí. E foi por isso que Claire não tinha mencionado para Shane que tinha o visto mais cedo.

"Eu achei que você poderia se sentir assim", disse Amelie. Seu tom era frio, muito neutro, e Claire tremeu um pouco, como se tivesse pegado um resfriado. "Eu senti que vale a pena a tentativa de dar a você uma chance para contato. Frank Collins entrou para um programa de formação que estabelecemos para os novos vampiros serem tirados dos maus hábitos e reforçar as regras de Morganville que eles devem seguir; ele vai terminar este programa dentro de uma semana. Uma vez que terminar, ele terá o mesmo status que qualquer outro vampiro que assinou os acordos de Morganville. Ele não pode ser prejudicado sem a minha permissão. Se alguém tentar isso, irei

tomar isso pessoalmente." Ela continuou a olhar para Shane. "Qualquer um. Acredito que você entende o que eu estou dizendo para você."

Shane apenas balançou a cabeça, com o rosto fechado e duro. Claire queria dar as mãos para ele, mas os seus braços ainda estavam dobrados defensivamente no peito dele. Ele não estava olhando para Amelie.

"Shane", a fundadora de Morganville disse, usando o nome dele pela primeira vez. "Eu sinto muito. Eu sei que isso será... difícil para você, considerando a história entre você e seu pai, e o que aconteceu com ele. Mas de acordo com as leis de Morganville, ele também será permitido tornar-se um Protetor, se quiser fazê-lo. Ele disse que ficará feliz em aceitar a responsabilidade de agir como *seu* protetor, você deve escolher —"

"Nem no inferno. Saia", Shane a interrompeu. Ele não disse isso aos gritos, mas foi algo assustador, os olhos dele pareciam selvagens. "Apenas saia. Eu não vou falar sobre isso."

Amelie não se moveu. Ela olhou para ele. Ele olhou para ela agora, e depois de um longo, tenso momento... ela estendeu as mãos num gesto gracioso, desdobrou as longas pernas, e se levantou. "Eu tenho tomado bastante do seu tempo", disse ela. "Eu lamento ter perturbado você. Seu pai pode muito bem vir ver você, por favor, lembre-se o que eu disse: não importa o que aconteceu, você não pode atacá-lo sem consequências. Até mesmo um amigo de Morganville tem limites." Seus frios olhos cinzentos mudaram, e Claire congelou no lugar. "Claire, eu confio em você para lembrá-lo se ele esquecer isso."

Claire assentiu de repente, incapaz de falar. Ela olhou para Shane, que não estava se movendo, e correu pelo corredor até a porta para abri-la para Amelie. Quando ela fez, ela encontrou dois grandes guardas vampiros da Amelie, em seus ternos pretos com gravatas, de pé na varanda, de frente para a direção da estrada.

Amelie passou caminhando por ela e desceu as escadas, sem dizer uma palavra. Os guardas foram atrás dela, ajudando-a entrar na grande limusine preta que estava estacionada na calçada, e enquanto sumia na escuridão, Claire ficou ali os observando ir.

O que acabou de acontecer? As coisas haviam mudado tão rápido, e de forma

tão violenta, que se sentia trêmula.

Ocorreu-lhe que aqui, com as portas abertas era um perfeito tipo de vítima para um vampiro a pegar, então ela fechou a porta rapidamente e trancou-a, respirou fundo e voltou para Shane.

Ele estava sentado em uma das extremidades do sofá, olhando diretamente para a TV, sem estar ali realmente. Ele estava jogando com o controle remoto, mas ele não pressionou o botão de ligar.

"Shane..."

"Eu não me importo", disse ele. "Eu não me importo que Frank ainda esteja vivo, porque ele não é meu pai. Ele não foi o meu pai há anos, não desde Alyssa — não desde que ela morreu. Ele agora é muito menos meu pai do que ele já fora, e ele nunca fora o melhor pai do mundo de qualquer jeito. Eu não quero saber dele. Eu não quero ter nada a ver com ele."

"Eu sei", disse Claire, e se sentou ao lado dele. "Eu sinto muito. Mas ele salvou a minha vida uma vez, e eu a pensei que talvez ele pudesse... mudar."

Shane bufou. "Ele já mudou, — para uma aberração de sanguessuga. O que me incomoda é que ele tenha um minuto de arrependimento, e ele quer que eu esqueça anos de quando ele era um babaca bêbado, que batia em mim, que quase nos matou mais de uma vez... Não. Eu estou feliz que ele te salvou. Mas isso não quer dizer nada. Eu não quero nada com ele."

Não parecia ser algo que ela poderia dizer. Ele estava muito chateado — ela podia ver; ela podia sentir. "Você está bem?" *Que pergunta idiota*, ela pensou, logo que ela disse. Claro que ele não estava bem. Ele não teria se largado como um saco sem ossos no sofá, olhando para uma TV desligada com os olhos vazios, se ele estivesse bem.

"Se ele vier aqui..." disse Shane. "Se ele vier aqui, você tem que me prometer que vai me impedir de fazer algo estúpido. Porque eu vou, Claire."

"Não, você não vai", disse Claire e, finalmente, pegou as mãos dele. "Shane, você não *vai*. Você não é assim. Eu sei que está tudo complicado e louco e isso dói, mas você não pode o deixar fazer isso com você. Eu vou dizer para Michael e Eve que se ele aparecer, nós apenas pediremos para ele ir embora. Ele nunca vai entrar por essa porta."

Ela se sentia fria novamente — ela estava gelada, na verdade — e sentia

um zumbido o tempo todo em seus nervos. *O que era isso?* Não é um projeto. Definitivamente não é um rascunho. Parecia. . . raiva. Fria, raiva rígida, como o tipo que estava dentro Shane agora — mas ela estava sentindo isso do lado de fora.

A casa.

Ela havia se acostumado com esse tipo de coisa, a Casa Glass tinha sempre demonstrado uma espécie de presença para eles, algo que refletia seus sentimentos, seus medos... mas, isso tinha morrido com o sistema do portal. Assim ela pensou.

Você concertou o sistema de portal, lembra? Aparentemente, isso pôs de novo a casa na rede, e, também, era por que estava reagindo ao humor do Shane. Ela nunca tinha certeza o que a casa compreendia, mas ela estava absolutamente certa de que estava do lado deles. Talvez isso significasse que faria Frank Collins ter certeza que nunca será bem vindo aqui de novo.

Ela agarrou um cobertor e puxou sobre os ombros dela, ainda tremendo. Se a casa estava mostrando qualquer reflexo da ira do Shane, então era porque ele ficou profundamente chateado, embora ele estivesse se esforçando para não demonstrar.

Shane finalmente apertou o botão de ligar a TV e deixou cair o braço esquerdo sobre os ombros dela. Ela sentiu o frio diminuir um pouco.

"Obrigado", disse ele. "Se você não estivesse aqui quando ela disse tudo aquilo, eu provavelmente teria feito algo muito estúpido. Ou dizer algo ainda mais burro."

"Não, você não faria. Você é um sobrevivente."

Ele a beijou na testa. "Tem que ser um para conhecer outro."

"Portanto, nada de drive-in?"

"É um filme de zumbi."

"Bem, há bons pontos sobre filmes de zumbis. Há garotas realmente inteligentes neles, por alguma razão. E as garotas inteligentes dificilmente morrem." Claire disse enquanto o beijava na bochecha. "Além disso, eu sei o quanto você gosta de filmes de zumbis. Especialmente com motosserras e tudo mais."

Shane trocou de canais por alguns segundos, então desligou a TV, se

levantou e estendeu a mão. "Motosserras", repetiu ele. "Você está certa. Provavelmente é só o que eu preciso." Ele não soltou sua mão depois que ele a ajudou a ficar de pé; em vez disso, ele a colocou em seu peito, sobre o coração dele. Ela sentiu a batida forte e estável. "Você está linda. Mas você provavelmente já sabe disso."

Ela o beijou, e eles ficaram juntos, balançando um pouco de um lado para o outro, até que Shane quebrou o beijo e sorriu para ela. "Vamos para o drive-in", disse ele, e tocou seus lábios com um dedo. "Vou dirigir rápido."

"É melhor que dirija."

CAPÍTULO

QUATRO

Shane dirigiu o carro funerário — da Eve, um enorme monstro, preto vagamente À moda antiga, com cortinas de franjas funerárias atrás — nas mal iluminadas ruas de Morganville, clandestinas sinuosas que Claire nunca visitara até mesmo de dia. Ela viu o lampejo de olhos na escuridão, e se havia quaisquer postes de luz nessa parte da cidade, quebradas ou desligadas. Ela se sentiu aliviada quando ele fez uma curva que os levou para uma ampla avenida... até que ela deu uma boa olhada. Muitas pessoas andando nas sombras.

“Isso não é normal em Morganville.” A não ser que *fossem* vampiros.

"Sim, é a estação Central Vamp", disse Shane. "Não é como a Praça da fundadora — que é aonde os sanguessugas de classe alta vai. Este é o lugar onde o resto deles vem. Há um outro banco de sangue aqui, nenhum lugar de noite aqui é para humanos. Não se preocupe, nós não vamos parar."

E eles não pararam, nem mesmo quando o sinal mudava do amarelo para vermelho, Shane apenas acelerava. E Claire aprovava isso. As cabeças se viravam para ver o carro passar. Talvez a proteção da Amelie se estendesse até aqui também. Mas ela não queria arriscar o pescoço — literalmente — sobre isso.

Dois quarteirões depois, e, de repente, havia uma tela gigante branca aparecendo pela escuridão, rodeada por uma cerca. Parecia como um estacionamento do lado de dentro, com alguma espécie de barraca de vendas atrás.

Assim como nos filmes antigos.

"Incrível", disse Claire. Shane comprou os bilhetes na entrada, custavam dois dólares — valor irrisório, aparentemente. Então ele dirigiu para dentro. O estacionamento estava meio cheio, principalmente com carros e caminhões antigos que combinavam com o que os seres humanos de Morganville dirigiam. Havia também alguns antigos modelos sedans fortemente matizados — vampmóvel. Bem, ela supunha que até mesmo vampiros ainda amavam cinemas. *Quem não?*

"Então, como isso funciona?" Claire perguntou. "Como podemos ouvir o som?"

Como resposta, Shane ligou o rádio e sintonizou para um canal AM. Imediatamente ela foi presenteadada com uma explosão de estática, seguida de música extremamente brega bem irritante, que tinha aborrecido pessoas por volta, até mesmo, quando sua avó era jovem.

"Fantástico", disse Claire, de forma que significava que não era. "Você sabe, Eve foi a uma rave."

"Sozinha?"

"Com uma amiga. Ela acha que está fazendo a coisa de mãe superprotetora."

"Você queria que tivéssemos ido também?"

"Não", disse Claire, embora secretamente, ela pensou que não poderia ter sido terrível. "Aqui está ótimo."

Shane a examinou cuidadosamente. "Mentira. Você acha que é uma merda."

"Eu não!"

"Espere", ele disse, e sorriu. "Você vai ver. Você quer uma Coca-Cola? pipoca?"

"Com certeza." Ela suspirou. Shane se retirou e partiu em busca da comida e bebida que estava atrás.

Claire pegou seu celular e mandou uma mensagem para Eve. "*Vc tá ok?*" Ela obteve uma resposta em poucos segundos "*Morrendo de tédio. Colegiais exibicionistas. Tagarelice.*" Eve sempre a fazia rir. "*Está em segurança*", Claire mandou uma resposta de volta. Eve enviou uma foto de si com a amiga dela, que parecia intimidada e assustada, exatamente como ela queria. Eve estava

piscando. E logo depois tinha uma mensagem “*Em meia hora no máximo, te vejo em casa*”.

A porta do carro abriu, e shane entrou, dando a ela um copo de coca-cola, e um saco gigante de pipoca, que ela tentou imaginar como o equilibraria no seu colo. As cocas ficaram no suporte de copos, pelo menos, e antes que ela pudesse pegar um punhado de pipoca quente, houve uma oscilação repentina do lado de fora e o filme tinha começado.

Shane pegou o saco de pipocas dela, e colocou cuidadosamente no banco de trás e desligou o rádio.

"Ei," Claire protestou. "Como nós vamos ouvir se—"

Ele se inclinou e a beijou, e *continuou* a beijando, e seus lábios estavam tão quentes e doces e fortes que ela acabou se derretendo contra ele. Ele foi descendo sua jaqueta, e ela nem sequer protestou, porque apesar de estar frio, ela estava quente, tão quente, e depois as mãos dele foram... Ah isso era bom, muito bom.

Ela não estava pensando, de *forma alguma*, a respeito de qualquer coisa, a não ser de quão incrível era a sensação de estar com ele, no escuro. Quando finalmente sua respiração ficou ofegante, a maioria de seus botões estavam abertos. Na verdade *todos*. *Eu fiz isso?* Ela estava em choque, porque eles estavam fazendo isso em público, onde as pessoas pudessem ver.

Mas parecia que estavam sozinhos. Deliciosamente, magicamente sozinhos. Porque eles estavam no meio de uma multidão de pessoas, mas ninguém estava prestando atenção.

O filme tinha começado, mas ela tinha a mínima ideia sobre o que era, além de alguns loucos zumbis perseguindo pessoas. Ah, e havia uma menina inteligente, com óculos, e um cara gostoso, que seria aquele que iria sobreviver também. Mas ela via apenas pequenos flashes, e quando ela fechou os olhos, ela não viu nada, nenhuma luz contra a escuridão.

"O que é isso?" Shane perguntou, e seguiu o contorno do novo sutiã com o dedo dele. "Sexy. O que mais você tem?"

"Eu vou te dar uma dica. Combina."

"Vamos dar uma olhada..."

As coisas estavam prestes a ficar *muito interessante* — e ela não estava

pensando sobre o filme — quando o celular dela toca. Claire ganiu e se debateu contra o celular para desligá-lo, mas Shane sentou-se, e ela se mexia para chegar a uma posição sentada, segurando a camisa fechada enquanto ela olhava para tela com olhar semicerrado...

"É Eve", ela disse. Shane bateu a testa no volante e fez um som da frustração. "Devo atender?"

"Sim", ele disse, não muito feliz. "Eu acho que sim. Mas lhe diga que ela é a pessoa que mais odeio no mundo neste momento."

"Você não a odeia não."

"Oh, confie em mim. Eu não podia odiá-la mais."

Claire apertou o botão e disse, "Eve Shane disse—" Ela foi interrompida pelo som de um grito. Era tão forte e chocante que ela quase deixou cair o telefone. "Eve? Eve!"

Shane percebeu o alarme em sua voz, e estendeu a mão para o telefone. "Me dê", disse ele. Ela o entregou, tremendo, e ele colocou no seu ouvido. "Eve? Eve, você pode me ouvir? O que está acontecendo?" Ele parou para ouvir, e deu a Claire um olhar que a fez estremecer novamente. "Sim, eu ouvi. Você está segura?"

"Viva-voz!" Claire disse. "Coloque no viva-voz!"

Ele colocou. Uma voz estralou do celular, mas não era a de Eve; ela estava tentando falar. Só parte dela veio. "... defina segurança... tentando ficar... loucura... preciso de ajuda—"

"Fique na linha, Eve. Estamos indo", disse Shane, e atirou o telefone para Claire enquanto ligava o carro funerário, deu a volta ao contrário com violência e de volta com um cantar de pneus. "Pergunte a ela o endereço!"

"Eu sei onde fica", disse Claire. Ela deu para ele o endereço, que ainda estava claro e nítido em sua memória, "Não fica muito longe, certo?"

"Não muito longe", ele concordou, acelerou em direção à saída passando por fileiras de carros estacionados com vidros embaçados. "Mantenha-a falando."

"Eve? Você pode me ouvir?"

"Sim!" A voz de Eve, de repente veio em ruído alto e claro. "Estamos bem por agora, mas precisamos de reforços."

"O que está acontecendo? vampiros?"

"Oh, você acha, mas não. Alguns atletas idiotas começaram a invadir o local. Eles estão fazendo alvoroço praticamente com a metade da cidade... *Ah, merda!*" Houve um grito alto e confusos sons. Quando Eve voltou, ela estava sem fôlego. "*Agora* são os vampiros. E eles estão *bravos*."

"Oliver está aí?"

"Eles não param de ler nomes em uma lista. Ah cara — sério, não está nada bom aqui. Pessoas estão morrendo — Cory! Cory, não, não faça— *Cory!*" A última palavra de Eve foi um grito de absoluto terror, e, em seguida, o telefone só... desligou. Claire desligou o telefone e tentou ligar novamente. A voz alegre da Eve no correio de voz atendeu. Ela olhou para Shane, que estava olhando para frente com uma expressão dura como pedra. Ele balançou a cabeça.

"Depressa", Claire sussurrou. Ela percebeu que sua camisa ainda estava aberta e, abotoou-a rapidamente com as mãos trêmulas. "Será que Eve manteve todas as armas aqui dentro?"

"Provavelmente na parte de trás. Espere— no porta luvas."

Claire o abriu e encontrou duas estacas de prata, de ponta afiada. Elas não eram os acessórios de combate contra vampiros favoritos dela, só porque elas não eram algo que ela poderia usar sem uma determinada distância, mas a pesada e fria sensação delas aliviou o nó apertado e ansiedade no estômago dela. Mas havia algo estranho sobre a maneira como se pareciam... Claire virou as estacas nos seus dedos até que ela viu o que era aquela aspereza na superfície, e quase riu.

"O quê?" Shane perguntou. Claire mostrou para ele a estaca. As luzes do painel iluminaram a superfície da prata e brilhou um projeto de crânio vermelho com olhos de rubis falsos.

"Ela Endiabrou as estacas dela", disse Claire.

"Sim, ela fez isso." Ele quase sorriu, mas seus olhos eram selvagens, e ele não conseguia fazer seu rosto relaxar. "Ligue para a chefe de polícia Moses."

Claire assentiu e discou o número de Hannah em velocidade máxima. Hannah soou alegre e alerta, mas em guarda quando ela respondeu. "Moses."

"Hannah, é Claire, Eve está em apuros. — bem, um monte de gente estão

em apuros. Você sabe sobre a rave de hoje?"

"Eu tenho alguns policiais a paisana por lá para certificar que as crianças não entrem em apuros. Exceto que eles estão, verdade?"

"Eve me ligou, e estava gritando. eu acho que é melhor enviar todos. Só para o caso."

"Certo. E, Claire, você não vai correndo para lá."

"Mas, Eve *está* lá!"

"E nós vamos tirar todos de lá." Hannah desligou.

"Hannah disse para não irmos para lá", disse Claire.

"Bem, eu gosto dela, mas que se ferre, a gente vai", Shane disse. "Ligue para Michael. Eve Provavelmente já ligou, só no caso de não ter feito; ele arrancaria minhas orelhas se eu não deixasse ele saber o que está acontecendo."

Além do mais, a força de vampiro do Michael seria bem utilizada. Claire tentou seu telefone, mas foi direto para correio de voz. Ela deixou uma mensagem com o endereço, e uma mensagem, também. Isso era tudo que ela tinha tempo para fazer, porque Shane derrapou o carro funerário em torno da última curva e em uma rua que deveria estar deserta depois de escurecer — bem, estava deserta na maior parte—, mas tinha carros estacionados dos dois lados.

Havia várias pessoas nas portas de um dos grandes armazéns da esquerda, e Claire tinha uma impressão que eles ficaram de boca aberta por causa do carro funerário indo na direção deles.

Shane deixou escapar um palavrão que normalmente teria a feito corar e pisou nos freios. De alguma forma, ele conseguiu não acertar nenhuma das pessoas correndo e gritando, que só se separavam e corriam ao redor do carro, espalhando a escuridão em todas as direções. Shane estacionou o carro fúnebre no parque e tirou as mãos do volante. Elas estavam tremendo. Ele olhou para suas mãos por um segundo, em seguida, as abaixou e agarrou uma das estacas da Claire. "Fique comigo", disse ele. "Eu quero dizer, *bem perto* de mim."

Ela assentiu com a cabeça. Shane respirou fundo e saiu do carro, e ela deslizou para fora enquanto ele correu para parte de trás e abria o carro para

pegar uma bolsa de lona preta. "Espero que isso não seja maquiagem", ele disse, enquanto colocava a correia no ombro e fechava a porta. "Vamos."

As pessoas ainda estavam saindo. Claire notou que a maioria deles parecia bem, mas assustadas, mas havia alguns que pareciam estar feridos. Talvez tenha sido só o pânico público em geral — é difícil dizer. Ela esperava que sim. Ela ouviu os gritos de sirenes se aproximando, e teve tempo para pensar, *Hannah vai realmente ficar com raiva deles*, mas então já era tarde demais para pensar em outra coisa. Shane estava se metendo no meio das pessoas, e ela prometeu ficar com ele.

Alguém se chocou contra Shane enquanto ele entrava, e ele vacilou, dando um passo para trás, então agarrou quem quer que fosse e puxou-a para sair para rua.

Monica Morrell. Ela parecia tão assustada quanto qualquer um que estava correndo do edifício, e então, quando ela percebeu quem era que estava segurando seu braço, ela parecia. . . aliviada. *Aliviada?* Claire pensou. *Sério?* Porque Shane e Monica faziam cães e gatos parecerem melhores amigos.

"Collins", Monica disse, e olhou para trás. "Jennifer ainda está lá. Eu acho que... eu acho que ela ainda está lá." Ela tremia, e ela parecia estar com frio em seu minivestido vermelho e branco.

Não, não era vermelho e branco. Ele era branco. Claire abriu a boca, percebendo o que na realidade era a cor vermelha, e olhou atentamente para Shane. Ele estava olhando para Mônica, com uma expressão muito estranha — piedade, misturada com desgosto. Mas, principalmente piedade. Era quase *preocupação*.

"O que aconteceu?", ele perguntou. Ela não respondeu, então ele a sacudiu, não muito delicadamente. "Monica. O que *aconteceu?*"

"Tudo estava indo bem, e então os caras da Epsilon Epsilon Kappa apareceram. Estavam todos bêbados e loucos, começaram a gritar sobre estar em uma briga e como eles chutaram a bunda de alguém. Eles começaram a socar as coisas à frente.

Shane passou de preocupado para zangado. "Só isso?"

"Não! Não, eles... eles foram seguidos". Monica engoliu. Ela estava pálida e trêmula. "Os vampiros chegaram. Eu acho que a bunda que eles chutaram

pertencia a alguém entre eles. Então as coisas ficaram feias. E está ficando cada vez pior." Ela olhou para a mão do Shane que ainda estava no braço dela, e a atitude antiga dela voltou "Quem disse que você poderia por as mãos em mim, Collins? Tire as mãos agora!"

Ele não a soltou. "Você viu Eve?"

"A senhorita princesinha gótica estava com uma garota chata." Monica encolheu seus ombros. "Eu não sei. Todo mundo estava correndo. Eu não vi para onde ela foi." Shane a soltou. Monica agora foi quem segurou ele. "Ei", disse ela. "Procure por Jennifer. Eu não a vi sair. Ela estava atrás de mim eu acho."

Shane disse, "Me solta ou vai perder os dedos", e ela fez, imediatamente, recuou e cruzou os braços em volta de si — para se aquecer, não em desafio. Shane olhou para trás e estendeu a mão. Claire a pegou. "Pronta?"

"Eu acho."

"Cuidado com o que acontece atrás de você."

O barulho das sirenes se aproximando significava que a ajuda estava chegando, mas Claire sabia que Shane não iria esperar. Ela não queria, de qualquer forma. Pois estava com medo por Eve. E então eles entraram no armazém.

O lugar cheirava a fumo — o tipo da fumaça de maconha que os estudantes universitários adoravam. Fazia os olhos da Claire lacrimejar. As luzes da rave ainda estavam ligadas, permutante através de todos os tipos de cores e padrões, luzes brancas a cada poucos segundos. A música foi ainda estava tocando, também — o DJ havia deixado pistas da corrida e do salto para trás do painel de controle. Claire podia sentir as vibrações em seus ossos, e suas orelhas estavam doendo. Ela ainda podia ouvir, mas era como ouvir através de protetores de orelhas. Algumas pessoas estavam com muito assustadas para sair, ela podia vê-las escondidas por trás dos alto-falantes, ou prensadas contra as paredes, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo. A estratégia habitual de Morganville Foi difícil achar algo no meio daquelas luzes estranhas, mas nenhum deles tinha o estilo Gótico da Eve. *Principalmente as garotas da faculdade*, Claire pensou. *Elas fizeram o aprendizado delas valer a pena hoje à noite.*

Havia corpos no chão do armazém. Eles não estavam se movendo. Alguns deles tinham o rosto muito pálido e os olhos arregalados e boca aberta ainda em gritos silenciosos. Com marcas de mordida no pescoço.

Havia também uns vampiros caídos — também pálidos, mas com estacas em nos peitos deles; não significava que estavam mortos, só feridos. Mas havia um definitivamente morto, porque — e Claire teve de controlar o impulso para não vomitar — sua cabeça tinha sido decepada. Havia ainda uma estaca em seu coração, também.

Ela achou ter visto a cabeça a poucos metros de distância, no canto, mas de nenhuma maneira ela daria uma olhada mais perto. Ela estava agradecida por Shane se afastar daquilo tudo em direção a um corredor onde a música praticamente trovejava em ondas. Estava muito alto para conseguir falar alguma coisa. Nos flashes de luzes piscantes, Claire via manchas de sangue nas paredes.

O corredor abria em outra grande sala, e a música não estava alta o bastante para cobrir os gritos. Ou o som da luta.

Shane parou, abriu o zíper da bolsa, retirou uma balestra. Ele pegou a estaca de prata e a colocou no bolso da calça jeans, carregou a balestra, pôs outra flecha entre seus dentes, e acenou para Claire o seguir. Ela assentiu de acordo.

Quando chegaram na esquina, viram de onde o barulho estava vindo. Um grupo de pessoas foram cercadas firmemente em um canto, a maioria estava encolhida, mas algumas estavam de pé, pareciam rapazes da fraternidade bêbados desafiando aos gritos e despedaçando caixas de madeira nas cabeças dos vampiros que se aproximavam deles. As luzes eram turvas, as lâmpadas fluorescentes borradas, estavam tremeluzentes como com raiva, mas de alguma maneira Claire viu o que aconteceu a seguir muito bem, de forma clara, em câmara lenta.

Um vampiro — de aparência jovem, com longos cabelos loiros amarrados num rabo de cavalo, vestindo uma jaqueta de couro preta — agarrou um dos garotos da fraternidade (que estava, ela percebeu, vestindo uma camiseta da EEK) e o arrastou para longe dos outros. O garoto era um jogador de futebol grande, mas o vampiro o ergueu do chão pelo pescoço,

olhando para ele enquanto ele tentava lutar e gritar.

Então o vampiro disse: "Você acha que pode nos desafiar e sair vivo? Quem você acha que é seu pedaço de carne? Esta é a *nossa* cidade. Sempre foi nossa. Você tem que pagar por esse seu desrespeito."

E então ele fechou o punho e esmagou a garganta do garoto, aquela grande musculatura, como se estivesse amassando uma folha de papel.

Shane apontou o arco muito rápido e disparou. A flecha acertou o vampiro nas costas, bem no meio, sobre o coração.

Os dois corpos baterem no chão juntos.

E então todos os vampiros olharam para Shane e Claire. Shane carregou a segunda flecha e largou a bolsa entre os dois. Claire não precisava de instruções; ela se agachou e pegou o que estava lá dentro. Não havia uma balestra extra, infelizmente, mas havia muitas flechas, e dois frascos de líquido prateado — nitrato de prata. Claire entregou a Shane outra flecha para ele a colocar entre os dentes, e abriu um dos frascos.

Os vampiros não pareciam familiares para ela, ela não conhecia todos os sanguessugas de Morganville, ela pensava que estes eram provavelmente aqueles que Amelie estava preocupada, aqueles que não cumpriam os novos decretos de direitos humanos da cidade. Bem, os vampiros gostavam de estar no comando, não havia dúvida a esse respeito. E eles não gostavam de ser desafiados.

Ela acabara de ver aquele garoto morrer, ela pensou, mas depois afastou o pensamento, porque não ajudaria em nada pensar nisso. Nem um pouco. "Eve!" ela gritou. "Eve Rosser!"

De algum lugar de perto da borda mais distante da multidão humana, ela viu uma cara muito branca olhando na direção a eles com um boné elegante e com cabelos pretos. Eve não disse nada, mas não houve tempo, porque os vampiros estavam vindo para eles.

Shane atirou, derrubando um dos cinco, e enquanto ele recarregava, Claire jogou o conteúdo do frasco em um arco entre os outros quatro. Onde o nitrato de prata atingiu a pele do vampiro, chiou e borbulhou como um ácido. Aquilo parou pelo menos um, e abrandou os outros para que Shane tivesse tempo suficiente de atirar outra flecha. Foi impressionante como o vampiro

virou e pegou a flecha no ar e jogou de volta para eles.

Claire se jogou para um lado, e Shane para outro; ele bateu no chão e rolou, ficou de joelhos, e recarregou outra flecha enquadrando no peito do vampiro, no mesmo instante, em que ele ia se aproximando dele, então Claire destampou mais um frasco de nitrato de prata, com o coração batendo forte, mas Shane foi mais rápido e lançou outra flecha, que o acertou em cheio e o vampiro caiu no chão antes de poder o arranhar.

Os outros dois ainda em luta eram mulheres — uma que parecia ter a mesma idade física que sua mãe, com mechas cinza em seus longos cabelos, e a outra era magra, de rosto malvado. A outra parecia um pouco mais velha que Claire se, com o cabelo vermelho curto e um rosto redondo, a fazia parecer doce, se não fosse os olhos brilhantes e dentes afiados. Ambas tinham sido queimadas pelo nitrato de prata, e elas não estavam afim de levar outra dose, mas Claire percebeu que Shane estava sem flechas, e ela deixou cair o restante que estava na bolsa, a uns dez metros de distância.

Ela correu para elas. Mas a vampira ruiva chegou antes, rindo, e chutou as flechas com tudo para bem longe, junto com a bolsa de lona preta.

Claire puxou a estaca de prata da cintura de sua calça. Ela estava apavorada, mas ela estava também com raiva — raiva por Eve ter sido encurralada no canto com todas aquelas pessoas, como se fosse gado. Com raiva por todas as pessoas mortas. Com raiva porque o garoto, provavelmente estúpido, tinha acabado morto na frente dela. Com raiva de tudo isso que estava acontecendo por causa do orgulho ferido de alguns vampiros.

"Ei! " Shane gritou e jogou sua balestra vazia no chão enquanto ele ficou em pé na frente dela. "Você vai deixar que ela tenha toda a diversão? Venha, Vampirella! Venha!"

A vampira mais velha se voltou contra ele com um grunhido, e em um salto estava sobre ele, como se fosse uma aranha saltadora horrível. Shane bateu com força no chão, de costas, e tentou rolar, mas a vampira era muito forte. Ela rosnou novamente, e Claire desesperadamente jogou o nitrato de prata nela. Mas a vampira ignorou as queimaduras.

Um borrão brilhou fora do corredor e atingiu a vampira, levando-a completamente de cima de Shane quando ela tentou mordê-lo. Ambos, Shane

e o recém chegado voaram longe também e então o desconhecido levantou rápido junto com a vampira. Ambos rosnando. Ambos vampiros.

Michael. Ele parecia extremamente assustador quando ele agia assim, com aqueles olhos e dentes, e ele parecia *forte*. Claire engoliu em seco e focou na vampira que estava na frente dela, a ruiva, que tinha ficado tão surpreendida quanto a Claire com a chegada furiosa do Michael... mas ela "acordou" mais rápido.

A vampira pulou nela, mas ela deu um grito muito engraçado quando a cabeça dela foi puxada para trás, com força. Atrás dela estava Eve, ambas as mãos no cabelo da vampira.

"Ela é *minha amiga*, sua megera!" Eve disse, e — quando ela tinha certeza de que Claire estava pronta — empurrou a vampira para cima dela, que estava sem equilíbrio.

Então Claire a estacou com a estaca de prata.

A vampira gritou, e por um segundo seus olhos encontraram os de Claire, e Claire sentiu algo terrível: culpa. Havia terror em seus olhos alienígenas, eles estavam feridos, e surpreendidos. . . e, em seguida, a vampira caiu aos seus pés, a estaca nela.

A vampira foi filha de alguém uma vez. Irmã de alguém. Talvez até namorada de alguém. Talvez ela não tivesse pedido para ser o que ela era agora.

Claire sentiu-se mal e quis chorar, mas não houve tempo, porque Shane estava ao seu lado. Agora, puxando-a para os seus braços.

"Eve?", ele perguntou. "Você está bem?"

Claire virou a cabeça para olhar a amiga. Eve não parecia bem. Sua maquiagem estava toda borrada, escorrendo abaixo em seu rosto; seu vestido estava rasgado no ombro, e ela tinha longos arranhões vermelhos que desciam em um dos braços ainda sangrando.

Mas foram os olhos dela que realmente disseram a Claire, como ela não estava bem. Eles estavam amplos e completos de miséria. Sem sequer saber por que, Claire se soltou de Shane e abraçou Eve, que a abraçou volta tão forte que doía. Eve estava tentando não chorar, ela estava soluçando entre seus suspiros quando tentava respirar.

"Você está bem agora", Claire sussurrou em seu ouvido. "Viemos o mais rápido que pudemos."

Eve concordou e tentou sorrir. "Acho que não posso dizer que vocês são babacas por no mínimo uma semana, então." Sua voz soava estranha e abafada, mas ela piscou para conter as lágrimas. "Obrigada." Ela beijou o rosto de Claire, em seguida, de Shane.

Shane afastou-se, limpando a garganta. "Oh, não fique toda carinhosa pra cima de mim. Mikey!" Shane gritou. "É melhor você terminar logo essa luta, porque sua namorada tentou beijar—" Ele não terminou, porque, de repente, a luta acabou...

... e Michael *perdeu*.

Aconteceu tão rápido que Claire mal teve tempo para compreender isso, mas em um segundo, os dois vampiros eram um borrão em movimento, e no outro, Michael estava no chão, amassado como um brinquedo quebrado.

A vampira sorriu com seus dentes afiados, que estavam brilhando sob a luz, e lambeu o sangue de seus lábios. Os olhos brilhantes dela pareciam loucos, e estavam mais vermelho do que o sangue. Chutou o corpo flácido do Michael para fora do caminho e veio para os três, ela parecia uma aranha assustadora de novo.

De repente, esfriou, a vampira ainda estava de pé na frente deles, mas uma mão branca a atingiu, agarrando a vampira no ar e a atirando no chão.

Amelie. A fundadora de Morganville tinha chegado, e ela tinha feito isso com vigor; quando Claire olhou para trás dela, viu pelo menos uma dúzia de vampiros, todos pareciam muito sérios e perigosos, incluindo Oliver e uma quantidade de outros que ela conhecia de vista. Eles estavam todos vestidos com longos casacos de couro preto, como uma espécie de uniforme, com o símbolo da Fundadora estampado no couro em cada um deles.

Amelie estava vestindo branco. Puro gelo branco, quase brilhante na penumbra. Em seu cabelo estava trançado em uma coroa, quase tão pálida como seu elegante terno de seda.

"Fique quieta", disse Amelie para a vampira caída. "Você é uma idiota inútil, e eu não quero mais sangue hoje à noite. Não me faça te matar pelo o que você fez." A voz de Amelie estava tão fria que parecia que a temperatura

caiu na sala superaquecida, "Venha aqui."

Um outro vamp se moveu lentamente. Claire não viu Oliver passar por ela, mas de repente ele estava ali, segurando os dois braços da vampira em um aperto que quebraria os ossos. "Nenhum movimento tolo, Patrice", ele disse. "Eu não acho que a Fundadora esteja brincando."

"Tire ela da minha frente", disse Amelie, e olhou para os outros vampiros caídos. O que tinha sido queimado seriamente pelo nitrato de prata da Claire se levantou, mas estava mancando demais, parecia bem aterrorizado.

"Este, também. E os outros também." Ela acenou para os vampiros que Shane tinha atingido com uma flecha da balestra. Um dos seguranças vestidos de negros do Oliver deslizou e puxou as flechas. Os outros dois sanguessugas desceram, saindo, assim, da paralisia em que estavam, tossindo e cuspiendo sangue.

Eles estavam vivos.

"Michael", Claire sussurrou. Eve a soltou e correu para ele, atirando-se para o chão e colocando a cabeça dele no seu colo. Ele parecia — oh, Deus — ele parecia... morto. Os olhos dele estavam abertos, e ele parecia tão pálido, tão imóvel; havia um buraco na lateral de sua garganta, mas sem muito sangue.

Claire deslizou em uma inércia e colocou as mãos na boca, tentando conter um grito. Ela sentiu as mãos de Shane nos ombros dela — que provavelmente era sua versão de sentir a mesma sensação de terror e de negação.

Então Michael, finalmente, devagar, piscou. Eve gritou. "Michael? Michael! Fale comigo!"

"Ele não pode", disse Amelie. Ela veio por trás deles, e estava olhando para Michael com um ligeiro abrandamento de sua expressão usual de pessoa legal. *Talvez*, Claire pensou, *porque Michael a lembrava de Sam, o seu amor perdido*. Fora a cor dos seus cabelos, eles se pareciam muito.

"Ele vai ficar bem se ele se alimentar. Eu vou mandar levá-lo diretamente ao banco de sangue."

"Eu quero ir com ele!" Eve disse.

"Eu não acho que isso seja inteligente. Vampiros drenados e com fome, mesmo aqueles que você conhece bem, podem ser muito imprevisíveis. Eu

odiaria que alguma coisa aconteça para fazer Michael se arrepender mais tarde."

"Que tal o que *nós poderíamos* nos arrepender mais tarde?" Shane perguntou baixinho. "Oh, certo. Os humanos não contam."

Amelie ouviu aquilo, e sua cabeça se virou lentamente enquanto focava seus olhos frios cinzas no rosto dele. "Eu só queria dizer que você provavelmente não estaria para lamentar qualquer coisa, o Sr. Collins. Srt. Rosser. Explique-me o que aconteceu aqui. Agora."

Eve estava penteando com os dedos o cabelo louro do Michael, mas agora ela olhou para cima, assustada. Isso durou apenas um segundo, porém, e, em seguida, sua atitude voltou. "Puxa, eu não sei, talvez um *ataque de vampiros*." Ela disse. "Era uma festa; então, os idiotas da fraternidade apareceram e começaram a dizer o quão bons eles eram, e depois esses monstros apareceram para dar uma lição a todos. Isso é o que eles disseram. Eles queriam nos colocar em nosso lugar."

"Eu vejo", disse Amelie. "E você não fez nada para provocá-los?"

"Minha amiga—" A voz de Eve falhou. Claire podia ver que ela estava tentando mais uma vez não chorar, e o quanto isso doía. "Minha amiga Cory estava apenas tentando se divertir. Aquela, a ruiva, ela a agarrou e só... a partiu no meio. Cory está morta. Eu vi isso acontecer."

"Ah, Cara" Shane murmurou. Claire colocou a mão em cima da dele, que ainda estava em seu ombro. "Eve..." Parecia que ele queria dizer alguma coisa, mas não tinha ideia do que. Ela o amava por isso.

Amelie esperou um momento e depois disse em uma voz muito baixa, "sinto muito por esta experiência, e pela perda de sua amiga. Todos os que infringiram a lei serão punidos."

Os olhos de Eve ficaram mais brilhantes, mas não com lágrimas. Com fúria. "*Punidos?* O que, como criancinhas indo para cama sem a sua ceia de sangue? Sem TV por uma semana? *Intervalo?*"

"Posso assegurar que a punição será severa."

"Não é suficiente!"

Agora a voz da Amelie voltou a ser fria. "É o suficiente para mim, e isso *será suficiente* para você também, Sra. Rosser. Suficiente para todos vocês. Fui

clara?" Ela não esperou por uma resposta, virou-se para Oliver, que permanecia por perto, com as mãos cruzadas atrás dele, observando os vampiros presos e os seres humanos que estavam sendo levados para fora. "Os vampiros foram mortos aqui. Eu vou esperar uma investigação completa."

"Claro", Oliver disse sem se virar. "E eu espero as punições apropriadas para esses condenados, de acordo com a lei."

"Senhor", chamou um dos homens do Oliver, que estava ajoelhado sobre a menina de cabelos vermelhos com a estaca da Claire no seu peito. "Você deveria ver isso."

Oliver aproximou-se, franziu a testa, e se agachou para examinar a garota mais de perto.

"Prata", o homem dele disse, e Oliver concordou. Oliver puxou um par de luvas de couro e pegou a estaca, então ele puxou para fora e imediatamente a jogou com um estrondoso barulho no chão.

A garota não respirava, movia ou reagia.

Claire agarrou o braço do Shane com força, e esperou, mas a vampira ficou imóvel no chão. Havia uma mancha de queimado onde a estaca estivera e que continuou a queimar lentamente para fora.

"Ela está morta", disse Oliver. "Envenenada por Prata. Ela deve ser extremamente alérgica."

Claire tinha matado ela.

E a punição adequada para um humano que matasse um vampiro era a morte.

CAPÍTULO

CINCO

Mas foi em legítima defesa!", o cara sentado ao lado de Claire disse. Ele vem dizendo isso muito, e em um volume alto, e ela pensou que sua raiva, provavelmente, não estava ajudando em nada.

Eles estavam sentados em uma silenciosa sala de painéis de madeira do edifício do Conselho dos Anciões, uma grande imitação do templo Grego que sempre dava a Claire a impressão de ser como uma casa funerária. Uma muito boa. Esta sala em particular apresentava uma longa mesa polida de madeira escura, cadeiras adornadas, e — claro — não havia janelas. Havia duas portas, uma em cada lado, mas ambas guardadas pelos homens da Amelie. Claire sabia deles, um pouco, mas agora eles tinham seus olhos escondidos por óculos escuros, e ela sabia que não lhe dariam nenhum descanso. Eles tinham seus rostos sérios.

Amelie sentou em uma das extremidades da longa mesa. Oliver sentou-se na outra. A Chefe de Polícia Hannah Moisés estava sentado de um lado, juntamente com o prefeito Richard Morrell, que tinha tomado o lugar do seu pai no Conselho, juntamente com o trabalho não muito divertido de governar o lado humano de Morganville. Richard era um homem de boa aparência, Claire sempre tinha pensado, mas ultimamente ele também parecia cansado, e não sorria com tanta frequência quanto antes. Mas sendo o irmão da Monica Morrell, provavelmente teria mais centelhas de vida do que a grande maioria.

Do outro lado da mesa, algemado, estava um dos garotos da fraternidade EEK com sangue sobre as camisas, e Claire. Shane, Michael e Eve tinham

sido retirados da sala, e Claire esperava que eles tivessem levado Eve para casa; ela estava muito instável, uma vez que a emergência terminou, e era necessário se limpar e trocar de roupa.

Embora Shane quisesse ficar, claro. Isso tinha tomado todos os poderes de persuasão de Claire para convencê-lo a não começar dando socos quando Amelie deu a ordem para irem embora. *Vou ficar bem*, ela disse, com toda a confiança que ela não sentia completamente. *Amelie não vai deixar nada acontecer comigo.*

Olhando Amelie agora, sentada tão fria e sem emoção no final da mesa, Claire sentia que provavelmente tivesse exagerado nisso. Talvez muito.

"Segundo o testemunho dos seres humanos e vampiros em cena, vocês dois são culpados da morte de dois de meu povo", disse Amelie no silêncio. O garoto de fraternidade ao lado de Claire se mexeu, e suas correntes agitando, mas ele não disse nada. Ele tinha uma pulseira de couro em seu pulso, um acessório de Morganville que o identificava como posse de algum vampiro na cidade. Claire se perguntou por que o vampiro não estava aqui. Ele ou ela deveria estar, pois era uma coisa legal que envolvia suas pessoas.

"Nós vamos começar com você, sr..." Oliver consultado um arquivo na frente dele. "Kyle Nemeck? O depoimento dos vampiros e humanos dizem que o problema começou com você e outras pessoas do seu grupo da fraternidade quando chegaram ao local. Os vampiros nos disseram que vocês atacaram um vampiro, Ioan Ap Emwnt, na rua, o espancaram, o roubaram e o deixaram para morrer. Ele não está morto. Sorte sua." Oliver fechou o arquivo e abriu outro. "Esse vampiro, infelizmente, não teve sorte." Ele retirou e deslizou uma fotografia a cores sobre a mesa, e Claire teve que desviar o olhar. Era o corpo decapitado que ela tinha visto no clube. Uma vez já tinha sido o suficiente. "Aqui está a parte dele que perdeu."

Outra foto, desta vez, provavelmente a cabeça; Claire *definitivamente* não olhou. "Enquanto seus amigos detinham este infeliz, você cortou sua cabeça. Comentários?"

O garoto da fraternidade — Kyle — estava suando. Ele parecia mais jovem agora, e muito assustado. "Eu... senhor... senhora — foi autodefesa. Eles vieram contra nós."

"Eles pensaram que tinham matado um dos nossos", disse Amelie. "Qualquer vampiro pode, por lei, procurar tal ofensor e reivindicar o julgamento. As suas ações, defensivas ou não, começaram legalmente esta ação do grupo em uma raiva sanguínea. Tudo que se seguiram, incluindo todas as mortes humanas, podem ser colocadas diretamente em sua porta. Estou certo, o prefeito Morrell?"

Richard estava lendo o seu arquivo, franzindo a testa. Agora, ele olhou para cima, diretamente para Kyle. Seus olhos castanhos estavam estreitados, e não havia qualquer sinal de simpatia. "Correto", disse ele. "Se fosse apenas as mortes de seres humanos, eu poderia argumentar por uma sentença de prisão perpétua. Com as mortes de vampiros envolvidos, está fora das minhas mãos. Você é um nativo, Kyle. Você deveria saber muito bem."

Kyle olhou como se fosse começar a chorar. Oliver tirou as fotos de volta, empilhado-as, e fechou a pasta, também. "Qualquer defesa?", perguntou ele, não como se ele realmente importasse.

Kyle abriu a boca, fechou e abriu novamente. "Eu... Olha, nós não sabíamos que o cara era um vampiro. Quero dizer, nós nunca teríamos. . . Eu juro."

"Então, sua defesa é que você teria feito a mesma coisa a um ser humano. O que provavelmente você teria matado."

"Eu—" Kyle claramente não sabia o que dizer sobre isso. "Eu só quis dizer que não sabia que ele era um de vocês."

"Covarde", disse Oliver. "E o vampiro que *você conseguiu* matar, você afirma não saber quem ele era? Porque eu acho que você o conhece muito bem, já que o nome dele aparece na pulseira que você usa em torno do seu pulso."

Claire inspirou de forma lenta. Kyle tinha matado seu próprio protetor. Ela não sabia se existia uma lei para isso, mas se houvesse, a punição não iria ser nada menos do que horrível.

Kyle se calou. Ele parecia tão pálido que ele poderia, até mesmo, ser um vampiro.

"Bem?" Oliver rosnou. "Sim ou não, você reconheceu seu Protetor antes de *decapitá-lo*?"

“Eu... as luzes... eu não me lembro, eu não sabia quem era, eu apenas sabia que era um vampiro vindo depois dos meus amigos.” Ele engoliu em seco. Sua voz soava fraca e enferrujada. “Sinto muito.”

“Bem”, Oliver sussurrou. “Eu suponho que pedido de desculpas seja algo, não é? Ele tinha setecentos e sessenta anos de idade. Mas você está arrependido.” Oliver empurrou sua cadeira para trás da mesa, então ele se levantou, tão forte que tombou a cadeira e ela bateu no chão com um estrondo. “Isto é o que ser mole com os seres humanos nos leva, Amelie. Você já sabe o meu voto. Culpado. Eu estou cheio desses absurdos.”

“E o que dizer da Claire?” Amelie perguntou baixinho. “Ela é acusada de um crime semelhante.”

Oliver estava se dirigindo para a porta, mas ele hesitou, apenas um passo curto. Ele não olhou para trás.

“Culpada”, disse ele. “Ela deveria ter deixado para nós policiarmos nossa própria cidade. Eu seria hipócrita se eu dissesse algo diferente, não seria?”

O segurança o deixou sair, fechou a porta atrás dele, e assumiu a posição de alerta novamente.

Claire estava tendo dificuldade para respirar. *Culpada*. Ela estava se defendendo. Defendendo os amigos dela. E Oliver sabia disso, e ele ainda votou contra ela.

“Prefeito Morrell”, Amelie disse. “Seu voto para o Sr. Nemeck.”

Richard se levantou lentamente, colocou as mãos sobre a mesa, e olhou para Kyle enquanto dizia, “Culpado. Sinto muito, Kyle, mas você não me deixou nenhuma escolha.”

“Chefe Mosses?”

Hannah levantou-se, também. Ela parecia tão concentrada e fria como Amelie. “Kyle”, disse ela. “Uma primeira pergunta. Você jura que você realmente não sabia quem você estava matando?”

“Sim, eu juro!”

Mesmo Claire poderia dizer que ele estava mentindo. Ele havia reconhecido. Ele pensou que poderia fugir com toda a confusão.

Hannah meneou a cabeça. “Culpado como o inferno, eu odeio dizer.”

Amelie hesitou, depois se levantou suavemente. “Por veredicto unânime,

Kyle Nemeck, você foi considerado culpado do maior crime de Morganville: o assassinato de seu próprio protetor. Eu tinha jurado que os castigos mais bárbaros já praticados seriam ilegais, por causa da harmonia com os seres humanos, mas não vejo outra alternativa do que puni-lo tão duramente como você merece. Você será colocado em uma gaiola no meio da Praça do Fundador por dez dias e noites, para que todos possam ver e ler o relato do seu crime. Depois disso, você vai morrer da maneira tradicional. Pelo fogo."

"Não! " Kyle gritou, e se atirou para fora de sua cadeira, tropeçando nas cadeiras. "Não, você não pode fazer isso comigo! Você não pode, não!"

Claire se levantou. Ela não estava algemada; talvez isso fosse um sinal de que a respeitavam mais, ou simplesmente não tinham medo dela. Ela não sabia. Mas ela olhou diretamente para Amelie e disse: "Não faça isso. Por favor, não faça isso."

"Ele é culpado do pior crime que pode ser cometido, isso é como me matar", Amelie disse, e Claire teve a sensação de que ela já não estava falando com a às vezes acontecia, quase-tipo-de-pessoa que Amelie poderia se tornar. Ela estava falando com a fundadora ou como a princesa real que há muito tempo Amelie já tinha sido. "Há momentos em que não se pode pagar com a misericórdia sem mostrar fraqueza."

"Fraqueza convida a ultrajes pior." Ela acenou para os guardas. "Leve-o para a jaula."

Claire abriu a boca para protestar novamente, mas ela viu que tanto Richard como Hannah lhe davam um olhar em aviso. Hannah realmente fez um gesto de "sente-se" e murmurou, *não seja estúpida*.

Claire se sentou na cadeira dela, enquanto Kyle era arrastado da sala. Ela sentia náuseas e raiva, mas principalmente, estava assustada. Enquanto os guardas estavam ocupados, ela podia ter fugido, encontrar Shane, fazer... o que? Tentar sair de Morganville? Ela sabia melhor do que qualquer um antes de tentar fazer algo assim.

A segurança estava se estreitando, e começando a ficar tensa.

Amelie ainda estava a observando, e mesmo assim, Amelie poderia pegá-la antes que ela chegasse próximo da porta.

"Agora, para vocês", disse Amelie, depois que Kyle e os detalhes de

segurança desapareceram no corredor, e seus gritos foram abafados pela distância. Outro agente de segurança, desta vez uma mulher, vestida com o mesmo terno preto e óculos escuros, entraram na sala e fechou a porta atrás dela.

Estava muito, muito tranquila.

O Fundador suspirou e recostou-se na sua cadeira, e pareceu a Claire, como se ela se tornasse uma pessoa diferente. Aquela que ficou irritada e infeliz e triste. Hannah e Richard se sentaram, também. Depois de um momento, Amelie continuou. "Claire, isso é uma situação muito Infeliz. Você sabe, não é?"

Claire assentiu com a cabeça, pensando: *É realmente muito triste para mim.* Mas ela não disse isso.

"Tendo Kyle acabado duramente condenado, agora eu posso dar ao luxo a demonstrar indulgência para com você. Há fatores atenuantes — você estava definitivamente agindo em defesa da sua própria vida, e todas as testemunhas irá apoiá-la. O vampiro que você liquidou era conhecido por ser extremamente violento, e nós estávamos considerando durante algum tempo o que fazer para conter seus apetites; ter removido este problema para mim, embora não seja inteligente comemorar isso, devo reconhecer que você me fez um serviço neste quesito. Mais uma vez."

Os longos dedos brancos de Amelie bateram na mesa em um ritmo pouco seco, e seus olhos estavam semicerrados quando ela olhou para Claire. Finalmente, ela olhou para Richard Morrell. "O que você diria?"

"Ela agiu em legítima defesa É raro, mas existem muitos precedentes. Eu fiz isso sozinho uma vez, e você achou que o que eu fiz foi justificado. Eu não apoio qualquer tipo de punição para ela."

Amelie olhou para ele após algum tempo mesmo depois de ele ter terminado, e em nenhum momento ela piscou. Ela voltou sua atenção para Hannah. "E você?"

"Inocente", disse Hannah. "Você mudou as regras em Morganville. Você deu aos humanos direitos para se defender, mesmo que custe a vida de vampiros. Claire estava dentro da lei para fazer o que ela fez, e ela salvou a própria vida dela e a vida de pelo menos algumas das pessoas naquela sala."

Amelie fechou os olhos por um instante e disse: "Eu teria preferido o uso de métodos não letais em sua defesa heroica, mas não posso negar que há direito ao seu lado. Na minha, há apenas tradição, mas é uma força muito poderosa para os vampiros. Vai ser muito difícil convencê-los que você não deve se juntar ao Kyle na gaiola. Oliver já exerceu o seu voto. Eu vou ser obrigada a ignorar ele."

Claire sabia que, sem Amelie dizer, que o indeferimento de Oliver em seu humor irritado seria difícil, senão impossível. Amelie e Oliver lutaram pelo controle de Morganville no passado, e apesar de terem desenvolvido um tipo de respeito, isso não significa que não poderiam lutar. Perversamente, se necessário.

Amelie abriu os olhos e disse, "Como fundadora de Morganville, eu declaro que Claire Danvers é inocente do crime de assassinato deliberado. No entanto, ela não é inocente de todas as acusações. Claire, eu dou a você duas alternativas. Primeiro, você ficará com Myrnin até completar os reparos nos quais ele requerer sua ajuda. Durante esse tempo, você não poderá deixar seu laboratório, nem ver seus amigos ou familiares, nem descansar até que os reparos sejam concluídos à satisfação do Myrnin. Entretanto, não vou negar a você comida e água."

Claire engoliu em seco. "Qual é a segunda alternativa?"

"Você pode escolher alguém para sofrer a punição na Praça do fundador em seu lugar", Amelie disse. "Um dos seus amigos ou sua família. Não será a punição que Kyle enfrentará, mas será muito grave, e será pública."

Se um *vampiro* disse que era grave, então não seria nada que Claire ainda queria pensar. E escolher um de seus amigos? Sua mãe ou seu pai? Ela não podia fazer isso. Ela nunca poderia fazer isso.

"Pense bem", Amelie disse suavemente. "A primeira alternativa pode parecer razoável, mas não haverá sono, nem descanso, nem contato até ter terminado o seu trabalho. Pode muito bem ser sua própria morte, se o problema é tão complexo como Myrnin me diz. Você verá que é uma sentença brutal em si mesmo."

"Pelo menos é um risco que apenas eu irei correr", disse Claire. "Eu vou fazer isso."

Hannah suspirou e olhou triste, e Richard balançou a cabeça. "Para registro, eu apresento uma objeção a isso", disse. "Ela não é culpada. Você está dobrando as leis para beneficiar os vampiros."

Amelie ergueu as sobrancelhas claras. "Claro que eu estou", disse ela. "Morganville ainda é a minha cidade, Richard. Você faria bem a você se lembrar disso."

"Então por que nós estamos sentados aqui? Apenas para torná-la legítima?" Richard empurrou sua cadeira para trás. "A criança não é culpada. E você está manipulando as coisas para conseguir o que quer."

Amelie não se incomodou em responder a essa afirmação. Ela olhou para a guarda de segurança em seu lugar. "Acredito que o Prefeito Morrell e Chefe Moises terminaram", disse ela. "Por favor, leve-os."

A mulher vampiro balançou a cabeça, abriu a porta e apontou para os dois seres humanos continuar.

Hannah parecia que iria protestar, mas foi a vez de Claire para sacudir a cabeça. *Não faça isso*, ela murmurou. *Eu estou bem*.

"Não, você não está", Hannah murmurou, mas Richard colocou uma mão no ombro dela, e eles deixaram a sala juntos.

Isso deixou Claire e Amelie. Sem guardas. Sem testemunhas.

"Você sabia que eu não iria deixar ninguém tomar o meu lugar", disse Claire. "Por que você ainda me perguntou isso?"

"Porque se eu não tivesse perguntado, Oliver exigiria que eu fizesse isso", disse Amelie. "Eu perguntei, você escolheu, não há muito espaço para ele discordar com o resultado."

"Isso é ruim para você, não é?"

Amelie olhou para suas mãos cruzadas. "Não é a melhor situação que eu possa imaginar. Oliver tem estado cada vez mais descontente com a atitude das pessoas mais jovens, e as liberdades que estão tomando. Eu não posso culpá-lo, eu também não estou feliz. Este incidente... Não podemos permitir que os seres humanos vaguem em embalagens como animais, vitimizar nosso povo, e cometer assassinato a sangue-frio. Seria nos destruir. Medidas devem ser tomadas."

"Por que não? Você permite que os *vampiros* façam isso!"

"Não é a mesma coisa."

"Mas você prometeu que as coisas iriam mudar! Você prometeu no funeral de Sam!"

Amelie levantou bruscamente e disse: "Preste atenção a seu lugar, Claire. Eu sei o que eu disse. E eu sei o que Sam teria dito, se ele estivesse aqui. Ele concordaria comigo, embora fosse machucá-lo. Você mal o conhecia. Não venha com uma palestra sobre os direitos dos seres humanos, ou sobre as minhas responsabilidades."

Havia um fogo inquieto nos olhos dela, algo que fez Claire estremecer, e ela não podia ajudar, mas desviou o olhar. "Você disse que eu poderia parar para comer", disse ela. "Posso ir para casa?"

"Myrnin irá fornecer as suas refeições. Eu garanto isso."

"O que... O que vou dizer a todos? Shane, Michael, Eve, os meus pais?"

"Nada", disse Amelie. "Porque você não vai falar nada com eles. Você deixará esta sala e vai diretamente para o laboratório do Myrnin, e começará o seu trabalho. Vou falar com aqueles que precisam saber de sua escolha."

"Isso é cruel."

"Isso é misericordioso", disse Amelie. "Estou poupando você do adeus para aqueles cujas lágrimas causarão dor a você." Ela hesitou, depois disse baixinho: "E se você falhar nisto, Claire... então você nunca vai vê-los novamente. Esse é o meu desejo."

"Mas—" Claire não conseguia encontrar as palavras, e então elas vieram como uma luz. "Quer dizer que se eu não consertar a máquina, você vai me matar?"

Amelie não respondeu. Ela olhou para o nada, o rosto dela parecia uma máscara em branco, e Claire sentiu a doentia certeza de que ela tinha razão: Amelie esperava resultados, ou outra coisa.

A guarda vampiro voltou, e Amelie apontou para Claire. "Leve-a para Myrnin", disse ela. "Não pare. Ela não fala com ninguém. Direi ao Myrnin o que deve ser feito."

O guarda assentiu e fez um gesto para Claire, que de repente não queria sair da cadeira, inconformada com o que estava acontecendo, ela estava com medo e frio, e ela queria ir para casa. Ela perguntou, "Amelie? E se eu não

puder? E se eu não conseguir consertar isso?" Porque, afinal, era uma possibilidade muito real.

Amelie ficou em silêncio por um momento, depois se levantou da cadeira e olhou para ela como se estivesse a milhas de distância. "Você *deve* consertar. As consequências para os desprotegidos desta cidade serão muito graves. Esta é a única chance que eu posso oferecer a você, Claire. Prove ser digna, e viva. Falhe, e você gostaria de ter tomado a segunda opção que eu ofereci, dura e implacável como deveria ser."

Amelie saiu da sala, de cabeça erguida, sem olhar para trás. Claire se levantou lentamente, testou suas pernas que tremiam, e andou até a guarda.

"Qual o seu nome?" Claire perguntou.

"Como se você fosse se lembrar, não tenho um", disse a vampiro. "Mova-se."

Ela nunca pensou no laboratório de Myrnin como uma prisão antes. A guarda-costas vampiro sem nome — Claire decidiu chamá-la de Charlotte, pelo menos em sua própria mente — escoltava Claire até o estacionamento subterrâneo do edifício da câmara, carregado-a para um sedan vampírico, e não se falavam. Eles saíram na entrada do beco ao lado da Casa Day. Estava escuro, as luzes apagadas. Em cima, a lua era definida, abandonando tudo para a noite.

A cerca fechada em ambos os lados, estreitando, até que terminava no barraco de madeira que era a entrada para o laboratório.

Myrnin, usando um chapéu de veludo vermelho com plumas gigantes, e algum tipo de longa capa, foi para o lado de fora da porta, esperando. Ele acenou para Charlotte, pegou o braço de Claire, e sem dizer uma palavra, empurrou-a para dentro. Ele trancou a porta por dentro, e em seguida, a acompanhou — mais como a arrastou — descendo as escadas para o adequado laboratório.

Ele tirou o chapéu e casaco, despejou-os em uma cadeira de aparência medieval, e se virou para olhá-la com as mãos empunhadas nos quadris.

Ele estava vestindo uma camisa branca, um colete azul brilhante, e calças pretas.

Até mesmo seus sapatos pareciam normais, só um pouco pontiagudos

nos dedos dos pés. Seu cabelo estava limpo e ondulando sobre os ombros, e sua expressão era muito, muito sóbria.

"Bem, você realmente fez uma confusão", disse ele. "E, como consequência, Amelie foi muito clara sobre minhas responsabilidades. Não mais o sr. vampiro legal, Claire. Você tem que trabalhar, e trabalhar constantemente, até fazemos as seguranças de Morganville funcionar corretamente novamente. Eu posso fornecer comida e bebida, mas não os períodos de descanso. Pessoalmente, eu acho que é excessivamente cruel, mas ninguém pediu a minha opinião, só a minha estreita cooperação, que irei proporcionar. Quantas horas você está acordada até agora?"

"Hum..." o cérebro da Claire não parecia estar funcionando muito bem. "Cerca de dezoito, eu acho."

"Inaceitável. Você não vai fazer nenhum progresso significativo antes de cair ou ficar louca. Ninguém disse que eu não poderia deixá-la descansar *antes de começar* a trabalhar. Vou pegar o seu jantar, e depois para a cama. Eu vou acordá-la em uma hora razoável." A expressão de Myrnin se suavizou, e ele parecia genuinamente triste." Eu sinto muito por isso, Claire. Mas ela está tentando andar no fio da navalha, você vê? Cruel o suficiente para Oliver e satisfazer seu crescente número de adeptos, mas oferecendo-lhe uma oportunidade de redimir-se e fazer o bem para a nossa comunidade. E se você falhar, eu acho que ela está me proporcionando a oportunidade de—" Ele deve ter estado a ponto de dizer algo que ele não deveria, porque ele parou, olhou para o lado e encolheu os ombros. "Com uma oportunidade também. Em todo o caso. Jantar. Você prefere hambúrguer ou cachorros-quentes?"

Os cachorros-quentes a fez pensar no Shane, e a fez querer chorar. Ela sabia como ele estava recebendo a notícia, ele estaria ficando louco e, provavelmente, tentando fazer algo estúpido que Michael e Eve tentando impedi-lo. "Hamburger", disse ela. "Eu acho."

"E batatas fritas? E cola? Os jovens gostam dessas coisas, eu presumo?"

Ela assentiu com a cabeça, já miserável. Myrnin estendeu a mão e acariciou desajeitadamente o ombro dela. "Queixo para cima, pequena", disse ele. "Eu tenho fé em você. Bem, em nós, na verdade. Estarei de volta em cinco minutos." Ele apertou a sua mão, e ela olhou para seu rosto. "Eu não

tenho que lhe dizer as consequências se você tentar fugir enquanto eu estiver fora, não é? Eu não tenho que colocá-la em uma gaiola para ser tem certeza?"

"Não", disse ela. "Eu vou ficar."

"Ótimo. Porque, se você conseguir escapar, Amelie emitiu ordens para que seus amigos e seus pais devam ser imediatamente presos, para participar junto com aquele garoto idiota em seu infeliz castigo. Você entendeu?"

Os olhos de Claire se inundaram com água quente, lágrimas de raiva. "Eu entendo", disse ela. "Eu não vou fugir."

"Eu não esperava que você fizesse. Mas eu tive que lhe dizer."

O odiava um pouco, mas ele deu um tapinha em seu ombro, agarrou o extravagante chapéu e a capa, e foi até as escadas e saiu em um flash vampírico.

Claire afundou na cadeira escura medieval e colocou a cabeça entre as mãos. Ela não tinha percebido o quanto estava cansada, mas seus músculos doíam e ela podia sentir uma inexistência em seus pensamentos que dizia que ela estava chegando perto do fim de sua energia. Myrnin tinha sido bom, tanto quanto ele poderia ser. Descansar iria ajudá-la passar por pelo menos um dia, talvez dois.

Quarenta e oito horas, no máximo, antes de ela começar a perder o foco, errar, falhar.

Ela não podia falhar. Ela *não podia*.

As lágrimas vieram em seguida, embora ela realmente não quisesse. Ela não sabia por quanto tempo ela chorou, perdida numa névoa sombria de miséria, até que o cheiro de batatas fritas penetrou em seu nariz. Ela sentou-se, enxugando os olhos, e viu Myrnin na frente dela com o chapéu ridículo. Ele havia deixado a capa em algum lugar.

Ele estendeu um saco de papel manchado de gordura, e um copo de papel gigante, com uma tampa e um canudo. Ela pegou e bebeu o refrigerante em primeiro lugar. Pura, doce, Coca-Cola gelada. De alguma forma, ele a fez sentir um pouco melhor.

"Siga-me", disse Myrnin. "Coma depois o restante."

Ela se levantou e seguiu-o através do laboratório, através de uma das portas na parte traseira, que era normalmente mantida fechada com um

cadeado, antigo e gigantesco que estava pendurado acima da maçaneta. Ele procurou através de seus bolsos e veio com uma chave de ferro de aparência desajeitada, que ele usou na fechadura, e em seguida, abriu a porta com um floreio. Tirou o seu chapéu e inclinou a cabeça, que era tão ridículo que Claire quase riu.

Dentro havia um pequeno quarto com uma pequena mesa e uma cama muito limpa com lençóis brancos. Havia luzes, e na penumbra Claire percebeu as tapeçarias nas paredes. Ele colocou alguns tapetes coloridos no chão, também. Parecia estranhamente... agradável.

"É o seu quarto?", ela perguntou, e se virou para olhar para ele. Myrnin endireitou-se e colocou o grande chapéu vermelho flexível de volta na sua cabeça. As penas flutuavam atrás, de um lado ao outro.

"Nada dessas ideias", disse ele. "Eu sou muito jovem e inocente para esse tipo de pensamento."

Ele saiu, fechou a porta, e ela ouviu o estalo do trancar. Pânico a cercou imediatamente; não importa o quão bom ele era, isso era uma *prisão*. Myrnin detinha a chave, e ela não confiava em Myrnin para lembrar que amanhã ela ainda estivesse aqui. Claire jogou a comida e bebida na mesa e correu para a porta, batendo na madeira. "Hey!", ela gritou. "Eu disse que não iria fugir! Eu prometi!"

Ela não achou que ele fosse responder, mas ele fez. "É para seu próprio bem, Claire", disse ele. "Coma, descanse, e eu vou ver você de manhã."

Não importa o quanto ela gritou depois disso, ele não respondeu.

Claire finalmente deixou correr a fúria, apesar do medo estar lá para ficar. Ela voltou para a mesa, se sentou e tirou o hambúrguer e as batatas fritas. Ela realmente não parecia com fome até a primeira mordida, e então ela estava faminta e comeu tudo, até mesmo os picles. Ela estava ficando sonolenta mesmo antes de terminar a Coca-Cola, e teve tempo de perguntar o que exatamente Myrnin tinha colocado em sua bebida, em seguida, tropeçou na cama, antes que ela desabasse e caiu em um sono profundo, escuro.

CAPÍTULO

8E18

 dia seguinte começou com o desjejum, providenciado por Myrnin outra vez. Ele colocou na mesa enquanto ela estava deitada na cama, piscando para as luzes. Claire disse, “Você me drogou”.

“Bem, um pouquinho”, ele disse. Estava usando um look violento, camiseta havaiana, toda rosa, amarela e neon verde, um par de meias que provavelmente já eram feias quando estavam na moda, e sandálias de dedo. “Você dormiu?”

“Não me drogue de novo.”

“Não seria apropriado, de qualquer jeito. Você não será capaz de dormir, você sabe. Não até terminarmos.”

“Não me lembre”, ela se levantou, espreguiçou e desejou roupas limpas. Essas estavam amassadas e começavam a cheirar mal. Não que Myrnin percebesse, provavelmente. “O que tem para o café da manhã?”

“Dônuts”, ele disse animadoramente. “Eu gosto de dônuts e café.”

Claire estava receosa sobre o café, mas ele providenciara algum creme e açúcar, e o dônut com cobertura de chocolate ajudaram a dissipar o gosto. Ela bebeu tudo, com bastante colheradas de açúcar para ajudar, ela estava bem certa de que precisaria de toda cafeína que pudesse conseguir.

O café não durou o bastante. Ela não poderia ter dito o que a fez atenta de que alguma coisa havia mudado; ela desenvolvera um tipo de sexto sentido para essas coisas, estando por perto de Myrnin por um tempo. Talvez apenas porque ele caíra no silêncio pelo que pareceu tempo demais. Ela olhou para cima e o viu parado na entrada da porta do quarto, observando-a com olhos

grandes e profundamente escuros que pareciam... desejosos? Ela não estava completamente certa.

Ele poderia estar no humor para coisas excêntricas.

Ele sorriu, só um pouco, e pareceu muito triste. “Você me fez lembrar de alguém.”

“Quem?”

“Não te faria sentir melhor saber quem.”

Ela podia prever ainda assim, “Ada”, ela disse. “Você teve nesse pensamento de que pareço Ada.”

“Não sei o que quer dizer.”

“Você parece sentir falta dela”, disse Claire. “Você sente, não sente?”

Seu sorriso se desvaneceu, como se ele não tivesse força suficiente para mantê-lo. “Ada foi minha amiga e colega por muito tempo”, ele disse, “e havia... um grande respeito entre nós. Sim, eu sinto saudade dela. Eu sinto falta de cada momento que ela se foi, mesmo isso parecendo ser estranho para você.”

Ele se afastou da porta, como se estivesse prestes a ir embora. Ela não podia aguentar vê-lo se afastar com aquela expressão perdida, então Claire perguntou, “Como você a conheceu?”

Aquilo fez com que ele e o sorriso retornassem. Pareceu menos melancólico desta vez. “Eu a ouvi primeiro. Ela era brilhante, você sabe. Brilhante, encantadora e bem a frente de seu tempo. Ela entendia o conceito de máquinas computacionais desde o começo, mas não somente isto — ela era uma grande pesquisadora de muitas coisas, inclusive de pessoas. E foi assim que nos conhecemos. Ela esbarrou em mim na multidão, certa noite, em Londres, e a próxima coisa que soube é que ela estava tentando descobrir o que eu era. Ela podia dizer, sabe.

A fascinou. Sem surpresa, por que seus pais e seus amigos eram góticos originais, você sabe. Claire deve ter empalidecido, porque ele suspirou.

“Sério criança. Byron? Percy Shelley? Mary Shelley? John Polidori?”

“Ahn... *Frankenstein*?”

“Isso seria o trabalho de Mary, sim, Dr Polidori ficou famoso por um trabalho similar de ficção... sobre um vampiro. Então Ada era muita mais

perceptiva que qualquer um tivesse pensado, e terrivelmente persistente. “Por muito tempo fomos...” Ele se interrompeu, olhou afiado para ela e disse, “amigos íntimos.”

“Eu não tenho cinco anos.”

“Muito bem, chame do que quiser. Nós tornamos íntimos e vamos deixar essa conversa aqui, eu acho.” Ele limpou a garganta, olhou para longe e disse, “Obrigado.”

Ela estava reunindo seu saco cheio de dônuts, e parou para encará-lo. “Pelo quê?”

“Por me fazer pensar sobre isso”, disse ele suavemente. “Sinto falta dela. Eu realmente sinto.”

Ele parecia um pouco surpreso sobre isso, então, afastou o choque com visível esforço. “Basta, deixe-me te mostrar o que tenho feito enquanto você estava fora, se metendo em problemas.”

“Eu não—“

“Claire.” Ele passou nela uma olhada longa e reprovadora, e colocou seu dedo nos lábios dela. “Silêncio enquanto estou falando. Não temos tempo para suas discussões.”

Ele tinha um ponto, mais ou menos. Ela concordou, e ele a conduziu até próximo da mesa do laboratório, que apoiava uma massa disforme de coisas sobre uma lona cinza. Myrnin levantou a lona como um mágico revelando um truque, completando com, “Tan-rã!”

Parecia pior do que da última vez que ela estivera ali. Parecia completamente insano, mistura aleatória de partes, remendado junto sem nenhum senso de razão. Arames para todo lado, enrolando em cachos, ele usara tantas cores de arame que a coisa toda tinha a aparência de um estranho arco-íris que não fazia o menor sentido.

Não havia realmente muito a dizer, exceto, “O que é isso?”

“Ah Claire, é a minha mais recente tentativa de trazer as barreiras para as fronteiras da cidade; o que você pensa que é? Olhe, adicionei bombas de vácuo aqui, e aqui, e uma nova engrenagem de junção, e—“

“Myrnin, pare, só... pare.” Ela fechou os olhos por um instante pensando *‘Eu vou morrer’*, e finalmente se forçou a olhar para ele outra vez. “Vamos

começar do começo. Onde está a fonte?”

“Você quer dizer o ponto em que a energia entra no sistema?”

“Sim.”

“Aqui.” Ele tocou alguma coisa no meio do dispositivo, o que fez menos sentido. Parecia um funil feito de metal brilhante. Na verdade, parecia um chifre.

“E então onde vai a ... energia?”

“Não é óbvio? Não? Eu lamento pelo ensino das escolas públicas.” Ele traçou dois arames, um que terminava em um uma confusão de tubos e outro que ia para o que parecia um relógio, só que não havia números no mostrador. “Isso suga energia durante as horas do dia, mas é mais potente à noite, sob a influência da lua, que é o porquê eu fiz certas partes com elementos que combinem com o ciclo lunar. Tentei balancear os efeitos dos diferentes elementos, dia e noite, para obter a perfeita oscilação. É óbvio.”

Se você fosse louco.

Claire suspirou. “Precisamos começar de novo”, ela disse. “Apenas comece do começo e construa outra vez. Uma coisa de cada vez, e você me explica o que faz, okay?”

“Não há necessidade de recomeçar. Estou perfeitamente—“

“Myrnin”, Claire interrompeu. “Não há tempo para discussões, se lembra? Vai levar o dia todo separar essa coisa, mas preciso entender o que você está fazendo. Sério.”

Ele considerou, olhando para ela por um longo tempo e então assentiu relutantemente. “Muito bem”, ele disse, “vamos começar.”

Dissecar a máquina do cientista louco Myrnin era mais esquisito que qualquer coisa que Claire já tivesse feito em Morganville, e era *definitivamente* um novo recorde. Algumas das partes eram escorregadias, e pareciam quase... vivas. Alguns eram gelados. Alguns eram quentes — tão quentes que ela queimou os dedos dela neles.

Perguntando por que não pareciam fazer nada bom; Myrnin não teve explicações que ela pudesse acompanhar, desde que eles deixaram a ciência e partiram para a alquimia. Mas ela metodicamente esmiuçou a máquina, marcando cada parte com um número, e fez um diagrama como se ela tivesse

feito cada ajuste.

Para uma invenção que deveria estabilizar um tipo de escudo de detecção em volta dos limites da cidade e então um *segundo estágio* que deveria incapacitar fisicamente veículos que não estivesse prontos e limpos para sair e então um *terceiro estágio* de seletividade de apagar memórias era... Incompreensível, realmente.

Ela pôde ver pedaços do que Myrnin estava fazendo; o escudo de detecção era bastante simples. Ela podia até mesmo seguir a pura parte mecânica de como as ondas de rádio da máquina desativavam o sistema elétrico dos veículos — que caía em um problema mais complicado de como rebobinar o cérebro das pessoas. Mas isso tudo era tão... esquisito.

Levou horas, mas de repente enquanto ela estava esboçando o plug-in para a bomba de vácuo, parecia que estava irradiando frio, embora ela não soubesse como, Claire viu... algo. Foi como um flash de intuição, um desses momentos que vinham para ela quando ela pensava sobre questões de física superior. Sem cálculo, exatamente, sem lógica. Instinto.

Ela viu o que ele estava fazendo, e por um Segundo, *foi lindo*.

Maluco, mas de um jeito lindo. Como tudo o que Myrnin fazia, misturava as regras básicas de física, dobrando-as e reformulando-as até se tornarem... alguma outra coisa. *Ele é um gênio*, ela pensou. Ela sempre soubera disso, mas isso... isso era algo mais. Alguma coisa além de toda a sua habitual esquisitice ambulante.

“Vai funcionar”, ela disse. Sua voz soava excêntrica. Ela cuidadosamente ajustou a bomba de vácuo no lugar e meticulosamente rotulou a lona.

Myrnin, que estava sentado no braço de sua cadeira, com seus pés confortavelmente numa almofada, olhou para cima. Ele estava lendo um livro através de finas lentes quadradas, que devem ter pertencido a Benjamin Franklin. “Bem, é claro que vai funcionar”, ele disse. “O que você esperava? Eu sei o que estou fazendo.”

Isso de um homem usando roupas de OMG, loja nenhuma, e suas gastas pantufas de coelhinhos vampiros. Ele cruzou seus calcanhares em cima do tamborete e as duas boquinhas vermelhas dos coelhos se abriram, revelando suas presas afiadas.

Claire riu, cheia de entusiasmo pelo que estava fazendo. “Eu não esperava qualquer outra coisa”, ela disse. “Quando é o almoço?”

“Vocês humanos, sempre comendo. Eu vou fazer sopa para você. Você pode comer enquanto continua trabalhando.” Myrnin deixou de lado seu livro e andou para trás do laboratório.

“Não use o mesmo béquero que você usou para os venenos!”, gritou Claire para ele, que sacudiu uma mão pálida. “Eu pretendia!”

Ela olhou de volta para a máquina. O flash de intuição se fora, mas a excitação permanecia e ela começou com os parafusos que seguravam a próxima parte.

Ela estava exausta, e não tinha ideia de que horas eram. Tempo não existia no laboratório do Myrnin. As lâmpadas sempre estavam acesas. Não havia janelas, relógios, nenhuma noção de quanto tempo ela estava debruçada nessa mesa, trabalhando. Pareciam dias. O único tempo que ela era capaz de situar era quando ia ao banheiro; mesmo Myrnin admitia que não achava que Amelie queria que ela fosse privada de privilégios fisiológicos.

Ele continuou trazendo suas xícaras com coisas. Sopa quando ela estava com fome. Café, sodas, um memorável copo de suco de laranja que tinha gosto de luz do sol — pelo menos, até onde ela era capaz de se lembrar da luz do sol.

Ela estava *tão cansada*. Dificilmente poderia continuar segurando as ferramentas, e suas mãos estavam dormentes e doloridas. Suas costas estavam em fogo. As pernas tremiam com o esforço de ficar em pé. Ela não podia trabalhar sentada, de tão alta que a mesa era, e quando ela tentava parar para sentar um pouco, Myrnin estava lá.

Dessa vez, enquanto ela avançava para a cadeira, ele de repente fez um som furioso e jogou a cadeira para longe, que voou pelo laboratório e caiu com um baque surdo.

“Não!”, ele gritou. “Fique acordada, você acha que eu gosto disso?”

“Eu não consigo!”, ela choramingou, e sentiu as lágrimas saindo de seus olhos. “Myrnin estou muito cansada, eu preciso sentar, por favor, me deixe sentar! Amelie não vai saber!”

“Ela vai”, veio uma voz vinda das sombras, de uma das portas do

armário. Claire piscou e se concentrou, e ali estava Oliver, inclinado na parede.

“Você sempre tem observadores, Claire. Você escolheu a punição, e agora você tem que sobreviver a isso. Pessoalmente eu acho que é improvável. Creio que você entrará em colapso assim que terminar o trabalho, e nós dois sabemos que Amelie não pode se permitir ser generosa com você. Se você falhar, será melhor. Nunca concordei com essa negligência sem sentido.” Ele soava conclusivo, e ainda chateado por ela não estar em uma gaiola, no meio da praça da Fundadora, esperando pela fogueira. Ela sentiu uma ânsia de ódio tão quente que a chocou. Se ela tivesse uma estaca ela teria usado nele, e nunca não importaria com as consequências. Ela voltou a trabalhar. Não sabia como, mas voltou, se concentrando tão furiosamente que cada parte estava queimando sua mente, cada superfície brilhante de metal.

Pode ter sido minutos depois, ou horas, mas ela estava ciente que Oliver tinha ido, e Myrnin também. Ele movimentou todas as cadeiras, e a distancia de alguns pés que parecia muito longe para tentar alcançar. Ela não tinha certeza seria capaz de fazer isso, mesmo que se atrevesse.

Myrnin estava andando do outro lado do laboratório, cabeça abaixada, braços cruzados. Ele parecia agitado. Sua roupa desenhava estranhas linhas ao redor dele, entalhando padrões de cor que pareciam flutuar como arco-íris oleosos.

Ele estava murmurando alguma coisa. Ela teve que se concentrar para escutá-lo.

“Nunca planejei isso”, ele estava dizendo. “Nunca quis que acontecesse. Não posso ficar parado aqui, vendo-a sofrer. Preciso fazer alguma coisa, alguma coisa... O que eu posso fazer? O que *eu posso* fazer...?”

Claire pensou que ele estava falando dela, mas então, ele parou e puxou um pequeno medalhão dourado de seu bolso. Abriu e encarou o retrato. Seu rosto pareceu tenso e torturado, ela já o vira assim antes, seu cérebro esgotado insistiu. De volta aos antigos dias ruins, antes que ele ficasse bom, ele tivera episódios como esse.

Não era sobre ela, de qualquer forma, era sobre Ada.

“Sinto tanto”, Myrnin sussurrou para a fotografia no medalhão. “Nunca quis que isso acontecesse. Nunca quis te machucar. Mas você estava tão

doente. E era tão *fácil*.”

Claire tentou se mover, e suas pernas ameaçaram falhar. Ela alcançou o canto da mesa por equilíbrio, e chutou o bēquer de vidro, que rolou e bateu no chão de pedra.

Myrnin zumbiu e suas presas apareceram.

Foi isto que aconteceu com a Ada, ela pensou, e sentiu uma sensação de terrível impotência por isso tudo.

Ela ficou doente e fraca, e ele não pode se ajudar. Bem como ele não poderia se ajudar agora.

Enquanto Myrnin andava na direção dela, ela viu a realização chegar nos olhos dele, expulsando toda a energia alienígena que estivera ali. Ele parecia apático. E assustado. “Claire?”

“Estou trabalhando”, ela sussurrou. “Estou tão ... não acho que consigo fazer isso. Realmente não acho.”

Ele hesitou, então veio para perto dela. A mão agradável do Myrnin se fechou em torno do pulso dela, puxando sua atenção de volta para ele. “Concentre-se”, ele disse a ela baixinho. “Você pode fazer isso. Estamos perto. Muito perto.”

Eles não estavam, não podiam estar. Ela pensava que entendia, mas ela estava *tão cansada*, que tudo estava misturado e confuso, e seus olhos doíam, suas costas doíam, e ela não conseguia sentir seus pés para *completar*.

“Aqui”, Myrnin disse, sua voz ainda gentil e baixa. “Amelie disse que você tinha que trabalhar. Ela não disse que você tinha que trabalhar sozinha.” Ele pegou a próxima parte e encaixou, pegou a chave-de-fenda dos dedos doloridos de Claire, e prendeu com um par de movimentos rápidos. “Eu serei suas mãos.”

Ela queria chorar, porque era doce, mas não faria nenhum bem. Ela não *podia* sequer pensar mais. Mesmo toda sua meticulosa rotulação parecia apenas um monte de peças de quebra-cabeça misturadas em uma caixa. Ela entendera como se encaixava, como incrível e lindo seria quando estivesse finalizado, mas... agora havia apenas ruído em sua cabeça.

Ela sentiu a visão começar a acinzentar e seu coração estava batendo alto e forte.

Myrnin a segurou pela cintura. Claire nem mesmo notou que estava perto de cair.

“Concentração”, ele disse a ela. “Você pode terminar. Está perto.” Ele soava um pouco desesperado. “Não faça isso Claire. Não me faça vê-la assim. É muito fácil para mim esquecer ... esquecer quem eu devo ser.”

Ela inspirou fundo e tentou — tentou ficar em pé sozinha. “Quanto tempo faz?”

“Quarenta e nove horas desde que você começou”, Oliver disse das sombras. “Myrnin eu não creio que Amelie quisesse que você realmente a segurasse.”

Myrnin soltou-a e andou para trás, culpa ofuscou em seu rosto. Ele assentiu e se moveu, fora de alcance.

Oliver observou-o com um tipo indiferente de calma.

“Admito que você fez melhor do que eu esperava. Você ainda pode escolher que um de seus amigos recebam o castigo por você. Não vou reclamar pela troca.”

Aquilo deu firmeza a ela; o pensamento de Eve, Shane ou Michael tendo que sofrer por ela — ou pior, sua mãe e seu pai — a fez encontrar os últimos resquícios de força que ela ainda tinha.

Quarenta e nove horas? O máximo de tempo que ela já estivera acordada foram umas trinta horas, e ela sentiu que estava morrendo. Ela ainda estava em pé, ainda funcionando, ainda pensando. Isso era algum tipo de vitória não era?

Myrnin pairou próximo a ela, sem confiar em seu equilíbrio, mas ela dificilmente percebeu. Claire se concentrou na máquina, nas poucas partes restantes. Ela tinha que entender isso. Precisava. E quando ela estava colocando um dos últimos pedaços no lugar ela viu o que estava faltando. “Instalação elétrica”, disse ela lentamente, sua voz soava fraca e estranha. “Daqui pra cá.”

Ela apontou os pontos de contato. “Deve trazer a corrente de fora para dentro.”

Myrnin se inclinou, franzindo a testa, e piscou para o local que ela estava apontando, pegou uma lupa enorme e olhou mais de perto. “Acho que você

está certa”, ele disse. “Continue Claire”, estamos quase lá.

Ela assentiu e agarrou os cantos da mesa. Seu corpo parecia pesar quinhentos quilos. Suas pernas estavam paralisadas. Ela não se atreveu a tentar levantá-las, ou ela sabia que ia cair.

Myrnin estava de volta em segundos com um rolo de fita isolante preta e uma pistola de solda. Ele quase queimou cabelo dele com aquilo, visto que ele estava tão perto, mas ele fez direito.

Claire agarrou as últimas duas partes — um mecanismo de relógio que se prendia em cima, e um conjunto de fiação elétrica que conectava nos tubos de vácuo — e os colocou no lugar. Myrnin finalizou, fixando-os.

E era isso. A máquina se estirou em uma série de sons atordoantes de curvas, cachos e mecanismos estranhos, germinando como raízes. Não parecia real para ela.

Nem para Myrnin, tampouco, enquanto ele se virava para ela com um brilho vermelho exultante no olhar.

“Acho que está feito”, disse ela. “Posso, por favor, me sentar?”

“Sim”, disse Oliver. “Acho que é melhor.”

Ela desmaiou.

Acordou com o som de um telefone. Ela conhecia aquele som, era o toque que ela colocara para o Shane. Tentou alcançar o celular, mas sua mão parecia um balão e um milhão de quilos mais pesada que deveria.

Ela estava deitada na cama do Myrnin outra vez, cobertor até o queixo e enquanto ela tateou pelo telefone a porta se abriu e Myrnin entrou e agarrou o telefone, colocou uma mão em sua testa e disse. “Durma, está com febre.”

“Obrigada”, ela sussurrou. “Obrigada por cuidar de mim.”

Ele olhou para ela por um longo tempo e sorriu. “É bom não estar sozinho, pelo menos agora”, ele disse. “Desculpe-me por mais cedo — eu não estava em mim, você entende.”

Ela entendia, já tinha visto aquilo o bastante. Ela até entendia o que tinha o levado tão perto do limite — ele ser forçado a ver sua fraqueza aumentar, e exaustão e medo e o predador dentro dele acordou. Apenas como foi com Ada uma vez.

Claire teve mais sorte que Ada, mas se perguntava se Myrnin havia se

impedido... ou a presença do Oliver o havia alarmado, de qualquer jeito, essa foi bem perto.

“Você está se sentindo doente”, ela não quis ser ríspida, mas estava muito cansada para ser diplomática. “Quer dizer, como você estava antes?”

“Posso me controlar, apenas fico com mau humor, você sabe disso.”

“Você deveria me dizer se estiver com problemas.”

Ele sorriu, e não pareceu certo de alguma forma. “Claro, direi”, disse ele. “Agora descanse.”

Ela queria falar com Shane, mas não tinha certeza se podia manter seus olhos abertos tempo o bastante.

Myrnin não esperou pela resposta.

Ela estava afundando no sono enquanto ouvia a porta fechar e trancar. A próxima vez que acordou, sentia-se melhor. Quebradiça e faminta, mas viva, e *oh Deus*, ela precisava do banheiro.

Com sorte, Myrnin tinha um toilet pequenininho no quarto, ela saiu da cama, e gemeu, porque suas pernas pareciam como se imersas em chamas. Seus músculos ainda estavam trêmulos. Ela andou muito cuidadosamente, se apoiando quando pôde, e enquanto usava o banheiro, teve um vislumbre de como estava diferente.

Magra, com certeza, mas era muito bom estar acordada outra vez. Ah, e ela se sentia completamente imunda. Precisava de um banho, uma troca de roupas, e mais ou menos uma semana na cama, ela decidiu. Mas desde que nada disso iria acontecer agora, ela espalmou água no rosto, penteou com os dedos o cabelo, e rumou para a porta. Estava destrancada.

O laboratório parecia — bem — exatamente o mesmo, exceto que havia mais pessoas do que de costume. Myrnin, claro. Oliver estivera por perto, ou de volta; estava em pé ao lado, braços cruzados, com expressão de “*convença-me*” no rosto afiado. Ela reconheceu o outro vampiro, embora não soubesse seu nome. Às vezes ele aparecia para visitar Myrnin e Myrnin nunca o apresentara.

No outro lado da mesa, Amelie estava em pé, imaculadamente vestida em um casaco azul e saltos. Seu cabelo estava trançado em coroa outra vez. Claire se sentiu muito suja.

Todos eles paravam o que estava fazendo enquanto ela passou pela porta, e por alguns segundos, ninguém falou. Então Myrnin sorriu abertamente, e andou para o lado, e ela viu a máquina que eles construíram brilhando com uma luz azul. Os olhos dela se arregalaram.

“Está funcionando?”

“De fato está funcionando”, Myrnin respondeu. “Muito bom trabalho Claire. Conectei a interface. Olhe!” Ele virou uma tela de computador pra ela, e a máquina arcaica reluziu em marrom e dourado. Claire chegou mais perto para observar. Todos os impulsos que ela construíra funcionando perfeitamente. Ela se aproximou e tocou o botão “STATUS” Uma voz rouca e digital disse “As barreiras de Morgaville estão ativadas dentro dos parâmetros normais.”

“Mas — espere. Eu ainda não a programei”, Claire disse, “a parte física é uma coisa, mas você tem que programar.”

“Ah, eu já fiz isso”, Myrnin disse ainda sorrindo. “Tecnicamente você executou o que Amelie determinou. Não vi razão para atormenta-la com algumas instruções simples.”

“Mas... precisava ser sintonizada com uma mente especificamente de vampiro, e você me disse que—“

“Já foi feito”, ele disse. “Foi sintonizada com a minha. Apenas um modelo. Eu vou ajustar a programação enquanto nós prosseguimos.”

O cérebro *de Myrnin*. O cérebro brilhante, ardente e meio insano. Claire piscou e olhou para Amelie, que estava fazendo sua melhor pose de princesa do gelo.

“Myrnin é a escolha lógica”, Amelie falou. “Ele tem o talento natural de qualquer vampiro em Morgaville para influenciar humanos, apesar de que ele raramente escolhe usar. Ele não vai dirigir as ações da máquina, apenas providenciar um tipo de linha básica de leitura, que vai calcular apenas decisões.”

Claire não tinha certeza de como se sentia sobre nada disso. Myrnin não era um programador, e se basear em qualquer coisa do cérebro dele parecia loucura para ela. Ainda assim, o computador parecia muito seguro. Tudo estava funcionando. As barreiras estavam ativas. Todos os circuitos estavam

normais. Ela havia... terminado?

Deveria sentir como uma vitória, mas ela ao invés disso se sentia se faltasse alguma coisa. Como se algo não estivesse certo, mas ela não soube dizer o que podia ser. Era a voz, a voz do computador. Lembrava-a de... Ada. E era muito bizarro. Ocorreu a ela que Myrnin fizera aquilo para tê-la de volta só um pouquinho. Deveria parecer romântico, se Ada não tivesse dado tudo de si para destruí-los.

Amelie deu o braço a torcer o suficiente para sorrir para ela, enquanto se aproximava a primeira vez. Ela parecia muito jovem quando sorria, e até mais bonita. “Você se saiu muito bem”, ela disse. “Sei que exigi muito de você, e sei que você não vai me perdoar por oferecer escolhas tão difíceis, mas eu tinha que pensar na cidade, e foram pressões que você nem pode imaginar que nos forçaram a essas medidas drásticas. Tinha plena confiança que você conseguiria.”

Claire sentiu-se meio deselegante e ruborizada. Ela ainda se ressentia por ser obrigada a isso; Ela *realmente* odiava o jeito indiferente que Amelie tratava seus amigos e família. E ela, ao menos nesse momento, não se importava em ser legal, então ela disse, “Nunca mais faça isso de novo. Nunca mais ameace as pessoas que eu amo.”

Os outros vampiros — mesmo Myrnin — pareceram desconfortáveis, chocados, ou completamente zangados (Oliver). Não Amelie, no entanto. Suas sobrancelhas se ergueram. “As pessoas que você ama estão em risco constantemente, tanto como todas as pessoas em qualquer lugar. Até as minhas. Você deveria aceitar o fato, Claire. Eu sou apenas uma das coisas que ameaça a vida deles. Tanto como eles às vezes ameaçam a minha. É desse jeito que a vida é.”

Claire considerou erguer o dedo, mas ela não era como Shane. Não podia deixar isso sair. Ela deveria apenas respirar fundo entre as ânsias de fúria que faziam círculos vermelhos ao redor de seus olhos, até que isso parasse.

Amelie deveria saber que ela não estaria agradecida; ela acenou para os outros, se virou e saiu. Ela não estava sozinha, Claire percebeu. Seus dois guarda-costas habituais estavam com ela, em pé na sombra, e eles seguiram seus passos fora do laboratório.

Restavam Myrnin, Oliver, e o outro vampiro, que olhava cadavericamente em direção a ela.

“Frederick Von Hesse”, o vampiro falou, no que deveria ser um sotaque alemão. “Um prazer ser apresentado formalmente a você. Esse é um trabalho impressionante. Diga-me, como você chegou a entender tanto de artes herméticas?”

“Eu não entendo”, ela disse. “Boa parte disso não faz nenhum sentido.”

Oliver riu — realmente riu. “Eu gosto dessa nova Claire”, ele disse. “Você deveria trabalhar duro assim com ela sempre, Myrnin. Ela é interessante quando é sincera.”

Claire, tomada pelo espírito da Eve, levantou o dedo para ele. O que o fez rir outra vez, balançou a cabeça e subiu os degraus. Foi-se.

Deixando-a com von Hesse e Myrnin, Von Hesse tinha alguma pequena semelhança com Oliver, ele também parecia um hippie velho, mas era mais pelo fato que seu cabelo também era loiro, nos ombros, e crespo. Ele parecia mais velho que a maioria dos vampiros, com uma face alinhada e olhos azuis abatidos, mas ele tinha uma ótima tentativa de sorriso, “Sinto muito”, ele disse. “Não quis ofender você.”

Claire suspirou. “Você não ofendeu.” Por alguma razão, era difícil para ela ficar nervosa com Von Hesse.

Oliver, tudo bem, mas esse vampiro parecia um pouco... nervoso? Frágil, talvez. “Sou Claire.”

“Sim, sim, claro que é. Você fez uma coisa incrível, Claire. Realmente impressionante.” Ele parou perto da mesa, admirando a máquina reluzente. “Nunca pensei que seria possível sem uma interface orgânica—“

“Por favor, não comece com os cérebros de novo”, Claire disse. “Estou cansada, vou para casa, tudo bem?”

Myrnin, que não havia dito muito, de repente alcançou-a e apertou seus braços ao redor dela. Ela ofegou, chocada, e por um segundo de pânico, se perguntou se ele de repente decidira morder seu pescoço... mas era só um abraço. Seu corpo era frio contra o dela, e de um jeito muito *próximo*, mas então ele a soltou, e andou para trás. “Você fez muito bem. Estou extremamente orgulhoso de você”, ele disse. Havia um toque de cor em suas

bochechas pálidas. “Vá para casa agora. E tome um banho. Você cheira como se estivesse morta.”

O que, vindo de um vampiro, era muito intenso.

“Posso pegar o portal?” Claire moveu a estante e destrancou a porta na parede, abrindo-a, e se curvou tão baixo que praticamente raspou o chão. Ele também colocou o telefone dela no bolso do short. Claire deu um passo e se concentrou com o foco na sala de estar da Glass House. Ninguém estava acordado ainda, ao que parecia. Ainda estava escuro fora da janela. Antes ela parou no portal, olhou para Myrnin e disse, “Obrigada por cuidar de mim.”

Ele sorriu fracamente, mas de um jeito dolorido, “Eu não cuidei”, ele disse. “Coloquei você em risco, tudo por que eu faço o que Amelie diz. E sinto muito por isso. Mas ela estaca certa. Tinha que ser feito e tinha que ser feito rápido. Eu não conseguiria fazer sozinho, Claire.”

“Adeus”, disse Von Hesse, acenando. Claire acenou de volta, e entrou no portal.

Casa.

Ela respirou fundo e olhou atrás dela para ver o que parecia uma parede sólida. Ela devia ter sonhado tudo aquilo, exceto que ela ainda estava trêmula e se sentindo vazia.

A casa cheirava tão *bem*. Chili — o que era normal — e alguém deve ter posto roupa para lavar no porão, porque ela podia sentir o cheiro do amaciante. Mais do que de costume. O que era a marca do Shane.

Ela queria ir direto para ele, mas as escadas pareciam demais. *Deeeeeeeemais*. Ela dificilmente podia se manter em pé, quanto mais subir.

Ela se permitiu andar para o sofá, afastando os controles do videogame, e cedeu, mas almofadas. Havia um lençol amarfanhado no meio da bagunça, e ela o apertou em torno de si, e imediatamente se sentiu melhor. A salvo.

Ela se enrolou embaixo do lençol, encontrou o celular que tinha no bolso, e discou para Shane.

“Lô?”, ele tossiu e tentou outra vez. Sua voz era rouca e baixa. “Alô?” Ele deveria ter olhado para a tela, porque de repente soou acordado e alerta — e preocupado. “Claire, onde você está?”

“Aqui em baixo, no sofá”, ela disse e gemeu. “Não posso subir, muito

cansada.”

“Fique aí”, ele desligou e ela ouviu o estampido de pés. Em apenas um minuto, Shane estava descendo os degraus correndo. Estava de jeans, mas isso era tudo... sem camisa, isso fez a aquecer toda, ao vê-lo daquele jeito. Ele parou perto do sofá, olhando para ela. Então se abaixou, para deixar seus olhos no mesmo nível.

“Ei”, ele disse. “Você tá bem?”

“Com certeza. Só cansada.” Como prova, ela bocejou outra vez. “Quanto tempo estive fora?”

“Eternamente”, Shane disse, e havia algo errado com sua voz; soava estranho e chocado. “Não faça isso de novo, ok? Me assustar fodidamente desse jeito. Nos deixar de fora.”

Ele empurrou o cabelo do seu rosto, ela o tocou, pra fazer o mesmo no cabelo dele. Seu cabelo estava realmente ficando no comprimento emo, ajudado pela preguiça e porque ele nunca queria cortar.

“Você não fez nada louco, fez?”, era difícil manter seus olhos abertos, mas tocá-lo era tão bom, tão maravilhoso.

“Michael teve que me bater algumas vezes para me convencer a não ir te resgatar.”, Shane encolheu os ombros. “Ele bate como uma menina, para um vampiro.”

“Ele estava tentando não te machucar, bobo.”

“É, eu sei. Afasta aí.”

Ela afastou, e abriu o lençol. Ele deslizou ao lado dela, virado para o seu lado, e beijou-a antes que ela pudesse protestar sobre precisar de um banho, pasta de dentes e essas coisas.

Ele a envolveu nos seus braços, tão perto, e ela sentiu sua respiração levantando o cabelo dela. “Você está segura agora”, ele disse. “Você está segura.”

Ela caiu de novo, em segundos, em um sono profundo, quente e sonhador, se sentindo bem pela primeira vez pelo que pareceram anos.

CAPÍTULO

SETE

Eve acordou todo mundo quando desceu saracoteando pela escada às dez da manhã. Shane resmungou, rolou, e caiu do sofá com um estampido, emaranhado no cobertor. Eve parou nos degraus e se inclinou no corrimão.

“Uau, Deus, isso foi impressionante. Você realmente aterrissou... Claire?”, ela piscou, e depois praticamente voou pelo resto dos degraus. “Claire! Você voltou! Você está bem!” Ela passou por cima do Shane, que ainda estava tentando se livrar do cobertor e puxou Claire para abraçá-la como uma boneca de trapo. “Estávamos tão assustados, não sabíamos como te resgatar — todo mundo estava procurando — Ela parou e segurou Claire com os braços levantados “Fum”

“É”, disse Claire. “Eu preciso de um banho.”

“Não acho que um banho cure isso. Talvez mangueiras de incêndio, e aquelas escovas que eles usam nos elefantes.” Eve parou e ofereceu uma mão ao Shane, que finalmente se desemaranhou.

“E por falar em elefantes, você soa como uma manada ao descer as escadas”, ele disse, “do que diabos são feitos seus sapatos? Cascos?”

“E bom dia para você, resmungão. Bela cabeleira.” Ele a afastou. “Sem café para você.” Eve se virou e abraçou Claire mais uma vez. “Tem certeza de que está bem?”

“Eu estou legal”, disse Claire e bocejou outra vez. “Estarei melhor quando estiver limpa.”

“É, realmente. Vou aprontar seu café da manhã.”

Shane agarrou a mão da Claire, ela sorriu para ele, um pouco tímida, porque o brilho em seus olhos queria dizer que ele estava pronto para alguma coisa, ou *pensando* em alguma coisa, mas ele finalmente balançou a cabeça e disse, “Vá, antes que eu faça algo que não devo.”

Aquilo soava interessante. Ela não estava *tão* cansada. Mas, eca, se limpar soava ainda melhor, então ela o beijou rapidamente e correu pelos degraus para o banheiro.

“Viu?” Ela ouviu Shane gritando na cozinha. “Ela não pisa como um estouro de manada.”

“Foda-se Collins! Sem bacon pra você também.”

As coisas estavam de volta ao normal. Claire suspirou de alívio, e sentiu algo que estivera comprimindo o interior dela começar a relaxar.

O banho fez tão bem que foi difícil sair, mas a água quase fervendo se convertera em água fria quando ela terminava o banho. O banheiro estava com tanto vapor como uma sauna, e Claire apreciou a sensação contra suas pernas, enquanto depilava suas pernas e aplicava creme, e se sentia humana de novo. Alguém bateu na porta.

“Estou indo, só um minuto!”, ela disse. “Estou quase acabando!”

“Mãe?”

Claire parou no ato de desembaraçar o cabelo e se virou para a porta. Ocorreu de repente, o calor do banheiro desvaneceu para longe, e o nó em seu estômago voltou.

“O que? Michael, é você?”

Quem quer que fosse não chamou de novo, e ela foi para a porta e encostou o ouvido dela na porta, sem ouvir nada. Bizarro. Muito *bizarro*.

Claire se vestira em suas roupas limpas, — jeans, uma camiseta laranja, e um top fininho e florido que ela comprou em promoção. Destrancou a porta e foi para o corredor. Vazio.

Abriu a porta toda, e saiu, acompanhada por nuvens de vapor. Todas as portas estavam fechadas, inclusive a porta de Michael no final do corredor. Ela não via nenhum sinal de vida aqui em cima, mas Eve e Shane ainda estavam gritando lá embaixo. *Esquisito*. Claire deixou a porta aberta e foi ao seu quarto pegar sapatos. Assim que abriu encontrou Michael de as costas

para ela.

“Michael?” Encontra-lo no seu quarto era mais que um pouco chocante. Ele era realmente bom em dar privacidade, mesmo que estivesse tecnicamente em sua casa; Ele sempre batia e pedia permissão antes de entrar, o que ele raramente fazia de qualquer forma. “Precisa de alguma coisa?”

Ele se virou lentamente para ela, ela estava cega de medo do que tivesse acontecido com ele, algum tipo de acidente, mas ele parecia... normal. Apenas um pouco pasmo.

“O que aconteceu aqui”, ele perguntou para ela. “Não deveria ser assim. Por que está assim?”

“Eu—eu não entendo. Parece tudo bem para mim. Quer dizer, desculpe-me pela cama, planejava arrumá-la quando subisse. O que você—?”

“Quem é você?” Michael a interrompeu e deu um passo para trás quando ela foi na direção dele. “Para. Fique ai mesmo. Quem diabos é você e o que faz na minha casa?”

A boca da Claire abriu e fechou, porque ela não fazia ideia do que responder. Ele estava brincando? Não, ela achava que não — havia uma confusão real em seu rosto, pânico de verdade em seus olhos azuis.

“Eu sou Claire”, ela disse finalmente. “Claire, lembra? O que está errado com você?”

“Eu não lembro—”, ele segurou um suspiro profundo, fechou os olhos, e serrou os punhos. Ela viu algo estranho passar por seu rosto, então ele olhou para ela outra vez, e era o mesmo Michael que ela conhecia. “Claire, ah Claire, sinto muito. Isso foi estranho. Acho... acho que estava sonâmbulo. Estava sonhando com três anos atrás, e meus pais ainda estavam aqui. Este costumava ser o quarto deles. Estava pensando em como era estranho que as coisas deles não estivessem aqui.” Ele riu, trêmulo, e secou a testa como se estivesse suando, apesar de Claire não achar que ele estivesse.

“Uau, não gostei, realmente foi ruim.”

Ela ainda estava assustada, por alguma razão. “Mas... você está bem agora?”

“Aham, eu estou legal”, ele disse e deu o sorriso ofuscante de Michael Glass que derrubava garotas a distancia. “Sinto muito se te assustei, cara, não

tenho sonambulismo há anos. Que estranho.”

“Você bateu na porta do banheiro”, disse Claire. “Você... respondeu como se eu fosse sua mãe.”

“Sério? Sinto muito, isso é ultrabizarro. Você é muito menor do que minha mãe.”

“Pirralho”, ela disse, com uma risada.

“Isso não são maneiras de conversar com um vampiro.”

“Pirralho chupador de sangue.”

“Melhor”, ele disse. “Não acredito que eu realmente vim para cá. Sinto muito mesmo. Não acontecerá de novo.”

“Tudo bem, você não podia evitar”, mas ela ainda o observou à distancia enquanto ele se dirigia corredor abaixo, até que eles estavam lá embaixo. Ter um vampiro fazendo alguma coisa estranha, mesmo que fosse Michael, dava a ela sérios acessos de arrepios.

Na cozinha, quando eles estavam todos juntos, tudo parecia bem. Michael era o mesmo, e Eve e Shane se atacavam com o mesmo tipo de crueldade amorosa que sempre faziam. Claire se encontrava fazendo nada além que observá-los, procurando por algo bizarro. Fora de lugar.

“Ei”, Eve disse enquanto colocava um prato de bacon com ovos na frente da Claire, na mesa.

“Fantasma do espaço. Você está por aí?”

Claire piscou e olhou para ela. Bem, Eve nunca a assustaria porque era sempre... Eve. Hoje seu lápis de olho era azul escuro, e pesado, e seu pó de arroz com batom azul provavelmente *deveriam* parecer esquisitos, mas ao invés disso, pareciam apenas fofinhos. E normais.

“Desculpe-me”, disse Claire, “ainda estou cansada, eu acho. Foi realmente muito difícil.”

“Desembucha. Me conta tudo”, Eve estava numa fase que queria comer tudo com pauzinhos chineses. Claire a observou abrir a embalagem, tirar as varetinhas de bambu, apertá-las juntas e enfiar nos ovos. “Você teve que fazer algo repulsivo?”

“Não a menos que você conte dormir na—”, ah, ela percebeu bem no fim da frase, que ela não deveria ir por ali, porque Shane e Michael se voltaram

para olhar para ela —“ahn, no laboratório. Não, não realmente.”

Eve encarou. “Você ia com certeza dizer “cama”.”

“Não ia!” Claire sentiu suas bochechas queimarem. “De qualquer forma, tudo que tive que fazer foi consertar algo, e então me deixaram dormir. Nada demais.”

“Nada demais? Você esteve por lá, por quase cinco dias, sem nenhuma palavra Claire. Você foi *sequestrada*! Até nosso companheiro ex-presidiário ficou impressionado.” Querendo dizer Shane, é claro, que já passara algum tempo atrás das grades de Morganville. Ele mal parou de pescar cebolas dos ovos dele para ela. “Se não tivesse sido por Michael e Myrnin...”

“Michael”, Claire disse, e olhou para ele. Ele estava balançando sua garrafinha de O negativo. “Pensei que você deveria ter ajudado a impedir Shane de fazer algo perigoso.”

“Não foi fácil”, disse Michael.

Eve concordou. “Ele ficou no pé da Amelie até que ela dissesse o que aconteceu com você, então ele não deixou Shane brincar de ninja para ir te resgatar.”

“Ei, você também!”, Shane protestou.

“É, eu também”, Eve disse. “Myrnin ligou também. Acho que ele pensou que iria nos tranquilizar ou algo assim, se dissesse que você estava acordada por quarenta horas, e não tinha desabado. Que grande tentativa. Ah, ele estava usando as pantufas de coelhinho? Me diz que ele estava usando as pantufas de coelhinho.”

“Às vezes”, Claire disse, e mergulhou em seu café da manhã; Estava bom, muito bom. Eve era especialista em bacon com ovos e coisas do café da manhã. “Vocês realmente iriam atrás de mim?”

“Vamos apenas dizer que os meninos tiveram sua briga por isso, e deixaram do jeito que estava.” Eve disse e piscou. “Diga-me que isso não a faz se sentir totalmente amada.”

Claire se sentia amada, e isso a fez ruborizar. Ela se concentrou na própria comida enquanto Michael, Shane e Eve pegaram seus lugares na mesa, e deslizaram para as outras cadeiras. Em algum momento, Eve chamou Shane de bobo. Shane chamou Eve de imunda. Manhã normal.

Michael, apesar disso, estava calado. Ele bebia da sua garrafa e observava-os sem dizer muito. Havia alguma coisa estranha sobre ele ainda, como se ele estivesse em pé fora de seu corpo, observando. Claire teve aquele sentimento outra vez, de nó nas entranhas. *Algo está errado.*

Mas ele parecia bem quando foi lavar a garrafa, e bem quando ele perdeu o arremesso da moeda. Na verdade ele estava assobiando enquanto esfregava os pratos, jogando-os para cima e pegando com a incrível habilidade vampírica.

“Show à parte.”

“Ei, ligeirinha, onde você está indo?” Shane perguntou enquanto Claire se direcionava para a porta. “Você acabou de chegar!”

“Preciso falar com Myrnin”, ela disse.

“Não, agora você não precisa. Você precisa voltar para a cama.”

“Valeu, *Papai.*” O que fez ela sentir uma pontada horrível de culpa. Porque ela não tinha nem ao menos ligado para seus pais, ou ido vê-los ainda. “Ah, sobre—”

“Sim, você sabe que tem que ver os velhos. Tudo bem, mas eu vou junto.”

“Shane, *você sabe* como estão as coisas para se arriscar.”

Ele suspirou. “Eu realmente sei”, ele disse. “Mas não vou deixar você passear em Morganville sozinha o dia todo.”

Ela parou e se virou para ele. Estavam sozinhos na sala, e ela pegou a mão dele. “Você sabe sobre o menino da fraternidade? Kyle?”

O rosto do Shane estava impassível, mas seus olhos eram quentes. “É, eu sei. Eles o colocaram em uma gaiola na Praça da Fundadora. O mundo continua, mesmo que nós, meros mortais não estejamos comprando ingressos para o churrasco. As pessoas estão furiosas. Isso pode ficar ruim, Claire. Não acho que Amelie entenda quão ruim.”

“Você acha que alguém vai tentar resgatá-lo?”

“Tenho certeza que alguém vai. Que porra, eu mesmo faria. Exceto que estava mais preocupado com você.”

“Shane, ouvi o que aconteceu. Ele e seus colegas da fraternidade bateram em um vampiro, então ele matou seu próprio Protetor quando ele veio atrás

dele.”

“É, bem, eu teria matado qualquer um deles se tivessem metido as presas na minha cara também.”

“Mas você não deveria deixar seus amigos chutarem alguma bunda estranha e roubarem; Eu sei que não deixaria. E Kyle era o líder. A verdade é, eu não acho que ele se importa com quem ele machucou ou matou. E não tenho certeza de que ele não era algum assassino a sangue frio, como seu Protetor.”

“Se você não tem certeza que ele era, então ele não devia estar em uma gaiola,” Shane disse. “Ela está indo longe demais. As pessoas da cidade tiveram um gostinho de liberdade agora, e eles não vão abrir mão disso facilmente.”

“Os vampiros não vão apoiar a mudança, tampouco. Pessoas vão se machucar se ambos os lados fizerem pressão.”

Shane assentiu lentamente. Sua expressão não mudara. “Nosso pessoal será machucado aqui, todos os dias.”

Não havia conversa com ele sobre isso, Claire percebeu. Shane era maleável com um monte de coisas, mas ele nunca, nunca, iria acreditar que vampiros punirem humanos fosse o certo. E ela não podia culpá-lo. Lembrou-se de como se sentiu horivelmente doente quando Shane estava em uma gaiola, esperando para morrer.

Agora Kyle estava lá, e sua família, as pessoas que o amavam, elas estava sentindo o mesmo horror. Mesmo que ele fosse um idiota total, isso era pior que punição. Era crueldade.

“Talvez devêssemos tentar resgatá-lo”, Claire disse. “Não parece louco?”

“Só, totalmente. Você sabe qual é a pena para quem liberta alguém da cadeia?”

“Ir para o lugar dele?”

“Bingo. E, desculpe, não vou arriscar isso. Você não é exatamente especialista em fugas.”

Ela estava um pouco aliviada, na verdade. “Talvez eu possa falar com Amelie. Tentar fazer a cabeça dela.”

“Viu, isso é mais a sua cara. Garota razão”, disse Shane. “Pais?”

Ela concordou e agarrou sua mochila do canto — força do hábito: ela não tinha escola hoje, mas o peso dos seus livros e todo tipo de porcaria que ela continha a fazia se sentir mais forte. Shane virou em direção à cozinha. “Ei, cérebro morto, estamos indo para a casa dos Danvers.”

“Ouvi isso”, Michael gritou de volta.

“Ponto, mano.” Shane ofereceu a Claire o braço dele e ela o pegou, então foram para a casa de seus pais. Era um bom dia para andar, especialmente com Shane ao lado dela. Na verdade poderia estar abaixo de quarenta graus e com nevasca, e ainda pareceria um bom dia com Shane, mas estava realmente lindo — ensolarado, não muito quente, nuvens livres percorriam o céu que parecia uma faixa enorme do horizonte a horizonte. Vento, é claro — como eles sempre pareciam ter em Morganville, mas estava mais para uma brisa que para um vendaval.

Ainda tinha gosto de areia, também.

“Quer um café?”, ela perguntou.

Shane balançou a cabeça e chutou uma garrafa do caminho. “Se eu ver Oliver vou dar um soco no meio do rosto dele”, ele disse. “Então não, dispense o café.”

“Está bem, sem cafeína para você também.” Não havia muito mais a fazer em Morganville além da lanchonete, de qualquer forma. Filmes não estavam rolando ainda, e eles eram muito jovens para bares, que não estavam funcionando ainda. Ela estava esperando adiar a inevitável tensão de levar Shane para seus pais, mas realmente não havia como fugir disto.

Ainda estava pensando no que diria a seu pai, quando Shane disse. “Ah, isso é esquisito.”

Havia algo em sua voz que a fez olhar para cima. Ela não viu nada fora do lugar por um segundo, mas então viu alguém sentado na calçada, cabeça baixa, ombros tremendo. Chorando.

“Devemos...?”, ela perguntou, Shane encolheu os ombros.

“Provavelmente não vai machucar. Talvez ele precise de ajuda.”

Era um ‘ele’, um menino da escola usando uma blusa preta de malha, chinelos e jeans. Claire já havia o visto antes... era o menino do Prédio de Ciências. O que havia dado o panfleto da rave. Alex? Ela pensou que seu

nome era Alex.

Enquanto se aproximavam, ela sentiu aquele golpe de preocupação de novo. Alex não era o tipo de cara que chorava em público, como um garotinho de quatro anos, e, além disso, ele parecia realmente, realmente perturbado.

“Alex?” Claire soltou a mão do Shane e gesticulou para ele se afastar enquanto ela cruzava os últimos passos até o garoto. “Ei, Alex, você está legal?”

Ele ofegou, e enxugou seus olhos, piscando furiosamente. Então olhou para ela. “Deixe-me em paz.”

Havia muita ferocidade na voz dele, então Claire instintivamente levantou as duas mãos e deu um passo para trás.

“Tudo bem, desculpe-me, sou Claire, lembra? Do Prédio de Ciências? Eu só queria ajudar.”

Ele pareceu confuso então, tanto quanto estava furioso. Ele se levantou, e olhou em volta, e então, para Claire e agarrou o braço dela. Seus olhos eram selvagens. “Quem é você?”, ele disse. “Onde estou?”

“Ei, cara, solte-al!” Shane se aproximou e retirou a mão do Alex dela. “Calma, ela estava tentando ajudar ok?”

Aquilo pareceu deixá-lo mais zangado. Alex gritou na cara deles. “Onde eu estou?! Como cheguei aqui!?”

Shane olhou para Claire e fez mímica de bêbado, então balançou a cabeça. “Deve ter vindo de alguma festa”, ele sussurrou. “Quem é esse cara?”

“Só alguém da faculdade.”

“Ei!”, Alex estava gritando de novo, ficando vermelho. “Você me diz como eu cheguei aqui, ou eu chamo os policiais!”

“Ahn...” Claire apontou para trás dele. Um quarteirão além estava os portões da TPU. “Você não está exatamente perdido. Não sei como você chegou aqui, mas tudo que tem que fazer é dar a volta e ir para o dormit—”

Alex olhou por cima do ombro, então virou a cabeça de volta para olhar para ela. “Não sei que tipo de brincadeira louca você está fazendo, mas é melhor me dizer o que está *acontecendo agora*.”

“Ei, já chega, Para trás”, Shane disse, e tirou Claire do alcance. “Vá ficar

sóbrio, cara. E encontre alguma clínica, porque, porra.”

“Não estou bêbado!”

Shane guiou Claire para longe, então atravessou a rua. Alex apenas ficou lá, gritando como um louco. Shane sacudiu a cabeça. “Cara, esse povo da fraternidade realmente acaba com a própria vida.”

“Não acho que ele estava bêbado”, Claire disse duvidando. “Ele não parecia bêbado.”

“Claro, porque você é especialista nisso. Shane mandou um olhar irônico para ela, e ela lembrou com um flash de vergonha, que ele era *especialista naquilo*. Seu pai era um bêbado, então teve sua mãe, até o fim. Shane não era exatamente um santo tampouco. “Ok, talvez ele não estivesse bebendo, mas ele estava definitivamente doidão. O que esses garotos estão cheirando hoje em dia? Deve ser metano.”

Bem, Claire não sabia muito sobre drogas, não que ela fosse pudica, mas ela apenas tinha medo de qualquer coisa que pudesse mudar o jeito que ela pensava. “Este é seu cérebro com drogas” e tudo isso. “Ele provavelmente precisa de ajuda”, ela decidiu, e ligou para o telefone da Oficial Moses. Ela contou a Hannah sobre o garoto, sentindo que talvez ela tivesse seus próprios negócios, mas ainda assim Aquele não era o Alex que ela conhecera no campus.

Enquanto soltava o telefone, Claire se lembrou daquela voz — a voz do Michael — pela porta do banheiro. ‘Mãe?’

Ela sentiu um arrepio daquilo.

Mas realmente, era um lindo dia, e ela não sabia por que estava se sentindo tão esquisita.

Visitar seus pais era tão embaraçoso como Claire imaginava.

Primeiro, sua mãe abriu a porta, uma expressão de prazer em seu rosto enquanto ela via Claire, então imediatamente escureceu para um bem vindo forçado, quando ela visualizou Shane atrás da Claire. “Claire, querida, estou tão feliz que você esteja aqui! e Shane, é claro”, de algum modo, a última parte pareceu totalmente mentira.

“Entrem, estava limpando a cozinha. Estou fritando frango para o almoço, podem ficar?”

Aquela era sua mãe, ainda assim, oferecendo comida em segundo plano. Fazia Claire se sentir em casa.

Ela deu um rápido olhar para o Shane, e então disse. “Bem, na verdade já temos outros planos mamãe, mas obrigada.”

“Ah, é claro.” Sua mãe estava parecendo melhor esses dias — não tão magra e atormentada como quando vieram a primeira vez para Morganville. Na verdade, ela parecia como se tivesse ganhado peso, o que era bom, e ela estava se vestindo um pouco menos como as mulheres daqueles filmes em preto e branco, que usavam pérolas para aspirar a casa — mais normal. Claire realmente gostou da camisa dela.

“Como está o papai?”, Claire perguntou enquanto seguiam pelo hall e viravam a direita para ir para a cozinha. Era exatamente o mesmo layout da Glass House, visto que ambas eram Casas da Fundadora, mas a casa Danvers tinha uma entrada aberta para cozinha, e sua mãe havia pintado com amarelo solar, o que animava bastante. Eca, ela ainda gostava de patos, a propósito. Um monte de cerâmica de patos. Bem, pelo menos não eram as cerâmicas horrorosas de galo. Era uma memória terrível.

Claire e Shane pegaram cadeiras na pequena mesa da cozinha — um pouco melhor que a mesa batida da Glass House — e sua mãe se agitou ao redor com xícaras e pires (Shane segurou um pires como se nunca tivesse visto um) serviu-os de café.

“Mãe, como está o papai?”

Sua mãe serviu café sem encontrar seus olhos. “Ele está fazendo tudo certo, docinho. Gostaria que você viesse nos ver mais.”

“Eu sei, sinto muito, fiquei... meio ocupada esses dias.” Sua mãe se endireitou, franzindo a testa.

“Algo está errado?”

“Não.” Claire sorveu café, que estava muito quente e sua mãe nunca fazia forte o bastante. O sabor era parecido de café com leite. “Não ainda. Havia alguma encrenca na cidade, isso é tudo.”

“Claire matou um vampiro”, disse Shane. “Ela teve que matá-lo, mas poderia ter ficado ruim para ela com Amelie. Por isso, ela teve que fazer um trabalho para os vampiros que quase a matou.”

Ela não podia *acreditar* que ele havia soltado aquilo. Shane levantou as sobrancelhas para ela em um silencioso ‘O quê?’ como se não pudesse acreditar que ela não contaria.

Sua mãe apenas parou ali, a boca aberta, segurando a cafeteira.

“Não é tão ruim”, Claire disse rapidamente. “Eu apenas estava tentando ajudar algumas pessoas que estavam em problemas, inclusive Eve. Apenas ficou... bem, ficou bem no final.”

Pior *discurso da vida*. E não pareceu convencer sua mãe também.

“Senhora Danvers”, Shane disse, e levantou sua xícara para colocar mais café, com um sorriso que, Claire pensou, ele aprendera com Michael; até sua mãe se aqueceu com ele.

“O ponto, é que Claire fez algo realmente corajoso, e provavelmente muito importante, então você deveria se orgulhar dela.”

“Sempre estou orgulhosa de Claire.” E aquilo, pensou Claire, era verdade. Sua mãe estava sempre orgulhosa dela. Exceto, talvez, quando se tratava de Shane, é claro.

“Mas isso soa muito perigoso.”

“Shane estava comigo”, Claire disse, antes que ele pudesse abrir a boca outra vez. “Cuidamos um do outro.”

“Tenho certeza que sim. Ah, deixe me ver o que está prendendo seu pai. Não acredito que ele ainda não desceu para o café, é contra as regras físicas. Sei que ele está acordado.”

Sua mãe soltou de volta o pote de café e deixou a cozinha, em direção às escadas. Shane se inclinou para Claire e disse. “Isso não te dá um ‘deja vu’ de como as casas são?”

“É ‘deja vu’ e eu estou te odiando agora.”

“Por te dedurar para sua mãe? Espere até ouvir o que eu vou dizer para o seu pai.”

Pelo riso cínico em seu rosto, ela sabia no que ele estava pensando.

“Nem *mesmo* pense nisso.”

“Posso dizer a ele da vez que nós—“

“*Inferno*, não.”

Eles estavam murmurando, e a beira de risadinhas, quando um grito

cortou pela casa, como som de vidro estilhaçando. Claire soltou sua xícara e se pôs em pé, correndo pelos degraus; Shane estava só um par de degraus atrás dela, e a alcançou rapidamente enquanto saltava três degraus de cada vez.

A mãe da Claire não estava à vista, mas a porta do escritório do seu pai — que era equivalente ao quarto de Shane na Glass House — estava aberta. Claire se arremessou para ela e apoiou na abertura. Sua mãe estava de joelhos. Seu pai estava deitado no tapete, parecendo pequeno, fraco e frágil e ela sentiu absoluto terror disparar por ela como uma luz. Seus joelhos cederam, e ela sentiu as mãos do Shane envolver os ombros dela.

“Mãe?”, ela chamou em uma voz baixa e trêmula. Então suspirou, se recompôs, e correu os últimos degraus para perto de seus pais. Sua mãe tinha a mão pressionada no pescoço do pai dela, procurando o pulso, mas tanto quanto sua mão estava tremendo, Claire tinha certeza que ela não poderia dizer se encontrou. Ela olhou miseravelmente para Shane, que assentiu e se ajoelhou próximo à mãe dela.

“Deixe-me ver”, ele disse, e gentilmente afastou a mão da mãe dela, para sentir o pulso com a mão dele, dedos mais firmes. Pareceu levar uma eternidade, mas ele finalmente acenou, “Ele está bem, está respirando também. Acho que apenas desmaiou.”

A mãe da Claire estava chorando, mas Claire pensou que ela provavelmente nem deveria saber o que estava fazendo. Ela tinha uma expressão congelada, pálida, que devia ter estado mais assustadora no momento que ela gritou. “Ob-obrigada Shane. Acho que não devemos movê-lo.”

“Devemos virá-lo de lado”, disse Shane. “Posição de recuperação.”

A mãe da Claire olhou para ele assombrada, como se perguntasse como exatamente ele sabia tudo aquilo. Claire sabia, bem demais. Ele viera para casa e encontrara seus pais desmaiados, durante aquele tempo de pesadelo, que eles tiveram na estrada, fugindo de Morganville e das memórias. Procurando pelo pulso e respiração, e se assegurando que eles não se afofassem em vômito era apenas uma coisa normal a fazer, para ele. Shane rolou o pai dela de lado, e o ajeitou tão confortável quanto era possível, então se sentou e disse, “é melhor chamar uma ambulância. Você provavelmente vai querer que ele vá ao

hospital, certo sra. Danvers?”

Ela piscou e concordou lentamente, então levantou e usou o telefone para ligar 911. Enquanto ela fazia aquilo, Claire olhava para baixo, onde se encontrava o rosto pálido do pai dela. Ele parecia *terrível*. Agora que o choque da adrenalina estava passando, lágrimas ameaçavam drená-la, e ela não queria chorar, não podia chorar agora.

Sua mãe precisava dela para ser forte. O pai dela abriu os olhos. Suas pupilas pareciam enormes, mas então elas reduziram para o tamanho normal. Ver seus olhos abertos não a fazia sentir-se muito melhor, porque ele os olhava como se fossem estranhos. Mesmo Claire.

Quando ele tentou sentar, Shane colocou uma mão grande em seu ombro e disse, “Senhor, é melhor ficar deitado até a ambulância chegar aqui, tudo bem? Apenas descanse. O senhor lembra o que aconteceu?”

Seu pai piscou, muito devagar, e encarou o rosto de Shane. “Eu conheço você?”, ele perguntou. Soava... confuso. A garganta de Claire se apertou e esquentou, e ela lutou contra as lágrimas outra vez.

“Sim senhor, sou Shane, namorado da Claire. Conversamos semana passada sobre sua filha.”

Claire olhou para Shane então, era a *primeira vez que ela ouvia falar de qualquer conversa*. Não que isso fosse uma coisa ruim, mas ela não podia acreditar que ele saíra e conversara com o pai dela sem ela. O que era... uma coisa medieval a se fazer.

“Oh”, papai disse, e virou a cabeça dele para olhar para Claire. “Você é muito nova para estar namorando, Claire. Você deveria ao menos esperar alguns anos.”

Isso foi... impetuoso. E estranho. Ela piscou e disse, “Certo, papai, não faça— conversaremos a respeito disso mais tarde, certo?”

O tempo de resposta das ambulâncias de Morganville era rápido — além do mais não era uma cidade grande — então Claire não estava surpresa quando ouviu as sirenes a distancia. “Você vai ficar bem, Papai”, ela disse, e pegou suas mãos nas dela, “Você vai ficar bom.”

Ele tentou sorrir. “Eu tenho, não tenho? Preciso ver você ir para a faculdade.”

“Mas—“, *Mas eu estou na faculdade*. Não, ela deve ter entendido mal. Ele provavelmente quis dizer que queria vê-la *se formando na faculdade*.

Porque, de outra forma, que sentido isso faria? De qualquer forma, provavelmente era normal que ele estivesse um pouco confuso. Ele havia desmaiado; era quase certo que fosse seu coração, ela sabia que o médico cuidaria dele por um tempo. Talvez nesse tempo eles pudessem ajeitar isso.

“Eu te amo, criança”, disse ele. “Amo muito você e sua mãe, sabe disso, não sabe?”

Ele colocou a mão no queixo dela, e finalmente as lágrimas se libertaram, em uma bagunça quente e úmida em seu rosto. Ela colocou os dedos ao redor dos dele, “Eu sei”, ela sussurrou. “Não me deixe Papai.”

As sirenes da ambulância eram mais altas agora, bem na frente da casa, e a mãe da Claire se aproximou do Shane de novo, tocou o ombro dele e disse, “Você poderia abrir, querido?”

Ele havia ido em segundos, correndo pelas escadas, para a frente da porta. Não pareceu demorar para Claire ouvir o rangido do metal e de passos pesados, então o quarto estava lotado com dois grandes paramédicos, um homem, uma mulher, que moveram ela e a mãe dela para fora do caminho, para que pudessem entrar com seus equipamentos. Claire se encostou na parede, e agora que ela não tinha nada a fazer, começou a tremer como se fosse se despedaçar. Sua mãe passou o braço ao redor de ombros dela, e elas esperaram. Shane ficou no corredor, olhando. Quando Claire abriu os olhos e olhou na direção dele, ele balbuciou, “Aguenta aí”. Ela sorriu fracamente.

Os paramédicos falaram com o pai dela, depois falaram um com o outro, e finalmente a mulher se levantou e veio para Claire e sua mãe. “Muito bem, parece que ele está estável agora, mas precisamos levá-lo ao hospital. Eu vou precisar de alguém para vir e preencher a papelada.”

“Eu vou... vou pegar minha carteira”, a mãe da Claire murmurou. A paramédica mantinha o pai dela sentado outra vez, e estava medindo sua pressão. Shane saiu do caminho enquanto sua mãe saía para resolver suas coisas, e então veio para ficar com Claire. Ele pegou a mão dela, e a segurou firme.

“Viu, ele está bem”, disse Shane. “Talvez ele apenas tenha desmaiado.

Sorte ele não ter batido a cabeça.”

“Muita sorte”, Claire sussurrou. Ela não se sentia sortuda. Não por isso. Nesse momento, se sentia... amaldiçoada.

Enquanto eles ajudavam seu pai até esperar marca, ele olhou para cima, e ela se sentiu aliviada quando ele disse, “Shane, obrigado por estar aqui com minhas garotas.”

“Sem problemas”, disse Shane. “Melhoras, senhor.”

“Afastе suas mãos de minha filha.”

Os paramédicos riram e a mulher disse, “Acho que ele está se sentindo melhor. Você pode nos acompanhar ao hospital se quiser. Sua mãe pode precisar de você.”

“Eu vou”, disse Claire. “Shane—“

“Não vou te deixar. Você vai precisar de alguém para arranjar hamburguers, não vai? Eu sou o seu homem.”

Sim, ele era, ela pensou. *Definitivamente o homem dela.*

O hospital não era nem de longe o lugar preferido de Claire, mas agora que seu pai estava envolvido nos exames, definitivamente era pior do que o normal. Pelo menos quando ela fora a paciente, precisou apenas sentar e esperar.

Sentiu-se inútil. A mãe dela havia preenchido várias folhas e folhas de papéis, respondendo perguntas, fazendo ligações telefônicas, e tudo de útil que poderia, mas agora estava apenas sentada, encarando com olhos vazios a televisão no canto da sala de espera. Claire ficou lhe trazendo revistas. Sua mãe apenas olhava para elas, a agradecia, e as deixava de lado. Era horrível.

Michael e Eve apareceram algumas horas depois, trazendo pizza, que para eles fora muito bem-vinda. Padre Joe, da igreja católica local, apareceu também, falara com a mãe da Claire em particular. Eles rezaram também, Claire não tinha costume, mas se juntou a eles. Silenciosamente, seus amigos a acompanharam, e pareceu melhor tê-los com ela. Por fim, Michael se virou, e a abraçou, Eve fez o mesmo. Shane apenas ficou com ela, quieto e *ali*.

Oliver apareceu uma hora depois, e trocou olhares cautelosos com Padre Joe, parecia que os dois tinham aquela relação conturbada que era tão comum em Morganville.

Oliver não rezou, pelo menos não com eles. Ele andou direto para a mãe da Claire e disse, “sua filha presta um grande serviço para a cidade. Não haverá nenhuma cobrança para qualquer tratamento que seu marido possa precisar. Se for além do que os médicos daqui possam tratar, eu vou pessoalmente cuidar da papelada para que ele seja transferido para outra cidade maior. E você pode decidir se volta ou não, não faremos objeção.”

Aquilo foi... grandioso, de verdade. Claire sentou, pasma, e apenas olhou para ele. Ele não fez nada, além de ignorar o olhar dela, seus olhos luminosos estavam fixos na mãe dela, e havia uma gentileza incomum no modo como ele falava.

“Não sei o que dizer”, disse a mãe da Claire. “Eu te agradeço.”

“Minha palavra também é a palavra da Fundadora, se você precisar de qualquer coisa, entre em contato comigo imediatamente. Vou me assegurar que seja feito.” Ele hesitou, e depois disse, “Sua filha é impressionante. Difícil, mas impressionante. Não conheço bem você ou seu marido, mas imagino que você deva ser igualmente impressionante para ter uma filha assim.”

A mãe de Claire ergueu o queixo, olhou-o nos olhos e disse, “E minha filha?”

Oliver não hesitou. “A oferta não se estende a Claire. Ela deve ficar em Morganville.”

“Não vou deixá-la aqui sozinha.”

“Ela não está sozinha”, Oliver disse. “Difícilmente podemos afastá-la daqueles que cuidam dela, mesmo sob ameaça. E sua filha não é uma criança indefesa. Você vai ter que dar a ela sua própria vida, agora ou daqui há um ano, que diferença faz?”

Claire nunca havia visto sua mãe olhar daquele jeito — tão concentrada, aquela força, aquela determinação. Sua mãe a envolveu com os braços, segurando-a apertado, um abraço protetor.

“Não vou abrir mão dela para você”, ela disse. “Sei que Claire é capaz de se virar sozinha. Eu sei disso faz tempo. Mas ela é nossa filha, agora e sempre, e uma vez que meu marido melhorar, voltaremos por ela. Você não pode mantê-la aqui para sempre.”

Shane inspirou, e Claire sentiu o coração bater um pouco mais rápido.

Não, não mãe, não faça...

Mas Oliver não pareceu levar a mal. Inclinou a cabeça só um pouco e disse, “Provavelmente não. O tempo dirá. Mas você deve fazer a coisa certa por seu marido, minha senhora. Vamos fazer a coisa certa para sua filha. Por enquanto.”

Ele pegou a mão dela e balançou, então foi embora sem dizer uma palavra a Claire ou a qualquer outra pessoa.

Michael disse. “Alguém mais achou isso estranho?”

“Bem, pessoalmente acho que é inacreditável ele os deixar ir, mas estranho? Não muito”, disse Eve. “Por que eles não deveriam ir? Quer dizer, eles nem deveriam estar aqui para começar, Bishop os trouxe para cá, então Amelie simplesmente não os deixou partir pelas próprias razões dela.

“Eles não serão expulsos da cidade.”

“Ninguém é expulso da cidade”, disse Shane. “Ninguém normal, é claro.”

“Dizem que as crianças voltam.”

“É, meio que prova meu ponto.”

Claire não disse nada. Não podia pensar *o que* dizer, na verdade. Sim, ela queria os pais dela fora dessa bagunça, foi horrível quando eles foram sugados para isso, em primeiro lugar, e não houve um dia que ela não houvesse desejado um jeito de libertá-los, deixá-los em segurança e dar a eles uma vida de verdade em qualquer outro lugar.

Mas por outro lado, sua mãe e seu podiam estar... partindo. E ela não estava indo com eles; ela sabia disso. Mesmo que quisesse, Amelie não deixaria. Aquilo já era bastante claro.

Que a família dela pudesse voltar aqui, por ela, quando seu pai estivesse melhor — era esmagador e errado, e ao mesmo tempo, confortante.

Ela e sua mãe não falaram sobre isso, não ainda.

O resto da tarde passou devagar, e sem nada de excitante, ou mesmo uma nova informação. Claire caiu no sono deitada em uma cadeira, e acordou com Shane colocando um cobertor nela. “Shh”, disse ele. “Durma, você ainda precisa. Eu te acordo se algo acontecer.”

Ela sabia que não deveria, mas os últimos dias a consumiram, e ela não conseguia manter os olhos abertos, não importa o quanto ela tentasse.

Acordou com um choque, algum tempo depois — sem ideia de quanto — com o som de vozes altas.

Claire lutou para se desenrolar do cobertor e ficou em pé, procurando por perigo, mas não havia nada realmente visível na frente dela. Ah, era no corredor, ela viu pessoas correndo, inclusive dois seguranças fardados, armados.

“Que diabos?”, Michael ficou de pé mais rápido que Claire. Shane e Eve ainda estava tentando acordar de onde eles tinham cochilado nas cadeiras.

Sua mãe não estava em nenhum lugar visível.

“Está no corredor”, disse Claire. Michael se moveu para a porta, então balançou a cabeça.

“Algum cara louco”, disse ele. “Ele acha que é um médico daqui, eu acho, está gritando sobre como não seguiram suas ordens, a segurança pegou ele.

“Estranho.”

“Bem, é um hospital, pessoas não vem para cá geralmente por estarem saudáveis ou normais.”

Michael tinha razão, mas ainda parecia estranho. Poderia ter sido apenas por ela ter acordado daquele jeito, e geralmente a bizarrice decorrente dos últimos dias.

Tudo que Claire sabia, é que estava muito feliz que seus amigos estivessem com ela.

“Onde está sua mãe?” Shane perguntou.

Claire balançou a cabeça.

“Banheiro, talvez? É lá que eu quero ir.”

“Ah, eu também”, Eve disse, os garotos rolaram os olhos, como se tivessem combinado. “O quê? Isso é o que as garotas fazem. Vão.”

“Nunca faria isso”, Michael disse. “Não levem o dia todo.”

Eve pegou o braço da Claire enquanto andavam pelo corredor em direção ao banheiro. Sem mais gritos, então o cara louco havia sido detido e sido levado para os quartos, Claire achou.

Não havia muitas pessoas no corredor agora, e assim que ela olhou o relógio, percebeu por quê; eles estavam aqui por horas, esperando, ela dormiu

a maior parte do tempo. Sua mãe não estava no banheiro, mas Claire estava aliviada (literalmente) de estar ali mesmo assim. Ela e Eve fofocaram sobre nada, durante todo o processo, então Claire continuou falando enquanto Eve retocava a maquiagem, o que levou bastante tempo.

Finalmente, Eve encontrou os olhos dela no espelho e disse, “Você acha que seu pai vai ficar bem?”

Era uma pergunta direta, uma questão honesta, e Claire sentiu a respiração presa na garganta por um segundo.

“Não sei”, ela respondeu, honestamente. “Ele... tem estado fraco faz um tempo. Espero que isso seja uma coisa que eles possam consertar.”

Eve assentiu lentamente. “Oliver disse que eles podem sair daqui. Eles devem, Claire. Devem encontrar um daqueles lugares amáveis, e nunca mais voltar, como os pais de Michael. Fale com sua mãe sobre isso. Prometa-me.”

“Eu vou falar”, disse Claire e suspirou. “Obrigada.”

“Pelo?”

“Por não me dizer que tudo vai ficar bem.”

Eve parou a ação de passar batom. “Você tá me zoando? *É Morganville*. É claro que tudo vai ficar bem. Somos sortudos quando *alguma coisa* fica bem.”

Ela terminou o batom, fez um biquinho para o espelho, e disse, “Tudo bem, pronta.”

Quando elas deixaram o banheiro, viram, Michael, Shane no corredor, e a mãe da Claire e um médico de jaleco, que o nome estava gravado no bolso. Claire se apressou para alcançá-los, e Eve os alcançou alguns segundos depois.

“Papai?” Claire falou sem pensar. A mãe dela pegou sua mão.

“Seu pai está vivo”, disse o médico. “Ele tem um problema sério no coração, e eu já conversei com o Oliver para informá-lo que sentimos não podermos prestar ao seu pai toda a assistência que ele necessita. Eu gostaria de transferi-lo para um hospital em Dallas. Eles possuem os melhores especialistas e equipamentos para tratar dele lá.”

“Mas... ele indo...”

O médico — não era alguém que ela estava familiarizada, das várias estadias e visitas dela aqui — era velho, alto, com um longo e triste rosto e cabelos grisalhos. Ele não era amigável.

“Não posso dar a você uma boa estimativa das chances dele, Sra. Danvers. Apenas posso dizer que elas são piores se ele ficar aqui.”

A mãe da Claire, que tem recebido isso tudo em silêncio, disse, “Quando o transferirá?”

“Amanhã de manhã. Você poderá ir junto com ele.”

“Eu vou. Preciso ir para casa e colocar algumas coisas na mala. Claire—“

“Mãe, se você quiser eu vou com você...” Claro, Oliver não disse que *ela* podia ir, mas Claire não estava com humor para pensar nisso.

“Não, querida, não seria seguro para você tentar; ambas sabemos disso. Mandarei notícias quão logo chegarmos, e ligarei todos os dias. Assim que pudermos, nós voltaremos para cá. Certo?”

A mãe dela a beijou na testa e alisou seu cabelo para trás. “Fique aqui. Fique em segurança, com seus amigos. Ele está estável agora, e informarei te informarei caso precise ir para vê-lo. Não há como dizer quanto tempo levará.”

“Posso vê-lo? Antes de você o levar?” Claire pediu ao médico.

O médico assentiu.

“Ele está acordado. Você só tem dez minutos. Não o canse. Ele precisa descansar.”

“Quer que eu... “ Shane perguntou. Claire hesitou, mas sacudiu a cabeça. Não achava que Shane seria tranquilidade para o pai dela, não tanto que ele precisava.

O pai do quarto dela era silencioso e muito claro, embora tenham tentado torná-lo mais alegre com quadros nas paredes. Ele estava deitado encostado na cama, brincando com um controle remoto, e parecia melhor. Não bem, mas melhor. “Oi, querida. Sinto muito te dar esse susto.”

Claire riu, mas pareceu errado em sua boca. “Você está se desculpendo? Depois, você dirá a mamãe que você sente muito pela bagunça por cair no tapete.”

Ele reconheceu aquilo com um irônico sorriso torto em sua boca. “Então, eles estão nos levando para Dallas amanhã. Eu ouvi que eles disseram que nós não precisamos voltar.” O pai dela parecia ver muito além também, Claire pensou. Como ele podia ver além dela. “Mas você vai ficar aqui, não vai?”

“Não acredito que eles vão me deixar ir, papai.”

O pai dela pegou a sua mão. Os dedos dele estavam quentes e fortes, e ela estava muito feliz por sentir isso, após ter segurado ela mole e fria quando ele estivera deitado no chão. “Quero que você saia daqui, Claire. Quero você em segurança. Quero que continue com sua vida como planejou, vá para Universidade do Texas. É minha culpa que você veio para cá, você sabe: sua mãe e eu queríamos que você ficasse mais perto, e... aconteceu isso.” Ele deu um suspiro profundo. “Há um destino melhor para você. Foi isso que tentei dizer para você antes. Foi o que eu disse ao Shane, também.”

“Você quer dizer melhor que ele”, Claire disse.

O pai dela afastou o olhar. “Eu sei que você acha ser o mundo dele, mas ele não é o tipo de garoto que é correto para você, querida. Sei que ele possui um bom coração; vejo isso toda vez que ele olha para você. Mas ele vai te machucar no final, porque ele não é o tipo de garoto constante. Não quero ver isso ocorrer. Não quero que você fique aqui por ele e destruir suas chances.”

Claire levantou o seu queixo. “Não, isso não papai. Se eu ficar, não será por Shane.” Bem, era, em parte, ela não iria dizer isso *agora*. “Eu quis ir para Universidade do Texas porque era onde eu pensava que encontraria pessoas que poderiam me ensinar formas diferentes de pensamentos, me compreender, e trabalhar comigo. Encontrei isso aqui, em Morganville. Myrnmim faz isso. E ele tem muito mais a me ensinar. Ele é brilhante, papai. Ele não é como qualquer outra pessoa.”

“Claire—“

“Papai, você deve descansar.” Ela abaixou a cabeça, o queixo nas suas mãos. “Por favor. Preciso que você descanse, e preciso que melhore. Eu posso fazer isso. Sei o que estou fazendo agora, e sei que não é o que outras pessoas pensariam que é o correto, ou o que todos fazem. Mas é o correto para mim. Posso fazer a diferença. O que não posso é ir embora. Quero que você e mamãe vão embora daqui, fiquem em segurança, e confiem em mim, e algum dia vou fazer todas as coisas das quais você falou.”

Ele olhou para ela por um longo, longo tempo, e depois suspirou. “Essa é minha garota teimosa”, ele disse. “Venha me ver em Dallas. Prometa.”

“Eu prometo”, disse ela. Soou como Adeus, e ela odiou isso, mas ela

sabia que não podia deixar Morganville agora. Mesmo se Amelie pirasse e a deixasse ir... ela não podia *apenas ir embora*. O tempo passou mais rápido do que ela esperava, mas uma enfermeira veio e ficou para lá, claramente esperando para expulsá-la.

Claire levantou e beijou o pai dela. “Te amo papai. Por favor—”

“Eu ouvi você, sabe”, ele respondeu. “Quando você estava falando comigo no chão. Você disse, ‘*Não me deixe.*’ Mas eu estou te deixando, doçura.

“Não você vai estar a uma ligação de telefone”, ela disse. “Isso não é deixar, é apenas... mudar.”

Ela o beijou outra vez, e o olhar da enfermeira avisou que seu tempo acabara definitivamente.

Ela deixou o quarto se sentindo mais iluminada, de alguma maneira; ele parecia melhor, e soava claro. Iria ficar bem, ela podia sentir isso lá no fundo.

Todos eles estavam esperando por ela, todos os seus amigos, são mãe a encontrou, depois de um abraço e um beijo silencioso, para encontrar com o pai dela.

Shane a olhava com aqueles olhos calorosos — como os do pai dela — talvez um pouco mais profundos. “Você está bem?”, ele perguntou baixinho, enquanto pegava a mão dela.

“Estou bem”, ela respondeu, e inspirou tremulamente. “Meus pais estão saindo de Morganville. Era o que eu queria — mantê-los a salvo.” A euforia que ela estava sentindo ao sair do quarto do pai dela, estava desvanecendo agora, e ela estava trêmula outra vez.

“É bom, mas eu não achei que... eu não achei que iria sentir falta deles, se eles fossem embora. Isso é estranho? Mas eu vou. Tanto quanto quero que eles se vão... Talvez eu devesse perguntar para Amelie se eu posso ir com eles.”

“Você já sabe o que ela vai dizer. Olhe se eu pensasse que você poderia partir, eu seria o primeiro a te colocar no carro e te desejar uma boa vida.”, disse Shane. “Mas acho que nós dois sabemos que isso não é mais tão simples.”

Nada era, Claire pensou. Como o mundo havia ficado tão complicado?

CAPÍTULO

OITO

Eventualmente, todos eles foram para casa. Ou, pelo menos, na direção dela... Shane anunciou que estava morrendo de fome, e Eve concordou e Michael dirigiu o carro dele para uma das lanchonetes 24 horas de Morganville. A garçonete favorita do Shane era a Marjo, embora ela achasse que Marjo — a mais rude garçonete *sempre* — estava de folga, uma vez que uma mulher com o crachá de identificação HELENA veio para pegar seus pedidos.

Ela não foi tão rude como Marjo, mas ela não foi simpática também. Claire supôs que ser gentil era contra as regras. Ou talvez ser do turno da noite, trabalhar em uma lanchonete em Morganville as tornavam amargos.

A comida, porém, estava deliciosa. Hambúrgueres, batatas fritas e milk-shakes, embora Michael, deixou de lado tudo isso e pediu algo em cálice, algo que ela achava que não era sorvete. O restaurante estava lotado. . . com estudantes universitários, embora eles estavam desobedecendo o toque de recolher, assim como muitas pessoas quietas e pálidas que estavam sentadas em grupos e, quando eles olhavam para os humanos, tinham um brilho especial nos olhos.

Esta lanchonete, como o Common Oliver's Grounds, era um lugar onde as duas metades de Morganville tinham uma espécie de trégua não oficial. Além disso, quem não gostava de hambúrgueres? Os vegetarianos, Claire pensou.

Mas ela não sabia se havia qualquer vampiro vegetariano. Isso seria como um padre ateu.

Falando de sacerdotes, o padre Joe entrou e procurou por um assento. Michael fez um gesto para ele se aproximar, e ele se aproximou, parando para dizer Olá para as pessoas (e vamps) ao longo do caminho.

Padre Joe não era um homem muito alto, mas ele era... bonito. Eve teve uma vez uma queda por ele (E pelo jeito que ela estava olhando para ele agora, acho que ela ainda tinha). Ela culparia que era a batina. Claire pensou que era mais o cabelo ondulado vermelho e o sorriso bonito.

"Como está seu pai, Claire?" Padre Joe perguntou, antes mesmo de ele se sentar na cadeira que ele puxou. "Eu estava planejando visita-lo de novo hoje à noite antes de eu ir para casa."

"Ele está ficando melhor", disse ela. "Eles estarão indo para Dallas amanhã."

Padre Joe balançou a cabeça e olhou para Helena que veio para pegar o seu pedido. Sem surpresas, ele pediu um hambúrguer também. Claire se perguntou por que eles se davam ao trabalho de ter um menu. Ele pediu shakes de morango também.

"Vou manter o seu pai nas minhas orações", disse o padre, entregando o menu dele de volta. "E sua mãe, é claro. E você. Presumo que você continuará vivendo em Morganville?"

Claire suspirou. "Por enquanto, de qualquer maneira."

"Eu espero vê-la no domingo, depois, nos serviços da noite. Amelie vem com bastante frequência."

Huh, Claire nunca havia pensado que Amelie podia ser uma devota.

"E Oliver?"

Padre Joe riu, em seguida, tomou um gole do milk shake de morango que Helena deixou na mesa diante dele. "Oliver... diferenças teológicas com a Igreja Católica Romana. Ele assiste a um serviço mais não-denominacional que temos aos sábados. Embora normalmente ele discuta comigo sobre a estrutura."

Ela podia ver Amelie na igreja, mas *Oliver*? Sério? Isso era... novo.

Padre Joe deve ter visto a confusão no seu rosto, porque ele disse, "A maioria deles frequentam algum tipo de serviço. Afinal, nos tempos em que nasceram e viveram, a religião era uma parte vital da vida e da sociedade. É um

pouco menos hoje, mas para muitos deles, é extremamente importante que ainda sintam ter um caminho para conversar com Deus." Ele sorriu. "Mas, estou de folga agora. Assistiu algum filme bom ultimamente?"

"Não pergunte a Shane", Eve disse. "Ele tem um gosto horrível."

"Você está brincando? No último filme que eu levei você foi totalmente irado!"

"Se você quer dizer, me fez vomitar, então sim. Será que te mataria assistir a algo onde cabeças não explodem? "

"Provavelmente não, a menos que seja um daqueles filmes que todo mundo está vestindo saias e espartilhos e ninguém faz nada. Isso pode realmente me matar."

Eve olhou para Claire. "Sério? Ele está concorrendo para o pior namorado do ano?"

"Na categoria de completamente horrível", disse Shane, e roubando algumas das batatas fritas dela. Eve o apunhalou com um garfo, mas errou.

A campainha soou por cima da porta, e não era algo que Claire estava realmente prestando atenção exatamente; ela estava muito ocupada rindo. Mas algo sobre a mulher que entrou chamou a atenção dela. Talvez tenha sido porque ela era claramente uma vampira, e da maneira como ela se vestia e usava o cabelo, ela provavelmente que era lá anos 40. Ela parecia estranhamente fora do lugar aqui, onde a maioria dos vampiros se vestiam casualmente, roupas modernas, mesmo se os penteados deles parecessem um pouco duvidosos.

Ela olhou ao redor da lanchonete como se ela estivesse tentando localizar alguém. A garçonete Helena foi em sua direção, e deve ter perguntado se ela precisava de ajuda, porque a mulher focou-se sobre ela imediatamente.

E então ela a atacou. Apenas... olhou para ela e *a mordeu*. Foi tão rápido que Claire não teve reação, a princípio; que parecia ser totalmente aleatório, *tão errado* que seu cérebro insistia que ela não estava vendo isso.

Outras pessoas reagiram, embora. Padre Joe e mais uns; inclusive vampiros levantaram-se e correram para ajudar, e separaram a Vamp de Helena, que segurou a mão trêmula em sua garganta sangrenta. Seus joelhos dobraram, e ela caiu. Outras pessoas abaixaram para verificar se ela estava

bem, enquanto os outros vampiros continuaram a lutar com a estranha. Ela estava agindo como uma louca agora, gritando numa língua que Claire não reconhecia. Finalmente, eles conseguiram jogar a vampira pra fora, para noite.

Por alguma razão, Claire não tinha se movido. A maioria das pessoas não tinha. Talvez elas estivessem com medo de chamar a atenção. Ela se sentiu então, de repente, como um animal pequeno, indefeso em uma sala cheia de predadores.

"Uh, Mike?" Shane perguntou. "O que foi isso?"

"Eu não sei", disse Michael. "Mas isso foi estranho."

Helena estava bem, embora ela não estivesse se a vampira tivesse sido capaz de fazer pior com ela. Padre Joe ofereceu para levá-la ao hospital e o cozinheiro saiu da cozinha para manter a ordem e garantir que ninguém saiu correndo sem pagar. Ele era um vampiro, que por alguma razão, isso atingiu estranhamente Claire. Um cozinheiro vampiro apenas parecia... errado. Mas, novamente, eles realmente serviam *ótimos* hambúrgueres. Ser imortal lhe deu muito tempo para aperfeiçoar suas técnicas de grelha.

Depois que pagaram a conta deles e se dirigiram para a porta, Claire ouviu um dos vampiros dizer ao outro, "Você entendeu o que ela disse?"

E o outro vampiro disse, "Ela estava gritando que está tudo errado."

"O que está tudo errado?"

"Eu não sei", disse ele, e encolheu os ombros. "O mundo? Ela parecia que não batia bem da cabeça." E mais uma vez, Claire sentiu um arrepio.

Algo não estava certo em Morganville.

Ela apenas sabia disso.

Ela acordou cedo na manhã seguinte e sentiu como se ela pudesse dormir mais uma dúzia de dias.

Ninguém mais se mexia, e Claire decidiu não acordá-los, ela tomou banho e se vestiu tão silenciosamente quanto possível, e saiu furtivamente pela porta da frente enquanto a neblina ainda estava no chão, e o sol estava prestes a nascer.

Morganville a essa hora do dia — era assim, calmo, limpo de alguma forma que parecia em plena luz. Ela sempre achou que o início das manhãs era a melhor hora do dia.

Principalmente, porém, ela gostava do fato de que o nascer do sol fazia a maioria dos vampiros voltarem para as camas deles. Exceto Myrnin, que dificilmente parecia dormir.

Ela andava pelas ruas enquanto luzes se acendiam nas casas, carros começavam a se mover novamente, e as pessoas começavam seu dia como de costume. A equipe de construção tinha começado cedo a se ocupar, muitos caras com camisas de flanela, jeans, botas de trabalho e martelos e serras a luz da manhã. Isso parecia... novo. E bom.

Havia um carro estacionado no meio da rua à frente. Claire franziu a testa e começou a diminuir o passo — ele não estava estacionado; estava somente ali, bloqueando qualquer tráfego que poderia eventualmente passar por ali. Enquanto ela o observava, uma menina um pouco mais velha que ela — talvez 19 ou 20 anos — abriu a porta do lado do motorista e saiu. Ela estava ali ao lado do carro, olhando ao redor.

Era estranhamente familiar. Era como Alex, sentado ao lado da estrada, parecendo tão perdido.

Mas a menina estava claramente indo para algum lugar. Ela estava vestida para trabalhar. Claire podia ver um laptop e uma bolsa no banco do passageiro. E havia uma xícara fechada com lacre, emitindo o cheiro de café no ar a partir do suporte de copos na porta.

A menina avistou Claire, e acenou para ela. Claire hesitou, lembrando-se que tipo de recepção que ela teve com Alex, mas finalmente foi. Ela parou fora da faixa e disse, "Você está tendo problemas com o carro?" Porque isso fazia mais sentido, obviamente.

A menina olhou para ela e disse, "Eu não consigo encontrar o escritório da minha mãe."

"Eu... desculpe-me?"

"Eu sei que está aqui em algum lugar. Meu Deus, eu vou lá toda a hora! É ridículo! Olha, você pode me ajudar?"

"Uh... claro", disse Claire. "Qual é o nome do escritório?"

"Realty Landau."

Claire nunca tinha ouvido falar dele. "Você tem certeza que é por aqui?"

"Eu tenho certeza. Era ali mesmo. Mas o sinal desapareceu e não há

ninguém dentro. Eu tenho subido e descido a rua. Não há nem mesmo um sinal. É ridículo! Eu fui lá *ontem*!"

Um homem saiu de um outro edifício na rua, carregando uma pasta. A menina gritou para ele. "Ei, moço! Onde está o Landau Realty? Será que eles se mudaram?"

Ele hesitou, franzindo a testa, e depois andou, dobrando o jornal de baixo do braço.

"Como é?"

"Landau Realty", a menina repetiu. "Deus, realmente? Todo mundo ficou louco?"

"Você é... Laura, certo? filha da Íris?"

"Sim! Sim, Iris é a minha mãe." Laura deu um suspiro de alívio enorme. "Agora nós estamos indo para algum lugar. Olha, o escritório dela estava bem aqui, e eu não entendo..."

O homem estava olhando para ela *de forma extremamente estranha*. Ele também olhou para Claire, como se ela estivesse fazendo alguma coisa. Ela não tinha nenhuma pista. Finalmente, ele limpou a garganta e disse, "Laura, olha — eu não sei o que aconteceu, mas você *sabe* onde sua mãe está. Ela... ela morreu no ano passado. O escritório foi fechado. Eu assisti ao funeral. E você também."

Laura olhou para ele, de olhos arregalados, e sacudiu a cabeça. "Não. Não, isso não é verdade. Eu lembraria—"

Ela parou. Era como se alguém tivesse apertado algum botão na cabeça dela, porque de repente, ela parecia mais velha, e o rosto dela estava amassado com o peso da miséria.

"Oh, Deus", ela disse, e colocou as duas mãos à boca. "Oh, Deus, eu me lembro de que—, eu me lembro. O que eu estava pensando? Por que eu...? Oh, *Mãe*, Deus..." Ela começou a chorar e voltou para seu carro, batendo a porta.

O homem hesitou, depois decidiu que ele realmente não queria andar por aí e ser um ombro para chorar. Afastou-se rapidamente, como se aquilo fosse contagioso.

Claire hesitou. Ela *sentia* como se devesse fazer alguma coisa, mas de

repente lembrou-se de Myrnin, o laboratório parecia muito mais importante.

Sua consciência estava ainda em Laura Laudau assoando o nariz, limpando os olhos, dando partida no seu carro e indo rua abaixo, ainda chorando.

Algo estava errado, muito errado.

É a máquina, Claire pensou.

Tinha que ser a máquina.

Quando ela foi perguntar para Myrnin sobre isso, porém, as coisas não ocorreram como ela tinha planejado. Nem um pouco.

Primeiro, quando ela desceu as escadas, ela descobriu que as luzes estavam todas desligadas. Isso não era normal; Myrnin não tinha noção real de economia de energia, e ele não podia estar aborrecido para mudar as coisas se eles estavam de acordo. *Falha de energia*, Claire pensou, mas quando ela localizou um interruptor na parede e o ligou, todos os candeeiros nas paredes se iluminaram com uma luz reconfortante de ouro, espalhando cor e vida através da sala.

Myrnin jazia estendido sobre uma das mesas do laboratório, usando um roupão vermelho. Seus olhos estavam fechados e ele parecia... morto.

Dormindo? Mas Myrnin não dormia, não realmente. Ela o vira cochilar ocasionalmente, mas ele acordava pelo menor ruído.

Ela tinha acabado de descer os degraus e acender as luzes, e ele não se moveu.

"Myrnin?" Ela disse razoavelmente alto, mas ele não se mexeu. "Myrnin, você está bem?" Ela estava ficando com um sentimento estranho sobre isso. Ele parecia... um cadáver preparado para o sepultamento.

Depois do que pareceu uma eternidade, as suas pálpebras lentamente se levantaram, e ele olhou sem expressão para o teto do laboratório. "Acho que estava sonhando", disse ele.

A voz dele soava drogada e lenta. "Eu estava sonhando?" "Ele virou a cabeça e olhou para ela com os olhos luminosos." Achei que você tinha ido."

"Eu fui para casa", disse ela, e sua inquietude intensificou a um formigamento por toda sua pele. "Não se lembra?"

"Não", ele disse suavemente. "Não, eu não me lembro. Estou me

sentindo... cansado. Gostaria de poder dormir. Sono deve ser uma coisa muito agradável." Na mesma voz, distante contemplativa, ele disse, "Eu a amava, você sabe."

Claire abriu a boca, depois a fechou sem dizer nada. Myrnin não parecia bem de qualquer maneira. "Eu a amava e a destruí. Você nunca desejou que pudesse ter alguma coisa de volta, Claire? Alguma coisa terrível que você desejasse que nunca tivesse acontecido?"

Ele *realmente* não estava bem. Ela apenas sabia disso. Ela podia sentir isso. "Talvez eu deva chamar o Dr. Mills", Claire disse. "Ou Theo. Você gosta do Theo. Você pode falar com ele."

"Eu não preciso de um médico. Estou perfeitamente bem. Eu chequei meu sangue para detectar quaisquer sinais de degeneração, e eu estou livre de qualquer sinal da doença que nos afligia antes." Fechou os olhos novamente. "Estou apenas cansado, Claire. Cansado e... cansado de tudo. É um estado de espírito. Isso vai passar." Para provar isso, ele se sentou e pulou para fora da mesa do laboratório — de deprimido para maníaco em um pulo. Seu coração não estava nisso, mas ele esfregou as mãos e sorriu para ela. "Agora. O que você tem para mim, minha mecânica aprendiz?"

Ela odiava a dizer isso agora, porque ela sabia que era absolutamente o pior momento para tentar conversar com ele, mas ela não tinha escolha. "Eu acho que há algo de errado com a máquina", disse ela. "Eu acho que talvez tenhamos feito algo errado."

Seus olhos se arregalaram. "E por que você diria uma coisa dessas? Já verifiquei tudo. Não há nada de errado."

"Não é algo que é óbvio, é apenas—" Ela não conseguia pensar em como terminar a frase. "As pessoas estão agindo como loucas. Eu acho que é a máquina."

"Não seja ridícula, não é a máquina, não pode ser", disse Myrnin. "Não seja tão dramática, Claire. Pessoas em Morganville são estranhas. É realmente algo comum. Talvez seja raro ver tantos agindo estranhamente de uma vez, mas coisas mais estranhas têm acontecido aqui." Ele sorriu e estendeu as mãos. "Não há motivo para alarme."

"Bem — mas havia este garoto, Alex. Eu o vi ontem à noite Ele não sabia

onde ele estava. Foi realmente estranho, e ele estava muito chateado."

"Os jovens de hoje não procuram uma nova forma de destruir seus cérebros? Eles certamente o fazem, embora a maioria é com bebidas fermentadas e ervas exóticas. O jovem Alex certamente teve um apagão, que pode ser perfeitamente explicado pelo uso de drogas e álcool." Myrnin se virou para pegar os óculos dele de Ben Franklin, o equilibrou em seu nariz, e olhou para ela, dizendo, "Não use drogas. sinto que eu deveria dizer isso."

"Eu *não uso*", disse Claire, exasperada, e se sentou de frente a ele sobre uma pilha de caixas. "Ok, então, não importa o Alex. Michael realmente pensou que eu fosse a sua mãe! O quão estranho é isso?"

"Hmm. Menos explicável, mas quando isso aconteceu?"

"Ontem de manhã."

"Você nunca quis acordar e pensar que está em um lugar diferente, um tempo diferente? Acontece bastante com os vampiros, na verdade. Isso ainda acontece comigo, quando eu consigo dormir." Myrnin a estudou por alguns longos segundos.

"Ele está bem agora, eu assumo."

Claire hesitou, então assentiu. Michael estivera absolutamente normal desde então. Então, talvez isso fosse só coisa da cabeça dela. Pode até explicar a vamp na lanchonete, se os vampiros eram propensos ao sonambulismo... "Não, havia outro no hospital", Claire afirmou. "Ele disse que era médico, mas ele não era. Michael disse mais tarde que ele costumava ser um médico, antes de ele ter um colapso."

"Aha, um *ataque de nervos*. Acredito que poderia ser chamado de uma pista." Foi tão frustrante. Ela apenas sabia. . . mas os argumentos do Myrnin eram tão lógicos e práticos que se sentia estúpida. "E esta manhã", disse ela. "Laura Landau. Ela estava procurando pelo escritório da mãe dela. Mas sua mãe está morta a um ano. E Laura foi para o funeral e tudo mais. Era como se ela tivesse acabado de acordar e... esquecido. "

Isso fez Myrnin parar por um momento, pensando. Ele tocou o lóbulo da orelha dele, puxou-o e finalmente disse, "Eu reconheço que não tenho explicação para isso. Vou ver outro conjunto de diagnóstico e rever os logs, eu prometo a você, mas eu não consigo ver nenhuma maneira que esses

incidentes possam estar conectados com nossos esforços. A máquina é projetada para ter um efeito *fora da cidade*, e não do *lado de dentro*. Posso assegurar a você que, por mais estranho que isso possa parecer, poderia ser uma coincidência completa."

"Você tem certeza?", perguntou ela. "Você está totalmente certo disso?"

"Sim", disse ele. "Eu tenho certeza. Eu verifiquei tudo depois que você foi para casa ontem. E eu apenas fiz umas melhorias, apenas no caso."

A primeira parte a tranquilizou. A segunda parte... nem tanto. "Que tipo de melhorias?"

"Oh, nada, na verdade na maior parte apenas racionalização. Você realmente fez muito bem, eu certamente não quero que você pense que eu sou uma daquelas pessoas que tem que estar no controle de tudo e — Oh, bem, eu suponho que isso é verdade — eu tenho de estar no controle o tempo todo. Mas só porque eu sou o responsável, "A tagarelice maníaca dele não estava a enganando, havia um olhar estranho em seus olhos; algo estava fora sobre o comportamento dele, também. "Está tudo bem, Claire. Você deve ir embora e deixar isso para mim."

Ela ficou com um pouco de medo. "Posso dar uma olhada? Não que eu não confie em você. Apenas porque estou realmente preocupada com os meus amigos."

"Não sou seu amigo?", ele perguntou, baixinho. Havia uma luz fria em seus olhos, algo que parecia tão estranho para ela, era como vê-lo possesso. "Amigos confiam uns nos outros. Há nada de errado com a máquina. De fato, pela primeira vez em anos, eu realmente sinto... descansado. Eu me sinto *melhor*."

Mas, cinco minutos atrás ele disse que estava cansado. Isso a assustou. "Myrnin, você é meu amigo, mas alguma coisa está errada. Por favor. Deixe-me ver isso."

Ele pensou por um momento e depois assentiu. A luz fria foi embora dos olhos dele quando ele piscou, e sua linguagem corporal ficou mais tranquila e aí estava o Myrnin que ela conhecia. "É claro que você pode. Sinto muito. Eu não sei o que deu em mim. Bem, eu a transportei para o andar de baixo e a instalei ali", disse ele. "Eu vou mostrar para você só desta vez. Eu coloquei em

modo de segurança para protegê-la contra qualquer acesso não autorizado. Eu não quero você lá sozinha, tudo bem?"

"Tudo bem", disse ela. O "modo de segurança" era, sem dúvida, algo que iria comê-la ou queimar o rosto dela. Ela não estava ansiosa para ficar bisbilhotando no andar de baixo. "Eu não vou me sentir bem, até verificar por mim mesma."

Ele bateu a caneta dele nos seus lábios. "Eu ouvi que o seu pai está doente."

"Ele está no hospital. Eles... Eles estão transportando ele e minha mãe, hoje para Dallas, para um Hospital do Coração."

"E você ainda está aqui, falando comigo sobre todas essas vagas suspeitas", disse ele. "Eu achei que você estaria ao seu lado, ainda."

Ela se sentiu muito mal no instante em que ele disse isso, ela estava se sentindo culpada por isso durante toda a manhã, mas o pai dela tinha mandado uma mensagem as quatro horas e disse, *"Não há necessidade de vir, eles já estão me deixando pronto. Amo você, querida."* E ela mandou uma mensagem de volta assim que ela acordou, mas a ambulância já tinha saído.

"Ele já foi embora", disse ela. "E eu quero ter certeza que essa coisa não o tenha feito doente, em primeiro lugar." Isso foi um pouco mais do que ela tinha planejado, mas ela quis dizer isso.

Ele ficou a observando em silêncio e, em seguida abaixou a cabeça. "Talvez eu mereça isso", disse ele. "Eu não tenho sido eu mesmo; eu sei disso. Mas eu sei que a máquina está funcionando corretamente eu posso sentir isso. Você não pode?"

"Eu não posso sentir nada", disse Claire. "Eu gostaria de poder."

Ele abriu o caminho para o alçapão na parte de trás do laboratório, e ela ficou para trás, enquanto ele digitou o código e pressionou a mão no painel. A escotilha abriu com uma fuga de ar frio.

"Certo, aqui vamos nós", disse Myrnin e, sem qualquer aviso, agarrou-a, passou os braços ao redor dela, e pulou para a escuridão. Não foi uma longa queda, mas era um caminho muito longo para que ela saltasse sozinha. Myrnin aterrissou com uma meia sacudida. Por um segundo, ele continuou a segurando, o que a fez se sentir. . . estranha, em um monte de maneiras

erradas. E então, de repente, ele a soltou e foi de um lado ao outro na sala, ligar as luzes com um acionar do interruptor. "Eu realmente deveria instalar uma daquelas coisas maravilhosas. Você sabe, os que acendem as luzes quando você bate palmas?"

"Você poderia colocar sensores de movimento."

"E onde ficaria a diversão nisso? Aqui. Fique perto. Existem algumas coisas novas, coisas que não fariam bem a você."

Certo. Myrnin era o mestre do eufemismo, porque a partir do que Claire havia visto de seu teatrinho no andar de baixo, estava cheio de coisas que nenhuma pessoa sã iria querer usar. E agora havia *coisas novas*.

Claire ficou tão perto que podia muito bem ter ficado grudada com ele para sempre. Ele parecia estar de volta ao normal agora, o que foi um alívio.

No final de um longo túnel inacabado, em intervalos não muito regulares com grandes luzes espalhadas, abria-se em uma caverna grande que continha os restos mortais do computador que outrora Claire tinha conhecido como Ada. Ada era uma máquina, mas em parte vampira: ex-assistente de laboratório do Myrnin, e — embora Myrnin nunca tinha chegado a contar os detalhes — quase certamente a sua namorada, também, em alguns ponto. Mas Ada, como o resto dos vampiros em Morganville, havia contraído uma doença que tinha a feito enlouquecer lentamente — e ao contrário do resto dos vampiros, eles não tinham sido capaz de curá-la. Não tinha sido tanto a doença, Claire pensou, porque ficar presa dentro daquela coisa mecânica sem um corpo a havia deixado completamente louca, afinal. Ada se foi agora, mas todo o assunto sobre *ela*, *ainda* assustava Claire.

A impressão imediata dela, quando Myrnin ligou as luzes do teto da caverna, foi que Ada estava de volta. O emaranhado de tubos, fios, mangueiras, telas e teclados que estende-se por meia caverna estava trabalhando novamente, sibilando vapor, tilintando como suas engrenagens. As telas nas laterais estavam escuras. A do meio mostrou Claire personalizada na interface gráfica.

Como ela estudou, ela percebeu que as peças que ela e Myrnin tinham desenvolvido e testado foram caldeadas na máquina, logo abaixo do grande teclado estilo máquina de escrever, desajeitados. Líquido borbulhava. Vapor

escapava em nuvens de fumaças. Ela podia ver os ponteiros dos relógios girarem.

"Ela está funcionando bem", disse Myrnin, e caminhou para a tela. Era um grotesco toque estranho, fora de local, de alta tecnologia entre todos os latões e tubos. "Aqui, eu vou lhe mostrar". Ele habilmente trouxe o sistema registrado e marcado, e assim como ele disse, não havia nada de estranho. Bem, para uma máquina que estragava os motores dos carros ao comando, e mudava as memórias daqueles que passavam nas fronteiras da cidade.

Mudava as memórias. Alex tinha esquecido onde estava. Michael tinha a chamado de mãe. Laura tinha achado que a mãe dela ainda estava viva.

Claire sabia que ela estava olhando para o cerne do problema, qualquer que seja "o problema" que realmente significasse. Mas até que ela tivesse provas, provas sólidas, não havia nenhuma maneira de Myrnin acreditar nela. Ele estava se sentindo muito frágil.

"Você pode me mostrar que melhorias você fez a ela?", perguntou ela. Ele deu-lhe um carrancudo olhar, e ela forçou um sorriso. "Eu só quero aprender. Você sabe, entender o que eu fiquei por fora."

Isso o acalmou um pouco. Ele começou a tocar o mecanismo sob o teclado, em seguida, puxou para trás com um estalo. "Ah", disse ele. "Devo desativar a segurança... Dê uma volta, por favor. "

"O quê?"

"Vire-se, Claire. É uma senha de segurança!"

"Você tem que estar brincando."

"Porque eu iria brincar com isso? Por favor, vire-se."

Era estúpido, porque ela *sempre* pode descobrir as senhas de Myrnin, ela não achava que ele já utilizou mais de três, e todos eles eram ridiculamente simples. Ele não se lembrava da data de nascimento dele, por isso ele não a utilizava, mas ele utilizava o nome dele, o de Amelie, ou o da ADA.

Ela tentou contar os cliques da senha, mas os vampiros digitavam muito rápido.

"Feito", disse ele. Ela virou-se; nada parecia diferente. Ele apontou para uma pequena LED no canto do teclado. "O verde significa que ele está sem a senha de segurança. E o vermelho significa que ele está protegido. Não se

confunda." Ela suspirou e sacudiu a cabeça. "Me ocorreu que poderíamos controlar a reação dos nossos convidados de forma mais precisa", disse ele. "Eu instalei uma chave variável. Caso queira retirar mais de suas memórias você simplesmente a gira para cima. Ela pode ser direcionada para um indivíduo, você vê, ou definir como o campo geral em torno da cidade. Mas apenas fora das fronteiras."

"Quanto tempo é fixado agora?"

"Três anos. Segundo a minha pesquisa, a maioria dos que deixam Morganville fazem no prazo de três anos. Podemos, naturalmente, colocar certas pessoas contra os efeitos se alguém quiser."

Boca de Claire ficou seca. "Que tal a minha mãe e meu pai? Você retirou—"

"Oliver trouxe-me a renúncia ontem à noite, e eu programei como exceções", disse ele, e encontrou os olhos dela na luz fraca piscante. "Seus pais vão se lembrar de tudo. Isso é um risco, um risco grande. Seria mais seguro e amável, se eu tivesse sido autorizado a retirar essas responsabilidades deles."

"Eles não vão lembrar que eu estou aqui se você fizer isso, eles vão pensar—" Ela mal podia suportar dizer em voz alta. "Vão pensar que eu fugi. Ou que eu estou morta."

Ele ficou olhando nos olhos dela. Ela não conseguia ler sua expressão em tudo. "E você não pensa que seria mais amável, mais no final?"

"Não", retrucou ela. "Por que, você acha?"

Ele não respondeu, apenas deslizou para fora como consolo. Antes que ela pudesse sair, ele colocou em modo de segurança. O LED no teclado ficou vermelho.

"Não toque", disse Myrnin, e havia uma certa frieza em sua voz que ela mal reconheceu. "Só eu posso alterar a máquina a partir deste ponto. Eu não quero você aqui. Você entendeu?"

"Sim."

"De agora em diante, a máquina é da *minha* responsabilidade", disse Myrnin. "Só minha."

Isso não a fez se sentir melhor. Claire jurou para si mesma que ela conseguiria descobrir a senha. Ela *tinha* que entender o que estava

acontecendo, e de alguma forma, esta máquina era a chave.

Tudo parecia tranquilo no resto da manhã. Claire voltou para casa, depois de prometer ao Myrnin que ela levaria donuts no dia seguinte. Ela não viu nenhuma pessoa louca, ou mesmo confusa. Todos pareciam ter um propósito e entender onde estavam indo.

Seria possível que ela realmente só deu atenção demais a isso, porque ela estava assustada pelo destino do pobre condenado Kyle e tão cansada pela sessão do conserto brutal da máquina?

As coisas pareciam diferentes hoje. Melhor, de alguma forma. Ela se sentiu um pouco tola, realmente, depois ela parou em um par de lojas e conversou com perfeitamente normais (para Morganville) pessoas, que não pareciam ter notado nada de estranho em tudo.

Do lado de fora da livraria, ela viu um outro conhecido — e indesejável — rosto. Ele saiu da frente de um beco de frente a ela, mantendo-se as sombras, e ela parou de súbito e bruscamente, quando ela percebeu que estava diante de Frank Collins.

O Pai do Shane parecia o mesmo de antes — pálido, com aquela cicatriz desfigurando o rosto. Ela não podia dizer que ele estava pensando ou sentindo, mas ele parecia ameaçador como o inferno. Foi o seu padrão expressivo.

"Fique longe de mim", disse Claire, e começou a desviar dele. Ele deu um passo diante dela. Ela saiu do meio-fio para o sol, o que o deteve. "Só nos deixe em paz, ok?"

"Eu preciso falar com meu filho", disse Frank. "Eu preciso explicar algumas coisas. Ele confia em você."

"Sim, e eu não confio em você. Por que eu deveria?"

"Eu salvei a sua vida", disse Frank. "Isso deveria comprar alguns minutos do seu tempo."

"Bem, não", disse Claire, e continuou andando. "Não me siga mais."

Ele ficou ali observando-a ir, e quando ela finalmente olhou para o canto, ele tinha ido. Ela estremeceu. Havia algo felino sobre Frank Collins agora, algo que ela nunca iria querer enfrentar no escuro.

Ela decidiu não contar a Shane sobre nada disso.

Ela recebeu um telefonema de sua mãe quando ela entrou no portão da casa Glass, e sentou-se sobre os degraus quentes para falar. O pai dela estava nas mãos dos melhores médicos cardiologistas mais experientes do mundo. Ele estava descansando confortavelmente, e ela tinha ficado em um hotel próximo.

Oliver tinha enviado dinheiro que lhes permitia obter um apartamento até que seu pai estivesse bem, e então ele prometeu reembolsar o dinheiro que tinha gasto com a casa em Morganville, embora minha mãe estava ainda teimando em voltar logo.

Papai estava fora de perigo.

Parecia muito fora do personagem de Oliver para fazer algo agradável; Claire pensou que era provavelmente uma ordem da Amelie, e ela tinha feito Oliver fazer isso, porque ela queria que ele se lembrasse de quem estava no comando. Ela e Oliver foram muitas vezes assim — Oliver não era uma escolha confortável para o ser o segundo comando, mas ele era bom nisso. Ele só não achava que ele merecia ser apenas o segundo e Amelie tinha que vigiar sua retaguarda, sempre.

Foi bom ouvir o som da voz de sua mãe tão forte e confiante. Os pais dela não pertenciam a aqui. O estresse tinha ferido ao seu pai, e a sua mãe tinha... muchado, de alguma forma. Ela sempre foi forte lá fora, mas aqui ela parecia fraca e perdida. Foi o melhor. Claire tinha que acreditar que era o melhor.

"Se eu ir este fim de semana?", perguntou ela. "Para ver o papai?"

"Talvez dê-lhe mais uma semana, querida, ele ainda está passando por uma série de testes com esses novos médicos. Tenho certeza que ele gostaria de esperar e ver você uma vez que ele não está sendo puxado para novas aventuras da ciência a cada poucos minutos."

"Você está bem?"

"Claro que eu estou, Claire. Esta não é a primeira vez que ele esteve no hospital, e eu estou hospedada em um hotel muito agradável. Eles têm até um spa. Eu até estava pensando em ir receber uma massagem mais tarde."

"Você deveria", disse Claire. "Você realmente deveria. Você merece isso, mamãe".

A mãe dela riu um pouco. "Oh, querida, você é a garota mais doce do mundo." O riso desapareceu. "Eu odeio ver você ficar aí. Você se coloca tanto em risco. Mas eu prometo que vamos voltar para você. Eu não vou deixar você sozinha aí."

"Eu não estou sozinha, tenho muitos amigos e eu estaria muito mais em risco se eu tentasse sair. Você sabe disso. É melhor que eu fique aqui por um tempo. Eu posso aprender muito com o Myrnin, de qualquer maneira. Ele é melhor do que um elenco inteiro de professores do MIT." *Quando ele é sensato*, ela pensou, mas não disse.

"E o MIT não tem Shane", disse a mãe secamente. "Sim, eu sei. Acredite, eu sei. Quando eu conheci o seu pai teria feito qualquer coisa para ficar com ele. Todo mundo pensou que eu estava louca, também. Mas, querida, você tem que me prometer que vai me ligar todos os dias."

"Mãe! Todos os dias? Quantos minutos você acha que eu tenho sobre este celular?"

"Ok, então, uma vez por semana, não importa o quê. Se eu não ouvir de vo — "

"Eu sei, você vai enviar a Guarda Nacional."

"Essa é a minha menina", disse sua mãe, e fazia ruídos de beijinhos. "Eu amo você, querida. Fique segura."

"Você também", disse Claire. "Eu amo muito vocês."

Ela desligou e sentou-se ao sol por mais algum tempo, pensando. Sentia-se sozinha de uma maneira que ela nunca tinha se sentido antes, embora ela tivesse preocupada com seus pais, sentia-se como um fardo para seus pais aqui, havia algum estranho conforto sobre eles estarem fora da cidade.

Que ela não estava sozinha, para falar a verdade não.

Ela se perguntou se isso era o que parecia realmente, realmente crescer.

Estar sozinho.

Eventualmente, essa sensação desapareceu, principalmente porque o dia tinha uma aparência maravilhosa — estava deliciosamente quente sob o sol. Ela pensou enquanto arrastava uma cadeira de praia, ela a encostou num pilar na varanda, fechou os olhos, e tirou um cochilo.

Quando ela acordou, ela sentia cheiro de tacos. *Realmente* sentia cheiro

deles, como se ela estivesse dormindo em uma loja de tacos. Ela abriu os olhos para ver um prato debaixo do seu nariz.

Quando foi pegar, Shane o afastou.

"Compartilhe!" ela exigiu.

"Cara, você é uma namorada exigente."

Ela sorriu. Ele sempre a fazia se sentir tão ferozmente quente por dentro, quando o ouvia dizer isso: A parte da namorada — não a parte exigente. "Se você me ama, você vai me dar um taco."

"Sério? Isso é tudo o que você tem? Você não vai fazer coisas sexy e ilegais para mim por um taco?"

"Nem por um taco", disse ela. "Eu não sou barata."

"Eles são tacos de peito."

"Se você está falando."

Ele segurou o prato, e ela pegou um taco. Ele pegou o outro, deixou-se cair ao lado dela na cadeira, e mastigou em silêncio, aproveitando o dia. Ele trouxe Cocas frias também. Colocou o prato em cima dela e tentou roubar um segundo taco — ele trouxe seis. Quando ela foi para o terceiro, Shane pegou o prato e deixou de lado e a jogou na grama, e ela usou o seu impulso para mantê-los rolando até que ela ficou por cima.

Ele não lutou, exatamente. Ele pareceu surpreso, mas satisfeito. "Bem", disse ele. "Isso é novo. E agora, montadora?"

"Agora eu tenho o resto de seus tacos", disse ela, e inclinou-se para roçar os seus lábios devagar contra os dele. "E talvez a sua Coca-Cola. E talvez algo mais."

"O que mais? Você me tirou tudo. Eu não tenho sobremesa", ele murmurou. As palavras foram vindo de algum lugar no fundo de sua garganta, uma espécie de rosar que a fazia se sentir quente por dentro. "A menos que você estava pensando—"

"Eu não sei, o que estou pensando?" Ela sorriu lentamente, o olhou nos olhos, e sentiu-se absolutamente perversa. "Algum palpite?"

"Eu acho que só me tornei psíquico", disse ele. "Merda."

"Romântico."

"Você quer um encontro romântico?"

Ela colocou dois dedos nos lábios dele, ele silenciou, e, em seguida, beijou-o, longo e quente, com língua. Quando ela terminou, ela o deixou respirar. "Você estava dizendo?"

"Não tenho a mínima ideia", disse ele, e usou as duas mãos para segurar o cabelo em volta do rosto dela. "Como você consegue ser tão boa nisso?"

"Tive um bom professor."

"Melhor não ter sido Myrnin ou eu vou ter que chutar a bunda predatória dele."

"O imbecil, eu estava falando de você."

"Oh". Ele a beijou de volta, e de alguma forma eles rolaram de novo, e desta vez ela estava por baixo. Poderia ter se sentido asfixiada, mas ele era bom nisso. Só sentia-se. . . sexy. "Você está aprendendo isso agora?"

"Estou aprendendo o tempo todo."

"Bem, você é uma estudiosa." Ele arrastou um dedo pelo pescoço dela, na parte aberta da blusa onde o primeiro botão estava fechado. "Oh, caramba, me desculpe. " O botão escorregou para fora do buraco. "Sua blusa está aberta."

Ela olhou para baixo. A parte superior do sutiã de cor creme estava mostrando, mas apenas a parte superior. Não estava pornográfico ainda. Mas também não era censura livre, pois eles estavam do lado de fora e alguém podia estar caminhando e os ver. Aqui com ele, sentia-se como se houvesse nada no mundo inteiro, exceto os dois.

"Claire?" Shane disse. Seu dedo havia se mudado para baixo para tocar a pele na parte superior do sutiã. "Talvez nós devamos terminar nossos tacos lá dentro."

"E—"

"Eve e Michael estão no trabalho."

Oh. "Isso pode ser uma boa ideia, então."

Ele se levantou e a ajudou a se levantar, e recolheram o prato e refrigerante e entraram.

Melhor. Almoço. *De sempre.*

Claire passou o resto da tarde cantarolando por aí, ridiculamente feliz; quando Eve entrou em casa, ela colocou a bolsa dela em forma de caixão e

disse: "Você está despenteada. Se eu não fosse uma dama total, eu acharia que você e Shane—"

"Desculpe? Você é uma dama?"

"Eu comprei um título na Internet. Eu possuo uma polegada quadrada da Escócia, você sabe. E você está mudando de assunto." Eve deu a ela um sorriso afiado e agarrou a mão dela. "Me conte os detalhes."

"Eu *não estou* dizendo a você os detalhes."

"Claro que sim. Nós somos meninas. É o que fazemos!"

"Se fossemos homens, isso seria grave."

"Espere, me deixe verificar..." Eva segurou um telefone invisível no seu ouvido. "Não. Ainda somos meninas, e os Árbitros dizem que fazemos isso bem. Então desista, Danvers. Você parece sonhadora. Deve ter sido fantástico."

Claire *poderia* ter realmente dito a ela, pelo menos até as partes que a fez corar, mas então, Michael entrou pela porta da frente carregando seu violão, jogou as chaves na bandeja sobre a mesa do vestíbulo, e gritou: "Hoje é seu dia de fazer jantar Eve!"

"Ei!" Eve gritou de volta, e pisou no pé dela. "Péssima *hora* para entrar Michael!"

"Porque, vocês duas por acaso estavam se pegando—?"

"Cale a boca, *seu* pervertido."

"Não tinha como não pensar nisso", disse ele, e deixou-se cair na cadeira. "Eu estava falando com Shane, já que ele está lá fora heroicamente cortando churrasco por dinheiro. Ei, vocês notaram nada estranho acontecendo nos últimos dias?"

Claire esqueceu tudo sobre a diversão que ela acabara de ter tido, e focou no que ele havia dito. "Diferentemente do vampiro doido no restaurante, você quer dizer?"

"Sim, eu vejo o seu ponto, mas eu quero dizer... *Mais* pessoas agindo de forma estranha. Mais do que o habitual. Dois dos meus alunos não compareceram. Quando liguei para um deles, ele disse que não sabia do que eu estava falando, e que ele não estava aprendendo violão. O que é definitivamente estranho, porque ele já havia me pago para todo o mês."

Michael tinha notado. Não era coisa de sua cabeça. Claire engoliu em seco e olhou para Eve, que franziu a testa, também. "Eu acho que", Eve disse lentamente, e cruzou os braços sobre o preto e rosa listrado de sua camisa, com um crânio. "Quando cheguei ao café no campus. Havia uma garota andando por aí, perguntando a todos se tinham visto a sua companheira de quarto. O problema é que, ela não tinha uma companheira de quarto. Ela não tem uma, tipo, há anos. Mas ela estava descrevendo-a como se ela realmente existisse."

"Isso é o que eu estou falando." Michael assentiu. "Merda estranha. Encontrei com pelo menos duas outras pessoas hoje que pensavam estar a alguns anos atrás. Que tormento é esse?"

"Tormento", Claire disse suavemente. Seus pressentimentos só pioraram. O que quer que esteja acontecendo em Morganville, não era coisa só da cabeça dela, estava se espalhando.

Ela ia ter que recorrer a Amelie se Myrnin não aceitasse acreditar. Eles tinham que desligar o sistema, fazer um completo diagnóstico. Não havia nada mais a fazer. Amelie não iria gostar disso. Oliver *realmente* não iria gostar.

"Provavelmente não é grande coisa", disse Eve. Michael e Claire olharam para ela como se nunca a tivessem visto antes. "Eu quero dizer, é *Morganville*. Não é como se alguém aqui sempre estivesse fora dos limites da anormalidade. Quero dizer, até eu saio fora da normalidade mais de doze vezes por dia."

Michael se levantou, de frente para Claire. "Você sabe algo a respeito do que está acontecendo, não é?", ele perguntou, e ela viu um lampejo vermelho de vampiro nos olhos azuis dele — apenas uma faísca, mas o suficiente para deixá-la saber que ele estava falando sério. "Era o que você e Myrnin estavam trabalhando? É isso?"

"Eu não sei", Claire admitiu. "Mas eu vou descobrir."

Ela só não tinha ideia de como fazer isso sem a ajuda do Myrnin.

Quando ela se levantou, olhou o calendário e viu que havia outra reunião do Conselho prevista para meio-dia. Era a melhor hora, ela pensou, ela poderia provavelmente pedir ajuda a Richard e Hannah. Hannah provavelmente teria mais informações sobre a esquisitice do que ninguém. Amelie e Oliver teriam de agir.

Ir ao Conselho não era algo que a deixava animada. Ela tomou um banho, amarrou os cabelos com cuidado, vestiu sua melhor camisa preta e calças, e acrescentou o delicado colar de cruz que Shane tinha dado a ela e ela ainda usava um anel claddagh da sua mãe. Isso a fez se sentir mais forte.

Lá embaixo, ela ligou a TV enquanto ela comia o café da manhã — Tortilhas recheadas com ovos e salsa. Ela colocou no canal local de Morganville. Normalmente, ele estava cheio de propaganda da cidade, sobre como tudo era grande, mas hoje não, hoje, alguém decidiu colocar algumas notícias reais.

FAMÍLIA DE QUATRO PESSOAS MORTAS EM ASSASSINATO / SUICÍDIO

Claire engasgou com o café da manhã. Ela não reconheceu os nomes que brilhavam na tela, mas era horrível o bastante, afinal, as crianças tinham catorze e doze anos. O pai tinha surtado ontem, sendo internado em um hospício da noite para o dia, então foi mandado para casa.

Isso tinha sido um engano, e agora haviam mortos. *Crianças mortas.*

Claire ligou para o Departamento de Polícia de Morganville e pediu para ser encaminhada para a chefe Moses. Hannah não estava no escritório, mas encaminharam sua chamada para o carro patrulha dela. Ela parecia estressada. "O que foi Claire? É um dia agitado."

"Eu entendo, mas eu preciso ir no Conselho hoje. Posso ir com você?"

"Por que você quer fazer isso?"

"Porque eu preciso dizer para eles sobre o que eu acho que está causando estes problemas em torno da cidade."

Hannah ficou quieta por um momento, então disse: "Tudo bem. Vou buscá-la em meia hora. Fique aí. Não vá lá fora."

Claire sentiu uma pontada de inquietação. "Por quê?"

"As coisas estão piorando. Perdemos uma família inteira na noite passada, e há outros problemas em abundância. Apenas fique onde você está, tudo bem? Isso é importante."

"Eu vou estar aqui." Claire desligou e olhou para sua tela em branco de

telefone celular como se pudesse conter os segredos do universo. Então ela foi até a janela e olhou para fora.

Primeiro, ela não conseguia ver nada estranho em tudo, mas então ela viu luzes piscando, eram três policiais na rua.

Um deles estava *em chamas*. Como um vampiro que tivesse decidido dar uma volta durante o dia.

Claire se afastou da janela e se chocou em Michael, que estava atrás dela. Ela girou, bateu a mão no peito dele e o empurrou para trás. "Ei", disse ela bruscamente. "Michael? Pare com isso!"

Ele olhou para ela como se nunca a tivesse visto antes. "O quê?", ela exigiu. O coração dela ainda estava batendo com o choque. Ela estava esperando por ele para dizer *boo ou rir*, como normalmente.

Ele disse: "O que você está fazendo aqui?"

"Olhando pela janela?"

"Eu não sei o que você pensa que está fazendo, mas você não pode simplesmente..." Ele hesitou, e parecia vacilar um pouco, como se ele tivesse ficado tonto. "Não é pode simplesmente—"

"Michael?"

"Não se pode simplesmente entrar aqui e—"

"Michael!"

Ele colocou a mão na cabeça, como se estivesse ferido, e fechou os olhos. Então, ele tomou uma respiração profunda, olhou para ela e disse: "Oh, oi, você está aqui. Tem café?"

Ela apenas olhou para ele, tentando ver algum sinal de que algo mais estava acontecendo de errado com ele. Lembrou-se da vampira na Lanchonete — e como de repente ela saltou naquela pobre garçonete. Poderia acontecer com o Michael? Ela poderia acabar lutando com ele a qualquer momento? Não que ela seria capaz de lutar com ele. Michael era alto, forte, e muito, muito rápido. Ela teria uma melhor chance esmurrando um caminhão em movimento.

"Vou levar isso como um não", disse ele. "Ok, eu vou fazer o café. O que ocorre pela janela?"

Ela silenciosamente apontou para as luzes piscantes do carro da polícia.

Eles tinham jogado um cobertor por cima de quem estava em chamas. Michael olhou, e então disse: "O que você acha? Espionagem internacional? Laboratório de metanfetamina? Pessoas que deixaram Oliver puto esta semana?"

Ele parecia tão *normal* agora. E ele, obviamente, nem sequer se lembrava da tão pequena... falha técnica Claire limpou a garganta e disse: "Vou fazer café." Deu uma desculpa para se livrar dele, embora ele a seguiu até a cozinha. Ela pegou o filtro de café e começou a carregar a máquina, enquanto Michael pegou duas canecas e as colocou sobre a mesa.

"Hanna vem me pegar", disse ela. "Eu vou perguntar a ela sobre sua teoria de espões internacionais."

"Eu estou apostando em laboratórios de metanfetamina."

Claire despejou a água e ligou a máquina, que vaiou e borbulhou imediatamente a lembrando do eviscerado, zombie retrabalhado mecânico da Ada sob o porão do laboratório. "Você dormiu bem?"

"Sim, por quê? Você não?"

Ela tinha, mas agora queria rastejar de volta para a cama e puxar os cobertores sobre sua cabeça. "Teve... ah, você sonhou com algo?"

Agora ele realmente estava olhando para ela como se ela tivesse um problema mental. "Claro, eu acho. Por que você quer falar sobre meus sonhos, de repente? O que você sonhou? Eu deveria ter vergonha de perguntar isso?"

Ela estava esperando talvez ele casualmente dizer, *Sim, eu tive esse sonho estranho em que eu não te conheço*, mas em vez disso, ela o fez pensar que havia de algo errado com ela. Perfeito. A máquina de café começou a encher o pote, para o alívio dela. Michael era facilmente distraído com café. O bastante, logo que havia o suficiente para um copo, ele se levantou, e derramou metade em sua caneca e a outra na dela. Isso foi legal da parte dele. "Claire?", perguntou ele, enquanto ele colocava a jarra de vidro de volta no seu lugar. "Tem alguma coisa que você quer me dizer?"

"Não... Especificamente."

"Por que Hannah vem te pegar?"

Ah, isso. Ela estava quase aliviada. "Eu preciso ir ao Conselho. Nada perigoso, eu prometo."

"Você não está tentando tirar aquele garoto Kyle para fora da gaiola, não é? Porque isso seria muito perigoso."

Bem, ela poderia tentar falar com Amelie sobre ele, mas não achava necessário que Michael soubesse disso.

"Eu não vou fazer nenhuma loucura", disse ela, tirando o fato que loucura estava definitivamente aberta para várias interpretações nesses dias. "Eu só quero conversar com ela sobre a máquina. Eu não acho que está funcionando direito, Michael. E agora as pessoas estão—"

"Morrendo", disse ele baixinho. "Eu vi as notícias. Acha que ele matou sua família por causa do que está acontecendo de errado com a máquina?"

"É como a vampira na lanchonete que enlouqueceu. Eu acho que o homem sabia que algo estava errado, e ele não podia lidar com isso." Claire estremeceu. "Deve parecer um pesadelo que você não consiga acordar. Tentei dizer a Myrnin, mas ele... ele estava estranho. Mais estranho do que o normal, quero dizer."

Isso fez Michael fazer uma pausa com o café. "Ele não está fazendo nada que ele não deveria fazer, né?"

"Como o quê?"

"Como dar em cima de você."

"Não, claro que não. Ele não me vê dessa forma." Michael sacudiu a cabeça e voltou para seu café. "O quê? Você acha que ele me vê assim?"

"Às vezes ele olha para você de um jeito... Estranho, isso é tudo. Talvez você esteja certa. Talvez ele só queira seu sangue."

"Ok, ew! O que há com você essa manhã?"

"O café não é o suficiente." Então ele se levantou e encheu sua caneca. Ela não pegou mais, mas, Claire refletiu, talvez ela não precisasse de mais café esta manhã. Ela estava muito nervosa.

Eles saíram do tema Myrnin, o que foi um alívio, e começaram a falar sobre as coisas que Michael gostava, como as canções novas que ele estava escrevendo. Seu CD demo ia ser lançado nos próximos dois meses e ele deveria ver o produto logo, também. Isso era legal.

Ele estava dizendo a ela tudo sobre isso quando a campainha tocou. Hannah. Claire tomou o restante do seu café, e disse a Michael que ligaria se

alguma coisa acontecesse, e saiu.

Hannah estava vestindo seu uniforme de policial, ela parecia bem intimidante, mesmo que ela estivesse encostada contra um pilar na varanda com os braços cruzados. Ela virou a cabeça enquanto Claire saiu e trancou a porta. Ela juntou seu cabelo trançado, o amarrou e pôs para cima na forma de um coque; ficou legal, entretanto, Hannah sempre parecia ótima, "Bom dia Claire."

"Oi." Claire assentiu. "Você quer café? Nós fizemos um pouco."

"Eu tenho algum no carro. Vamos." Hannah já estava descendo em direção ao carro, assim Claire correu atrás dela, dando dois passos para cada uma das pernadas longas da Hannah. "Obrigada por ter ficado lá dentro."

Claire entrou no lado do passageiro do carro da polícia e colocou o cinto de segurança. Quando Hannah ligou o carro, ela disse, "O que estava acontecendo?"

"Onde?"

"Lá." Claire apontou na direção aproximada de onde tinha visto os outros carros policiais. "Alguma coisa aconteceu."

"Nada do que você precisa se preocupar agora." Isso não era como Hannah Moisés em tudo. Ela geralmente era relaxada, calma, confiante, e ela quase nunca estava evasiva. Agora ela parecia tensa.

Claire testou o humor. "Michael e eu fizemos uma aposta. Ele disse que era por causa dos laboratórios de metanfetamina. Eu disse que eram espões internacionais."

"Nem um, nem outro", disse Hannah, e puxou o carro longe do meio-fio. "O que você vai dizer ao conselho?"

"Eu... Não quero falar sobre isso ainda."

"Você deveria", disse Hannah. "Meu amor acordou esta manhã e não me reconheceu."

Claire piscou. "Seu... O quê?"

"Sim, supere Claire. Mulheres mais velhas do que você também tem namorados. Mas ele não sabia quem eu era. Ele disse que nunca me conheceu." Hannah estava *chorando*. Não muito, apenas um brilho de lágrimas nos olhos dela, mas era frio. Claire não sabia o que dizer. "Durou um tempo, e

então ele estava bem. É, vem acontecendo por toda a cidade, mas apenas para algumas pessoas. Para alguns, é pior do que outros, e outros não parecem ir longe. Você já ouviu falar sobre os assassinatos?" Claire assentiu com a cabeça. "Sabe de algo que está causando isso?"

"Eu—" Claire engoliu em seco. "Talvez. Sim. Eu acho que sim."

Hannah pressionou com mais força no acelerador. "Então, vamos levá-la ao conselho, porque eu quero que isso pare. Eu nunca mais quero sentir isso de novo, e eu nunca mais quero trabalhar com outra cena de crime como o da noite passada."

Claire estremeceu, e mudou de assunto. "Será que... ele é humano? Seu namorado, eu quero dizer."

"Sim, ele é humano, por quê?"

"Não são só os humanos que a contraem, vampiros também." Claire hesitou. "Acho que Michael esqueceu quem eu era, esta manhã. Não por muito tempo, apenas por, talvez, um minuto ou dois. Mas eu não acho que é a primeira vez que ele está esquecido."

Hannah olhou, se possível, ainda mais sombria. "Isso não é uma boa notícia. Nem um pouco."

"Eu sei." Claire não poderia averiguar a memória da vampira na lanchonete, que disse que o mundo estava errado, e, em seguida, tentou matar a primeira pessoa que chegou perto. E se isso acontecer com Michael? Oliver? Deus, com a *Amelie*? "Essa vampira que enlouqueceu, lá na lanchonete na outra noite — quanto tempo demorou para ela sair de lá?"

Hannah deu um olhar para os lados e fez a última curva em direção a Praça do fundador, e diminuiu a velocidade para a estação de segurança que elas tinham que passar. "Ela não saiu", disse ela. "Melhor, podemos dizer, ela nunca voltará."

CAPÍTULO

NOVE

Kyle ainda estava na gaiola no meio do parque, fortemente guardado, Claire pegou um vislumbre da gaiola e a presença policial, e então tomaram uma rampa até o parque de estacionamento subterrâneo sob os edifícios. Hannah tinha um espaço reservado, e enquanto elas caminhavam em direção ao elevador que abriu com um chiado. Um dos guarda costas da Amelie — a mulher — acenou para Hannah e olhou para Claire com intensidade.

"Ela está comigo", disse Hannah. "Eu assumo a responsabilidade."

"Ok então", a vampira disse, e apertou o botão para o andar de reunião. "Já vou avisar você, eles não estão com um humor maravilhoso."

"Eles nunca estão."

A vampira riu, uma espécie de som muito humano, mas de alguma forma, pelo menos, vinte por cento mais sinistro. "Bem, isso é verdade. Boa sorte."

Uma vez que elas saíram do elevador, a vampira voltou a ficar séria, e seguiu Hannah e Claire enquanto caminhavam pelo corredor de mármore com um conjunto de portas de madeira polida. Claire imaginou que isso era para impressionar, mas não era nenhum grande truque, os vampiros podiam claramente ouvi-los chegando. E então elas entraram.

Havia apenas um guarda na sala neste momento, e sua escolta parou e puxou a porta que se fechou atrás delas. Amelie estava sentada no seu lugar, e assim estava Richard, havia pastas sobre a mesa, cada uma nitidamente marcada.

Oliver estava andando, mãos atrás das costas.

"Você está atrasada", ele virou-se para Hannah. A guarda estava certa — ele claramente não estava em um bom humor. Hannah sentou ao lado do Richard, deixando Claire em pé na indecisão. "E você trouxe uma amiga. Que... agradável."

Claire rapidamente se sentou na primeira cadeira disponível. Oliver estava olhando para ela como um pedaço de lixo.

"Claire", disse Amelie. "Isso é inesperado." Inesperado, Claire pensou, não era a mesma coisa que dizer bem-vinda. Amelie, como Hannah, olhou caracteristicamente tensa.

"Eu precisava falar com você", disse Claire. "Com ambos."

"Devemos *sempre* nos distrair pelos latidos do seu animal favorito?" Oliver disse, e atravessou a sala em um flash para colocar as duas mãos sobre a mesa, olhando para Amelie. "Faça-a calar até nós termos terminado. Ela não deveria estar aqui."

Isso foi... chocante. Claire nunca o tinha visto assim tão agressivo com a Fundadora antes. Ocorreu-lhe, que talvez ela deveria ter ligado para Amelie antes de aparecer.

Amelie não vacilou, piscou, ou reagiu à raiva de Oliver, de qualquer maneira. "Ela não é o meu animal de estimação", ela disse uniformemente, "e eu não recebo ordens de você, Oliver. Verdadeiramente, você deve tentar se lembrar de quem manda aqui."

Ele mostrou os dentes, mas não os seus dentes de vampiro. Não é bem assim. Ele saiu de perto da mesa e começou a andar novamente, movendo-se como um leão que queria muito uma gazela, muito mesmo.

Amelie voltou sua atenção para Claire, e disse, "Você vai esperar até nós terminarmos. Ele está certo. Você não deveria estar aqui."

Claire assentiu. Ela realmente não queria esperar — ela queria falar tudo logo — mas havia um aviso frio nos olhos cinzentos da Amelie, então não era uma boa ideia.

"E você relaxe, Oliver", disse Amelie. "Sente-se, por favor."

Ele lançou um olhar furioso e continuou andando, indo e voltando. "Tive de largar um dos meus ontem à noite, como um cão raivoso. Você acha que eu deveria me sentir relaxado?"

Claire inclinou sua cabeça perto de Hannah e sussurrou: "O que aconteceu?" Hannah sacudiu a cabeça em advertência. "Mas eu—"

Oliver virou para ela, com seus olhos vermelhos. "Você quer saber o que aconteceu, Claire?", ele afirmou. "Qual parte? A parte em que um dos meus antigos companheiros perdeu a cabeça e começou a atacar humanos na rua? A parte que eu não conseguia falar com ela? Ou a parte onde eu fui obrigado a matá-la, sob as *ordens da Amelie*?"

Então tudo ficou em silêncio. Amelie continuou a observá-lo, o rosto calmo e liso, corpo mais ainda. Depois de um momento, ela disse, baixinho, "Você está exausto. Sente-se, Oliver. Por favor."

"Eu não vou", ele respondeu, e virou as costas.

Depois de mais um momento de silêncio, Amelie voltou para a pasta aberta diante dela. "Então vamos dar atenção aos negócios. Este pedido de alargamento das licenças de caça é inaceitável. Eles estão pedindo por quatro vezes a mais do limite atual, e eles querem incluir no terreno da universidade também. Isso é altamente arriscado para todos nós. Minha proposta é que, ao invés de expandir licenças de caça, que interrompemos o programa por completo e procuremos por outra alternativa. Há sempre alguns seres humanos que estão dispostos a se voluntariar para ser mordido."

Richard começou a dizer algo, mas ele foi cortado por Oliver. "Este é um velho argumento. Nós somos vampiros ou não? *Nós caçamos*. Essa é a nossa natureza, mesmo que proíba isso não vai frear nossos instintos. Isso só nos deixa com mais vontade."

"Ah, mas eu espero que você controle seus instintos, como eu faço. A menos que você seja incapaz de dominar a si mesmo. Você é Oliver?" O tom da Amelie foi mais acentuado do que o esperado por Claire, quase... irritado. É, ocorreu-lhe, finalmente, que Amelie estava chateada também.

Era uma péssima combinação, ter ambos chateados em um mesmo lugar.

Desta vez, Oliver fez suas presas aparecerem. "Você está pisando em terreno perigoso, mulher. Não me provoque." A guarda da Amelie deu um passo para longe da porta. "E não presuma que seus cães me intimidam. Eu apoiei a regra nesta cidade. Eu mesmo concordei com suas experiências e regras sociais de comportamento. Mas *eu não vou permitir que você* nos torne

cópias pálidas de seres humanos. Não é quem somos ou quem deveríamos ser, e você sabe disso melhor que ninguém."

"Acho que você não aceitará quaisquer planos alternativos", disse Amelie depois de um momento. "Então, vamos deixar o programa como está, com um número limitado de licenças e a universidade continua com proteção do solo."

Oliver riu. "Você está *ouvindo*? Eles não vão obedecê-la por muito tempo. Eles vão fazer sua escolha, independentemente da lei. Eles estão com raiva, Amelie. Você permitiu aos *humanos* matar vampiros e ir embora. Se você optar por punir os vampiros por seguir sua natureza, você está tão estúpida quanto você estava quando você pensou que poderia manipular o seu caminho em um trono, como uma menina de doze anos. Você nunca alcançou esse objetivo, não é? Tenha certeza que morrer como uma mera princesa nunca caiu bem em você. Deve ser por isso que você designou-se a rainha aqui."

Amelie se levantou e a sala ficou muito, muito quieta. Claire já não se sentia à vontade para tentar uma discussão. Ela sentiu o desejo de se esconder debaixo da mesa. Era como se ela, Richard, e Hannah não existissem, pelo menos para Amelie e Oliver.

"Você está me dizendo que você não quer mais servir como meu segundo comando?" Amelie perguntou a ele. "Porque é isso o que eu entendi."

"Amelie...", a voz de Oliver estava cheia de frustração e raiva. Ele, pelo menos, não tinha esquecido a presença de outros, e olhou rapidamente para eles. "Tire eles daqui. Precisamos resolver isso. Tem sido uma longa jornada."

"Richard e Hannah são membros iguais deste conselho. Eu não vou descartá-los como servos."

Ele riu, e Claire viu o brilho de suas presas afiadas. "*Iguais*? A quanto tempo você está se iludindo assim? Você acha que algum deles são *iguais a nós*? Está a ceder o controle desta cidade para os tolos mortais, pouco a pouco, e estamos todos indo sofrer por isso. *Morrer* por isso!"

"Sente-se", disse Amelie. "Agora."

"Não. Você está nos destruindo, Amelie, e eu não posso — eu não vou permitir que isso continue."

Eles congelaram no lugar, olhando um para o outro, e Claire mal ousou

respirar.

Oliver não piscou. Ele finalmente disse, "Seus animais de estimação humanos estão se voltando contra nós. Eles estão enganando você. O menino na jaula lá é prova suficiente de quanto desprezo os seres humanos têm por suas regras, e você. E eles não estão errados, porque nós somos assassinos, e eles são nossas vítimas naturais. Se deixarmos que eles tenham controle, eles vão nos destruir. Eles não têm escolha."

"Isso não é verdade", disse Claire. Ela não tinha exatamente a intenção de dizer isso, mas falou, pairando no ar, e a atenção de Oliver foi sobre ela como um cobertor para a neve. "Não tem que ser dessa maneira."

Ele se virou para encará-la, e ela desejou que ela tivesse mantido a boca fechada. "Então, qual é a sua solução pequena Claire? Nos colocar em jardins zoológicos, do jeito que você deixa os outros predadores que ameaçam você? Exterminar aqueles que você não pode controlar? Isso é o que fazem os humanos. Sabemos que isso. Nós costumávamos a ser tão falhos, tão humanos." Oliver olhou para Amelie. "Eu teria tirado todos os vampiros da terra, nos meus dias de respiração. Se eu pudesse ter feito isto."

Ela sorriu levemente. "Eu sei muito bem o que você teria feito", disse ela. "Você faria exatamente o mesmo que você fez em seu dia como ser humano, você adorava suas diferenças. Mas nem todos os seres humanos são tão inclinados a generosidade como você."

Ele bateu na mesa com tanta força que vibrou. "Eu fiz o que estava certo!"

"Você fez o que era certo para aqueles que concordaram com você, e isso está tudo no passado. Estamos falando sobre o nosso *futuro*. Oliver, eles não podiam viver como nós. Não podemos nos esconder nas sombras e executar quando descobertos, como antigamente. Nesta idade moderna, não há como se esconder entre os seres humanos, não por muito tempo. E você sabe disso." Ela hesitou, e então disse suavemente, "Você precisa confiar em mim, como você fez uma vez."

Ele riu, e se virou para ir embora.

Amelie brilhou ao redor da mesa e em um borrão branco se colocou na porta antes de que ele chegasse. Ele parou a poucos passos dela. Vendo eles

juntos, Claire percebeu o quão ele era alto, e como ele se elevava sobre ela. Amelie parecia frágil, de repente. Vulnerável.

"Não me faça fazer isto", disse Amelie. "Eu valorizo você. Não destrua a paz que temos."

Ele estendeu a mão e colocou a mão no braço dela. A guarda se aproximou deles. Amelie sacudiu a cabeça, e a guarda parou, mas ficou pronta para pular. "Saia do meu caminho", disse Oliver. "Isso é inútil. Eu curvei a você por muito tempo, e se eu continuar a fazê-lo, todos nós sofreremos. Você não pode nos mudar, Amelie. Você não pode me mudar. Pelo amor de Deus, pare de tentar."

"*Sente-se.*"

"Não. Eu já fui seu cão treinado o suficiente."

Ela conseguiu se desvencilhar de suas garras e bateu as mãos em ambos os lados de seu rosto, congelando-o no lugar. Os olhos dela... seus olhos *ficaram* brancos. Puro, frio, gelado branco. Claire olhou para longe, porque o que uivava na sala era uma sensação que nada poderia ser mais selvagem que Amelie. Hannah e Richard tinham saído de suas cadeiras e foram prensados contra a parede. O mesmo com a guarda costas.

"Não me desafie", disse Amelie ferozmente. "Eu não quero destruí-lo, mas não vou permitir que cacem e matem quem quiser. Você me entendeu?"

Oliver concordou. Claire sentiu a pressão aumentar na sala, uma espécie de psíquica pesada que a fez suspirar e querer se enrolar em uma bola — e isso tudo nem sequer foi destinado a ela.

Amelie abriu a sua boca, seus dentes se deslizaram para baixo, elegante e lento. Ela não estava mais vulnerável. Nem um pouco. Ela estava... aterrorizante.

Oliver tinha de se ajoelhar para ela. Ele tinha que fazer. Claire poderia sentir apenas as bordas do que Amelie estava fazendo, mas a pressão sobre Oliver deve ter sido como o peso do oceano, levando-o a submeter.

Ele respirou fundo e trouxe os braços para cima acentuadamente entre os dela, e bateu suas mãos longe do rosto. Os olhos de Amelie arregalaram de surpresa, e então ele estendeu a mão e as *colocou em seu rosto*. Os olhos de Amelie regressaram ao cinza, e então ficou muito escuro. "Não", disse ela.

"Não."

"Sim", disse Oliver. "Eu avisei antes. Eu não vou ser descartado. Nem mesmo por você. Eu não quero fazer isso, mas você não me deixou escolha."

Amelie estava tremendo agora. Havia poder vindo de Oliver, ao contrário de Amelie que estava em seu frio controle, o dele estava quente, o sangue quente, batendo como um pulso. Avassalador, a cabeça de Claire estava doendo por causa de uma pressão, e ela viu que Richard e Hannah estavam sentindo a mesma dor.

"Desista", disse Oliver. "Desista e vou poupá-la da humilhação de rebaixamento."

"Não", sussurrou ela, mas era fraco. Apenas um fio de som. Os olhos dela tinham ficado pretos. "Você nunca vai me ter, Oliver. Nunca."

"Eu já tenho você", disse ele.

"Não."

"Eu já te tenho a anos. Você sabe disso. Vamos Amelie, eu não quero machucar você."

Ele parecia ter tudo o que Amelie tinha, mas ela bateu as mãos longe do rosto, apenas como ele tinha feito com ela. Seus olhos voltaram ao cinza. Ela estava respirando, respirando de forma visível, o que para um vampiro significava que ela tinha acabado de fazer algo extremamente difícil. "Eu nunca vou ser a sua criatura, Oliver", ela disse, com voz trêmula. "Eu vou aceitá-lo como um igual. Nunca como um conquistador. Você deve saber disso, por agora."

Ele olhou para ela, e Claire sentiu a pressão no quarto lentamente sangrando. Ela deve ter se sentido aliviada, mas ela só queria se recolher e dormir. Hannah e Richard estavam de mãos dadas, ela notou. Isso pareceu estranho. Talvez eles estavam tão assustados como ela estava.

"Igual", disse Oliver. "Como poderíamos ser iguais, você já imaginou? Nós não somos feitos para essas coisas. Nós dois precisamos governar. Está em nossa natureza."

"Então me obrigue a submeter-se ou saia."

Oliver balançou a cabeça, e Claire pensou que ele começou a se virar, mas então sua mão direita, disparou e fechou em torno da garganta da Amelie,

batendo as costas dela contra a madeira. Ela tentou falar, mas a sua aderência estava cortando a voz dela.

"Nós não podemos ser iguais", disse ele. "Sinto muito. Eu nunca quis que chegasse a esse ponto."

E ele a morden na garganta.

Claire gritou.

Oliver estava bebendo o sangue da Amelie. Amelie estava lutando, mas ele era muito forte para ela, e sua guarda... sua guarda não estava se movendo.

"Faça alguma coisa!" Claire gritou para a guarda, mas ela apenas ficou lá. Ela correu para a outra porta e escancarou-a. O vampiro do sexo feminino estava de guarda lá, e virou-se quando Claire gritou.

Mas ela não fez nada, também.

Oliver de repente largou Amelie e recuou, limpando o sangue de sua boca com a volta de sua mão. Ela estava ali, de olhos fechados, e colocou a mão trêmula sobre o ferimento em seu pescoço. Havia sangue derramado sobre o casaco branco imaculado. Ela não falou.

Oliver virou-se para a guarda e disse, "Coloque-a em uma cadeira. Suavemente."

A guarda curvou a cabeça momentaneamente, então veio em sua direção, mas os olhos de Amelie se abriram.

"Não me toque", ela retrucou, mas ela não obedeceu. Nem um pouco. Ela a pegou pelo braço e guiou-a de volta para uma cadeira ao lado da mesa. Amelie afundou-se. Ela parecia doente agora, e com raiva, e humilhada.

Oliver ficou onde estava por um momento, depois se virou e dirigiu-se ao outro guarda. "Vá chamar Ysandre e John", disse ele. "Eu os quero aqui."

A guarda acenou com a cabeça e saiu. "Ysandre?" Claire disse. "Você está trazendo ela aqui?" Ysandre era uma ameaça de pedra fria. Amelie a manteve na prisão por um tempo, e Claire não tinha a visto muito recentemente. Ela esperava que alguém a houvesse atirado acidentalmente em um ônibus. Ysandre tinha tentado ficar com Shane. E só isso era motivo suficiente para odiá-la.

"Silêncio", disse Oliver. "Sente-se, todos vocês. Vocês não tem nenhum motivo para pânico. A situação está sob controle." Sob *seu* controle, que era

em si muito motivo para pânico. Mas Claire não se atreveu *a não obedecer*, não até que ela entendesse o que estava acontecendo.

Richard olhou para Amelie e perguntou: "Você está bem?"

Ela abriu os olhos e fez seu rosto em uma máscara, não mostrando nada do que ela estava sentindo agora. "Estou bem o bastante", disse ela. Ela tirou sua mão da garganta. O ferimento já estava fechado e curando. "Não interfira. Este é um assunto interno."

"Eu sei, mas se precisar de mim para ajudar—"

"Você não pode ajudar. Eu tentei manter minha posição. Falhei." Ela abaixou e olhou para a mesa. "Oliver leva a cidade agora."

"Não", sussurrou Claire. "Não, isso não pode ser verdade, isso não está certo. Você é a Fundadora; você está—"

"Derrotada", disse Amelie. "Chega Claire. Não há nada a ser feito agora. Poupe-me de alguns dos aspectos mais humilhantes que poderia ter acompanhado com a transferência de poder. Eu não vou desrespeitar, rebelando-se agora."

Oliver não disse nada. Ele tomou o seu lugar à cabeceira da mesa, e um momento depois a guarda vamp voltou, com outros dois — John, que pertence ao hospital e diversas clínicas da cidade, incluindo o banco de sangue. John tinha longos e loiros cabelos encaracolados e um rosto, orgulhoso afiado. Ele parecia que preferiria estar em outro lugar. E ao lado dele. . . Ysandre.

Ysandre estava exatamente como Claire se lembrava dos seus dias com o pai da Amelie. Ela era bonita, e "sexy" em uma espécie desprezível de passagem — que eram principalmente as roupas dela, porque ela amava blusas com decotes e jeans de corte ainda mais baixos. Ela arrastou os dedos sobre a nuca de Richard Morrell, e ele deu um tapa com um olhar.

"Bravinho", ronronou Ysandre, em um sotaque do Sul "Eu só estou tentando ser amigável. Somos todos amigos aqui agora, né?"

"Oh, pelo amor de Deus, cale a boca", John disse, cansado. Ele tinha um sotaque Inglês que foi muito mais encantador do que Ysandre "Fundadora? Você tinha algo a—" A consciência despontou em seu rosto, e Claire pensou que ele deve ter percebido o que tinha acontecido.

Sua expressão parecia muito com horror, e ele olhou para Oliver. "Não.

Não, isso não é possível."

"Eu tenho medo que sim", Oliver disse. "Você comanda a lealdade de muitos dos amigos mais próximos e apoiadores da Amelie. Eu preciso de você para espalhar a notícia. Agora estou no comando. Você pode ouvir dos próprios lábios dela."

John definitivamente pareceu horrorizado agora. Claire não poderia culpá-lo. Ela estava sentindo o mesmo. "Senhora?" Ele ficou de joelhos ao lado da cadeira da Amelie. "Comande e eu vou obedecer."

"Não há nada de comando", disse ela. "Você pode sentir a mudança de poder. É um fato da natureza, e nenhum de nós pode lutar. Obedeça a ele, John. Eu não gostaria de ver você, ou qualquer um de vocês, prejudicados."

John pegou a mão dela e apertou-a contra a testa no que parecia ser dor real e, em seguida levantou-se e enfrentou Oliver. "Ninguém vai apoiar isso", disse ele. "Cuidado, Oliver. Estava tudo tratado, e você a traiu. Nós não esqueceremos."

"John, não", disse Amelie. Ela parecia cansada.

"Não estou ameaçando. Estou apresentando fatos. Que você sabe bem, Oliver."

Oliver concordou. "Eu não me importo em como você se sente sobre isso. Negocie como você quiser, mas diga a seus companheiros que agora estou no comando, e não vou tolerar nenhum desafio ao meu poder. Eu não sou Amelie. Teste-me, e eu vou te destruir."

Os olhos de John deflagraram em um vermelho rebelde, mas ele se curvou duro e saiu da sala.

Ysandre riu. "Que sapo velho hipócrita", disse ela. "Bem, Ollie? Acho que eu joguei a minha sorte com o lado vencedor desta vez. Nós vamos ter um tempo maravilhoso. Onde devemos começar? Vamos apenas declarar que a temporada está aberta para os humanos e chutar com o pé direito. Sinto que uma boa caçada vem por diante."

Oliver olhou para ela com o mesmo tipo de aversão que ele tinha acabado de olhar John. "Você não é meu *segundo comando*", disse ele. "Não presume ser informal comigo. Poupei sua vida por uma determinada razão, mas não acho que tenha algo a ver com carinho."

Ela franziu o cenho. "O que quer dizer com eu não sou seu segundo comando? Quem vai desafiar-me para esse cargo, *John*?"

"Não há nenhum desafio. Amelie é o segundo comando."

"Amelie"? Ysandre parecia furiosa, e viu Claire apertar as mãos. "Você não pode estar falando sério. Você não pode mantê-la por perto. Ela vai te apunhalar na primeira chance que—"

"Como você faria? Eu vi como você trata seus amigos, assim como seus inimigos, presumindo fazer qualquer distinção entre as duas situações. Não me provoque. Eu intercedi por você quando Amelie queria você em uma cela com o seu pai. Você pode mostrar sua gratidão recordando o seu lugar, o que definitivamente não fica ao meu lado", disse Oliver. "Vá para meu povo. Diga-lhes o que aconteceu. Diga a eles que eu não espero que nada mude até ocorrer algo diferente, mas essa mudança vai vir. Mas vai ser controlada e medida, e eu vou achar qualquer tentativa de acabar com isso mais rápido."

Ysandre olhou para ele com olhos estreitos, e Claire pensou que ela estava tão irritada quanto John, mas por razões diferentes. Ela finalmente deu de ombros e disse, "Tudo o que você quiser ó homem chefe. Se você quer ser um tolo, vá em frente. Você só tem a cadeira grande. Boa sorte para segurá-la, com esse tipo de atitude." Ela voltou sua atenção para Claire, do outro lado da mesa, e sorriu. "Bem, olhe quem está aqui. Como está Shane?" Ela lambeu os lábios. "Estive com saudades dele."

Claire a olhou com uma cara digna da Amelie. "Se eu ver ele por aí, eu mando lembranças suas."

Ysandre abriu um pouco a boca, e então disse, "Não há ameaça vazia, não é? Vou apostar que você tem uma participação em algum lugar, não é? Aposto que você nunca vai a lugar nenhum sem isso." Claire olhou para sua mochila. Ela a trouxe, mas ela colocou no canto, fora do caminho. Ela estava do lado de Ysandre. "É melhor eu ir e desarmá-la, chefe", disse Ysandre. "Segurança é tudo."

Oliver parecia irritado, mas não impediu. Ela foi até a mochila, abriu-a e então livros e papéis foram espalhados pelo chão. Uma estaca revestida de prata caiu batendo no tapete a seus pés. Em seguida, um faca revestida de prata.

"Bem, bem, bem. Penso que isto deveria ser ilegal, não é?" Ysandre agarrou um dos papéis de Claire e envolveu-o em torno do punho, e a faca foi colocada na mesa. "Armas perigosas, especialmente na câmara do conselho."

E antes que Claire ou alguém pudesse suspeitar do que ela ia fazer, ela esfaqueou Amelie nas costas, atravessando o coração, com a estaca. Amelie gritou e caiu fora de sua cadeira, mole, no chão. Claire sentiu que o mundo estava se movendo na velocidade de um pesadelo — Ysandre era muito rápida, Claire era muito lenta, e ela não podia fazer nada para detê-la quando Ysandre pegou os cabelos loiros da Amelie e colocou na garganta à faca.

"Não!" Oliver gritou, e ergueu-se.

"Eu vou fazer isso você gostando ou não!" Ysandre gritou de volta, e colocou a faca na garganta da Amelie. "E a primeira coisa é, livrar-se da concorrência!"

Oliver se lançou sobre a mesa. Ele bateu tão forte que os jogou na porta, o que quebrou as dobradiças, e Ysandre e as porta deslizaram pelo corredor de mármore por seis metros antes de chegar a uma parada. Ela ainda estava em movimento, fracamente, mas Oliver estalou os dedos e apontou os guardas em sua direção.

"Não", disse a ele. "Você está acabada, Amelie estava certa, afinal. Você é muito estúpida para ser permitido para viver."

Ele foi para a Amelie, chutou a faca caída no caminho, e caiu de joelhos ao lado dela. Ela estava congelada por causa da estaca, e onde a prata tocou, estava queimado. O papel tinha caído do punho de Ysandre, mas Oliver não o pegou. Ele pegou a prata e o puxou para fora em um movimento rápido, e lançou a estaca para o canto. Claire teve um vislumbre de sua mão se convertendo ao preto a partir do contato, mas ele não fez uma pausa, parecia não sentir a dor.

"Está fora", disse ele. "Você pode me ouvir? *Amelie!*"

Ela ainda não estava se movendo. Oliver puxou-a em seus braços. A guarda feminina voltou, puxando o corpo de Ysandre, pelos cabelos, que estava lutando para se soltar, e ele arrebentou, "Me traga Theo Goldman. Agora. E a ponha em uma gaiola até eu decidir como se livrar dela. Algo doloroso, de preferência."

Os olhos da Amelie piscaram lentamente. Ela focou na cara de Oliver. Claire nunca tinha visto o seu olhar tão pálido, seus lábios pareciam azuis, e até mesmo seus olhos pareciam desbotados. "Você deveria ter a deixado terminar", ela sussurrou. "Melhor a morte que a desonra, não é o nosso código?"

"Centenas de anos atrás era", ele concordou. Sua voz era diferente agora. Gentil. "Você é a última a se apegar ao passado. Quão ruim é a dor?"

Ela pareceu pensar sobre isso. "Comparado com o quê? Com o que você fez comigo?"

Ele estava segurando a mão dela, e agora ele levantou-a aos lábios. "Eu não teria agido assim a menos que você me obrigasse. Mas nós dois sabemos que eu não perco uma vez se eu sou desafiado."

"Você disse", ela sussurrou. "Uma vez. Pra mim."

Ele manteve a mão dela em seus lábios. "Então eu fiz", disse ele, tão suavemente que Claire quase perdeu. "Eu nunca vou te machucar novamente. Eu juro." Ele hesitou, e então colocou uma unha afiada em seu pulso. "Beba. Dou a você livremente."

Uma gota de seu sangue bateu em seus lábios, e ela suspirou, abrindo os olhos arregalados. Ela chegou para o seu braço e puxou o corte nos lábios, bebeu, e depois deixou ir. Ela suspirou e ficou mole. Seus olhos fechados. A garganta da Claire fechou apertada. Ela queria perguntar, mas não conseguiu.

Richard perguntou por ela. "Ela está morta?"

"Ainda não", disse Oliver. "A participação de prata não iria matá-la imediatamente com a sua idade, mesmo em sua condição enfraquecida com a perda de sangue. Mas ela precisa de tratamento adicional." Ele olhou para Richard, em Hannah, e, finalmente, Claire. "Ninguém comente isso. Ninguém."

"Você quer dizer que nós não podemos dizer que você a salvou?" Richard perguntou. "Ou que você a ama?"

Sem pestanejar Oliver disse, "Diga isso de novo e vamos eleger um novo prefeito, rapaz. Não estou com tolerância para aturar absurdos humanos. Você me entendeu?"

"Eu entendo que você deseja transformar esta cidade em um curral. Que

as pessoas estão indo para ser caçados e mortos sem piedade. Então você sabe o quê, Oliver? Se você deseja executar Morganville do seu jeito, você não estará apenas à procura de um novo prefeito. Você estará procurando um lugar para esconder enquanto nós despedaçamos esta cidade." Richard levantou-se e só... saiu. Hannah sentou-se por um instante, depois começou o seguir. Deixando Claire sozinha com ele.

Oliver ainda estava olhando para o rosto tranquilo da Amelie. Ele disse, sem levantar a cabeça, "Você deveria ter ido com eles. Você não faz parte disso."

"Eu não posso ir", disse Claire. "Eu preciso lhe dizer algo."

"Então diga e saia."

Sua garganta estava seca, e ela sabia — sabia — que ele estava pronto para matar a próxima pessoa que o irritasse agora. Amelie não, não podia detê-lo. Mas ela tinha que dizer. Ela tinha que tentar. "Você disse que teve de matar um vampiro da noite passada", disse ela. "A da lanchonete?"

"Não", ele disse. "Uma velha amiga, não consegui achar um outro jeito de impedir."

"Ela disse alguma coisa?"

"O quê?" Oliver olhou para cima, franzindo a testa. "Não. Ela não falava nada com sentido"

"Mas ela falou?"

"Somente gritou que nada estava certo."

Isso confirmou, e Claire sentiu um frio, pesado de culpa. "As pessoas estão esquecendo quem elas são. Ou onde estão. Ou então elas sabem que algo está errado, mas elas não podem dizer o que é, e isso os leva à loucura."

"Então, obviamente, não se limita a seres humanos", disse Oliver. "A análise do sangue afetado dos vampiros não mostra nada. Não é o mesmo que a doença que estávamos suportando antes." Então, *ele sabia*. E ele tinha mesmo feito alguma coisa sobre isso, ou tentado.

"Então isso tem que ser a máquina, que Myrnin e eu concertamos. Começou quando nós terminamos." Ele levantou a cabeça e encontrou os olhos dela, e sua boca, se possível, ficou ainda mais seca. "Myrnin não acha que haja nada de errado com ela. Mas eu... Eu gostaria que fosse verdade, mas

eu acho que ele está em negativa. Eu acho que a máquina está fazendo isso conosco, e está ficando pior a cada dia que passa."

Oliver ficou em silêncio por um momento, então disse: "E se desligá-la?"

"Então, as barreiras vão para baixo. Mas eu acho que os problemas de memória param também."

"Você está certa disso."

Ela estava? Porque ela sabia que estava apostando sua vida nisso. "Sim."

Oliver rosnou, baixo em sua garganta, e disse, "Então desligue e corrija. Pesquise o que está errado. Nós não podemos ficar sem as barreiras de tempo e os nossos residentes humanos já estão desafiando a autoridade, e quando eles perceberem que as barreiras não funcionam, vamos perder o controle totalmente, e isso irá tornar-se um banho de sangue verdadeiro. Você entendeu?"

"Sim. Eu vou desligá-la. E vamos consertá-la."

"Então é melhor você começar. Agora saia."

Claire saiu de trás da mesa e agarrou sua mochila. Ela hesitou em pegar a faca e a estaca, mas recolheu-as e guardou antes de jogar a mochila sobre o ombro e ir correndo para a porta. Ela olhou para trás uma vez, Oliver não pareceu ter notado que ela os deixará. Ele ainda estava segurando em seus braços Amelie, e pela primeira vez viu a emoção, real, em seu rosto.

Pesar.

Dr. Theo Goldman saiu do elevador carregando sua sacola médica. Ele piscou para Claire enquanto manobrava em torno de si, ele saiu, ela entrou, e disse, "Foi-me dito que eu tinha uma paciente. Este é um lugar estranho para encontrar um. "

"É Amelie", disse Claire. "Então, Theo?"

Ele olhou para trás, mas continuou andando.

"Por favor, ajude ela."

Ele balançou a cabeça, sorriu de modo tranquilizador, e as portas fecharam, antes que ela pudesse dizer alguma coisa mais.

CAPÍTULO

DEZ

Myrnin não estava no laboratório quando ela chegou. Isso era incomum; ela pensou que talvez ele pudesse estar dormindo, mas quando ela olhou para o quarto na parte de trás, estava arrumado e vazio. Ele só... havia saído.

Bem, isso facilitou as coisas.

Claire ligou para casa, para falar com Michael e Shane. "Eu preciso que vocês venham me ajudar", disse ela.

"E eu preciso de uma escada."

"Diga-me que não estamos nos voluntariando para pintar casa de alguém", disse Shane.

"Isso seria muito parecido com o trabalho. Eu já estou fazendo muito trabalho."

Michael, porém, entendeu imediatamente. "Você precisa começar com o alçapão no laboratório. Myrnin não está lá?"

"Não", disse Claire. "Pode me ajudar?"

"Claro. Abra o portal e vamos entrar direto."

Claire desligou e rolou para trás da estante que bloqueava o portal — não era um trabalho nada fácil, porque Myrnin não tinha equilibrado o portal para os seres humanos, embora ele tivesse pelo menos, retirado o chumbo, o que era bom — e abriu a porta de um conjunto de chaves que encontrou na boca de uma das pantufas de coelho-vampiro do Myrnin. Ela ao abrir, concentrando-se na Casa de Vidro, a imagem cintilou, vacilou, e apareceu para a realidade do outro lado da porta.

Shane e Michael estavam carregando uma escada metálica extensível. Claire chegou até Shane e lhe deu a mão, e ele pisou em cima, puxando Michael depois dele junto com a escada.

"Uau", disse Shane, e estremeceu. "Isso não é estranho apesar de tudo."

"Você já fez isso antes", Claire apontou. "Quando eu arrumei o portal."

"Realmente não pensei nisso naquele momento. Nunca fica menos estranho. Ok, para onde?"

"Aqui." Ela já tinha destrancado o alçapão na parte de trás do laboratório e o abriu e Shane inclinou-se e olhou para baixo na escuridão. Michael o puxou de volta.

"O quê?" Shane perguntou.

"Melhor não se jogar em um alvo antes de você saber o que está realmente lá, herói. Vamos levar a escada, e então eu vou primeiro, ok?"

"Pode apostar que sim, cara durão. Na última vez eu estava em um túnel escuro, eu quase tive meu rosto comido. Eu sou um aluno lento, mas eu aprendo."

Eles estenderam a escada para baixo, e Shane a segurou no lugar enquanto Michael descia. Claire inclinou-se e disse, "O interruptor de luz está no fim da sala."

"Sim, eu vejo isso — Uau."

"O quê?"

Michael ficou em silêncio por um momento, então disse, "eu estou pensando que vai ser melhor se eu não disser à vocês. Apenas se apressem."

Shane foi o primeiro, e então Claire, a escada era frágil, mas estava justa. Ela pulou os últimos passos até pousar no chão da caverna. Michael havia acendido as luzes do túnel, de modo não haver risco de andar em uma emboscada perto... qualquer coisa, mas ela ainda estava se perguntando o que ele tinha visto, exatamente. Ou se ele apenas queria fazer uma brincadeira com Shane, é claro. Ele nunca se cansava disso.

Nenhum sinal de problemas por todo o caminho para a grande caverna, e Michael ligou o interruptor principal, que ligava quase todas as luzes. A máquina — Claire odiava a chamar de computador, realmente — estava fixada exatamente como ela tinha deixado, tela mostrando leituras normais. Nada de

errado em tudo.

"Ok, eu preciso colocar uma senha", disse ela. "Espere um segundo."

Ela pensou, e tentou o nome de Myrnin no teclado. Não, a luz vermelha continuava. Ela tentou Amelie. A luz vermelha se manteve.

Ela tentou colocar no nome da ADA.

A luz vermelha ficou.

Claire piscou para isso. Myrnin não tinha mais de três senhas. Ele não poderia mesmo se lembrar de mais do que uma coisa de cada vez. Ele não tinha um aniversário que podia se lembrar, ele não tem qualquer família, o que ele poderia usar como senha?

Ah. Ele tinha.

Claire.

A luz vermelha continuou. Claire franziu o cenho para aquilo. "Sério? *Agora* você tem consciência sobre segurança?"

"Problema?" Michael perguntou.

"Não. Eu vou acertar." Ela tentou *Bob*, de Bob, a Aranha. Bob fazia teias de fiação em um tanque perto da cadeira de Myrnin. Myrnin o alimentava com uma dieta de grilos e moscas, que parecia fazer Bob feliz. Isso qualificava como um animal de estimação, né? As pessoas gostavam de usar nomes de animais de estimação como senhas.

Não era Bob, também.

Ela tentou, em desespero, Oliver. Não é isso. Ela colocou o nome de todos os possíveis vampiros, que ela conseguia se lembrar, inclusive o Bishop.

Nenhum deles funcionou.

"Pelo menos ele não colocou um bloqueio nisso", ela murmurou. Ela tinha tentado pelo menos trinta senhas, sem sucesso. "Vamos lá. Eu construí você, pedaço estúpido de lixo, me dá um tempo!"

"Que tal puxar da tomada?" Shane perguntou. "Basta desligar a energia."

Ela pensou sobre isso, mas balançou a cabeça. "Eu não sei de tudo aqui. Eu poderia desligar algo vital. Ou destruir algo que não é possível reconstruir facilmente." Ela deu um suspiro. "Ele não vai ficar feliz, mas eu vou ter que pedir a senha para Myrnin."

A cabeça do Michael, de repente virou-se, mas antes que pudesse falar,

uma rica e lenta voz veio das trevas dizendo: "Perguntar ao Myrnin o que, exatamente?"

Era a voz de Myrnin. Sua *voz* de caça. Claire tinha ouvido isso antes, e isso imediatamente lhe causou calafrios. Ele saiu do escuro. A alegre camisa neon havaiana tinha desaparecido. Ele estava vestido de preto elegante, com um colete cor de sangue, e seus longos cabelos estavam recém-penteados e ondulados até os ombros, num estilo antigo vamp gótico. Ele estava sorrindo.

Não em uma maneira agradável de todo.

"Visitantes", disse ele, usando ainda aquela voz, estranhamente e reconfortante assustadora. Era algo que fazia Claire se sentir um pouco sonolenta. Um pouco... relaxado. "Tão bom receber visitas. Recebo eles tão raramente. Especialmente aqui."

"Myrnin", disse Claire. Ele estava vindo em sua direção de forma contínua, sem olhar, como se ele estivesse se movendo todo. Seus grandes olhos estavam fixos nela, luminosos, *fascinantes*.

Ela não conseguia piscar.

"Sim, minha querida. Tão surpresa que você saiba."

"Saber o quê?" Sentia-se estúpida, quase drogada. Ele estava próximo agora, deslizando até ela. Ela sentiu seus dedos em sua bochecha.

"Meu nome", disse ele. "É surpreendente que você saiba meu nome. Talvez você devesse fazer-me a gentileza de me dar o seu."

A descarga de adrenalina se derramou em seu corpo. Ele não sabia o dela. Ou o do Michael. Ou o do Shane. Ele estava agindo como se fossem estranhos.

Para ele, eles eram invasores.

Ela lambeu os lábios e disse: "Myrnin, eu trabalho para você. Sou Claire. Lembra-se? Claire."

"Boa tentativa, querida, mas eu já tenho uma assistente. Talvez eu deva te salvar por ela. Ela gostaria de você."

Ada. Coração de Claire bateu dolorosamente enquanto ela percebia isso. Myrnin tinha sido sugado pela máquina, e ele pensou que Ada ainda estava aqui. Ainda estava viva.

"Você está falando da Ada", ela disse, e tentou manter sua voz calma e

uniforme. "Ela não está aqui, Myrnin. Ela não vai voltar. Ada está morta."

Era uma maneira cruel de se dizer isso assim, mas ela precisava tirá-lo dela, e isso foi o equivalente verbal de um tapa.

Myrnin olhou para ela com seus olhos frios escuros e ilegíveis, e então ele sorriu lentamente. "Eu saberia se ela tivesse ido embora", disse ele. "Você não consegue senti-la? Ela está aqui. Ela vai voltar. Eu sei que ela vai voltar."

"Claire?" Shane disse. Ele começou a se mover em direção a eles, mas de repente Myrnin o bloqueou e mandou-o rolando em direção à parede.

"Sem interrupções", disse ele. "Eu estou *falando!*" De repente, terrivelmente zangado. "Porque você diria algo assim? Eu me pergunto. A menos que você tivesse feito algo com Ada..."

"Pare", disse Michael com urgência. "Claire, venha cá."

Myrnin fez um movimento exagerado irritado com as mãos e virou-se para encarar o rosto do Michael.

"Eu disse sem interrupções Oh!—? Você não é humano, Hmm uma das crianças recentes da Amelie, entendi. Eu pensei que ela tinha desistido dos calouros depois do desastre no passado."

Michael pegou o braço da Claire e a puxou para perto. "Sim, bem, eu sou da Amelie, e esta é minha. Aquele outro, também."

Shane, Claire pensou, ele iria socá-lo por isso. Quando ele finalmente acordasse.

As sobrancelhas de Myrnin lentamente se levantaram. "Você está me dizendo que você trouxe lanches, e você não vai compartilhar? Que rude. Você é um intruso, também, você sabe. Eu não gostaria de provar você agora, mas esses outros dois... Bem, eu não tenho um intruso bom em *séculos*."

"Myrnin, acorde!" Claire gritou. "É *Claire!* Você sabe quem eu sou!"

Myrnin sacudiu a cabeça tristemente. "É melhor comê-la agora", disse para Michael. "Ela fala muito alto. Faz minha cabeça doer."

E então ele bateu a testa com a palma de sua mão, uma e outra vez e, novamente, assustadoramente forte. Claire agarrou-se a Michael. Ela tinha visto Myrnin fazer coisas loucas, mas isso era... assustador.

Ele parou. Ele abriu um corte na testa, e o sangue que era ligeiramente mais pálido do que de um humano escorreu para os olhos. Fechou-se em

segundos. "Isso é melhor", ele respirou. "Agora. Você, jovem. Você me deve um tributo, uma vez que você veio aqui sem permissão. Escolha."

"Escolher o quê?" Michael perguntou.

"Qual deles eu vou ter." As presas Myrnin vieram para baixo, preguiçosas e aterrorizantes, e ele chegou perto da Claire. "Eu acho que quero esta."

Michael o chutou à direita no peito. Isso fez Myrnin se afastar, mas não muito longe.

Myrnin parou de sorrir, e inclinou a cabeça para frente. Isso o fazia parecer louco. "Isso não foi sábio filho. Não foi sábio."

"Corra", Michael disse a Claire, e a empurrou em direção ao túnel. Myrnin rosnou e saltou, mas Michael o pegou no ar e o puxou para baixo com força.

Myrnin faltou pegar no pé da Claire por cerca de três centímetros. Ela hesitou na base da escada. Shane ainda estava lá, talvez ferido. Ela simplesmente não podia correr.

Ela ouviu Michael soltar um grito abafado e, em seguida Myrnin disse, numa voz que ecoou sedosamente fora das paredes do túnel, "Eu gosto de animais que correm. Aqui, ratinho. Vou te poupar para Ada."

Ela correu pela escada mais rápido que podia. Ela estava na metade quando ela a sentiu vibrar. Myrnin saltou e caiu nos degraus a poucos metros abaixo dela. Ele quase conseguia agarrá-la.

Claire chutou-lhe a cara, logo que ele estava mais perto.

"Ai!", ele gritou, surpreso. Ela fez de novo. "*Om, pare*, diabinho! O que você acha que está fazendo?"

Ela chutou novamente, e ele perdeu o controle na escada e caiu. Ele aterrissou nas costas no chão, parecendo surpreso. Seu nariz estava sangrando. Ele endireitou-se, e o colocou de volta no lugar com um leve estalo.

"Ai", disse ele de novo, e sacudiu a cabeça. "Eu não vou deixá-la viver para se lamentar disso, você sabe."

Claire correu até os últimos degraus e atirou-se pelo chão do laboratório, assim como Myrnin ajeitava suas pernas tensas e lançou-se para cima com a intenção de agarrá-la no topo da escada. Ele perdeu o equilíbrio, bateu no chão sem jeito, e rolou sem problemas até conseguir rastejar novamente.

Claire se levantou e correu para sua mochila. Ela não queria para usar a

prata, mas ela não sabia mais o que fazer. Ela não podia simplesmente deixá-lo comê-la.

Myrnin parecia ter perdido temporariamente o interesse nela. Ele estava de pé agora, olhando em torno do laboratório, a boca semi-aberta. "O que... Que diabo aconteceu? Ada fez isso? Eu. Ela também é uma boa dona de casa, não é? Lembro-me de ser muito bagunceiro".

Claire pegou sua mochila na corrida e retirou tudo. Ela cortou o dedo na faca ela remexeu pelo lado de dentro, mas bateu em torno do punho e a trouxe para fora justo quando Myrnin parou de olhar a paisagem e começou a correr para ela.

Ele saltou de mesa em mesa, ziguezagueando para ela, olhos brilhando vermelho. Ela viu Michael sair do túnel abaixo, e em seguida, puxar Shane depois dele. Nenhum deles parecia muito bem.

Claire esperou até Myrnin chegar perto, e em seguida cortou a faca através de peito. Ela quase acertou seu rosto.

Ele parou, olhou, e disse, "Oh, não, eu amava esse colete." E depois a prata começou queimá-lo. Seus olhos iam de vermelho escuro para claro, vermelho furioso.

Ele olhou para Claire. "Ninguém ataca por trás. Isso é estritamente contra as regras."³

"Este não é você", disse ela. "Por favor, não faça isso."

Por um segundo, ela realmente pensou ter visto algo na superfície dele, algo que ela reconhecia. . . mas depois foi embora, e o velho Myrnin cruel, estava de volta. "Se você vier aqui novo", ele disse, "Eu vou acabar com você. Esta é a minha casa. Você não é bem-vinda."

"Claire!" Michael gritou. "O portal! Atravesse!"

Ela não estava muito longe disso, mas não havia nenhuma maneira que ela fosse capaz de vencer Myrnin. Ele era muito rápido, e estava muito irritado. Ela precisava machucá-lo o suficiente para detê-lo, pelo menos temporariamente.

Ela saltou, enterrou a faca em seu ombro, e deixou-o lá. Ela não queria fazer isso, mas foi a única coisa que ela pode pensar naquela fração de

³ Referência em usar uma arma que realmente pode machucar, neste caso a Claire usa prata, o que teoricamente seria proibido.

segundo. Myrnin era velho, talvez até mais que Amelie, a prata iria machucá-lo, mas iria demorar muito tempo para matá-lo. Ela teve que assumir o risco.

Funcionou. Myrnin uivava e tentou pegar nela, mas errou, e golpeou a faca, mas era toda de prata. Ele não podia segurá-la, sem se queimar. Claire não esperou. Ela correu para o portal e quando Michael chegou lá e empurrou Shane meio à frente dele.

Claire olhou para trás por cima do ombro. Myrnin estava usando seu colete rasgado em sua mão para puxar a faca para fora.

Ela mergulhou através da rede e vontade de bloquear a entrada. Ela fez isso no tempo certo, ela sentiu o choque do Myrnin tentando arrastar isso para longe dela, mas ela tinha prática nisso agora, e ele estava com dor.

Suas tentativas de romper com a Casa Glass finalmente pararam.

Claire andou de costas, até que ela esbarrou no sofá, ainda olhando para a parede em branco. "Ei, casa?", ela chamou. "Temos que manter Myrnin fora. É importante."

A Casa Glass tinha um tipo estranho de sensibilidade a ela — nada que ela pudesse nomear, exatamente, mas às vezes ela lhe pedia para ajudar, e às vezes era ouvida. Só agora, ela sentiu uma onda de calor, uma espécie de fluxo de energia que se movia através dela e em direção ao portal, sobrepondo-o.

Um bloqueio psíquico, melhor do que ela mesma poderia ter feito.

"Obrigada", disse ela. Ela queria entrar em colapso, mas ela olhou em torno procurando Michael e Shane.

Shane estava deitado no sofá. Michael ainda estava de pé, mas sua camisa estava fragmentada e ela viu a tênues linhas de lesões ainda cura para cima.

Shane tinha um corte na cabeça, e ele ainda parecia tonto.

"Certo", ele murmurou. "Espero que alguém se lembrara da escada. Aquela era uma boa escada."

Os joelhos de Claire vacilaram, e ela teve de se sentar, rapidamente. Foi engraçado, e não engraçado. Aterrorizante.

Hannah disse que o vampiro da lanchonete tinha se recuperando? *Ela não disse. Melhor nós falarmos, ela nunca voltará.* E Oliver tinha sido forçado a matar outro vampiro que enlouqueceu, na última noite.

Myrnin era o antigo Myrnin. O Myrnin louco, o seu pior eu, antes que ele

tivesse matado Ada e colocar seu cérebro para a máquina. Ele tinha sido cruel. E ele tinha sido insano.

Ele não era de todo o homem que ela conhecia. E agora ele sabia do que eles estavam atrás.

"Temos que trazê-lo de volta", Claire disse em voz alta, sentindo-se doente e horrorizada. "Nós temos."

Porque ela se preocupava com ele... mas também porque Myrnin era o único que conhecia a senha para desligar a máquina.



Ela tentou chamar Amelie, mas caiu no correio de voz. Ela deixou uma mensagem para enviar alguém para deter Myrnin — mais de um, de preferência, fortemente armados. Claire prometeu tentar finalizar a máquina de manhã, quando o laboratório de Myrnin estivesse livre. Se ela não podia crakear sua senha, ela ia fazer exatamente o que Shane sugeriu, puxar o plugue. Melhor destruir tudo que correr o risco disto continuar.

Ter a cabeça do Shane examinada no hospital era um pouco louco, devido ao número de estranhos incidentes e acidentes que estavam acontecendo. Descobriram que ele não tinha nada, mas ele precisaria de pontos. Mais uma vez.

Ele não estava muito chateado. "As meninas amam cicatrizes interessante", disse ele. "Certo? Garotas? Vocês estão comigo?" Eve levantou a mão. Assim como Claire. Michael e Shane também, mas não foi muito fácil, porque Shane fez uma careta. "Pelo menos o que está acontecendo não atingiu nenhum de nós quatro. Isso é bom."

Claire olhou para Michael, mas ele parecia não saber por que ela estava olhando para ele. Ele não se lembra. Ou se sim, ele achou que era um sonho, muitas pessoas acreditavam nisso.

Eve, de repente virou a cabeça e viu alguém andar por trás Claire. "Uau", ela afirmou. "Não pode mesmo vir aqui para se afastar dos maus elementos. Mônica as seis, CB⁴."

⁴ CB=Claire Bear (Claire Urso, mas ia ficar muito estranho em português...

Claire olhou. Era definitivamente Monica, indo direto para eles. Ela era seguida por Gina, mas não Jennifer — ambas vestidas como se espera para ir a uma festa a qualquer momento, mas curiosamente daqueles modelos fora de moda. Havia algo de estranho na maneira de Monica. Parecia menos graciosa que Claire estava acostumada, quase desajeitada.

Monica passou direto por Claire sem um olhar, olhou para Eve, sorriu para Michael, e se focou em Shane. "Oh, meu Deus, você está aqui, também! Eu queria saber onde você estava. Não recebeu meus textos?"

Shane olhou para ela, estremeceu e fechou os olhos. "Por favor, faça a coisa ruim ir embora." Ele gemeu. "Eu já tenho uma dor de cabeça."

O sorriso brilhante Mônica vacilou, e Claire podia jurar que a viu ferida por um brevemente instante através de sua expressão. Então, o sorriso ficou mais brilhante. "Oh", ela disse. "Eu acho que você não recebeu. Eu mandei e-mails também. Vou mandar tudo de novo."

"Não vai", disse Shane. "Você está brincando comigo? O que somos nós, amigos?"

Monica franziu o cenho para ele. "Deixe de ser palhaço, Shane. É claro que somos amigos." *Ela deu uma risadinha.* Deu uma risadinha. "Bem, você sabe. Amigos que se beijam."

Shane abriu os olhos e olhou para ela. Ele abriu a boca, depois fechou e olhou Michael, que estava olhando para Mônica, com exatamente o mesmo olhar 'que droga é essa'?

"Não que nós não poderíamos ser mais", disse Monica, e piscou para ele. "Lembre-se da sessão no armário na escola? Estava quente, né?"

Shane realmente corou. Pequenas manchas vermelhas no alto de suas bochechas. Claire olhou para eles, fascinada, e pensou: Isso é como assistir a uma dessas destruições de trem em reality show. Foi quase... divertido. "Cale a boca", disse Shane. Parecia que estava engasgado com alguma coisa.

"Ah, relaxa. Não é como nós fizemos isso ou nada. Ainda."

"Sério. Cala a boca."

Monica deve ter finalmente entendido que a ideia não era engraçada para Shane, porque ela parecia um pouco chateada, em seguida, correu para outro tópico. "Então o que aconteceu com você? Oh, nós estamos aqui porque

Jennifer entrou no carro da mãe dela, ou algo assim, e esqueceu como se dirige, mesmo que ela tenha aprendido. Tão engraçado! Ela destruiu totalmente o carro da mãe dela — pelo menos, eu acho que foi o carro de sua mãe. Algum tipo de conversível vermelho. Cafona! Então ela está num dos próximos quartos. Você?"

"Só me faça um favor e me deixe, Monica. Eu não preciso de agravamento agora." Quando Shane queria, ele podia ser franco e do tipo que diz tudo, e Claire realmente sentiu uma pontada de simpatia com Mônica, que entrou em colapso.

"Caramba, eu só estava tentando ser legal, Collins," Monica disse. "Você não tem que ser um pé no saco o tempo todo. Você não é tão bonito, você sabe. Eu posso fazer melhor. Muito melhor."

Ela babava. Literalmente babava, com seus cabelos saltando. *Tão, estranho.*

Shane disse, por fim, "Isso te faz lembrar de qualquer outra pessoa ou alguma coisa?"

"Sim", Eve disse, batendo o lábio inferior com a unha cor de sangue. "Que eu preciso raspar a cabeça dela, enquanto estiver dormindo."

"Não é isso que eu quis dizer. Mike?"

"Escola", disse Michael instantaneamente. "Isso é o que ela era na escola quando ela veio para você."

"Falando da escola..." Eve disse. "Que diabos foi isso sobre a pegação armário?"

"Nada."

"Sério, você enfiou a língua da Monica em—"

"Eve, cale a boca."

"Não, sério, eu tenho que saber isso. Estava bêbado? Porque isso é honestamente a única desculpa que eu possa pensar."

"Não foi minha culpa. Ela me agarrou e me puxou para dentro." Shane tinha as bochechas coradas novamente. "Uma vez. Foi apenas uma vez. E eu disse-lhe para se foder no dia seguinte." Shane arregalou os olhos, e Claire viu sua mudança de expressão. "No dia seguinte. Esse foi o dia que ela... o dia que ela me disse que ela ia me arrepender."

"Oh, cara," Michael disse. "Foi apenas um par de semanas antes—"

Shane fechou os olhos novamente. "Não quero falar sobre isso."

Mesmo Eve deixou essa passar, porque o que estava tentando dizer foi que, duas semanas depois, o fogo tinha começado na casa do Shane, e Monica tinha sido a culpada. Talvez. E a irmã de Shane tinha morrido.

"Ela nem sequer olhou para mim", disse Claire. "Ela *sempre* olha para mim."

"O quê?" Michael perguntou, distraído.

"Monica. Ela nunca deixa uma oportunidade passar por dizer algo rude para mim. Mas ela não fez. Foi como se ela nem soubesse que eu existia."

Foi por isso que Monica tinha a ignorado, Claire percebeu. Ela não era sua inimiga. Ela nem mesmo a conhecia. Monica estava mentalmente regressa... O que ela havia sido no segundo grau? Antes da casa de Shane ter sido queimada, e a família dela deixar a cidade.

Monica pensou que eles estavam todos na escola.

"Assustador", disse Claire.

Shane engoliu. "Você não tem ideia. Monica costumava me seguir em todos os lugares. Mandava notas e textos de sacanagem. Ela disse às pessoas que era minha namorada. Bateu em alguma menina com quem conversei. Foi miserável."

Uau. Monica tinha sido obcecada por Shane. Isso colocou uma luz completamente diferente sobre as coisas. "Quanto tempo isso durou?"

"Acho que cerca de três meses, talvez. Michael?"

"Sim, isso. Foi quando ela decidiu que eu estava fora do alcance." Ele balançou a cabeça quando Claire abriu a boca. "Não pergunte. Ela era uma perseguidora. Trabalhou da maneira dela com a maioria dos atletas, mas eu não sei por que ela nos pegou."

"Bem, e não seria sobre a adorável beleza e talento de vocês?" Eve disse. "Esmaguei tudo sobre você, também. Não é você, Collins. Você, Glass."

O médico entrou, e expulsou-os, enquanto Shane tirava os pontos. Claire estava feliz o suficiente para perder essa parte. Tirar os pontos era doloroso, ela sabia por que tinha experiência.

Monica e Gina estavam bebendo latas de refrigerante e rindo enquanto elas checavam os estagiários e médicos. Isso era tão... não elas. E, no entanto,

era, ao mesmo tempo. E ainda, Monica ficou olhando para a cortina que escondia Shane com fome, olhos fascinados, e isso fez Claire se sentir sensual e furiosa e suja.

Monica ainda pensava que Shane estava interessado nela. Todas as evidências eram o contrário.

"Isso não está certo", disse Michael, olhando ao redor. "Simplesmente não parece certo. Você sabe? É como se tudo... estivesse fora da sintonia. Eu não sei se vocês se sentem desse jeito, mas as coisas estão diferentes. Vampiros percebem isso."

"Isso pode ser porque alguns estão violentos", disse Claire. "Nós temos que consertar. De alguma forma. Apenas vai piorar."

"Bem, você não pode voltar para Myrnin Não depois—"

"Michael, eu preciso! Essa coisa vem e vai, né? Pessoas ficarão a mercê disso. Isso vai voltar e quando fizer eu tenho que estar lá e saber o que fazer." Ela tomou uma respiração profunda. "Ou, como Shane disse, temos que puxar o plugue. Essa é a única outra solução."

"Nuke the site from orbit⁵", Eve disse. "É a única maneira de ter certeza."

"Não cite ETs para mim, estou apavorada, já chega!"

"Sinto muito. Mas é sempre um bom conselho."

"Realmente é um bom conselho", disse Michael. "Eu posso ir puxar o plugue. Myrnin não virá depois me—"

"Ele irá", disse Claire. "Myrnin costumava morder outros vampiros, também, caso você tenha se esquecido. Você não pode assumir que esta fome de sangue vai passar. E ele é forte, e realmente rápido. Não faça isso. Faça Amelie ir, ou Oliver. Eu não acho que ele possa mordê-los."

"Você não acha?"

Ela encolheu os ombros tristemente. "Eu não sei mais nada quando ele está assim. Eu não sei o que ele vai fazer."

"Nós estamos tão ferrados", Eve disse. "E quanto Amelie? que ela está fazendo?"

De repente um gosto desagradável surgiu na boca do estômago da Claire. Ela estava absolutamente certa de que Amelie e Oliver não gostariam que ela e

⁵ Uma citação do filme *Aliens*.

nem ninguém falasse sobre o que ela tinha visto antes, nem mesmo para — ou talvez especialmente — Eve e Michael. Ela decidiu deixar em dúvida. "Eu não sei. Oliver disse-me para cuidar disso, mas..." Claire foi forçada a dar de ombros de novo. "Talvez por agora os dois estejam mal, também."

"Bem, isso seria ruim. Epicamente ruim."

Seria, Claire pensou.

"Eu deveria verificar com eles e ver o que eles querem fazer. É estranho ninguém me chamar de volta", disse ela. "Michael, você poderia ficar e esperar por Shane—"

Acontece que, enquanto a cortina se movia, que não havia necessidade de esperar.

Shane se juntou a eles, movendo-se lentamente. Os pontos se foram, mas ele tinha uma faixa branca colocada sobre o local. Claire pegou a mão dele, e ele sorriu. Ele parecia um pouco pálido. "Eu estou bom para ir. O que estamos fazendo?"

"Levando você para casa", disse Claire.

"Não se vocês estão indo para outro lugar."

"Você ainda está ferido", disse Michael. "Tenho certeza que isso não seja opção."

"Ah, é? Você quer tentar me parar, cara?" Shane disse, e sorriu. "Eu sei que você é bom. Você não vai acertar um cara que está para baixo."

Eve levantou a mão para bater na dele. "Bate aqui Shane Collins, comandante manipulador!"

Ele bateu, e se encolheu um pouco novamente.

"Sim, bem, você não cresce com o meu pai sem saber algumas coisas. Então, para onde estamos indo?"

"Para Amelie", disse Claire. "Ela pode ir conosco para o laboratório e manter Myrnin enalacrado enquanto puxamos o plug, se ele não estiver... você sabe, melhor."

"Definir *melhor* com esse cara."

"Sem presas e raaaaar."

"Ah. razoável. Rápida parada em casa. Eu quero carregar as coisas boas."

Se Shane esperava um argumento, ele não conseguiu um. Claire estava

pensando a mesma coisa.

Quando você estava indo para uma zona de guerra, você não vai desarmado.

CAPÍTULO

ONZE

Eve encomendou algo especial pela internet, ao chegar pelos correios, Claire descobriu o que era. Ela havia comprado três destes e Claire colocou o dela com um suspiro de prazer. Gargantilhas de prata de duas polegadas de espessura no pescoço de um cara, especialmente Shane, provou ser mais do que um problema.

Shane segurou a joia, balançando-a como um rato morto. “De jeito *nenhum* eu sou pego usando isso, vivo ou morto.”

“Ah, vamos lá, só esta vez.” Eve disse. “Proteja seu pescoço. E suas veias e artérias. Elas são importantes, não são?”

“Obrigado por lembrar, mas não combina com meus sapatos.”

“Você vai realmente passar a se preocupar com o que as pessoas pensam agora?”

“Não, eu estou preocupado com pessoas tirando fotos e postando-as no Facebook. Esta merda nunca morre. Assim como você, Mikey.”

Michael, de cara séria, disse, “Ele tem razão, porque eu definitivamente iria tirar fotos. Você também faria isso.”

Eve teve que sorrir. “É, eu faria. Ok, então. Mas você está ótimo. Eu poderia te deixar mais arrumado com um tapa-olho prata combinando.”

“Vou te contar uma coisa: você poderia ser Glammera, o caçador de vampiros. Todo machão e fortemente armado.”

Michael bufou e pegou algumas — em sua maioria não letais — estacas, as quais ele enfiou em sua jaqueta. “Vocês estão prontos?”

“Acho que sim.” Shane deu mais uma olhada em sua balestra e colocou

em sua bolsa.

Eve carregava uma (para ela) enorme bolsa cheia de coisas. A bolsa, é claro, tinha um smile feliz brilhante... com presas. Claire levava consigo sua *forademo damas útil* mochila.

Ela retirou dela todos os seus livros e os deixou em cima da mesa. Atualmente ela não fazia ideia de quando retornaria a escola, mas certamente não seria hoje.

Shane deixou sua corrente de prata sobre a mesa, estremeceu, e liderou o caminho da Glass House até o carro. Michael trancou a porta atrás deles, e Claire pensou em como estava se tornando fácil um dar cobertura ao outro. Não haviam mais discussões.

Shane foi primeiro, levando as chaves do carro fúnebre de Eve; Ela ia direto para o lado do passageiro. Claire checava sombras, indo para o longo banco preto traseiro, e Michael correu para dentro, juntando-se a ela, quando ela abriu a porta traseira. Ele foi o último a entrar, e bateu no teto para sinalizar Shane, assim que ele e Claire sentaram no banco de trás do carro.

Eve havia adicionado algumas tiras furta-cores pelo teto.

“Essas coisas são luzes de discoteca?”, disse Michael, descendo a janela que havia entre o compartimento do motorista e a parte de trás.

Eve virou para trás e seu rosto se iluminou. “Você gostou? Eu pensei que fossem ficar realmente legais. Eu vi em um filme, você sabe, numa limusine.”

“Ficou legal,” Michael disse, e sorriu para ela. Ela sorriu de volta. “Não posso esperar para estar aí e observá-las com você.”

Claire disse, “Você não precisa esperar; já está funcionando. Olhe! Oh, esqueça.” Ela enrubesceu, se sentindo estúpida por não ter conseguido isso no primeiro segundo. Eve piscou para ela.

“Você não deveria estar ligando para Amelie e conseguindo alguma permissão para estacionarmos?” Eve perguntou. Claire assentiu, e fez a ligação. Caiu na caixa postal, e Claire deixou uma mensagem. Ela estava prestes a desligar quando olhou para fora da janela e viu uma viatura estacionada.

Hannah Moses estava encostada no carro. Apenas... encostada. Olhando ao redor.

“Espere”, Claire disse, e segurou o ombro de Shane. “Pare. Ela pode nos colocar lá dentro; ela tem permissão para ir a Praça da Fundadora quantas vezes quiser.”

Shane parou atrás do carro de patrulha de Hannah, e Claire saiu para falar com ela. Ela se moveu rápido, porque aquela área não era muito bem iluminada, e qualquer maneira, tudo parecia realmente sombrio hoje à noite. Mesmo com os faróis do carro funerário brilhando, parecia sem iluminação.

“Hannah!” ela disse. “Nós precisamos de ajuda. Você poderia conseguir com que encontrássemos Amelie?”

Hannah se virou para olhar para ela, algo parecia errado em sua linguagem corporal. Ela parecia tensa e pronta para reagir. Deixou sua mão próxima ao coldre de sua arma. “Quem é você?” ela perguntou. “Nome.”

“Ah, droga,” Claire disse. “Você foi contaminada pela doença, também.”

“Nome!” Hannah gritou. “Agora!”

“Uh, ok, me chamo Claire. Claire Danvers. Você me conhece.”

Hannah sacudiu sua cabeça. “Aqui é Morganville”, ela disse. “Eu não posso estar em Morganville. Eu estava em... eu estava em Kandahar. Eu *estava lá* agora.” Ela olhou para seu uniforme policial e sacudiu sua cabeça novamente. “Eu não estava vestindo isto. Eu não sou uma policial. Sou uma fuzileira naval. Isto não pode estar acontecendo.”

“Hannah, você está tendo um... um flashback, só isso. Você não é fuzileira naval; você não está no Afeganistão. Você está aqui, em Morganville. Você é uma chefe de polícia, lembra?”

Hannah olhou para Claire como se ela fosse louca.

“Olhe para o que você está vestindo”, Claire disse. “Uniforme policial. Porque alguém sequestraria você, te traria até aqui e mudaria suas roupas? Que sentido há nisso?”

“Não há”, Hannah admitiu. “Nada disso faz sentido algum. Eu preciso contatar.”

“Contatar aonde?”

“O escritório do meu comandante.”

“Hannah, você não está na Marinha agora! Você *não tem* um comandante!”

Hannah não parecia ouvi-la neste momento. “Eles irão pensar que sou uma desertora. Preciso contar a eles o que aconteceu.” Ela olhou ao redor novamente, e seu olhar parecia um pouco desesperado. “Exceto que não sei o que aconteceu.”

“Eu acabei de dizer a você! Flashback!”

“Isso não é um flashback de combate!”

“Não, é...” Mentir, Claire pensou, era a única forma de continuar. “Você esteve drogada. Você precisa acreditar em mim. Você mora aqui, em Morganville. Você é a chefe de polícia daqui.”

Hannah estava sacudindo sua cabeça como se não acreditasse nisso, melhor, como se ela não quisesse acreditar nisso. “Eu não vou voltar a Morganville. De forma alguma eu irei concordar com isto.”

Mas você, Claire começou a dizer, e depois voltou atrás. Ela não sabia porque Hannah havia mudado de ideia; talvez alguma coisa aconteceu a ela enquanto estava no Afeganistão, ou quando ela voltou de lá. Mas independente do que ocorreu, na cabeça de Hannah, ainda não havia acontecido.

“Eu sei que isso é duro,” Claire disse. “Mas nós precisamos da sua ajuda. De verdade. Tudo o que você precisa fazer é ligar para pedir permissão para nós irmos a Praça da Fundadora. Você poderia fazer isto?”

“Eu não conheço essas pessoas”, Hannah disse. “E vocês estão dirigindo em um carro funerário. Isso não me faz querer acreditar em vocês exatamente...” Sua voz falhou, e ela piscou assim que as portas do carro abriram e Michael e Eve saíram. “Vocês são... vocês são as crianças Glass. O guitarrista. Eu lembro de você. E...” Hannah deu uma olhada nos dois, dos pés a cabeça, Claire nunca a havia visto tão surpresa. “Eve? O que você fez consigo mesma? Seus pais já viram como você está?”

Claire compartilhou do momento de silêncio que com seus amigos, até que Eve finalmente disse, “Ah, sim, eles viram. Eu estou me vestindo assim há três anos, você não lembra?”

“Não”, Hannah disse, e sentiu repentinamente na calçada. Apenas... sentou. Ela segurou a cabeça com ambas as mãos. “Não, eu não lembro disto. Eu lembro... Você estava na escola com meu irmão Reggie, antes dele... Eu vi

você no funeral...”

Eve sentou ao lado dela e pôs uma mão em seu ombro. “Eu sei”, ela disse. “Mas depois disso você foi ao Afeganistão, e regressou, e agora você é a chefe de polícia. Você precisa se lembrar disto!”

“Eu não”, Hannah disse, e Claire percebeu chocada que ela estava chorando silenciosamente, lágrimas rolando pela sua face. “Eu não lembro de nada disso.” Ela suspirou profundamente, limpou seu rosto, e deixou Eve ajudá-la a se levantar. “Certo. Vamos supor que tudo isso seja verdade, mesmo que eu não acredite. O que vocês querem?”

“Apenas... nós precisamos de você para contatar o posto de guarda da Praça da Fundadora e liberar nossa entrada pra ver Amelie”, Claire disse. “Por favor, eu já tentei ligar. Ela não está respondendo.” E Claire achou que ela estava realmente, verdadeiramente aborrecida. Não que Amelie fosse uma amiga, exatamente, mas a ideia de haver uma Morganville sem ela era... impensável. Ela não conseguia tirar de sua cabeça a imagem de Amelie deitada no chão, nos braços de Oliver.

Hannah a olhou como se ela fosse mais louca do que antes. “Nós não devemos chamar a Fundadora pelo nome.”

“Agora nós chamamos”, Claire disse. “Eu chamo. Nós todos chamamos. Você precisa acreditar em mim... as coisas por aqui estão diferentes agora. Por favor, Hannah. Nós realmente precisamos disso se vamos ajudar as pessoas.”

Hannah olhou de forma diferente para a cidade, para eles, e finalmente assentiu. “Certo”, ela disse. “Vocês me digam o que fazer e eu farei. Qualquer coisa para fazer tudo isso... parar.”

Claire entrou na viatura e encontrou o celular de Hannah. Certa o bastante de que havia todo tipo de contatos na agenda, e um deles seria o do posto de guarda que fica na entrada da Praça do Fundador. Ela discou para Hannah e entregou a ela.

“Posto de guarda?” Hannah disse, e neste momento, ao menos, ela pareceu estar em terreno familiar. O treinamento da Marinha fazia isso, Claire concluiu. “Quem fala é Lieut... Quem fala é Hannah Moses. Há quatro crianças em um carro funerário que estão liberadas para entrarem na Praça da Fundadora.” Ela cobriu com a mão o microfone do celular e olhou para

Claire. “Algo mais?”

“Hum... eles precisam nos deixar ver Amelie.”

Hannah deu um suspiro profundo e assentiu enquanto descobria o microfone. “E eles vão precisar de acesso total ao escritório da Fundadora.” Ela ouviu, e seus olhos se arregalaram um pouco. “Ótimo. Obrigada.” Ela passou o celular de volta para Claire, que desligou e colocou no carro novamente. “Eles disseram que irão coloca-los na lista. Simples assim.”

“Obrigada, Hannah” Por impulso, Claire a abraçou. Hannah era um bloco sólido de músculos, mas acabou relaxando um pouco e lhe retribuiu o abraço. “Vá para casa. Não saia novamente até que as coisas parem de parecerem estranhas, ok?”

“Casa?” Hannah repetiu, e olhou assustada novamente. “Eu não tenho casa aqui.”

Bom, ela provavelmente tinha, mas Claire não sabia onde era. Ela pensou por um momento, depois disse, “Vá para casa da Vovó Day. Você costumava morar com ela, certo?”

“Quando eu era criança, sim.”

“Ela irá te ajudar”, Claire disse. “Diga a ela que mandei um oi.”

“Ela é uma senhora difícil”, Hannah disse, mas isso pareceu afetuoso. “Sim, eu irei lá. Mas você me deve explicações, Claire. Das boas.”

“Se tudo der certo, não irei devê-las mais,” Claire disse. “Se cuide, ok?”

Hannah sorriu levemente. “Eu sou de Morganville”, ela disse. “Sou sempre cuidadosa.”

Eles a deixaram para trás, ainda ficando ao lado da patrulha, e seguiram para a Praça da Fundadora.

Os guardas olharam dentro do carro, mas não revistaram; Claire supôs que não havia razão para isso, com Hannah aprovando a visita deles. Eve parecia nervosa, mas *não nervosa* demais, e tendo Michael com eles garantiu que os vampiros ficassem de fora, de qualquer maneira.

Os guardas os deixaram entrar, e Eve, agora dirigindo, guiou o imenso carro rampa abaixo até chegar ao estacionamento subterrâneo. “Droga”, ela disse. “Eu espero que eu possa estacionar esta coisa aqui.”

Por fim, ela bateu com a lateral do carro em dois lugares, mas como a

garagem estava deserta em sua maior parte, Claire supôs que ninguém fosse reclamar. “Ok, aqui estamos”, Shane disse. “E agora?”

“Vamos ser espertos”, Michael disse. “Shane, você e Eve fiquem aqui com as armas. Eu irei subir com Claire. Se não voltarmos em dez minutos, carreguem o que puder e comecem a correr.”

“Vocês irão levar armas”, Shane disse.

“Só o que podemos esconder”, Michael disse. “Se chegarmos lá com armas a tira colo, Amelie irá nos matar por ter feito isso. Ela vai ignorar defesa pessoal. Não assalto à mão armada.

Claire levou sua mochila. As pessoas estavam tão acostumadas a vê-la com ela, que não se preocupariam com o que carregava dentro dela. Ela sabia que Michael levava estacas com ele. Isso precisava ser o bastante. “Eu irei ligar para vocês se tudo estiver ok”, Claire prometeu, e beijou Shane rapidamente. Ele agarrou sua mão quando ela tentou sair do carro, e a puxou de volta para outro beijo, um mais longo. Ele não queria deixá-la ir, e nem ela queria na verdade, mas ele finalmente suspirou e assentiu, e ela abriu a porta traseira do veículo.

“Hey, Mikey? Você permite que a machuquem e eu acabo contigo.”

“Você deixa algo acontecer com Eve e eu farei o mesmo com você”, Michael disse. Ele acabou por beijar Eve, também. “Enquanto você está nisso, não acabe morrendo, também, cara.”

“Idem. E não me beije.”

Claire inclinou a cabeça para ele, exasperada. “Seriamente, Shane? Idem? É o melhor que você pode fazer?”

Shane e Michael trocaram expressões idênticas, encolheram os ombros. Caras.

“Me deixem mostrar a vocês idiotas como isso termina”, Eve disse, e abraçou Claire ferozmente. Ela a beijou na bochecha. “Eu amo você, CB. Por favor, tome cuidado, ok?”

“Também te amo”, Claire disse, e repentinamente sua garganta ficou apertada e seus olhos inundaram de lágrimas. “De verdade.”

Shane e Michael as olharam com expressões idênticas de perplexidade e Shane finalmente disse, “Então basicamente, foi o que eu disse. Idem.”

Michael sorriu e se dirigiu ao elevador que iria leva-los ao andar do Conselho. “Vamos?”

Claire pegou sua mochila pesada e correu para se juntar a ele.

O elevador estava vazio e frio, o metal brilhava como se alguém estivesse acabado de poli-lo. Michael pressionou o botão e a olhou. “Você está bem?”

“Estou.”

“Seu coração está acelerado.”

“Nossa, obrigada. É muito confortante saber que você consegue escutá-lo.”

Ele sorriu, e esse era o antigo Michael, aquele que ela conheceu antes de toda essa coisa de vampiro. “É, eu sei disso. Desculpe. Apenas se mantenha atrás de mim se houverem problemas.”

“Você soa como Shane.”

“Bom, ele disse que iria me matar se você se machucar. Eu estou apenas cuidando do meu próprio pescoço.”

“Mentiroso.”

Ele bagunçou seu cabelo, como um irmão mais velho chato, e parou em frente a ela assim que o elevador apitou e a porta abriu. Ela não conseguia ver nada, mas evidentemente a área estava livre, porque Michael continuou andando pelo corredor.

“Costumavam ter guardas ali”, Claire disse, espiando por detrás dele as portas duplas do gabinete do conselho.

“Quando eles estão em reunião”, Michael concordou. “Não há razão para guardarem uma sala vazia. Vamos por esta direção.”

Ele virou numa interseção em forma de T e seguiu á esquerda em outro corredor idêntico, todos os painéis e pisos de mármore ainda lembravam a Claire uma casa funerária. Sem barulhos no prédio exceto pelo do ar condicionado central. A temperatura estava boa, beirando o frio. Todas as portas estavam sem identificação, pelo menos para olhos humanos.

“Ali”, Michael disse. Claire assentiu. Ela conseguia ver um guarda vampiro de preto parado do lado de fora de uma das portas... a mulher era um dos guardas do nas câmaras do conselho. Ela estava sentada numa cadeira, lendo uma revista, mas assim que Michael e Claire se aproximaram, ela

levantou e assumiu sua posição de repouso habitual.

“Michael Glass e Claire Danvers para Amelie”, Michael disse.

“Vocês não tem hora marcada.”

“Não,” Claire disse. “Mas é importante. Nós precisamos vê-la”

“Minhas instruções são que ela não quer ser perturbada”, a guarda disse.

“Mas é uma emergência!”

“Eu recebo ordens.”

“Amelie irá querer nos ver,” Michael disse.

O outro vampiro franziu suas sobrancelhas, muito ligeiramente. “Não importa se ela irá querer,” ela disse. “Amelie não dá mais ordens. Oliver dá, e suas ordens são de que ela deve descansar sem ser perturbada. Agora vão ou serão expulsos.”

“Talvez devemos ver Oliver”, Claire disse duvidosa.

Isso fez a guarda-vampiro sorrir, com as pontas de suas presas aparecendo. “Uma excelente ideia, mas novamente, vocês não possuem hora marcada. Oliver não recebe humano algum sem hora marcada.”

“E a mim?” Michael disse. Eles se entreolharam.

“Temo que Oliver não esteja disponível para ninguém agora”, ela finalmente disse. “Ordens.”

“Então iremos ver Amelie”, Michael disse, e estendeu a mão em direção a maçaneta da porta. A mão da guarda entrou em seu campo de visão repentinamente, parando Michael há uma polegada do metal. “Sério? Você tem certeza que quer fazer as coisas desta forma?”

A guarda sorriu, com suas presas de vampiro aparecendo completamente agora. “Você está causando problemas, garoto novo. Eu avisei: vá embora. Não há mais discussões...” Sua expressão se alterou, e inclusive Claire sentiu algum tipo de força passando por eles, um tipo de onda de pressão que fez ambos vampiros girarem em direção a porta fechada.

Claire descobriu que estava segurando a cabeça com as mãos, e não conseguia se lembrar de fazê-lo. Ela olhou para Michael, que a olhou como se sentisse o mesmo. A guarda vampira olhou surpresa.

“O que foi isso?” Claire perguntou.

“Amelie”, Michael disse. Ele foi em direção da maçaneta da porta

novamente, e a vampira o bloqueou. Ele agarrou o ombro da vampira acima do cotovelo com sua mão esquerda, e inclinou-a sobre a cabeça num movimento súbito e chocante. Ela poderia ter ido ao chão, mas ao invés disso ela girou no ar e desceu levemente, recuperando o equilíbrio ao chegar ao chão e o lançou contra as paredes revestidas com suas unhas em forma de garra no pescoço de Michael.

Claire agarrou a maçaneta da porta e mergulhou escritório adentro.

Lá dentro estava escuro. Um breu. Ela não conseguia ver nada, e por um segundo permaneceu parada, esperando seus olhos se ajustarem a escuridão. Nada. Era como nadar em tinta. Claire tateou ao longo da parede procurando um interruptor, e encontrou um.

Quando acendeu a luz, ela encontrou Amelie em pé diante dela, a fitando com olhos como gelo. Claire gritou e se encolheu de volta contra a porta. Amelie se inclinou para frente, uma palma contra a madeira ao lado da cabeça de Claire. Com sua mão direita, ela virou o ferrolho para trancá-las lá dentro.

“Agora”, ela disse suavemente. “Quem é você, garotinha? Alguma caçadora de vampiros novata que pensa que irá livrar a cidade e se tornar uma heroína do povo? Você realmente acha que tem coragem de colocar uma estaca no meu coração, criança?”

Amelie não a conhecia. Completamente.

Pior, havia outro vampiro na sala. Oliver.

E ele estava deitado inconscientemente no chão, com sangue escorrendo de duas perfurações na garganta.

Em retrospecto, era bem óbvio o que acabara de acontecer; Claire havia visto o contrário anteriormente, na câmara do conselho, quando Amelie e Oliver haviam lutado pelo controle da cidade, e Amelie havia perdido.

Havia acontecido de novo, mas desta vez ela havia ganho.

Claire olhou para a luz quente e estranha nos olhos de Amelie, e pensou, Hey? Era uma coisa louca a se pensar, especialmente porque o pensamento soou como a voz de Eve dentro de sua cabeça, mas de alguma forma a fez se sentir um pouco mais estável. Um pouco mais forte.

“Não se preocupe com o intruso”, Amelie disse, olhando de lado para Oliver, quem estava sem se mover. “O coloquei em seu devido lugar. Como

eu asseguro que irei fazer com você, garotinha caçadora.”

Claire engoliu a seco e tentou regular as batidas descompassadas de seu coração. Mostrar medo não iria ajuda-la. “Meu nome é Claire Danvers”, ela disse. “Sou aprendiz do Myrnin.”

Amelie sorriu. Não era um sorriso legal. “Minha querida, Myrnin poderia devorar você como café da manhã”, ela disse. “Ele já fez isto antes, a pessoas que eram mais capazes e mais amadas por ele.” O sorriso morreu. “Agora, quem é você?”

“Claire! Meu nome é Claire! Você me conhece!”

“Eu não a conheço. E não vejo porque eu deveria me incomodar. Você não deveria ter vindo aqui, garotinha. Eu não tolero esse tipo de rebelião.”

Claire não fazia ideia do porque ela havia pensado isto, mas de repente, uma página da história do livro que ela comprou na livraria surgiu em seu cérebro, como se estivesse colada nele. Ela conseguia ver todos os detalhes, mesmo por trás das manchas no papel. “Mas você tolerou”, ela disse. “Há uns cem anos atrás. Você permitiu Ballard Templin ir após você ter atirado nele na rua.”

Aquilo surpreendeu Amelie o bastante para franzir a testa, apenas um pouco. “Ballard Templin”, ela repetiu. “Como alguém da sua idade poderia saber sobre Templin?”

“Ele era um pistoleiro”, Claire disse. “E ele foi contratado para te matar. Você o desarmou e disse a ele para matar o homem que o havia contratado. Ele o fez. Era o gerente do banco.”

“Você não deveria saber destas coisas, garota. Coisas que nunca deveriam ter se tornado públicas.”

Claire chamou outra página em sua memória. “Você comprou o terreno para criar Morganville de um fazendeiro chamado Roger Hanthorn, por algo em torno de mil dólares. A primeira barreira em volta do lugar era feita de madeira, um grande muro, como uma paliçada. E você costumava tocar harpa. As pessoas diziam que você tocava como um anjo.”

A perplexidade no rosto de Amelie era quase humana agora. “Você não pode saber estas coisas.”

“Seu pai era Bishop”, Claire disse. “E você estava apaixonada por Sam

Glas...”

Ela não sabia o que falou de errado, mas Amelie despiu suas presas e agarrou Claire pelo braço. Ela a jogou através da sala rapidamente, e Claire perdeu sua mochila pelo caminho enquanto ela caiu uma e outra vez até que parou subitamente contra a parede.

As coisas ficaram confusas então, e ela se sentiu estranhamente quente. Ela piscou algumas vezes e o rosto de Amelie voltou ao foco logo acima dela. “Quem é você?” Amelie disse. “O que você sabe sobre Sam? *Onde ele está?* Ele não pode se esconder de mim, mas eu não consigo senti-lo! Quem o levou?”

Claire recuperou a clareza instantaneamente. Ela estava machucada, mas não achava que tivesse quebrado algo. Mas tinha um ponto quente e latejante em sua cabeça onde ela bateu na parede.

Tudo aquilo ficou como plano de fundo quando ela compreendeu o que Amelie estava perguntando.

Ela pensava que Sam Glass estava vivo.

Ela pensava que Sam estava *desaparecido*.

E ela pensava que Claire sabia onde ele estava.

Aquilo era ruim, mas o que era pior era que ela não tinha uma boa resposta. O que ela iria contar a Amelie? Sam está morto? Você enterrou ele? Eu posso te mostrar seu túmulo? Quão horrível isto poderia ser? E além disso, Amelie provavelmente iria mata-la por isto, mesmo se ela acreditasse em Claire, o que ela não faria. Hannah não acreditara que ela havia voltado do Afeganistão. Isto seria muito mais difícil de aceitar.

“Então?” Amelie sussurrou, e pressionou suas unhas gentilmente em torno do pescoço de Claire, para que pudesse sentir a picada. “Eu não irei mata-la, garota. Ainda não, e não tão rapidamente. Se você tiver feito qualquer coisa para Sam Glass, eu irei vê-la sendo destruída aos poucos, pelos métodos antigos. Você pode salvar a si mesma se me contar onde encontra-lo, agora.” Seus olhos se arregalaram. “Foi Oliver quem o levou?” Ela deixou Claire de lado e foi até Oliver, que havia acabado de abrir os olhos quando ela se curvou agarrá-lo pela camisa e arrastá-lo para uma posição sentada.

Os ferimentos em sua garganta estavam quase fechadas. “Você.” A voz de Amelie pingava desprezo e veneno. “É assim que você repara minha

gentileza? Eu deixei você viver da última vez que me desafiou. Você levou Sam Glass para garantir sua vitória desta vez?”

Oliver piscou, e Claire teve certeza que viu perplexidade em seus olhos, e uma realização surgir. “Ela não lembra”, Claire disse. “A doença a contaminou, também.”

“Eu percebi”, ele murmurou, e fechou seus olhos novamente. “Eu não posso te ajudar, Claire. Não posso ajudar nenhum de nós dois.”

A mente de Claire não estava clara, exatamente; estava girando com ideias e pensamentos e esquemas, e o problema era que nenhum deles poderiam salvá-la, e ela sabia disto.

Amelie olhou para Oliver com olhos como gelo, cheios de fúria e disse, “Me diga onde ele está agora ou irei destruí-lo.”

“Não posso te dizer nada”, Oliver disse. “Sinto muito.”

Ela estava prestes a mata-lo. E Oliver não faria um movimento sequer para defender a si mesmo... ou talvez, Claire percebeu, ele não poderia. Ela o havia deixado muito fraco. “A máquina não está funcionando corretamente!” Claire deixou escapar, assim que Amelie ergueu sua mão com garras estendidas prontas para rasgarem a garganta dele. “É por isto que está tão confusa! É por isto que você não se lembra onde Sam está! Você sabe onde ele está, Amelie. Você me conhece, também. Você me deu um bracelete dourado por um tempo, e agora me deu um broche. Você me deu um broche! Precisa acreditar em mim!”

Isso não era o que Amelie esperava que ela dissesse, obviamente, porque ela recuou, apenas um pouco. Ela deixou Oliver e se voltou para Claire, e os dedos de Amelie tocaram o pequeno broche dourado, com o símbolo da Fundadora, que Claire tinha em sua camiseta. “Onde você conseguiu isto?”, ela perguntou. “De quem você roubou isto?”

“Eu não roubei”, Claire disse. “Você me deu isto. Como eu poderia saber o nome do computador de Myrnin se eu não fosse quem eu digo que sou? Como eu poderia saber qualquer coisa sobre o que eu disse a você?”

Ela refletiu por um segundo que havia apostado tudo no caminho errado, porque Amelie a olhou com tanta raiva, e tão... confusa. Tudo o que ela deveria fazer era bater nela, e Claire estaria prestes a ter um péssimo fim.

“Boa pergunta”, Amelie finalmente disse. “Como você sabe estas coisas? Apenas Myrnnin e eu sabemos da máquina. Ninguém mais. Ninguém que esteja vivo. Ele disse a você?”

“Eu trabalho para ele”, Claire repetiu. “Eu trabalho para você. E há algo errado com a máquina. Por isto que tem algo errado com você. Você *não sente* que tem algo errado?”

Amelie permaneceu observando-a por um momento mais, e franziu a testa para Oliver, que estava apoiado contra a parede, ainda fazendo nenhum esforço para se levantar. Ela se virou e foi até uma mesa grande e polida. Claire olhou em volta e percebeu que ela reconhecia esta sala; ela havia estado lá antes, mas através do portal ao invés da porta da frente. Havia muitos livros velhos em prateleiras embutidas, uns móveis antigos bem bonitos, e luzes suaves. Janelas grandes que estavam, agora, descobertas, mostrando a noite na Praça da Fundadora.

A gaiola no meio da praça estava iluminada como uma exibição. Claire se perguntou se o garoto ainda estava lá, ou se de alguma forma ele conseguiu tirar vantagem da confusão e fugir. Ela esperava que sim. E se Kyle não se lembrasse do motivo de estar na gaiola? Quão terrível isso poderia ser?

Claire foi mancando até uma cadeira e caiu nela. Sua cabeça estava girando, e ela sentiu como se quisesse vomitar, mas de forma alguma ela iria fazer isto no carpete requintado de Amelie. Oliver já havia sangrado nele todo.

Do lado de fora da sala, houve um silêncio repentino, e então a porta se abriu com um estrondo que enviou a fechadura voando para fora da madeira.

Michael entrou no cômodo, arrastando a guarda com ele. Ela havia sido amarrada com o que Claire percebeu que eram tiras arrancadas de seu casaco, e ele acrescentou uma mordaça. Ambos pareciam esfarrapados e desgastados.

Amelie levantou-se, boquiaberta e clamou, “Sam?” apenas um segundo antes dela perceber que estava errada. Não era Sam Glass. Era seu neto. Eles se pareciam bastante, exceto pela cor do cabelo. Sam era mais ruivo. “Michael. Mas você... você não pode ser...” Sua expressão mudou, lentamente, e suspirou, “Não. Não é possível. Você não pode ser um dos meus. Eu saberia disto. Eu iria lembrar.” Mas Claire poderia dizer que ela poderia sentir se era verdade... e isso fez Amelie se sentir ainda mais confusa.

E uma Amelie confusa era algo muito perigoso.

Michael jogou a guarda no canto e veio até Claire. “Você está machucada?”

“Não, estou bem.”

“Tem sangue em sua camiseta.”

Oh. Seu pescoço estava sangrando um pouco. Mas não o bastante para se preocupar. “Estou bem.” Exceto pela dor de cabeça, que estava forte, mas isso não era algo que ela queria saber. Michael olhou duvidoso, mas ele se virou para dar uma olhada em Oliver. “O que aconteceu com você?”

“Presunção”, Oliver murmurou. “Eu pensei que ela estivesse sob meu controle, e então... ela mudou.”

“Ela perdeu a memória,” Claire disse. “Ela não se lembrava que você tinha assumido o controle. Então ela atacou você.”

Oliver levantou uma mão fraca em consentimento, e todos eles olharam para Amelie, quem estava mais branca que uma estátua de mármore. “Como pode ser?” Você estava... Eu lembro de você, Michael. Você deveria ser mais novo... mais magro...”

“E não um vampiro”, Michael disse. “Mas eu sou um. E você me fez um.”

“Sim”, Amelie sussurrou. “Eu posso sentir isto. Mas como... como isso pode ser verdade quando eu não...”

“É a máquina no laboratório de Myrnin”, Michael disse. “Nós precisamos da sua ajuda para parar isto antes que seja tarde demais. Myrnin também não se lembra das coisas, Ele não irá nos deixar chegar perto sem lutar. Você é a única que ele irá ouvir.”

“Eu preciso pensar”, Amelie disse, e sentou-se como se tivesse perdido todas as suas forças. “Me deixem.” Ela não parecia mais prestar atenção neles, em nenhum deles. Havia uma profunda e miserável confusão em seus olhos, e Claire recordou como o vampiro na lanchonete tinha reagido. Com certeza não iria acontecer a Amelie.

Não com Amelie.

Claire se virou para Oliver. “Ajude-nos”, ela implorou. “Nós precisamos da sua ajuda. Você ainda se lembra.”

“Por quanto tempo?” Oliver perguntou. Ele também parecia fraco e estranho. “Eu vi isto tomar conta dela. Irá acontecer o mesmo comigo, e eu não serei mais útil para vocês.”

“A convença a ir ao laboratório de Myrnin”, Michael disse. “Assim você poderá ser útil para nós. Nós precisamos de você lá. De ambos.”

Amelie olhou para cima rapidamente. “Ninguém me convence de nada. Me deixe agora ou irei destruir os dois. Se há medidas a tomar, eu irei tomá-las, mas vocês não vão ficar aqui e insultar minha autoridade apelando para ele.” Ela pressionou um botão em sua mesa e um alarme começou a soar pela sala. “Eu preciso ter tempo para decidir o que fazer.”

Michael puxou Claire da cadeira, agarrou sua mochila, e disse, “Nós estamos indo.”

“Então corram”, Amelie disse. “Pois se meus homens pegarem vocês, eu terei que mata-los.”

Michael assentiu, e praticamente arrastou Claire para fora do escritório.

“Eu não posso!” Claire gritou ofegante. Sua cabeça latejava, e ela não conseguia manter o equilíbrio. Michael não hesitou. Ele a agarrou e a jogou por cima do ombro, e continuou correndo. Ela conseguia ver o que havia atrás dele.

Vampiros estavam saindo das portas e correndo atrás deles. Pulando atrás deles, como se comessem o corredor de tão rápido que corriam. “Mais rápido!” ela gritou.

Ele chegou a interseção de corredores e correu tão rápido que ela se sentiu ainda mais tonta. Ok, ela não iria vomitar na blusa de Michael. Ela apenas não poderia.

Michael bateu contra uma porta, e repentinamente ela estava no ar. Isso não ajudou com a desorientação completamente, mas ao menos era rápido, e ela sentiu o impacto quando eles pousaram... aonde?

Oh, na parte inferior da escada. Ela esticou o pescoço e olhou três andares acima, onde os vampiros pulavam atrás deles, e um estava no parapeito, se preparando para pular em cima de Claire e Michael.

Michael não esperou. Ele abriu a porta para a garagem e a próxima coisa que ela soube, era que estava sendo jogada no banco traseiro do carro

funerário e Eve corria com ele para fora da garagem como se o cano de escape estivesse pego fogo.

Claire respirou tão profundamente quanto pôde, e por alguns segundos, o mundo parou de rodar tanto. Ela abriu os olhos e viu Shane, quem estava segurando-a em seu colo.

“Era para você ligar”, ele disse. Ele parecia zangado.

“Desculpe”, ela disse. “Nós estávamos ocupados demais sendo quase mortos.”

Eve gritou pela janela da frente, “Michael? Michael, o que aconteceu? Você está bem?”

“Estou bem”, ele disse. Ele tinha de estar, porque Claire não poderia imaginar como ele fugiu de todos aqueles vampiros se não estivesse. Ele estava deitado, no entanto, no outro banco traseiro. “Eles não vão nos perseguir fora da praça.”

“Não vou dar a eles alguma chance! Nós vamos direto para casa!”

Ninguém tinha o que argumentar contra isto. Claire estava pensando, *Mas nós precisamos fazer alguma coisa. Qualquer coisa.*

O problema era que, qualquer coisa que ela pensava, terminava com algum deles sendo morto.

Ela precisava pensar em algo.

Mas ela não o fez. Já era tarde, e eles todos estavam muito cansados, e sua cabeça doía. Ela caiu no sono no sofá, e Shane finalmente a acordou e a mandou ir para cama.

Ela queria ficar com ele, mas sabia que não deveria, não quando estava tentando pensar, e sua cabeça doía tanto.

Ela não se lembrava de ter subido as escadas para seu quarto, mas ela deveria tê-lo feito, porque quando acordou, a luz do sol estava gritando através das cortinas e formando um cobertor quente em sua cama. Sentiu-se melhor, até que ela tocou no galo em sua cabeça, ainda doía. Mas estava cicatrizando, ela poderia dizer.

Ela ainda não havia pensado no que iria fazer, exceto que deveria ir até Myrnin, convencê-lo a ajuda-los, ou então precisaria desligar o computador. Talvez a estação de força, ela pensou, mas ela esteve lá uma vez, e ao menos

que ela estivesse planejando conseguir um time da Marinha completo e talvez os amigos de Hannah dos velhos tempos dos fuzileiros navais, não havia forma alguma de desligar a força.

Isso deveria ser feito no laboratório. O que deixou o problema do vampiro louco que não se lembra dela e queria tê-la como almoço.

Não havia mais nada que pudesse ajudar, nada mesmo. Amelie iria ajudar, ou não. Não havia como dizer o que ela ou Oliver fariam.

Ainda era cedo o bastante para Michael estar em casa, mas Claire pensou que hoje era o dia de Eve chegar cedo no Common Grounds; ela trabalhava apenas dezesseis horas por semana, mas ela tentava completa-las durante as manhãs, porque ela realmente não queria mais passar as tardes lá. Então ela provavelmente já teria saído, se ela estivesse pretendendo trabalhar. Shane deveria estar na cama. Ele nunca acordava antes das dez, ao menos que precisasse.

Quando Claire entrou no banheiro, o espelho estava embaçado, e ainda caíam gotas de água quente do chuveiro, e Eve deixou sua maquiagem espalhada por toda a pia. Claire colocou tudo de volta na bolsa e pegou a sua própria, que consistia em nada mais que um lápis de olho e rímel. Ela tomou banho e se vestiu rapidamente, e pensava no que ela diria a Oliver quando abriu a porta e deu de cara com Michael.

Ele a olhou em choque... muito chocado, na verdade, tanto que ela checou se havia lembrado de colocar suas roupas. Ela tinha. “O que?”, ela exigiu. “Tem algo no meu rosto?”

“O que você está fazendo no meu banheiro?” Michael perguntou, e deu um imenso passo para trás. “Como você chegou aqui?”

Oh, droga. Ela estava com medo de que Michael estivesse suscetível ao que estava acontecendo, e agora aqui estava novamente. Assim como Amelie. Assim como Myrnnin. Assim como Monica, se isso importa.

Ele não esperou pela resposta dela. Correu para o fim do corredor, para o quarto dela, e abriu a porta. “Pai...” Ele silenciou, parado dentro do quarto. “Pai?” Voltou-se devagar. “O que está acontecendo?”

Claire suspirou. Parecia que sua vida inteira parecia ser dar notícias ruins as pessoas. “Eu sei que você não vai acreditar nisto, mas eu moro aqui,

Michael. Eu moro aqui há um tempo.”

Ele deu as costas para ela, com os punhos cerrados. Ela nunca havia visto aquele olhar em seu rosto... medo e raiva. “O que você fez com meus pais?”

“Eu prometo, eu não fiz nada! Olha, você pode perguntar a Eve no caso de não acreditar em mim, ou a Shane...”

“Monica te colocou aqui?” Michael perguntou, e a empurrou. Foi um choque, e a expressão sombria, furiosa dele a fez se sentir gelada por dentro. “Apenas saia. Saia da nossa casa!”

“Espere!” Não faria diferença, ele não iria acreditar nela mais do que Hannah havia, ou Amelie, ou Myrinin. “Espere, não...”

Michael a empurrou de novo. Com uma força vampírica.

Claire voou para trás, caiu, rolou, e quase caiu escada abaixo antes de se agarrar ao corrimão para parar a si mesma. Michael estava parado, olhando completamente surpreso; ele olhou para ela, depois para suas mãos, e a olhou novamente.

“Você é um vampiro, Michael”, Claire disse, e levantou-se com dificuldade. Sua cabeça doía de novo. Sem surpresas. “Se você não lembra de mais nada, lembre-se disso. Você pode machucar as pessoas, mesmo quando você não tem intenção de fazer isto.”

“Vá embora!” ele gritou. Ele parecia bastante triste, e com muita, muita raiva. Combinação ruim para um vampiro. Seus olhos cintilaram num tom avermelhado perverso.

Claire desceu os degraus, agarrando sua mochila de onde estava encostada na parede, e correu para a porta. Uma vez que estava do lado de fora, ela parou e pegou seu celular, discando o número de Shane. Tocou e tocou e tocou, e finalmente ele atendeu e murmurou algo que realmente não soava como uma palavra.

“Acorde! Tome cuidado”, Ela disse. “Michael não se lembra quem eu...”

Ela não teve tempo de dizer mais nada, porque Michael havia seguido ela até a varanda, e assim que ela começou a correr, ela viu que ele estava vindo atrás dela.

Na luz do sol.

“Não!” Claire gritou, e deixou cair seu celular e a mochila no chão. A pele

de Michael começou a chiar e esfumaçar instantaneamente quando entrou em contato com o sol e ele apenas ficou parado, olhando para si mesmo, como se isso fosse um pesadelo e ele estivesse esperando para acordar. “Michael, volte! Fique na sombra!”

“Eu não sou... eu não sou um...” Ele cambaleou e caiu de joelhos. “Eu não sou um vampiro.”

“Michael!”

Ela não tinha escolha. Precisava se arriscar, como aconteceu com Myrnin; ela não poderia deixá-lo ali fora para fritar. Ele não parecia entender que precisava se mexer... ou talvez não tivesse condições para isto. Ela não poderia dizer.

“Shane! Shane, traga seu traseiro aqui embaixo!” ela gritou, tão alto que ela esperava que ele pudesse ouvir através do celular e das janelas. Ela não poderia esperar por ele, no entanto.

Ela correu de volta para agarrar Michael sob os braços. Sua camiseta estava em chamas, e bateu nela antes de tentar segurá-lo, mas assim que fez isto, a camiseta pegou fogo novamente, chamuscando suas próprias roupas. As sombras ainda estavam há três metros de distância. Se ela o levasse até lá, ele poderia ficar bem; ela sabia que ele precisava ficar bem... mas ele estava lutando agora, e ela estava perdendo o controle.

Faça isto, apenas faça! Claire o segurou melhor, trincou seus dentes e o puxou com toda sua força. Ele era pesado, realmente pesado, e machucava tentar segurá-lo enquanto ele se debatia. Ela se moveu com ele mais um passo. Parecia que ia durar uma eternidade.

“Ande!” Shane gritou atrás dela, e pulou os degraus com uma pesada colcha em suas mãos. Ele jogou por cima de Michael e começou a golpear as chamas. “O que diabos aconteceu?”

“Ele... ele esqueceu que ele...” Claire não conseguia encontrar fôlego. “Eu não consegui fazer com que ele fosse para dentro.”

“Jesus, Michael... Claire, ligue para uma ambulância. Rápido.”

Ela tropeçou para dentro da casa e fez a chamada enquanto Shane arrastou seu amigo de volta pelos degraus até a varanda. Ela esperava que o que contou a telefonista da emergência tivesse feito sentido. Ela honestamente

não sabia. Tudo o que ela conseguia pensar era em voltar lá e ajudar Shane.

Foi só quando desligou o telefone que percebeu que suas mãos estavam queimadas também. Ela tentou não olhar muito de perto. Não estavam doendo ainda, exatamente. Provavelmente era o choque. Ela voltou para a varanda, e viu que Shane tinha desfeito a colcha.

Michael estava vivo, mas não parecia bem. Sua camisa estava coberta de buracos queimados, e a pele embaixo parecia horrível. Assim como seu rosto, suas mãos, seus ombros, toda parte dele que não estava completamente protegida. Ele ainda estava acordado, e seus olhos adquiriram um tom vermelho-rubi brilhante. “Eu não sou,” ele estava dizendo. “Eu não sou um deles. Shane, me diga que eu não sou!” Ele parecia tão assustado. Sua voz estava tremendo.

A expressão de Shane fez Claire sentir uma dor no coração, e sua voz saiu áspera, mas estranhamente delicada. “Você não é um deles, cara,” ele disse. “Você é um de nós. Você sempre será um de nós.”

Michael estava chorando agora. “Chame meu pai. Eu preciso do meu pai.”

Shane empurrou seu cabelo para trás com uma mão, claramente sem saber bem o que dizer, e então balançou a cabeça. “Não posso. Ele não está aqui, Mike. Apenas fique quieto, ok? Você vai ficar bem. Eles vão tratar de você.”

“Chame Sam”, Michael implorou. “Ele irá dizer a você que não sou... eu não sou...”

Era horrível. Claire queria chorar também, mas sabia que se começasse, não conseguiria parar. Por que Michael? Deus, isso foi sua culpa. Dela e de Myrnin. Isto estava acontecendo com tantas pessoas, e ela não conseguia lidar com isto; ela realmente não conseguia. Michael não merecia nada disto. Ninguém merecia isto.

“Claire, suas mãos...” Shane estava olhando para ela agora, e ele parecia pálido. “Você queimou suas mãos.”

“Eu ficarei bem”, ela disse. Parecia a coisa certa a dizer. Não parecia tão ruim agora, no sol. A maior parte delas estava vermelha e irritada, como uma terrível queimadura de sol. Bom, ela já tinha tido isso antes. “Ele está com

dor?”

“Eu estou bem aqui”, Michael disse. Ele estava começando a melhorar. “Dói. Mas não tanto.”

“Ele está se curando”, Shane disse baixo. “Ele ficará bem.”

Mas Michael estava encarando Claire agora, e repentinamente ele disse, “Você... você fez alguma coisa comigo. Derramou gás em mim. Alguma coisa. Eu não sou um vampiro. Eu não entrei em chamas.”

“Não!” Claire estava estarrecida por ele apenas ter pensado isto. “Não Michael, eu não...”

“Tire ela de perto de mim”, Michael disse a Shane. “Ela é louca. Ela estava na casa. É uma das amigas de Monica. Você sabe como elas são sobre fogo.”

“Mike...” Shane hesitou. “Ela vive aqui, cara. Ela dorme no quarto do fim do corredor. O quarto de seus pais. Ela é legal. De verdade.”

Michael não disse nada sobre isto, ele balançou sua cabeça e fechou os olhos. Shane olhou para Claire, e levantou as mãos numa desculpa silenciosa. Ela assentiu.

Foi um alívio ouvir a ambulância gritando em direção a eles.

Shane foi com Michael para o hospital, e os paramédicos olharam as mãos de Claire, dando a ela um tipo de pomada e dizendo que ela iria ficar bem. Ela não se sentia bem, mas ignorou isto. Alguém deveria contar a Eve, e ela não queria fazer isto por telefone. Há algumas coisas que simplesmente não podiam ser contadas por telefone, e esta era uma.

Mochila e celular no lugar, Claire correu os quarteirões até chegar ao Common Grounds. Durante o caminho ela viu muitas evidências de que as coisas estavam indo muito fora dos trilhos... vários policiais fazendo rondas, pessoas andando pelas ruas parecendo perdidas e tristes, pessoas brigando. Uma mulher tentava entrar em casa, e ela gritava com as pessoas que estavam lá dentro.

Claire não parou por nada.

Common Grounds, por outro lado, estava estranhamente normal. O aroma esmagador do café foi de encontro a ela como um despertador assim que chegou a porta da frente, tinham várias pessoas lá, se debruçando sobre

seus mochas, frapps e lattes enquanto estudavam, conversavam ou fofocavam ao telefone.

Todos pareciam ser da TPU hoje. Nem um sinal sequer de um morador de Morganville... mas ainda era manhã, e a maioria das pessoas já tinham saído para trabalhar, ao menos que estivessem vagando pelas ruas, confusas.

Não havia sinal de Oliver no lugar, e nenhum de Eve, também. Havia uma outra garota trabalhando no caixa. Claire apressou-se, sem fôlego, e disse, “Onde está Eve?”

“Quem?” a garota perguntou. Ela parecia nova.

“Eve”, ela disse. “Garota alta, gótica? Ela trabalha pelas manhãs. Eu preciso dela.”

A garota deu-lhe um olhar atormentado enquanto adicionava leite e agitou, adicionou chantilly e entregou um copo para um dos dois garotos que Claire tinha visto. “Você está surda? Ela não está aqui. Eu não conheço nenhuma gótica por aqui.”

“Ela trabalha aqui!” Ela deu de ombros. Não muito interessada. “E Oliver, está aqui?”

“Você quer dizer George?”

“George?” Claire a encarou, uma sensação enjoada crescendo em suas entranhas.

“Sim, George, o dono. Não tenho certeza se ele ainda está fora”. A garota foi atender outra pessoa. Claire sibilou em frustração e tentou pensar o que fazer em seguida; era claro que qualquer memória redefinida que o contador da rainha tivesse sofrido tinha apagado Oliver, também.

Claire foi para a porta. Ela se surpreendeu ao ouvir a garota gritar para ela. “Hey!” ela disse. Claire olhou para trás. “Uma garota veio aqui hoje e tentou colocar o avental. Eu acho que ela fazia o tipo gótica; ela tinha cabelo preto. Eu disse a ela para ir para casa.”

Claire tomou fôlego. “Casa”, ela disse. Mas se Eve tinha se contaminado também, ela poderia não lembrar da Glass House como casa. Como a mulher que ela viu na rua, tentando destrancar uma porta que não mais pertencia a ela.

Ela deveria ter ido para casa. Para a casa de seus pais. Isso poderia ser... bem, algo bom ou ruim, depende. Claire não tinha certeza absoluta. Ela tinha

a impressão que o pai de Eve, quem passou fora o último ano, havia sido o verdadeiro problema da vida de Eve em casa, mas e sobre Jason, seu irmão? Há três anos atrás, ele provavelmente era um pequeno canalha perigoso. Não seria seguro para Eve estar lá, portanto.

“Os Rossers”, ela disse. “Onde eles moram?”

“Não faço ideia,” a caixa disse, e se virou para o próximo cliente. “Sim, o que vai querer?”

Claire estava pronta para interrogar qualquer um para ter respostas, mas ela não precisou mais, porque a porta dos fundos abriu, e ela viu Oliver nas sombras. Ele parecia estranho... cansado, cauteloso e muito paranoico. Ele olhou em volta do café, franzindo a testa, com seus olhos fixos nela.

Ele acenou com a cabeça muito ligeiramente.

Ele sabia quem ela era. Aquilo enviou uma onda de alívio através dela, devido as proporções das coisas. Ela queria se lançar em cima dele e beijá-lo. Bom, eca, não realmente, mas talvez um abraço. Ou um aperto de mão.

Mas o eu ela fez foi andar devagar e calmamente até ele. “Você está bem?” ela perguntou.

“Por que?”

“Não sei, talvez porque a última vez que o vi, você tinha marcas de mordidas em sua garganta?”

Ele agarrou seu pulso e segurou muito, muito apertado. “Você precisa esquecer que viu qualquer coisa deste tipo.”

“Já tem muito esquecimento por aí.”

“Certamente”, ele disse, e se afastou. “Você estava preocupada comigo?”

“Não exatamente.”

“Resposta sábia.”

“Michael tem isto. Essa coisa da memória. Ele não... ele não lembra quem eu sou.”

Agora ela tinha toda a atenção de Oliver. Ele a olhou por um momento, e então se virou e foi embora. Ela correu atrás dele até seu escritório. Oliver fechou a porta atrás dela, encostou-se nela de braços cruzados, e disse, “Eu pensei que você e Michael iriam desligar aquela máquina maldita. Ainda não o fizeram?”

“Não, nós... eu...” Ela não tinha desculpas, realmente. “Ainda não. Eu iria tentar nesta manhã, mas eu realmente precisei de ajuda. “Michael ... Michael não é isso. E como está Amelie?”

Oliver suspirou profundamente e, como um vampiro, ele não precisava exceto para falar, e deixar o ar sair. “Amelie está... lutando para entender, mas está tendo um tempo difícil aceitando o mundo como está quando parte dela insiste em ver o mundo como era. Ela me deixou ir. Eu não tenho certeza do tempo que isto irá durar.” Ele sacudiu sua cabeça, como se deixasse tudo ir. “Diga-me o que você acha que a máquina está realmente fazendo.”

“Ao invés de apagar as memórias das pessoas que deixam a cidade, que é uma transmissão em campo mais vasto, e está afetando as pessoas que estão na cidade. Eu acho que está acabando com ao menos três anos de memórias. Talvez mais de algumas pessoas; Eu não sei.”

“E como você chegou a este cálculo surpreendente?”

“Hannah disse que estava no Afeganistão ontem”, Claire disse. “Michael fala sobre seus pais como se eles ainda estivessem morando em casa. Amelie age como Sam Glass estivesse vivo, mas desaparecido. Monica acha que ela ainda tem chances de namorar Shane. E Myrnin... Myrnin não está como o Myrnin que eu conheço.”

“Por que você? Por que não Myrnin?”

“Quando eu vim para a cidade, Amelie e eu... nós tínhamos uma grande história por trás de nós. Isso nos fez trabalhar para alcançar a compreensão que nós temos. Se ela não se lembrar disso, tudo será guerra novamente.”

“É pior que isto. Michael saiu andando pelo sol”, ela disse sem rodeios. “Ele não se lembra que é um vampiro.”

Os olhos de Oliver se arregalaram apenas um pouco, e então ele disse, deliberadamente neutro, “Eu espero que o sol tenha convencido ele de outra forma. E eu acredito que você tenha chamado ajuda.”

“Ele está no hospital. Eu vim para avisar a Eve, mas acho que ela foi para a casa de seus pais. Ela não lembra de mim, também.”

“Se Michael foi ferido, eles não vão leva-lo ao hospital; mas sim direto para o banco de sangue. Ele ficará bem, contanto que não tenha ficado no sol por muito tempo. Um pouco de sangue, descanso, e ele estará bem de

verdade. O maior problema é se ele se recusar a acreditar em sua atual condição, ele irá perder o controle e comer de forma imprudente. Provavelmente em um de seus amigos, porque vocês todos não conseguem tomar cuidado consigo mesmo.”

“Eu sei”, Claire disse, e inclinou-se cansada contra a mesa de Oliver, a qual estava cheia de papéis, cartas não abertas, canetas, clips de papel... uma bagunça. Isso fez ela se sentir melhor sobre ele, de alguma forma. “Nós precisamos parar isso, mas Myrnin colocou uma senha no computador. Eu não consigo descobrir sozinha.”

“Puxe o plugue”, ele disse. *Engraçado*. Oliver e Shane pensaram a mesma coisa, com a mesma rapidez. Claire não podia imaginar um deles gostando dessa comparação, contudo.

“Eu não posso fazer isto com Myrnin tentando me morder. Eu estou um pouco cansada para ser morta agora. Se você fosse comigo e o mantivesse longe de mim...”

Oliver, ao menos, tinha senso de urgência. Ele agarrou seu sobretudo de couro, chapéu, luvas e se vestiu para o sol.

“Então vamos”, ele disse. “Quanto antes, melhor. Eu não posso garantir por quanto tempo Amelie irá permitir que eu esteja livre.”

“Mas Eve... eu estava indo encontra-la. Contar a ela o que houve com Michael.”

“Nós passaremos pela casa dos Rossers, se você insiste”, ele disse. “Mas se ela não estiver lá, nós continuaremos pelo caminho. Sem argumentos.”

Estava tudo bem para Claire. Ela estava cansada demais para discutir. Assim que tentou pegar sua mochila, ela caiu. Oliver agarrou seu pulso e olhou sua mão. “Você está queimada”, ele disse. Ele pareceu surpreso, e continuou. “Você tentou puxar ele para longe do sol. Com as mãos nuas.”

“Eu tinha que tentar,” ela disse. “Ele é meu amigo.”

Oliver olhou para ela por alguns segundos, depois balançou sua cabeça e saiu. “Apenas não deixe que isto nos atrase.”

CAPÍTULO

DOZE

Eve estava certa: limusines pareciam muito com carros funerários, quando você entende completamente isso. Oliver dirigiu rápido, o que foi preocupante, porque era óbvio que Claire não enxergava nada através do vidro extremamente escuro. Ela se concentrou nos air-bags e cintos de segurança, e todos os excelentes aspectos seguros com os quais os carros vinham equipados atualmente. Vampiros não podem optar por descartar os air-bags, não é? Bem, pelo menos havia cintos de segurança. Já era alguma coisa.

“Por que não você?”

“Quê?” Ele olhou para ela. “Por que não você ou eu? O que nos impede de sermos afetados por este miasma?”

“O que é um miasma?”

“Algo obscuro”, disse ele. “Uma influência.”

“Não sei”, disse Claire. “Para ser honesta, não sei se somos imunes, ou se apenas leva mais tempo para algumas pessoas, ou se é completamente aleatório. Mas pode ser porque não estávamos aqui três anos atrás, por isso não nos afeta.”

“Hannah Moses não estava aqui, tampouco.”

“É, mas ela é *daqui*. Talvez haja uma conexão. Nós dois somos—”

“Forasteiros”, Oliver completou. “Interessante, não estou certo que funcionaria.”

“Não pode, não por tanto tempo”, disse Claire. “Atingiu Myrnin mais cedo que Amelie. Atingiu algumas pessoas no ato, e outras, dias depois. Não

acho que esteja seguindo algum tipo de padrão. Talvez nós vamos pegar isso também, depois de tudo.”

“Você está armada?” Perguntou Oliver a ela.

Ela olhou para a mochila e instantaneamente se conteve. “Não.”

“Minta para mim de novo e eu vou te jogar na rua, e farei isso eu mesmo.”

Claire suspirou. “Ahn, sim.”

“Com o quê?”

“Estacas de prata, estacas de madeira, uma balestra, dez flechas...ah e uma seringa com nitrato de prata dentro.”

Ele sorriu sombrio para o para-brisa. “O quê? Sem lança-granadas?”

“Funcionariam?”

“Prefiro não comentar. Muito bem, vou pegar a sua balestra, tente usar métodos não letais, se possível. Já tem desgraça suficiente nessa cidade ultimamente. Também eu acho que você ainda gosta do Myrnin, de certa maneira.” Ele disse aquilo como se não tivesse dúvida de qual seria o caso.

Bem, ela podia entender aquilo, do ponto de vista dele.

“Não vou matá-lo”, ela falou. “Mas vou machucá-lo se ele tentar me machucar.”

“Uma estratégia excelente, exceto que, se *you machucá-lo*, o mais provável é que *ele vá te matar. Então, deixe Myrnin* para mim. Você faz seu trabalho, e isso irá acabar logo...” Sua voz sumiu enquanto ele fazia uma curva, e Claire viu algo mudando em sua expressão, que era um azul sinistro nas luzes azuis do painel do carro. Ela só não tinha certeza do que era. ”Abaixe-se, Claire.”

“O que—“

Ele não falou outra vez, só se jogou, agarrou a cabeça dela, e puxou seus braços para o assento, então puxou-a para baixo, para o assoalho.

O para-brisa chacoalhou, e de repente havia buracos nele, invadidos pelo sol. *Não, a janela não havia balançado. Algo havia atingido o carro.*

Balas atingiram o carro.

Oliver deu uma guinada e acelerou, mas lá havia mais barulho, e dessa vez, Claire percebeu que eram tiros de arma de fogo. Todo o para-brisa caiu, e Oliver fez um som chocado quando ficou de cara para o sol ardente.

Mas ele continuou dirigindo, até que atingiu alguma coisa com um estampido. Acima dela, Claire viu um flash de branco enquanto ela era atirada contra o tapete.

Ótimo, o airbag se ativou, e ela foi impulsionada. Pelo menos não tanto, e na verdade, ela não se sentia machucada, mesmo que um pouco de vidro tivesse caído nela.

Oliver estava lutando para se libertar do cinto de segurança e do airbag, mas ele não conseguiu fazer isso. Alguém abriu sua porta, e Claire achou que cortaram seu cinto de segurança, ou quebraram, porque o arrancaram de dentro da limusine. Ele estava resistindo, mas seus atacantes deveriam ser vampiros, porque ele não *estava conseguindo*.

Eles não sabem que estou aqui, percebeu Claire, e ficou onde estava, enrolada em uma pequena bola nas sombras, embaixo dos destroços do vidro. Sua mochila deslizara para baixo do assento e estava perto dela.

Ela abriu com cuidado a mochila, e retirou a balestra dobrada, a desdobrou, e retirou as flechas. Ela fez tudo isso cuidadosamente, esperando que o barulho do lado de fora abafasse qualquer som do que ela estava fazendo. Deve ter abafado, porque ninguém entrou no carro para pegá-la.

Ela ouviu Oliver ser arrastado, e finalmente arriscou se erguer do lugar escondido, para dar uma espiadela sobre o painel, de fora do canto que o para-brisa caíra. Havia vampiros lá fora, todos em pesados casacos, chapéus e luvas. Alguém carregava sombrinhas, o que era uma prática surpreendente para eles. Um grupo inteiro deles, talvez vinte no total, estavam parados na sombra de um prédio.

Amelie tinha uma sombrinha, mas ela não segurava. Tinha um criado para isso. Sua sombrinha, como todas as outras, era preta, mas o terno de seda que ela usava era branco gelo, com nesgas azuis. *Os lábios dela com cor dos de um defunto*, pensou Claire, e desejou que não tivesse pensado.

Amelie parecia perigosa mesmo estando apenas em pé, braços cruzados, observando enquanto Oliver era arrastado e jogado a seus pés.

“Sabia que era você”, disse ela. Soava muito furiosa. Claire pouco podia escutá-la, mas certamente não iria tentar se aproximar. “... você achou que eu não suspeitaria? Tão óbvio...”

O vento soprou mais forte, e tornou mais difícil para Claire ouvir o que estava acontecendo.

Oliver disse alguma coisa, e não parecia ter feito Amelie feliz, porque ela estalou os dedos, e um par de outros vampiros agarraram os braços dele, e o ergueram até ficar de joelhos. Claire não pôde se impedir de pensar em quanto às coisas haviam se invertido. Primeiro Amelie estivera pela misericórdia de Oliver, depois, ele pela dela, e agora, ela o tinha outra vez. Aquilo não faria Oliver feliz, não mesmo.

“Não cuspa suas mentiras em mim”, disse Amelie. “Não acredito sequer que nós dois”, Mais vento, e Claire perdeu as palavras. “...vindo para cá. Você foi convidado também. Você recusou. Agora acha que pode vir aqui e planejar assumir o comando de...”

Oliver riu. Foi um rosnado, um som desesperado. O que quer que ele tenha dito, Amelie deu um passo para trás, então balançou a cabeça. “Inútil”, disse ela. “Levem-no para as celas. Decidirei como negociar com ele mais tarde.”

Havia muitos contras para Claire *sequer para pensar* em planejar algum tipo de resgate. Oliver estava visivelmente machucado, e ela não achava que ele fosse apreciar nenhum tipo de estilo heroico “Rambo”. Mas ela perdera a chance de impedir tudo isso. Sem Oliver, ela praticamente não tinha chance com Myrnin.

A menos que Myrnin fosse mais ele mesmo dessa vez.

Os vampiros se desfizeram nas sombras, levando Oliver com eles, deixando Claire e a limusine esvaçada pelos tiros onde estava, no meio da estrada. Ela se sentou e discou no celular, mas o número do laboratório continuou chamando e chamando. Justo quando ela estava prestes a desligar, houve um click, e a voz do Myrnin disse: “Olá?”

“Myrnin, é a Claire, Claire Danvers.”

Silêncio.

“Myrnin, você sabe quem sou eu?”

Mais silêncio, e então, ele disse bem baixinho, “Minha cabeça dói.”

“Myrnin, você sabe quem sou eu?”

“Claire”, disse ele. “Sim Claire, eu conheço você, é claro que eu conheço

você.”

Um sentimento de alívio caloroso a fez derreter no assento. *Oh Graças a Deus. Ela o pegara em um momento de sanidade.*

“Myrnin, você tem que fazer algo para mim, é muito importante, ok? Preciso que você desça para a máquina, no laboratório. Faça isso agora, sim? Agora mesmo.”

“Minha cabeça dói demais. Preciso mesmo?”

“Sinto muito, mas isso vai ajudar. Por favor, apenas vá agora.”

Ela ouviu barulhos que interpretou como ele destrancado o alçapão, descendo, andando pela caverna, então ele disse, “Tudo bem, estou aqui. Claire, você poderia vir aqui me ajudar? Realmente não me sinto tão bem.”

“Em um instante”, ela prometeu. “Agora, eu preciso que você vá até o teclado e coloque a senha que você colocou no sistema, então podemos desligá-la. Você pode fazer isso?”

“Senha”, disse Myrnin. “Eu não acho... não posso me lembrar de nenhuma senha com essa dor de cabeça. Você não pode vir me ajudar?”

“Não posso, até você fazer isso. Apenas se concentre, lembre a senha, ok? Coloque, e então poderei ir ajudá-lo.”

“Ah, tudo bem...acho que talvez...sim, acho que é isso, estou desligando agora.” Ela ouviu sons de cliques, que soava como botões sendo apertados, e então Myrnin falou, “Tudo bem, está seguro, você pode voltar agora, Claire.”

Havia algo estranho sobre a voz dele. Não estava certa. “Myrnin, você desligou?”

“Claro, exatamente como você pediu. Agora venha.”

Aquilo *realmente* não estava certo, e Claire sentiu um arrepio subindo a espinha. “Myrnin, as luzes se apagaram? Tem certeza que você desligou—“

“*Volte para cá agora mesmo!* Myrnin rosnou, e ela se assustou tanto, que derrubou o telefone e se afastou em pânico, como se ele tivesse criado dentes.

“Venha aqui pequena Claire. Doce, pequenina Claire que pensa que pode me convencer a destruir Morganville. Venha e tenha o que merece!”

Claire alcançou o telefone e encerrou a ligação. Sentou-se, apertando a balestra, sentindo frio, mesmo na luz do sol.

Ela nunca se sentira tão só, nunca. Nem mesmo logo que chegara a

Morganville.

Não podia impedir isto. Estava desamparada, completamente desamparada. Encostou a cabeça no air bag acionado, e chorou.

Eventualmente, o choro passou, mas o sentimento de impotência, não. Ela manteve a balestra preparada, por via das dúvidas. Pensou que deveria ir atrás de Eve, encontrá-la... mas então percebeu que apesar de Oliver saber onde estavam indo, ela não fazia ideia de onde seria a casa de Eve. A única coisa que ela podia pensar em fazer era... voltar para a Glass House. Parecia uma caminhada longa e assustadora. Havia muitas pessoas vagando por aí, a maioria confusa, aborrecida ou aterrorizada.

Ela tentou evitá-los, mas as vezes eles a confrontavam e queriam saber onde estavam suas esposas, seus maridos, filhos, mães. Ou o que acontecera a suas casas. Seus carros. Seus trabalhos. Ela podia jurar que alguém a estava seguindo. Finalmente, ela começou a correr como se a vida dependesse disso, e havia um sentimento patético de esperança quando viu a Glass House imponente logo a frente. Destrancou a porta, e bateu-a atrás dela, e deslizou contra ela para o chão, segurando a cabeça nas mãos. *Vai acontecer comigo também, ela pensou, talvez em uma hora. Talvez amanhã. Mas vou esquecer também, e quando acontecer, ninguém será capaz de parar isso.*

Ela sentiu um calor ao redor, quase de conforto. Era a causa, tentando responder à sua tristeza. Ela abriu os olhos, fungou e disse, “ Isso não ajuda, nada ajuda.”

Mas de algum jeito, ajudou um pouquinho, mesmo que ela soubesse que um abraço era inútil em um terremoto. Ela inspirou e foi para o andar de cima. Sem Michael, é claro. Não ainda. E nem sinal de Eve, então ela provavelmente estava na casa de sua família. Sua porta estava aberta, e suas roupas estavam espalhadas em volta. Era impossível dizer se era pânico ou só o comportamento normal de Eve.

O quarto de Claire estava limpo e exatamente do jeito que ela havia deixado. Ela deitou na cama, e se cobriu, mantendo a balestra ao seu lado, e se enroscou. Ainda tinha o telefone com ela, e procurou na lista de contatos, sentindo-se miserável e sozinha.

Finalmente, ela tentou ligar para o celular de Eve. Não sabia por que, mas

talvez Eve tivesse se safado. Talvez ela—

“Que foi?”

Pareceu como a Eve que ela conhecia. Claire sentou-se lentamente, agarrando o telefone como uma linha de vida.

“Eve? Ah Graças a Deus. Onde você está Eve?”

“Em casa, duh, quem é?”

Seu coração afundou. “C-Claire.”

“Da escola?”

“Ahn, sim... da escola.” Ela apenas mentiu, porque se sentia tão mal e precisava de uma voz conhecida. Mesmo que a pessoa não soubesse quem ela era de verdade.

“Matemática.”

“Ah é, você senta atrás. Lembrei.”

Claire pigarreou, porque sua voz soava um pouco chorosa. “O que você está fazendo?”

“Tem alguma coisa esquisita acontecendo na Esquisitaville, vou te contar. Vim para casa, e minha mãe não fala comigo, o que é realmente bom para uma mudança, mas meu quarto se foi. Quer dizer, está aqui, mas está cheio de porcaria. Tive que arrastar um monte de coisa para encontrar minha cama! É como se eles não se importassem se eu fosse voltar.” Eve soava alterada, e nervosa. “É esquisito, quer dizer, minhas coisas... acho que ela jogou tudo fora. Não encontro minhas roupas. Acho que meus pais estão tentando me expulsar. E então, eu vou, sabe? Odeio aqui, você não?”

Claire fungou e enxugou o nariz. “Sim”, disse fracamente. “Odeio. Aonde você vai?”

“Não sei. Pra longe, sabe? Longe dessa merda toda. Algum lugar ensolarado, se você me entende?”

“E o Michael?”

“*Michael? Glass?*”, Eve riu, mas pareceu estranho. “Como se ele soubesse que eu existo. Quer dizer, ele é muito lindo, mas ele realmente não vai me notar.”

“Acho que vai”, disse Claire. “Quer dizer, acho que ele te acha linda.”

“Sério?”, A voz de Eve era afiada e suspeita. “Você acha que eu vou cair

nessa? Eu devo ir atrás do Sr Perfeição Glass e ser humilhada? Quem é você umas das rainhas vadias de Monica? Porque se você for—“

“Eu não sou! Eu juro!”

Mas a paranoia de Eve já estava solta. “Anrram, bem, foi ótimo falar com você. Tenha uma boa vida.”

E ela desligou.

Claire desligou o telefone em seu peito, com força, e tentou não gritar de frustração. Quando o telefone tocou, ela pensou que era Eve ligando de volta, talvez para dar mais ênfase.

“Sim”, ela disse tristemente.

“Claire?” *Shane*. “Claire, você está bem?”

Ela quase chorou de novo, “Estou em casa, na Glass House. Onde você está?”

“No caminho agora”, ele disse. “Fique aí, não é seguro aqui fora.”

“Eu sei”, ela sentou e abraçou o travesseiro. “Oliver não foi afetado, ele iria me ajudar a pegar Myrnin.”

“Claire eu te *disse para não*—“

“Não importa. Fomos emboscados no caminho. Amelie o capturou. Acho que ela pensa que ele iria matá-la. Ela não pode se lembrar de que ele mora aqui, ou que ele é seu amigo.”

Amigo não soou certo, especialmente dado o que havia entre eles. “Não sei o que aconteceu a ele.”

“Bem, desculpe sobre isso, mas se ela matá-lo, eu vou apoiar. Olha, apenas, fique aí. Estarei em casa em dez minutos. Estou levando comida.”

“E Michael?”

Shane ficou calado por tanto tempo, que Claire checkou o display par aver se havia caído a ligação. “Não pude fazê-lo lembrar”, ele falou, por fim. “Era mais seguro deixá-lo com os vampiros. Ele quase arrancou minha garganta, e ficou gritando que não era... você sabe. Foi uma merda.”

“Está tudo uma merda”, disse Claire, “e é tudo minha culpa. Não posso impedir isso Shane. Não posso fazer nada para impedir.”

“Ei, ei, para com isso. Vamos resolver isso, ok? Encontraremos um jeito. Mas primeiro, comeremos, depois descansamos, e então, salvamos o mundo,

que tal?”

“Vem logo”, disse ela “Nada de ruim pode acontecer quando estou com você.”

“Uôu, não sei se fico encabulado ou assustado.”

“Assustado é útil por enquanto.”

“Bom ponto, estou chegando ok? Vou correr.”

Ela estava sorrindo, bem de leve. Ficou na cama, a balestra ao lado, até ouvir a porta do andar de baixo abrir e fechar, e a voz de Shane chamar seu nome. Então ela levantou, pegou o arco e o telefone e desceu para encontrá-lo.

Ele parecia um pouco preocupado pela balestra enquanto soltava o pacote com aroma delicioso na mesa do canto. “Esperando outra pessoa?” Ele perguntou. “Porque espero que não seja para mim.”

Ela soltou, correu para ele, e beijou-o vigorosamente. Ele a segurou, e a beijou de volta, quente, doce e macio, e apenas o fato dele estar ali com ela, tornou as coisas bem melhores.

Ela finalmente quebrou o beijo e colocou a cabeça no peito dele, “Obrigada”, ela falou. “Obrigada por lembrar.”

“Anrram, sem problemas”, ele disse, parecendo divertido. “Você não deve agradecer pelos sanduíches e fritas, talvez. Acho que o Drive in do Dan não está nos seus melhores dias.”

“Qualquer coisa”, ela disse. “Desde que você esteja aqui.”

“Claire”, ele se afastou um pouco, e levantou seu queixo. Ele parecia cansado, e preocupado, e ela achou que ele estava triste, tanto quanto ela. “Não me esqueça, okay?”

“Não vou”, ela prometeu. “Não acho que eu poderia. Nem mesmo se... nem mesmo...”

Ele a abraçou e eles realmente não precisaram terminar aquela conversa. Era melhor.

Eventualmente, ele disse, “Os sanduíches estão esfriando”, e Claire o soltou e foi para cozinha buscar as bebidas para o jantar. E sim, os sanduíches estavam meio borrachudos e as batatas um pouco frias, mas ela saboreou cada pedaço.

Tinha gosto de vida normal, e ela precisava de cada pedaço disso que pudesse pegar. Mais tarde eles limparam tudo e Shane decidiu que era melhor ele lavar a louça, porque Eve não iria lembrar que era sua vez, de qualquer jeito, mesmo se um milagre a fizesse encontrar o caminho de volta pra casa. E aquilo pareceu bom, também. Pareceu como estar no controle, pelo menos na cozinha.

Claire ligou para sua mãe, que falou sobre os exames que estavam fazendo em seu pai, e como eles planejavam a cirurgia para colocar a válvula em seu coração, e de como ele estava indo tão bem, considerando todas as coisas. Claire falou bem pouco, porque estava com medo de começar a chorar histericamente se falasse. Sua mãe não pareceu notar, seu foco estava em seu pai, é claro. E estava tudo bem. A última coisa que a mãe dela disse foi, “Eu te amo muito, docinho. Se cuida, e me liga amanhã.”

“Eu ligo”, Claire sussurrou. “Amo você também, Mãe.”

Ela desligou antes que sua voz vacilasse, e viu Shane observado-a com um tipo de calor compreensivo na expressão.

“Essa foi difícil não?” Ele perguntou e passou o braço ao redor dela, “Seu pai está bem?”

“Melhor que o esperado”, Claire falou, e respirou profundamente. “Diferente de nós, eu acho.”

“Ei, não desista de nós ainda.”

“Não”, disse Claire. “Mas é tão ruim Shane, sinto como se realmente estivéssemos sozinhos dessa vez. Só nós dois.”

Ele a apertou mais. “E isso não é tão terrível. Amanhã vamos dar um jeito tá? Você está muito abalada agora, e sair no escuro não é um plano fabuloso. Vamos combater os monstros de manhã.”

O canal de Morganville estava reprisando shows de três anos atrás. Shane colocou um filme e eles falaram sobre... nada sério, e se beijaram, e ficaram juntos até que não houvesse nada a fazer além de ir para cama.

Shane andou até a porta do quarto dela, e antes que pudesse dizer qualquer coisa, ela disse, “Fique, tá? Quero você comigo.”

Ele apenas assentiu, e ela viu alívio em seu rosto. Ele iria pedir, de qualquer jeito.

Eles ficaram nus – quase – em silêncio, e deslizaram para os lençóis para se abraçarem.

Claire estava muito preocupada e assustada para querer fazer qualquer outra coisa, e achou que ele se sentia do mesmo jeito, era mais para conforto agora. E estava bom.

Muito bom.

“Não sei o que vou fazer amanhã”, Claire disse, finalmente, no escuro. Os braços de Shane apertados em volta dela, mantendo a em seu peito.

“Amanhã vamos encontrar quem ainda pode lutar, e vamos até Myrnin conseguir isso”, ele disse. “Juro, vamos fazer dar certo.”

“Nós dois.”

“Sim, nós dois, e quem não tiver pirado”, ele a beijou no pescoço, gentilmente. “Vai ficar tudo bem, durma.”

E ela dormiu, aquecida no abraço dele, e sonhou com chuva prateada.

CAPÍTULO

TREZE

Claire acordou com o sol nos olhos dela, de novo, e por um segundo, ela simplesmente saboreou o precioso e doce calor dela em seu corpo, e o fato de que Shane ainda estava enrolado contra suas costas, com um braço forte em volta da cintura dela. Então, infelizmente, ela se virou para encará-lo.

"Oi", disse ela.

"Acorda dorminhoco, dormimos demais...".

Shane murmurou alguma coisa e tentou colocar um travesseiro sobre sua cabeça. Ela puxou-o.

"Venha, temos que levantar, temos coisas para fazer!"

"Vá embora, Lyss", ele gemeu e abriu os olhos, piscou e, finalmente, focou nela. E então ele completamente, totalmente se apavorou. Na verdade, ele se debateu e quando ele tentou se livrar, caiu da cama para o chão. Claire riu e se inclinou para o lado, olhando para ele. "Ei, você... está bem...?"

As palavras morreram em sua boca, porque ele *ainda* estava em pânico. Ele se contorcia em torno do chão, pegou um cobertor, e envolveu-o em torno de seu corpo quando se levantou, e foi para longe da cama.

E dela.

Ele estendeu a mão que não estava segurando o cobertor, com a palma para fora. "Ok", disse ele. "Ok, pense, Collins, pense — sim, ok, isso é estranho, e eu realmente sinto muito, porque eu tenho certeza que você é realmente — Oh, cara. Que diabos eu fiz? Estava bebendo? Não devia ter bebido."

"Shane?" Claire ainda tinha um cobertor, e agora ela puxou-o sobre si mesma, de repente se sentindo com frio e muito exposta. "Shane—"

Ele ainda estava se afastando, olhando em pânico e profundamente desconfortável. "Então, nós obviamente fomos apresentados em algum momento da minha bebedeira insana. Uh, oi, olha, você tem que ficar quieta, ok? Meus pais vão me matar se—" Ele parou e olhou ao redor do quarto. "*Oh, merda. Este não é o meu quarto, não é?* Este é seu. Como, eu nunca fiquei na casa de nenhuma, a noite toda. Meu pai vai—" Ele fechou os olhos. "Calças. Eu preciso de calças. Onde estão minhas calças?"

Claire sentiu como seu coração estivesse quebrando. Realmente, verdadeiramente se quebrando em nítidas, irregulares, sangrentas peças. Ela queria gritar e chorar, e acima de tudo, *ela queria que isso não fosse real*. Ela não podia levar-se a dizer qualquer coisa, e ele ignorou totalmente a olhar ao redor. Ele encontrou sua calça e camiseta, e sem jeito colocou de volta sua calça embaixo do cobertor antes de deixá-lo cair.

Antes que ele colocasse sua camisa, ele se virou para olhar para ela, e doeu, doeu tanto que ele a visse desse jeito e não reconhecesse-a.

Sua miséria, e horror deve ter sido estampado em seu rosto, porque sua expressão suavizou um pouco. Ele tomou alguns passos em direção à cama e disse, "Hum, olha — eu sei que — eu sinto muito, eu... provavelmente sou um idiota completo por fazer isso com você, e eu prometo, não sou esse... eu realmente devo ter bebido muito, e você parece... você não parece ser desse tipo. Quero dizer, você é bonita, eu não quero dizer que você não é — sinto muito, eu sou péssimo nisso. Mas eu tenho que ir para casa, agora."

Ele colocou sua camisa e olhou para os sapatos, que ele colocou sem meias ou até mesmo sem amarrá-las. "Olha, eu te ligo, ok? Uh... Seu nome é..."

"Claire", ela sussurrou, lágrimas começaram a escorrer sobre seu rosto. "Meu nome é Claire. E isso é minha culpa."

"Ei, não faça isso, não — sinto muito. Não é sua culpa, você parece", ele se curvou e desajeitadamente a beijou, e parecia que ele era um estranho — "bom. eu prometo que vou falar com você depois. Oh, Jesus, será que nós tomamos precauções ou..." Ele balançou a cabeça. "Não agora. Eu não posso

pensar sobre isso agora. Eu tenho que ir. Mais tarde."

"Espere!", ela gemeu, enquanto ele abria a porta do quarto e saiu correndo pelo corredor.

"Shane, espere!" Ele não esperou. Ela pegou as calças jeans e camisa do chão, vestiu-os, e colocou seus sapatos e correu atrás dele. "Shane, por favor, não—"

Ele estava de pé na sala, olhando ao redor, e quando ela veio ruidosamente e ofegando descendo os degraus, ele se virou para olhar para ela novamente. Desta vez, ele não parecia tão confuso. Mas ele não parecia estar de volta para si mesmo, tão pouco.

"Esta é a casa de Michael", disse ele. "O que estamos fazendo aqui?"

"Shane — Shane, por favor, me escute, nós vivemos aqui com Michael e Eve!"

"Mantenha sua voz baixa!" Ele fez movimentos frenéticos para ela se silenciar, e abaixou a voz ainda mais. "Ok, você parecia bem, e agora você parece um pouco louca. Nós não vivemos aqui. Talvez você viva aqui — talvez você é alguma prima ou algo assim, eu não sei — mas eu vivo com os meus pais e minha irmã. Não aqui."

"Não Não, seus pais—" *Oh, Deus. O que ela vai dizer? O que ela poderia dizer?* Sua mente ficou completamente em branco. Ele esperou, então, levantou as duas mãos e se afastou.

"Seja como for, garota louca que talvez more aqui e talvez também invade a casa do Michael quando todos eles saem. Eu estou fora. Tenha uma ilusão agradável."

Ela não podia deixá-lo ir, ela simplesmente não conseguia. Enquanto caminhava pelo corredor, ela correu atrás dele.

"Shane, não. Não vá para casa. Você *não pode!*"

Ele nem sequer discutiu com ela naquele momento, ele só abriu a porta da frente e saiu para o sol da manhã. Ela hesitou na porta, perguntando se ela deveria voltar e pegar a mochila, conseguir alguma coisa, ligar para alguém, mas ele estava andando rápido, e ela não tinha ideia de onde a velha casa dos Collins ficava antes. Ele nunca disse a ela, ou apontou para ela.

Ela trancou a porta e começou a segui-lo.

Ele virou a esquina lá na frente, e quando ela correu para acompanhar, ela o viu correndo, colocando um monte de distância entre eles, rápido. *Não, não, não! Se ela perde-lo agora, ela nunca poderia encontra-lo novamente.*

Era muito assustador, não só para ela, mas para ele. Ele só não sabe disso ainda.

Ela estava passando por um beco, com certeza ele ainda estava à frente, quando Shane agarrou e a bateu com força contra a lateral de um edifício. Ela não tinha percebido há muito tempo o quão grande Shane era, ou o quão forte. Ou como ele normalmente não mostrava isso, a menos que ele quisesse. Como agora. Houve um fogo em seus olhos, e um conjunto de raiva obstinada em sua mandíbula. Ele a fixou no lugar por um longo momento, como se ele estivesse tentando decidir o que fazer.

"Basta", disse ele então, e a soltou. "Olha, eu não quero te machucar, mas você precisa parar de me seguir. É assustador e estranho. Da próxima vez eu não vou ser tão bom."

"Você não me machucaria", disse Claire. "Eu sei que você não faria isso."

"Sim, bem, não conte com isso. Eu não gosto de bater em meninas, mas isso não significa que eu não vou revidar se você começar. Pergunte a Monica." Ele franziu a testa, em seguida, e ela viu a raiva de verdade em seus olhos. "Monica. Será que ela armou isso? O que foi, algum tipo de espionagem, ela tirou fotos? Ela vai por isso no Facebook? Me chantagear?"

"Não. Eu não tenho nada a ver com a Monica."

"Mentira", Shane disse sem rodeios. "Pare de me seguir e eu quero dizer isso E pare de chorar... Não vai funcionar."

Ele saiu para a luz do sol e continuou. Ela não sabia o que fazer. Ela sabia que significava; ela *estava* agindo estranha, louca, perigosa e em Morganville, ninguém podia ignorar isso. Assim, ele provavelmente iria fazer algo se ela o seguisse. Talvez até mesmo levá-la presa.

Ela não se importava, mas tinha que haver alguma outra forma. *Alguma coisa.* Ela não podia simplesmente deixá-lo ir.

Uma mulher passou na rua, olhando confusa e verificando os endereços dos edifícios.

Provavelmente tentando encontrar uma loja que não estava mais lá. Claire

esperou até Shane estar fora da vista ao virar na esquina, e em seguida caminhou até a estranha.

"Olá", disse ela, tentando desesperadamente soar educada e atenciosa, e não como profundamente enlouquecida como se sentia. A mulher deu um sorriso distraído. Ela estava com uma pulseira, de modo que ela era uma nativa em Morganville, que era um alívio. "Hum, o que você está procurando?"

"Oh, é tão estúpido. Acho que me enganei", disse a mulher. "Não é possível... venho trabalhando aqui há anos — Lavanderia a Seco dos Grant. Eu podia jurar que era... aqui mesmo..."

"Oh, eu acho que mudou", disse Claire. "Não é a um quarteirão a mais agora?"

"É?" A mulher franziu a testa, e olhou para Claire com medo e confusão em seus olhos. Ela desejou que pudesse ajudá-la, mas ela não sabia como, realmente. "Oh, deve ser isso. Eu não posso imaginar porque eu... Acho que estou perdendo minha mente. Isso não é estranho?"

Todos nós estamos, Claire pensou, mas ela disse: "Eu não lembro de nada antes de eu tomar um café", e sorriu. A mulher parecia um pouco mais tranquila. "Hum, talvez você possa me ajudar? Eu estava procurando a casa de Frank Collins, eu acho que é por aqui em algum lugar"?

"Oh, Sr. Collins." A mulher não pareceu como se ela fosse muito afeiçãoada a ele, mas ela balançou a cabeça.

"Sim, ele e sua família vivem a dois quarteirões, a frente, e um quarteirão para a esquerda. Está na unidade de Helicon. É grande e de dois andares."

"Obrigada", disse Claire sinceramente. "Espero que você tenha um bom dia."

"Oh, eu vou. Talvez eu só vá parar em um café em primeiro lugar, embora."

Claire deu-lhe uma pequeno aceno e saiu correndo. A senhora a chamou depois "Querida, você está indo na direção errada!"

"Atalho!" Claire gritou de volta.

Agora que ela sabia onde a casa deveria estar, ela cortou ao longo de uma estrada lateral e através de um par de pistas — perigosas, mas necessário se ela

queria evitar parecer como ela estivesse seguindo Shane novamente. Ela correu rápido, e saiu no caminho certo, e um quarteirão mais acima, assim como ele veio a pé da outra direção.

Houve um grande, terreno feio e vazio no meio da rua entre eles, com uma enferrujada caixa de correio inclinada. O lote foi coberto de ervas daninhas, mas os restos de uma casa ainda estavam lá... rachadas fundações de concreto, algumas etapas que conduzem a uma porta que não estava lá. Nada mais que alguns pedaços de madeiras queimadas muito grandes para transportar-se facilmente. Claire parou e ficou onde estava, observando enquanto Shane se aproximava do lote... e parou.

Ele olhou para as ruínas, então para a caixa de correio. Finalmente, ele abriu-a para olhar para dentro. A porta despencou, mas ele encontrou alguns envelhecidos e amarelados papéis dentro.

Contas. Com o nome de sua família sobre elas, Claire adivinhou. Ele olhou para eles, sacudiu a cabeça e lentamente, colocá-los de volta na caixa.

Ela viu que o deixou confuso, da mesma forma que deixado todos os outros — o conhecimento de que as coisas não estavam como elas deveriam estar. Que o tempo não estava onde deveria estar. Que tudo estava errado.

Ele cambaleou e tentou se encostar contra a caixa de correio, e derrubou a nas ervas daninhas. Shane freneticamente tentou pegá-la, a consertar, endireitá-la, mas a caixa de correios estava apodrecida completamente, e ele finalmente teve que colocá-la para baixo. Então ele se sentou ao lado dela, segurando sua cabeça entre as mãos, balançando.

Claire se aproximou, muito lentamente.

"Shane", disse ela. "Shane, eu sinto muito. Eu não sabia como lhe dizer. Eu sinto muito."

"Minha casa", ele sussurrou. "É aqui. Deveria *estar aqui*." Ele olhou para ela, e havia lágrimas nadando em seus olhos escuros. "Alguma coisa aconteceu. O que aconteceu?"

Ela sentiu-se mal, e ela detestava cada segundo pelo que ela sabia que estava prestes a fazer a ele.

"Houve um... Um acidente."

"Onde eles estão?" Shane perguntou, e olhou para a devastação que a sua

vida tinha sido uma vez. "Alyssa. Onde está Alyssa? Onde está a minha irmã?"

Claire estendeu a mão para ele. "Levanta", disse ela em voz baixa. "Vou levá-lo."

"Eu quero ver minha irmã! Eu sou responsável por ela!"

"Eu sei. Só... Confie em mim, ok? Vou levá-lo."

Ele não estava sujeito a estar com raiva, ou mesmo com suspeitas. Ele simplesmente pegou a mão dela, e ela puxou-o até ficar em pé, levando-o embora. O sol ardia calorosamente, mas sentiam a brisa fria, trazendo o inverno em rajadas curtas e afiadas.

"Para onde vamos?" Shane perguntou, mas não como se ele se importasse muito. "Eu não posso acreditar... Deve ter acontecido na noite passada quando eu—"

"Shane, você viu isso. As plantas estão enormes. A caixa de correio estava apodrecendo. Não há nada lá." Claire respirou profundo. "Tem sido anos desde que isso aconteceu. Isso não aconteceu durante a noite."

"Você está enganada." Ele tentou se livrar dela, mas ela o segurou. "Não é verdade. Eu estava lá *ontem*!"

"Ouça-me! Deus, Shane, *por favor*! Eu sei que você acha que foi ontem, mas foi a um longo tempo. Você estava... em outro lugar. Você só não se lembra agora." Ela engoliu um nó na sua garganta e tentou soar brava e calma. "Você vai ficar bem. Apenas... Confie em mim."

"Leve-me à minha família."

"Vou levá-lo para Alyssa", disse ela. "Por favor. Confie em mim."

E eles continuaram o caminho.

O cemitério estava frio e silencioso, e o vento parecia ainda mais como se já fosse inverno, mesmo com o sol brilhando no granito e mausoléus de mármore branco. A grama ainda estava um pouco verde, mas na maior parte marrom.

A leitura da lápide estava escrito, **ALYSSA COLLINS FILHA E IRMÃ AMADA**, e com datas de nascimento e morte.

Shane leu isso, e seu rosto ficou mais branco ainda. Seus olhos pareciam estranhos quando ele olhou para Claire.

"Não é verdade."

"Sinto muito", disse ela. "Mas é."

"É uma piada de mau gosto."

"Não", ela disse. "Shane, Alyssa morreu no incêndio. Ela morreu há três anos, antes de você sair de Morganville com sua mãe e seu pai. Antes de eu chegar aqui. Eu sei que você não se lembra, mas aconteceu. Você deixou a cidade, e você voltou, e você se mudou para casa do Michael com ele e Eve. Então eu vim e me mudei também."

"Não", ele disse, e deu um grande passo para trás, depois outro. Ele quase correu para outra lápide até que ele cambaleou. "Não, você está mentindo, este é um jogo doentio da Mônica, mas isto é baixo, mesmo para ela—"

"Shane, Monica não fez isso, e não é um jogo! Shane! *Ouça!*"

"Eu escutei o suficiente de você!", ele gritou, e a empurrou com tanta força que ela caiu e quase rachou seu crânio na lápide de Marvis Johnson. "Você fica bem longe de mim e da minha família, sua *vaca louca!* Isso é *doentio!* Isso é *mentira!*"

Ele tentou empurrar a lápide de Alyssa. Ela não se moveu. Ele a chutou ofegante e Claire permaneceu onde estava, olhando para ele deprimido. Ela pensou que talvez isso fosse o que o convenceria, talvez fosse forçá-lo a lembrar... mas ele não lembrou. Ele não podia.

"Por favor", ela sussurrou. "Por favor, pare Shane, pare de se machucar. Eu não posso suportar isso."

Ele caiu contra a lápide de sua irmã e sentou-se, de costas para Claire. Seus ombros tremiam. Ela se levantou e foi se ajoelhar ao lado dele. Ele olhou destruído... quebrado. Ela pôs a mão em seu ombro.

Ele não bateu nela, pelo menos. Ele não pareceu notar que ela ainda estava lá. Ele estava pálido, tremendo, suando e curvado em si mesmo como se alguém estivesse o socando muito, muito forte.

"Ela não pode estar", disse ele. "Ela não pode estar morta. Eu só... Eu acabei de vê-la. Ela estava tirando sarro da minha camisa. Minha camisa..." Ele olhou para si mesmo, puxou sua camisa para fora, e disse, "Eu não estava usando isso. Essa camisa nem é minha. Isso está errado. Isto está muito errado."

"Eu sei", disse Claire. "Sei que se sente assim. Shane, por favor, volte

comigo. Por favor. Eu vou lhe mostrar o quarto que você tem na casa do Michael. Você vai reconhecer algumas das coisas lá dentro, talvez isso vai ajudar. Vamos, levante-se. Você não pode ficar aqui, está frio." Ele não se moveu. "Alyssa não iria querer que você ficasse aqui."

"Por que ela não saiu?", perguntou ele. "Se houve um incêndio, como é que eu sai e ela não? Eu não iria deixá-la. Eu não faria isso. Eu não poderia... apenas... correr —"

"Você não fez", disse Claire, e colocou o braço em torno dele. "Você tentou salvá-la. Você me disse Shane. Eu sei o quão duro você tentou."

Ele finalmente abriu seus olhos e olhou para ela.

"Eu não te conheço", disse ele. "Por que você está fazendo isso?"

Lá estava ele novamente. Como poderia o seu coração continuar a quebrar? Por que não fazê-lo apenas uma vez e acabar logo com isso? Claire se esforçou para manter a dor que sentia de eco na voz dela. "Eu sei que você acho que não ", disse ela." Mas honestamente Shane, você me conhece. Somos. . . amigos ".

Ele olhou para ela durante o que pareceu um longo tempo, e então ele disse: "Me desculpe, eu empurrei você. Eu não... Eu não faço coisas desse tipo."

"Eu sei."

"É verdade? Lyss realmente está..."

Claire apenas balançou a cabeça sem falar.

Cabelo Shane caiu em seu rosto, mas ele não os moveu. Ela tocou seu rosto. Ele pegou a mão dela contra o seu rosto.

"Você me toca muito", disse ele. "Não é?"

Ela olhou para baixo e sentiu-se corar.

"Eu acho que eu faço", disse ela. "Eu sinto muito." Ela arriscou um olhar rápido para ele. Ele estava estudando ela, como se ele estivesse a vendo pela primeira vez. "O quê?"

"Nós namoramos?"

Ela assentiu com a cabeça. Ele não disse absolutamente nada. Ela não sabia como se sentia sobre isso. Antes ela poderia perguntar o que ele estava

sentindo, ele se levantou, e ela apressou-se a fazer o mesmo.

"Então, eu tenho amnésia", disse ele. "Isso é o que você está me dizendo. Eu recebi uma espécie de pontapé na cabeça e esqueci de tudo isso. E você."

Isso era... *muito mais fácil* do que o que ela achou que seria.

"Sim". Ela assentiu com a cabeça. "Amnésia. É por isso que você precisa confiar em mim Shane. É perigoso aqui fora. Você não sabe como é perigoso."

Pela primeira vez, ele deu-lhe uma expressão irônica, ela reconheceu o clássico Shane.

"É Morganville. É claro que é perigoso." Ele olhou para trás e para baixo, na lápide Alyssa e o momento que Shane reconheceu que isso estava acontecendo quase desapareceu. Quase. "Ela não iria querer me ver rastejando ao redor do cemitério, como um imbecil. Alyssa não era assim. Ela tiraria sarro de mim se eu o fizesse." Shane tomou uma respiração profunda.

"Então, eu acho... Acho que posso ir à casa do Michael. Pelo menos eu sei quem ele é apesar de eu não te reconhecer."

Ela sorriu um pouco, forçado.

"Nós vamos trabalhar sobre isso." Ela estendeu a mão, mas ele colocou a suas nos bolsos.

"Sem ofensa", ele disse, "mas eu tenho muita coisa para pensar aqui. Eu preciso de algum tempo."

Seu coração quebrou tudo de novo. Parecia tão ruim neste momento.

"Claro", ela conseguiu dizer. "Eu entendo."



Não havia ninguém na Casa Glass quando eles voltaram, mas Claire ainda estremeceu de alívio de apenas estar em casa. Shane parecia um pouco desconfiado, mas ele entrou e não protestou quando ela trancou a porta.

"Você quer ver o seu quarto?", perguntou ela. Ele balançou a cabeça, mãos firmemente nos bolsos. "Você quer café?"

"Eu odeio café", disse ele. "Nunca toco nessas coisas."

"Sério?" Talvez isso tivesse sido algo que ele havia aprendido na estrada,

com sua mãe e pai.

"Ok, que tal... Coca-Cola?"

"Claro. Quem não gosta de Coca-Cola?"

Ela o deixou assistindo TV e os controles do videogame, e foi pegar as duas últimas latas fora do refrigerador. Alguém ia ter de ir às compras. Ela supôs que seria melhor fazê-lo logo, antes que ela perdesse a cabeça também. Mesmo em um apocalipse como este, com certeza se esgotar a Coca-Cola qualificaria um desastre.

Shane estava sentado no sofá quando ela voltou, e ela entregou a lata e sentou-se na outra extremidade, deixando muito espaço entre eles. Ele balançou a cabeça e colocou o refrigerante na mesa.

"Então, eu moro aqui?"

"Yeah. Lá em cima."

"Mas lá é quarto de Michael."

"Não, ele está naquele agora."

"Huh, ele sempre gostou de ter melhor quarto." Cutucou o controle. "E nós temos um Xbox."

"Na verdade, você tem um Xbox 360", disse ela. "Você comprou no ano passado."

"Legal. Qual é a diferença?"

"Você realmente quer falar sobre os jogos agora?"

Ele parou de mexer com o controle e o colocou na mesa.

"Não. Aquelas outras pessoas lá fora, estão agindo de modo estranho — elas têm o que eu tenho, certo? Este problema de memória. Eu não fui chutado na cabeça ou drogado ou algo assim."

"Não", disse Claire. "Há uma máquina que limpa as memórias das pessoas quando saem da cidade. Mas ele não está funcionando direito. Está limpando as memórias dentro da cidade."

Ele parou para pensar sobre isso. Isso diz algo sobre Morganville que ele não tinha, de fato, acreditado.

"Quantas pessoas?"

"Muitas. Talvez todos nós, eventualmente. Michael começou ontem. O mesmo aconteceu com Eve. Assim como Amelie."

Shane olhou para ela bruscamente. "Quem?"

"Você sabe. A Fundadora."

"Você a conhece pelo nome?"

"Você também. Mas agora, ela está presa em três anos, assim como você. Ela não lembra de mim. Ela não se lembra de Oliver ou —"

"Quem é Oliver?"

Isto vai ser mais difícil do que ela esperava. "Não se preocupe. O importante é que antes de irmos dormir na noite passada, nós concordamos que iríamos encontrar outras pessoas que poderiam nos ajudar e nós estávamos indo para tentar desligar a máquina."

"Nós fomos dormir juntos", disse ele. "Sem roupa."

"Uh... Sim. Mas estávamos com roupa íntima no entanto."

"Certo. Por que eu tenho a impressão que isso já aconteceu antes?" Ele olhou para ela para o que parecia como um segundo desconfortavelmente longo, como se ele estivesse se lembrando dela quase nua. "Ok, isso parece fácil. Vamos fazer isso, se é que isto vai consertar as coisas." Ele viu a expressão dela e disse, "Mas não é assim tão fácil. É?"

"Os vampiros não vão nos deixar em qualquer lugar perto de onde precisamos ir", disse ela. "Eu não posso pensar em qualquer um deles que podemos contar agora. Nem mesmo o Michael."

"Espere um segundo, o quê? Michael Glass? Ele não é um vampiro. Eu acho que você quer dizer o seu avô Sam. Tem certeza de que realmente mora aqui? Porque isso é um erro muito gigantesco."

"Eu não estou falando de Sam", disse Claire. "Michael... Michael foi mordido. E agora ele é um vampiro. Mas ele não se lembra de se tornar um, e isso é um grande problema. Então, se você o ver, não, você sabe, não o abraça. Ele morde. Ele não sabe, no entanto."

"Você está pirando, eu estava certo da primeira vez sobre você, Michael um vampiro. Nunca vai acontecer." Mas mesmo que ele dissesse isso, Shane não tentou se levantar e sair. "Você não é de Morganville. Se você fosse, eu lembraria de você, certo? Então, quem é você exatamente?"

"Eu vim para a universidade. É assim que eu conheci vocês."

Ele riu. "Eu? Na Universidade? Sim, claro. Olha, eu mal consegui passar

nos últimos anos no ensino médio. Eu não acho que alguém vai estar me dando admissão na Universidade, nem mesmo para TPU, a pior Universidade no Texas."

"Não é tão ruim assim", disse Claire, embora ela não tinha ideia do por que ela estava tentando defender o lugar. Ele não tinha feito muitos favores ela. "Eu não o conheci na Universidade. Te conheci por causa da Universidade. Por causa da Monica."

"Morrell."

"*Rainha cadela de Morganville*", disse Claire. "Bem, ela ainda é tudo isso, e muito mais. Eu acho que ela foi muito ruim na escola, mas confie em mim, ela está pior agora."

"É bom saber que algumas coisas não mudaram." Shane puxou uma respiração profunda. "Ok, eu não gostaria de perguntar, mas... E a minha mãe e meu pai? Onde eles estão?"

Ela apenas olhou para ele, e ele finalmente virou a cabeça para longe.

"Ok", disse ele. "Eu entendo. Eles estão mortos, também."

"Sua mãe... É sua mãe está", disse Claire. "Eu não sei onde ela está enterrada. Seu pai... bem—"

"Ainda um idiota alcoólatra? Grande choque."

"Não", ela disse. "Seu pai é um vampiro."

Shane congelou, com os olhos arregalados, e depois riu amargamente chocado.

"Não ele não é. Ele se mataria primeiro."

"Confie em mim, acho que ele pensou sobre isso depois que aconteceu. Mas acho que ele está decidido a esquecer isso depois de tudo. Espere... Talvez possamos encontrá-lo. Talvez ele não foi afetado ainda. Ele pode nos ajudar."

"*Meu* pai? Mesmo que ele não fosse um vampiro — e eu não estou dizendo que ele é mau por sinal — ele só não é grande em fazer favores para ninguém. Nem mesmo para seus próprios filhos. Talvez seja melhor ignorar a reunião em família."

Claire não tinha tanta certeza, mas ela não queria assustar Shane mais do que ela já tinha, e Frank Collins como um vampiro foi suficiente para assustar

qualquer um. Ainda mais o seu próprio filho.

"Ok", ela afirmou. "Mas nós temos que encontrar uma maneira de chegar a essa máquina e desligá-la. E precisamos de ajuda. Qualquer ajuda."

"Estou feliz que você disse isso", disse uma voz atrás deles. "Porque você não tem ideia de quanto ajuda que você precisa."

Claire e Shane saíram do sofá de repente e completamente do mesmo lado, ele ainda estava na frente dela, o tipo de instinto protetor que Shane sempre teve, desde a primeira vez que ela o conheceu. Ele pode não acreditar nela, ou confiar nela, mas ele ainda a protegia.

Talvez porque em algum lugar, lá no fundo, ele se lembrava.

Claire percebeu quem estava ali, nas sombras da escada, quase ao mesmo tempo em que Shane percebeu. Foi a cicatriz no rosto que a fez saber quem era em primeiro lugar, e depois o resto... cabelos amarrados para trás, uma expressão dura e implacável, um corpo resistente. Ele estava vestindo um colete de couro sobre uma Camisa da Harley e jeans velho, e botas de combate. Ele tinha uma faca, grande e assustadora em uma bainha em sua cintura.

Frank Collins.

Vampiro.

"Pai," Shane murmurou.

"Olá, filho."

"Como você entrou aqui?" Claire deixou escapar, porque ela sabia — sabia — que a própria casa tinha estado em guarda para Frank. Mas ela não sentiu nada quando ele entrou — sem avisos, nada. Talvez a casa pensava que precisava de sua ajuda, também. Ou, mais preocupante, talvez a máquina havia roubado a casa da sua capacidade de proteção também. Estava lentamente destruindo tudo de bom em Morganville.

Frank deu de ombros.

"Eu tenho seguido vocês dois em torno de um par de dias. Tive que saber o que você estava planejando fazer sobre tudo isso", disse ele. "Não muito surpreso com o que meu filho disse sobre mim, se é isso que está preocupando você. Eu merecia. Ainda mereço." Ele olhou para Shane. "Mas eu não bebo muito mais. Bem, não bebida alcoólica, de qualquer maneira." Ele

sorriu e mostrou os dentes vamp. Shane recuou um passo e chocou-se em Claire.

Ela o firmou e sussurrou: "Eu te disse."

"Não pode ser", disse ele. "Há algum tipo de —"

"Engano?" Frank disse, e saltou sobre o sofá em um suave movimento de vampiro. Eles estavam contra a parede agora, ao lado da TV. "O único erro que eu já fiz foi voltar a esta cidade amaldiçoada em primeiro lugar Shane. E você por ter vindo para cá. Se tivesse ficado na estrada, ainda estaríamos correndo, mas pelo menos estaríamos juntos."

"Correndo. Fugindo de quê?"

"Oh, vamos lá, filho. Você acha que eles realmente deixariam a gente sair, simples assim? Tivemos ajuda por fora, mas eles teriam que nos trazer de volta, ou nos matar, se eles nos pegassem. Assim como eles mataram a sua mãe. " A respiração de Shane saiu como um gemido, como se o seu pai tivesse o dado um soco. Claire colocou a mão em seu ombro e olhou para Frank.

"Pare com isso", disse ela.

"Você começou isso", disse Frank. "Você lhe disse parte da verdade, não é? Contou para ele sobre Alyssa? Bem, ele precisa saber tudo. Ele precisa saber como sua mãe se envolveu com drogas para esquecer a dor. Ele precisa saber como fomos perseguidos de um motel nojento para outro através do Estado. Ele precisa saber que esses bastardos cortaram os pulsos dela e deixaram-na em uma banheira para fingir que era suicídio —"

"Pare com isso!" Claire gritou, e colocou-se na frente de Shane, como se ela pudesse protegê-lo das palavras do jeito que ele a protegia com os punhos.

"E como ele a encontrou," Frank terminar, suavemente, "flutuando lá. Morta. Eu pensei que tinha perdido você também filho. Você não falou por dias, não dormiu, não comeu. Mas então você me disse que queria voltar aqui, para Morganville. Para fazê-los pagar."

Shane estava quase tão branco quanto seu pai vampiro agora, e seus olhos estavam enormes, escuros e vazios. Claire se virou para ele e colocou as mãos no rosto dele, tentando fazê-lo olhar para ela. Ele não olhou. Ele não podia olhar para longe de Frank.

"Shane, Shane, ouça, ele está tentando machucar você, ele sempre tenta

machucá-lo—"

"Nem sempre", disse Frank. "Alguém tem que dizer ao menino o que ele precisa ouvir, mesmo que doa. Ele precisava saber o que aconteceu com sua mãe. Você não ia dizer a ele, ia?"

"Não havia qualquer razão! Você gosta de vê-lo sofrer!" Claire estalou. "Você é um vicioso, mal—"

"Eu amo meu filho", disse Frank. "Mas ele tinha de crescer nesses três anos após que Alyssa morreu. E ele tem que fazer tudo de novo, agora ainda mais rápido. Não pode proteger ele Claire."

Shane colocou as mãos sobre os ombros de Claire — *a primeira vez que ele realmente a tocou suavemente*, ela pensou, já que desde quando acordou esta manhã ele só a tinha agredido — e a tirou da frente dele. "Então eu tenho dezoito agora? Não quinze?"

"Quase dezenove anos", seu pai disse.

"Bom." Shane e o socou no rosto.

Bem, ele tentou. Frank pegou o punho cerca de uma polegada de distância de pouso. Ele não socou volta, ou esmagou a mão de Shane, embora Claire sabia que ele poderia ter feito. Ele só segurou, apesar de Shane tentar puxar de volta.

"Filho", ele disse: "Eu era ruim em ser um pai, apenas tão ruim como eu era em todo o resto. Você foi o único que cuidava de sua mãe e Alyssa. Você fez o trabalho que eu deveria fazer, ser o homem da casa, a partir do momento que tinha oito anos de idade. E eu sinto muito por isso." Então ele puxou Shane e o abraçou. Shane estava duro como arame instalado, mas depois de um momento, ele relaxou um pouco, e depois se afastou. Frank o deixou ir.

"Então agora você quer fazer as pazes", disse Shane. "Bem, você não pode. Eu não confiava em você antes. Eu tenho certeza que não confio em você agora como um sanguessuga."

"Agora, vocês dois precisam de um sugador de sangue", disse Frank. "Pelo menos, é o que eu ouvi a menina dizendo. Não é verdade, Claire?"

Ela não gostava de concordar com Frank Collins, nunca, mas ela teve que concordar. "Você não está afetado ainda."

"Há alguns que não estão", disse Frank. "Não sei porque, talvez nossos

cérebros são apenas diferentes, ou talvez seja apenas aleatório. A maioria dos outros estão se escondendo, não posso dizer que eu posso realmente culpá-los. Eu poderia ser capaz de obter um par de pessoas a bordo caso precisar."

"Os Vampiros."

Frank arreganhou os dentes. "Eu ainda tenho amigos nos dois lados da linhagem. Vocês irão comigo ou não?"

Claire e Shane trocaram um olhar. *Ele ainda não a reconhecia*, ela pensou. Ele ainda realmente não confiava nela. Mas, claramente, ao lado de Frank, ela era a mais confiável.

"Fale você", disse Shane. "Você é a única que sabe o que está acontecendo. Eu sou apenas o músculo."

"Isso não é verdade. Você é inteligente, Shane. Você apenas esconde isso."

Frank sorriu.

"Você só fala isso porque nunca teve que assinar as provas dele."

"Cale-se, Frank, eu não estava falando com você", disse Claire drasticamente. "... Se esconda, ou algo assim. Eu preciso falar com Shane sozinho."

Frank deu de ombros e começou a sair. Ele pegou a Coca-Cola que Shane deixou em cima da mesa e saiu da sala mexendo nas coisas.

"E não se atreva a tocar no violão de Michael."

Ele acenou, sem olhar para trás.

Claire pegou Shane pela camisa e lhe rebocou com ela até a sala pouco utilizada na frente da casa, o mais distante que ela poderia ficar de Frank, embora soubesse que realmente não valia de nada. Ele era um vampiro, ele provavelmente poderia ouvir formigas andando. Bem, pelo menos parecia ter privacidade.

Ela soltou Shane, que olhou para ela com o que parecia ser um tipo de diversão.

"Você sabe", disse ele, "a maioria das pessoas tinham medo do meu pai, pelo menos quando ele estava bebendo. Inclusive eu, principalmente. Agora ele é um vampiro, e você só ordenou que ele saísse como se você não desse a mínima pra ele."

"Eu não gosto muito dele."

"Sim, eu percebi. Você se parece com se um vento forte pudesse te carregar, mas você é um pouco difícil, não é?"

Ela sorriu e desejou que uma vez na vida ela não iria corar com um elogio, mas era uma causa perdida.

"Eu acho", disse ela. "Eu ainda estou aqui. É isso que conta."

"Sim", disse ele, e retirou uma mecha do cabelo dela para trás de seu rosto. "Isso conta." De repente ele percebeu o que estava fazendo e limpou a garganta. "Ok, então qual é o plano? Deixaremos Frankenstein e seus amigos nos ajudar?"

"Eu ouvi isso!" Frank disse a partir da sala de estar. Shane mostrou o dedo do meio em direção dele mesmo que ele não pudesse ver, e Claire abaixou a mão dele.

"Não faça isso!", ela sussurrou.

"O que? Você acha que ele pode perceber isso com seus poderes de vampiro?"

"Nós precisamos dele, Shane."

Ele sorriu friamente. "Sim, bem, Frank nunca esteve por perto quando eu precisava dele, então não ponha muita fé nisso."

"Precisamos conseguir isto de duas maneiras", disse Claire. "Primeiro, você e eu estamos indo para a entrada principal do laboratório. Em segundo lugar, ter certeza que Myrnin fique distraído quando chegarmos—"

"Quem é Myrnin?"

Claire controlou a vontade de revirar os olhos. "Cientista fodão, vampiro louco que é meu chefe."

"Você percebe que nenhuma parte dessa frase faz sentido, certo?"

"Apenas fique fora do seu caminho. Não deixe ele chegar perto."

"Sim, isso é fácil."

"Se você puder levar flechas de balestra ou colocar uma estaca, faça", disse Claire. "Não vai matá-lo se você não usar de prata, mas vou tirar quando a gente terminar."

"E se ele tiver amigos? Você sabe, de segurança?"

"Nós fazemos a mesma coisa com eles."

Shane apontou o polegar para a sala de estar. "E o que sobre ele e seus amigos?"

"Eles vêm no caminho de volta", disse Claire. "Através do portal."

"Bom plano", disse Shane, e então parou. "O que é um portal?"

Claire suspirou. "Temos trabalho a fazer."

CAPÍTULO

QUATORZE

Os amigos de Frank acabaram por ser – nenhuma surpresa – um tipo de escória. Um casal de vampiros em quem Claire absolutamente não confiava para estar tão perto de suas veias e que tinha a estranha tendência de mostrar as presas para ela quando achavam que não estava olhando. Um deles se chamava Rudolph (e ela teve de resistir à tentação de rir) e outro acabara de chegar do Oeste. Eles eram exatamente o tipo de amigos que ela esperava que Frank Collins tivesse – untuosos, barra-pesadas e fortes. Oh, e a do Oeste era uma mulher, uma loira fortona, tipo ciclista, que usava uma regata para exibir seus bíceps, os quais até Shane concordava que eram impressionantes.

Eles também tinham trazido alguns humanos – de novo, do tipo ciclista que tinham muitos músculos e (Claire pensava) pouco cérebro. Mas eles tinham vindo ajudar e por suas próprias razões – principalmente por causa de sua família, amigos ou namoradas que tinham esquecido completamente deles. Eles não eram o tipo de pessoa que gostava de ser negligenciado.

A Casa Glass ficou rapidamente cheia e Claire teve de mandar gente sair para buscar suprimentos; ela rebentou todos os equipamentos de combate de vampiros que ela sabia que estavam na casa, o que era considerável, mas ainda não era o suficiente para equipar o pequeno exército que ela estava preparando. Ela deu seu arco recurvo – um *souvenir* da última viagem que fez para fora de Morganville – à Oeste e disse a ela que costumava ser uma arqueira de competição, em sua época. Que era, aparentemente, a época em que as pessoas usavam armadura. Claire ficou com uma pequena balestra dobrável para si mesma.

Quando os ciclistas humanos voltaram com mais estacas de madeira e caixas de cerveja e Coca-Cola, o dia já passara da metade.

“Eles têm que tomar cerveja antes que a gente faça isso”? Claire reclamou com Frank que estava olhando para algumas estacas e testando a precisão delas. Ele tinha uma lata na mão, também: “Correção: *Vocês* têm que tomar cerveja antes que a gente faça isso”?

“Você se preparou à sua maneira”, ele disse a ela, e escolheu suas armas. Nós nos prontaremos à nossa”. Ela começou a deixá-lo com isso, e estava a apenas dois passos de distância, quando Frank disse, sem desviar os olhos das estacas em sua mão. “Como ele está?”

“Quem”?

“Seu pai”.

De todas as coisas que Claire esperava, não era por isso, e demorou um minuto de honesta perplexidade para tentar descobrir porque alguém como Frank Collins se importava com aquilo.

Ela disse finalmente:

“Ele está bem. Eu conversei com minha mãe ontem; os médicos acham que podem curar seu problema no coração. Ele está se sentindo bem melhor”.

Frank assentiu. “Bom. Família é importante”, disse ele. “Talvez muito importante às vezes. Eu sei o quanto estraguei isso com Shane. Não posso culpar o garoto por me odiar agora”. Isso era quase uma... pergunta? E se fosse uma pergunta, o que Claire poderia dizer? É, ele odeia sua coragem. Provavelmente, não era isso que Frank deseja ouvir.

“Só tome conta dele”, ela disse. “Isso é o que você deveria fazer. Pare de usá-lo e comece a protegê-lo. Eu sei que ele acha que não precisa disso, mas de vez em quando precisa. Algumas vezes, todos nós precisamos”.

Agora Frank a olhava e ela sentiu o rosto corar quando ele a olhava como se realmente a estivesse *vendo*. “Ele vai ficar bem”, o pai de Shane disse, finalmente. “Escolhendo você”

Ela não tinha certeza de como se sentir ganhando o pior pai na opinião de todo mundo, então, apenas sorriu fracamente e se dirigiu para outro lugar - *qualquer* outro lugar.

Os ciclistas finalmente tinham acabado com a cerveja, e estavam se

enchendo de outras formas e estavam terminando os preparativos quando a porta da frente chacoalhou.

Claire acalmou a todos e foi olhar pela janela. Havia duas pessoas na soleira. Um deles usava um grande e flexível chapéu preto e casaco e o outro estava completamente envolto em um cobertor.

“O que você acha – devemos deixá-los entrar?” Shane perguntou. Ele tinha vindo por trás dela, tão perto quanto se realmente se lembrasse de quem ela era. Aquilo era... Era estranhamente bom, que ele não tentasse ficar de fora do seu caminho. Que ele confiasse nela tanto assim.

“Eu acho que eles provavelmente têm uma chave, de qualquer forma” Claire disse, enquanto ouvia a fechadura virar. “Deixe-me cuidar disso”.

Ela chegou à sala no momento em que a porta se abriu e a figura no cobertor veio até o umbral. Atrás dele, o de chapéu se aproximou, entrou, fechou a porta e trancou-a.

“Eu estou dizendo a vocês” Eve estava dizendo. “Alguma coisa está totalmente *errada* por aqui. Minha mãe está completamente louca. Mais louca do que esteve antes, e isto é pelo menos, dez caminhões-guincho de loucura”. Ela parou quando viu Claire parada ali, e tirou o chapéu. Seu olhar de surpresa tornou-se um de cálculo e então, um olhar claramente raivoso. “Tudo bem, quem é esta? Michael? Você está com uma garota em casa? Você deveria ter me dito!”

“Quem o quê? Que garota? Sai de mim!”

Eve pegou um ponta do cobertor e dobrou e Michael tropeçou para fora dele. Parecendo levemente queimado, mas de longe tão mal, quanto da última vez em que Claire o tinha visto. Ela sorriu de prazer e foi em direção a eles, percebendo então que não era uma boa ideia, porque ambos ficaram imediatamente em guarda.

Merda. Eles não a conheciam. De novo, aquilo doeu.

“Oi Michael, Eve.” Claire disse, e tentou dar um sorriso tranquilizador. Vocês estão certos. Há algo de muito errado em Morganville não tenham dúvida disso. Eve, eu sou Claire. Eu falei com você ao telefone, lembra?

Eve deixou o cobertor de lado por um segundo e se virou para Michael. “Ela é sua namorada?”

“O quê? Não! Não, eu nunca a vi antes”, Michael disse. “Eu disse a você que eu não tenho namorada! Ah, agora, quer dizer. Não que eu nunca tive. Ou terei”.

“Ele está meio que entre garotas” Shane disse, ficando um passo atrás de Claire. “Ei Mickey, Eve”.

Eve grunhiu. “Shane? Gralças a Deus, alguém são. Bem, meio são. Ela não lhe deu chance de responder, só se lançou sobre ele e o abraçou. “Eu procurei por você na escola. Parece que você faltou”.

“Não seja tão pegajosa, Gótica. Eu estava ocupado”. Eve se afastou, sorrindo e Shane trocou um cumprimento masculino com Michael “Ei, cara. Você parece... melhor.

“Eu sei. Eu... eu estou doente, só isso”, Michael disse. “O que está fazendo aqui? Espere...” Ele olhou por trás deles, para a sala de estar, onde os ciclistas estavam amassando latas de cerveja e checando as armas. “Ok, eu acho que tenho uma pergunta melhor: O que *eles* estão fazendo na minha casa? E onde estão os meus pais?

“É uma longa história” Shane disse “É melhor vocês sentarem”.

No final, Claire tinha quase certeza de que Eve acreditava e de que Michael não, de verdade. Dle parecia firmemente disposto a negar tudo que não se encaixava na sua lógica de rapaz de 16 anos, inclusive o fato de que era um vampiro. Ele também não conseguia se acostumar à ideia de que seus pais tinham ido embora, ou de que seu avô tinha ido.

Shane tinha se ajustado bastante rápido, mas Michael... não tanto. Claire se perguntava se teria algo a ver com suas histórias pessoais; Shane tinha crescido se adaptando a qualquer humor em que seu pai estivesse, aprendendo a se virar sozinho, aprendendo a não acreditar que tudo é o que parece. Michael tinha tido o tipo oposto de vida: estável, calma, com pais que o amavam.

Estranhamente, pareceu machucar, e não ajudar quando tudo isso foi

tirado dele. Claire tinha medo de que isso o enlouquecesse, como alguns dos outros vampiros, se eles não curassem aquilo logo.

“Você está nos dizendo coisas malucas, você sabe”, Eve finalmente disse, tomando um gole da sua Coca-Cola. “Não que eu não acredite em você. Morganville sempre esteve na Hora Padrão de Loucuras. Então. O que você quer que a gente faça, exatamente?”

“Ah... Nada?”

“Nada?... Oh, vamos, vocês todos vão para *Missão Impossível* e eu nem mesmo irei vestir um rosto falso, ou posar de espiã, ou *qualquer coisa*? Que droga de plano. Não sou o amigo que segura as bolsas. Eve seguiu em frente. Para Eve, ela estava vestida de maneira bem simples: uma camiseta preta justa, um colar de caveira prateado, uma gargantilha de prata que combinava com a Claire estava usando, e algumas tatuagens temporárias de rosas, que subiam pelos braços dela. Jeans pretos comuns e botas pesadas. “Olhe! Eu sou a Super Gótica! Dê-me o que fazer! Eu moro aqui, também, você disse. Não moro? Isso não significa que eu tenho tanto a perder quanto qualquer um?”

“Uh... Sim, você está certa. Ok, você vem comigo e com Shane. Mas lembre-se – a ideia é distrair Myrnnin, não matá-lo. E não se coloque em mais perigo do que precisar”.

“Se ela vai, eu também vou”, Michael disse. Eve olhou para ele, surpresa: “O quê”? Eu não vou deixar vocês, garotas, terem toda a diversão”.

“Hey”, Shane disse. “Cale a boca, Cachinhos Dourados!”

“Eu vou!”, Michael exclamou, em resposta. “Se isso precisa ser feito, minha família sempre foi a primeira por aqui a fazer as coisas. Se... se não há mais ninguém, então, sou só eu. Então, eu vou ajudar”.

“Só não me ataque, cara.”

“Eu não sou um maldito *vampiro*, Shane”.

Aquela discussão durou mais ou menos uma hora, e evidentemente Frank estava cansado daquilo. Ele saiu da sala de estar e foi até a sala de visitas, tirou a faca do cinto e cortou o braço de Michael.

Eve gritou e Shane deu um salto e empurrou seu pai pelas costas. Michael olhava para o braço em choque. Era um corte grande, feio e sangrava... e depois parou.

E então, lentamente, fechou-se.

Eve se sentou tão de repente que foi como se tivesse desmaiado, exceto que seus olhos ainda estavam abertos. Shane congelou, olhando para como o braço de Michael tinha se curado.

Michael parecia ter visto um fantasma. Seu próprio fantasma. “Não”, ele disse. “Isso não é... eu não sou...”

“Oh, cale a boca” Frank exclamou. “Você é um vampiro. Supere isso, garoto. Siga em frente. Claire, se você quer fazer isso, vamos. Parece que muitas pessoas esqueceram que têm coisas para fazer durante a noite. Nós não podemos esperar até amanhã. Existe a possibilidade de que alguns de nós, parados aqui, não nos lembremos do que deveríamos fazer. Podemos fazer a sua sessão de terapia depois”.

Ele colocou a faca de volta na bainha e afastou-se. Claire limpou a garganta. “Michael? Você está bem”?

Ele correu os dedos pela pele lisa onde havia sido o corte, limpando o sangue. Então, como se estivesse em um sonho, ele colocou o dedo na boca.

“O gosto é bom”, ele disse. “Eve, isso...”

“É, eu entendi; você é um vampiro”, ela disse. “Assustador. E ok, um pouco *sexy*, eu admito.

“Você não quis dizer isso”.

“Ora, vamos. Eu ainda gosto de você, mesmo que você... chupe sangue”.

Michael piscou e olhou para ela como se nunca a tivesse visto antes. “Você o quê?

“Gosto. De você.” Eve falou devagar, como se Michael não conhecesse as palavras. Eve soava calma e madura a esse respeito, mas Claire viu a cor febril das bochechas sob a maquiagem. Quão burro você é? Isso vem com as presas?

“”Eu achei... Eu só pensei... Droga. Eu só acho... Você é um pouco intimidadora, você sabe”.

“Eu sou intimidadora? Eu? Eu corro como um coelho dos problemas, na maioria das vezes,” Eve disse, “é tudo show e maquiagem. Você é quem intimida. Quer dizer, olha só. Todo este talento e você parece... Bem, você sabe como você é”.

“Como eu sou?” Ele soava fascinado agora, e na verdade, até se moveu para mais perto de Eve no sofá.

“Ora, vamos. Você é bonito como um modelo”.

“Você está brincando”.

Você não acha que é? Ele negou com a cabeça. “Então você é um idiota, Glass. Esperto, mas idiota. Eve cruzou os braços. “E então? O que exatamente você acha de mim, exceto que sou intimidante?”

“Eu acho que você é... você é... ah, interessante? Michael era incrivelmente ruim naquilo, Claire pensou, mas depois, ele se salvou, olhando para a frente e continuando. “Eu acho que você é bonita. E muito, muito esquisita”.

Eve sorriu e olhou para baixo, e então ficou realmente corada por baixo do pó de arroz. “Obrigada por isso” ela disse. “Eu nunca pensei que você sabia que eu existia, ou se soubesse, que você achava que fosse algo além da excêntrica e malcriada amiga do Shane”.

“Bem, para ser justo, você *é* a excêntrica e malcriada amiga do Shane”.

“Hey”

“Você pode ser malcriada e bonita”, Michael disse. “Eu acho isso interessante”.

Shane limpou a garganta. “Olha, nós poderíamos ir andando? Vocês dois estão me dando diabetes. E se quisermos fazer isso...”

Oh, relaxe Collins, nós somos o casal aqui”. Eve olhou diretamente nos olhos de Michael. “Então, nós estamos bem?”

“Ah... acho que sim”.

“Não me morda”.

Ele esboçou um sorriso. “Eu não vou te morder”.

“Então, vamos logo salvar esta cidade estúpida e então, eu vou poder te convidar para sair”.

“Bem, na verdade, você não tem que esperar”. Michael disse. “Isso é um tipo de encontro”.

“Hmm”, Eve refletiu sobre aquilo. “Potencialmente fatal, perigoso, - é, isso parece com um monte de encontros que eu já tive, agora que pensei nisso. Só que com pelo menos o dobro de calor”.

Shane olhou para Clare e fez um som sufocado, que a fez rir. Isso fez com que *ele* sorrisse, e por um segundo ela estava lá, aquela conexão, aquele sentimento que lhe roubava o fôlego, como se ela voasse por todo o caminho, até os raios quentes do sol.

Shane hesitou, e então estendeu sua mão para ela. “Nós faremos isso juntos”, ele disse. “Nós quatro. Certo?”

Os dedos dele pareciam quentes nos dela, tão familiares que quase trouxeram lágrimas aos seus olhos.

“Certo”, Claire disse. Michael, não é porque você é um vampiro que não deve tomar cuidado com Myrnin. Ele já matou outros vampiros antes. Só... todos, cuidem um do outro”.

“Hey, nós somos os garotos de Morganville”, Eve disse. “Isso é o que nós fazemos”.

“Se todos já se beijaram e trocaram alianças vamos lá”, Frank disse da porta e jogou para Eve uma estaca de madeira, que ela pegou no ar. Michael pegou uma balestra. Olharam um para outro e trocaram as armas, sem dizer uma palavra.

“Nós vamos no carro de Eve”, Claire disse.

“Eu tenho um carro?”

“É o carro fúnebre lá fora”

“Mas... eu nem mesmo tenho carteira de motorista”.

Claire saiu, pegou a bolsa de caveira que estava em cima da mesa do corredor, abriu-a e vasculhou as coisas até que encontrou a identidade de Eve. Entregou-a a ela. Eve olhou para o documento, boquiaberta e mostrou para Michael. “Esta é uma foto *muito* ruim. Por isso não julgue. Mas olhe. Dezoito. Eu tenho dezoito anos”.

“Vamos, eu vi você com identidades falsas desde que você tinha 12 anos”, Michael disse, e então olhou para Clare “Isso é verdade?”

“É verdade. Ela tem 18. Você tem 19 , à propósito”.

“Huh” Michael disse, como se não tivesse certeza de como se sentir a respeito disso.

“Nós vamos deixá-la dirigir?” Shane perguntou a Claire, baixinho. “Mesmo? E se ela não se lembrar?”

“Pense nisso como um treinamento. Você pode ser o co-piloto. Ela vai ficar bem”. Claire deixou-os e foi até o grupo de Frank. “Tire isto” ela apontou para a estante de livros que Michael colocara na frente do portal para proteção extra. Os ciclistas a tiraram do caminho com tanto entusiasmo que os livros caíram no chão. “Tem uma porta em um algum lugar”. Onde quer que ela esteja, atravessem o mais rápido que conseguirem. Eu não sei por quanto tempo vou conseguir mantê-la aberta”.

Frank franziu a testa. “Por que não vamos todos do mesmo jeito”? ele perguntou.

“Porque a porta tranca do outro lado, também”, ela disse. “Eu preciso destrancá-la antes que vocês atravessem. Confie em mim: assim é melhor.

“Bem, depressa”, ele disse “Está escurecendo aqui fora. Vocês não vão querer ficar nas ruas à noite.

“Obrigado, *papai*,” Shane disse. Ótimo conselho. Eu nunca teria pensado nisso por mim mesmo, com todos esses vampiros e pessoas loucas e tudo o mais”.

Frank só balançou a cabeça e disse “Tenham cuidado. Todos vocês Estou com o pressentimento de que isso não vai ser um passeio no parque.

Isso, Claire pensou, provavelmente era um eufemismo.

As ruas estavam uma bagunça. As pessoas tinham abandonado seus carros; eles passaram pelos destroços da limusine de Oliver também, a qual, agora que Claire dava uma boa olhada do lado de fora, parecia ainda mais aterrorizante. Eve dirigia com extrema cautela, com as duas mãos rígidas no volante, nas posições aprovadas pela auto-escola, 2 e 10. Ela parecia petrificada e nada estava melhor, além de ter saído da Casa Glass e estarem mais próximos de seu destino. No momento em que eles iam parar onde Claire disse, próximo da entrada de um beco perto da Casa Day, Eve parecia próxima a desabar.

Claire olhou para ela e para os passageiros e disse, muito suavemente. “Eve, você tem certeza de que pode fazer isso? Você pode ficar aqui. No caso de precisarmos fugir rápido.

“É verdade”, Michael disse. “Nós podemos usar um motorista de fuga confiável, se isso não correr bem”.

Eve estava respirando muito rápido e mesmo com a maquiagem seu rosto estava corado, mas ela balançou a cabeça. “Não”, ela disse. “Não, eu posso fazer isso. Eu quero ficar com vocês. Além disso, Collins pode fazer algo estúpido se eu não estiver para dizer para fazer diferente”.

“Me dê uma mordida, princesa gótica”. Shane chamou, do banco de trás. Não literalmente, nem nada assim”.

“Talvez você devesse dizer isso a Michael”.

“Não é engraçado, Eve”, Michael disse.

Eve levantou a sobrancelha e segurou os dedos, medindo uma polegada. “Um pouco”, ela disse. Claire sorriu. “É. Então, vamos”.

“É. Vamos”. Claire abriu sua porta e saiu. O pôr-do-sol estava lindo, todos os tons de laranja e vermelhos profundos contra um azul escuro e infinito. E ela olhou para ele, porque um pensamento cruzou sua mente, de que se aquilo não funcionasse, se ela não se livrasse daquilo, aquele poderia ser o último pôr-do-sol que veria. Ou que qualquer um deles veria.

È minha culpa, Claire pensou, como fazia em todos os minutos do dia. *E minha responsabilidade*.

Michael estava segurando a mão de Eve, Claire viu, ou pelo menos Eve estava segurando a dele, como se fosse sua vida. Eles se juntaram a ela. Eve ainda parecia petrificada. Depois de um segundo de hesitação, Michael pôs os braços ao redor dos ombros dela. “Hey”, ele disse, e se aproximou. “Você está agindo certo”.

“Mesmo? Como você sabe?”

“Porque eu conheço você”

Eve sorriu levemente e o agarrou pela camisa e puxou-o mais para perto. Eles ficaram assim por um segundo, Michael a olhando nos olhos, e então, ela ficou nas pontas dos pés e o beijou.

“Uau” Shane disse. “Mesmo? *Agora?* Sério?”

O Shane de 15 anos na era do tipo romântico, Claire pensou, e desejou beijá-lo na parte de trás da cabeça. Michael e Eve os ignoraram e continuaram se beijando até finalmente Eve recuar e respirar fundo. A maquiagem branca

não conseguia esconder a luminosidade em suas bochechas.

Michael estava com a boca toda lambuzada de batom preto. Eva procurou no bolso, encontrou um lenço de papel e enxugou-o. Era doce e *sexy* ao mesmo tempo, a forma como Michael olhava para ela, como se não pudesse acreditar na sua sorte.

“Desculpe”, Eve disse. “Eu precisava fazer isso. No caso de eu morrer, ou algo assim”.

“Tudo bem”, Michael disse. “Mesmo. A qualquer hora”. Parecia que ele gostaria de dizer isso também.

Shane olhou para Claire e por um segundo ela pensou – mas não. “Não espere que eu vá como Romeu para cima de você, ou algo assim”. Ela engoliu uma bolha de desapontamento. “Eu não espero”, ela disse e manteve a voz calma e nivelada. “Só olhe as minhas costas

“Uh... ok”. Ele parecia um pouco desapontado também. O que ela deveria ter dito? Garotos.

“Vamos”, ela disse. “Nós estamos vulneráveis aqui fora”.

Shane parou perto dela e Michael e Eve seguiam atrás, ainda de mãos dadas. Claire olhou para ele, enquanto desciam o beco estreito e de muros altos. “Está com medo?”

Ele balançou a cabeça. “Bizarro o suficiente? Não de verdade. Parece... como se eu já tivesse feito isso antes Ou como se fosse só um sonho eu fosse acordar. Eu não consigo explicar. Ele juntou as mãos em punhos e olhou para eles. “Eu sou maior do que acho que deveria ser. Três anos de crescimento, eu acho. Eu me sinto mais forte. Isso é bom”.

“Shane, no caso de não... de não sair dessa, eu queria dizer...”

Ele olhou para ela e ela sentiu o corpo inteiro quente. Ela se lembrava daquele olhar. Fazia com que se sentisse nua por dentro e por fora, mas não de uma forma assustadora. De uma maneira que se sentia... livre. “Se o que você diz é verdade, e eu acho que tem que ser, eu acho que sei porque estamos... juntos”, ele disse. “Acho que eu me apaixonaria por você, não importa porquê, Claire. Você é incrível”.

Ela sorriu “Você só gosta de mulheres mais velhas”.

“Droga de caminho” ele disse, e virou uma estaca entre os dedos como se

tivesse feito isso a vida toda. O que, pensou ela, talvez tivesse feito, mesmo. “Então o que você ia dizer antes?”

“Nada”.

“Não, de verdade”.

“Eu ia dizer que eu te amo”.

Ele não saberia o que responder àquilo, ela poderia dizer, e por alguns passos, houve silêncio mortal. “Eu sabia que não tinha só *ficado* com você,” ele disse, finalmente. “Você sabe que eu não posso te dizer a mesma coisa, né? Porque acabei de te conhecer e tudo o mais?”

“Eu sei”, ela disse. “Mas eu precisava te dizer isso, de qualquer forma. Como a Eve, com o beijo”.

A cabana estava um pouco à frente. Quando estivessem todos lá dentro, não haveria como voltar atrás. Claire teve uma terrível premonição, um sentimento sufocante e sombrio de que este seria o último momento para eles, que um deles, talvez os dois, não sairiam desta vivos.

Ela iria perdê-lo e para piorar, ela nem o *tinha* mais. Aquilo doía tanto que quase a fez chorar.

Shane parou de repente, se virou para ela e a agarrou. Ela não entendeu porquê, em princípio, e depois ele curvou a cabeça junto da dela e *oh*, ele ia beijá-la, e estava hesitante no início e depois doce, e depois... incrivelmente *sexy*, terno e gentil e isso fez com que todos os momentos em que esteve de coração partido desaparecessem como a neve sob o sol.

Ele a soltou, finalmente, e se afastou, com os olhos brilhando, lábios úmidos, manchas coloridas no alto de suas bochechas. Ele não disse nada. Nem ela.

Por fim, Michael se inclinou e disse: “Se vocês já terminarem, a gente não devia estar andando?”.

“Oh”, Clare disse, e quase sorriu. “É. Vamos acabar com isso, porque eu quero fazer aquilo de novo”.

O momento de alegria que beijo despertara dentro dela, permaneceu enquanto ela destrancava a porta da cabana e até mesmo enquanto eles começaram a descer as escadas em direção ao laboratório de Myrnin.

Durou até quando estavam na parte de baixo das escadas e ela escutou a

voz de Myrnin dizer, num tom sedoso e sombrio.

“Acredito que tenho visitas”.

Bem, não era como se ela esperasse que ele não os notasse, mas havia algo estranho na voz dele, algo que a fez ficar totalmente gelada por dentro. “Continuem”, ela sussurrou. “Espalhem-se. Finjam que estão jogando queimada de vampiros”.

“Ohm *agora* você nos diz”, Eve sussurrou de volta. Eu odeio queimada. Boa sorte, garota nova”.

“Pra você também”.

“Eu sou mais rápido do que o resto de vocês se – *porque* eu sou um vampiro”, Michael disse, e foi uma espécie de avanço para ele dizer aquilo. “Se vocês tiverem problemas, eu estou aqui”.

“Legal” disse Shane. “Estou com calor com essa coisa toda de sugador de sangue, Mickey”.

“Não, você não está”

“Ok, eu não estou. Mas vamos fingir que estou”.

Claire desceu até a porta do laboratório. Estava silencioso agora e parecia deserta. As luzes estavam acesas, mas de alguma forma, parecia muito escuro e muito assustador. Ela revisou o que tinha de fazer: chegar até a estante, movê-la de lado, abrir a porta que encobria o portar, concentrar-se, abrir e portal e mantê-lo aberto enquanto Frank e seus amigos atravessavam. É, ia ser fácil.

Shane, Michael e Eve estavam se afastando dela, deixando-a do lado direito. Isso era bom; ela teria uma linha reta da estante dali.

Muito fácil.

“Eu avisei” a voz de Myrnin disse, ecoando nos cantos da sala. “Eu disse a vocês que se viessem aqui, vocês seriam meus. Por que vocês não ouviram?”

“Porque não podemos”, Claire disse. “Sinto muito, mas nós temos de fazer isso. Não queremos machucar você”.

“Isso é doce. E muito improvável. Porque eu vou comer você e seus amigos, pequenos Claire, assim que você me disser *o que vocês fizeram com Ada*.

A escuridão viciante em sua voz pegou-a de surpresa, mas ela deveria saber que isso chegaria; ela deveria saber que assim como Amelie acreditava que Sam era mantido em cativeiro, Myrin deveria pensar a mesma coisa – ou

pior – de Ada.

Ele a amava e ele acha que nós estamos com ela machucando-a, ou que a matamos. Myrim não ia ajudá-los. Ele iria fazer o que pudesse para pará-los.

“Nós temos que andar” Clare sussurrou para Shane. Ele assentiu.

“Vocês estão jogando?”, Myrim perguntou. Bem, é claro que ele podia ouvi-la. Eu gosto de jogos. Este parece... xadrez. Ele saltou para fora das sombras e apareceu no alto de uma das mesas de granito trabalhado em direção aos fundos do laboratório. “Sua vez, peõezinhos. Mas tentem jogar bem. Isso não é divertido, ao contrário”. Ele está vestindo um casaco de veludo negro que chegava até seus tornozelos, colete de seda vermelha e brilhante e botas altas, como algum foragido de filmes de piratas. Ele se agachou na mesa, assistindo os quatro se espalharem lentamente. “Muitas escolhas. Eu acho que vou me mover... *assim*. E então ele saltou.

Em Eve.

Ela gritou e pulou para a frente, rolou, e ele a perdeu por cerca de um pé onde se apoiar, mas ele já estava virando e agarrando ela, tão rápido que era um borrão...

E outro borrão o atingiu de lado e o fez deslizar descontroladamente pelo chão, até o outro lado da sala. Michael, estava parado perto de Eve, presas à mostra, parecendo pálido, perigoso e zangado. “Sua vez” ele disse. Você a machucou e eu vou arrancar o seu braço e dá-lo para você comer”.

“Oh, o pequeno vampirinho”, Myrnin disse e rolou aos seus pés. Mesmo? Você já está apaixonado por um deles? Esse deve ser algum tipo de recorde, garoto. Não se preocupe. Vai perder o efeito até a hora do jantar.

“Quer *parar?*”, Claire gritou com ele. Pare já com essa farsa de cabo girando! Este não é você, Myrnin. Você é uma boa pessoa! Mesmo quando isso, ela continuou se movendo para a estante de livros – cuidadosamente, para não parecer que tinha um propósito.

Ele se levantou, tirou o pó de si mesmo, com especial atenção para uma mancha de sujeira no casaco. “Sou mesmo”? Ele perguntou. “E como você sabe disso? Oh, sim, você acha que me conhece, mas eu garanto a você, você não me conhece. De jeito nenhum, garotinha.

“Você me mordeu uma vez, ela disse e mostrou para ele a cicatriz em seu

pescoço. “E você se importou o bastante para parar.

“Oh, acho que eu me lembro de algo assim. E eu não sei porque eu decidi parar de beber de uma fonte tão deliciosa”, ele disse, e sem sinal de aviso, ele estava de repente vindo em sua direção, uma forma que quase desapareceu no escuro enquanto ele se movimento por entre os candeeiros da parede.

Ela não esperou. Girou, pegou um copo com algo dentro da mesa de trabalho próxima a ela e jogou direto no rosto dele. Qualquer que fosse o líquido, surpreendeu-o e deve ter machucado, porque ele deu um grito de choque e mudou de direção para bater na mesa e derrubá-la, junto com o material de vidro que estava sobre ela e cair no chão.

“Vá” Shane gritou para Claire, e pulou nas costas de Myrnin, tentando imobilizá-lo. Ela não podia ver, não poderia pagar por nenhum segundo de hesitação. Ela correu para a estante de livros, bateu com velocidade e a tirou do caminho. Ela já estava com as chaves em mãos mas a adrenalina estava fazendo-a tremer, e ela precisou de duas tentativas para colocar a chave na fechadura prateada da porta. Ela finalmente conseguiu abrir, e jogou o cadeado longe, balançando a porta aberta e olhando fixo para a escuridão do outro lado.

Concentre-se.

Era muito difícil porque ela podia ouvir a luta lá atrás. Michael e Shane estavam com Myrnin, mas ele os estava jogando por todos os lugares, e vidro estava quebrando, e Eve estava gritando, e ela tinha que olhar para trás; *ela tinha...*

Claire fechou os olhos e visualizou a sala de estar da Casa Glass: o sofá, a TV, a mesa, as estantes, os violões, tudo muito rápido. Quando estabilizou isso em sua mente, ela abriu os olhos, e mandou a imagem sair da escuridão.

Sim!

Cores giravam como tinta na água e começaram a formar uma imagem na escuridão. Era a Casa Glass. Ela fez tudo certo.

Frank Collins estava parado do outro lado. Ela levantou para dizer a ele para atravessar. Ele pulou, e ela sentiu a agitação do ar contra o seu rosto quando ele passou por ela, indo para a luta. Então Oeste chegou com o arco. Rudolph a estava seguindo.

Alguma coisa terrivelmente forte a agarrou por trás, e ela perdeu o controle do portal. Rudolph gritou, e alguma coisa terrível aconteceu com ele, enquanto a porta se fechava – ela não sabe o que; ela não consegue enxergar; tem uma mão sobre seus olhos e sua boca, ela não conseguia respirar e a Mao era fria, muito fria...

A voz de Myrnin sussurrou em seu ouvido. “Xeque-mate, peãozinho. Sua vez”.

CAPÍTULO

QUINZE

Ele tirou a mão de seus olhos e pressionou seu outro braço em volta de sua cintura a segurando apertado contra ele. “Pare,” ele disse para os outros. Claire abriu seus olhos para ver Shane levantando do chão, limpando o sangue de seus olhos. Ele parecia tonto, mas concentrado. Eve estava congelada há cerca de vinte metros de distância, apavorada e insegura. Michael estava caído com uma estaca de madeira no peito – *oh Deus*, aquilo poderia matar um vampiro jovem se permanecesse por muito tempo – e Frank Collins foi lentamente circulando ao redor do perímetro, olhando para Myrnin e Claire com a intensidade de um tigre de caça.

West, o único membro que conseguiu passar por isso vivo, tinha seu arco à postos e estava com uma flecha apontada para o peito de Myrnin. O único problema era que o próprio peito de Claire estava no caminho.

“Ajude Michael,” Claire disse. A mão de Myrnin fechou em volta de sua garganta, sufocando as palavras, mas Shane pareceu entender, e puxou a estaca do peito de Michael. Seu amigo rolou de lado, tossindo, fraco e impossibilitado até tentar levantar-se.

Shane segurou a estaca em seus dedos e a girava sem parar, olhando para Myrnin com a mesma expressão que seu pai tinha.

“Deixe a criança ir,” Frank disse. “Você sabe como isso irá terminar. É apenas uma questão do quão sangrento você quer fazer isso.”

“Bem, amigo, eu não sei sobre seus gostos, mas eu tendo a gostar disso *muito* sangrento,” Myrnin disse. Ele mudou de posição, arrastando Claire junto como uma boneca de pano sem nenhum esforço. “Nós já fomos

apresentados?”

“Provavelmente não. Por que está me perguntando, querido?”

“Você não faz meu tipo, querido. E ela? Faz seu tipo?”

“Não,” Frank disse, e olhou para Shane, em um rápido lampejo. “Digamos que ela é uma amiga da família.”

“Isso é o suficiente. Agora, se você quiser mantê-la respirando, você levará todas essas crianças e sua mulher armada – olá, West, como você está, minha querida? Não a vejo desde que Ricardo era rei — e parta graciosamente, enquanto você ainda tem chance e traga Ada para mim. Se você fizer isso, talvez eu a deixe ir.”

“Boa oferta,” Frank disse. “Por que exatamente eu deveria leva-la?”

“Porque o garoto ali quer que você faça,” Myrnin disse. “Eu posso dizer. Você não? Ele está morrendo de vontade de vir até aqui e salvá-la do vampiro mal e perverso. Bom, garoto, por que não tenta? Você não gosta dela?” A mão de Myrnin apertada no pescoço de Claire. “Vamos, diga a ela como você se sente. É a sua última chance, você sabe, antes dela morrer.”

Não, Claire tentou dizer, mas tudo o que saiu foi um chiado. Ela se sentiu um pouco enjoada, porque sabia o que Myrnin estava fazendo, e ela odiava.

“Desculpe-me, aberração,” Shane disse, “mas você pegou o número errado. Eu não conheço essa garota. E no segundo em que você matá-la, nós vamos atacá-lo, então talvez seja melhor você encontrar um novo plano.”

Aquilo doeu um pouco, mas Claire pôde ver que ele estava mentindo, ao menos sobre a primeira parte. Ela podia ver em seus olhos. Não durou muito, mas ele sentiu algo por ela, mesmo que talvez não fosse aquilo que ela ainda sentia, e ela conhecia Shane. Ele nunca cruzaria os braços e a deixaria ser ferida. Ele não faria isso mesmo que ela fosse uma completa desconhecida.

“Eu acho que seu amigo tem um complexo de herói,” Myrnin disse em um sussurro, ao pé do ouvido. “Isso torna a situação ainda mais interessante, não é, *Claire*?”

Ela sentiu o coração titubear em seu peito. *Ele a conhecia*. Não — não, espere, ele não o fez; ele apenas sabia seu nome. Não era o mesmo Myrnin, não mesmo.

O aperto em volta de sua garganta aliviou um pouco e ela pôde ofegar, “Myrnin, por favor, pare. Por favor. Você sabe que isto não está certo.”

“Você sabe que isto não é certo? Acordar e encontrar todos mudados, encontrar Ada ausente, encontrar humanos invadindo minha fortaleza segura e tentar destruir o que prezo? Isso soa como certo para você?”

“Não é o que você pensa,” Claire disse desesperadamente. “Ada não está aqui. Ela não irá voltar. Você precisa entender que o que está lá embaixo não é algo que você deve proteger; é algo que você precisa *parar*!”

Ele ficou em silêncio. Frank Collins deu um passo adiante, então parou, observando o rosto de Claire. Ela balançou a cabeça freneticamente.

“Você me soa convincente,” Myrnin disse. Ele abaixou a cabeça, sua boca *muito* próxima ao lado da garganta de Claire, e respirou profundamente. “Seu cheiro é familiar, eu admito. Sua fragrância está em todo o laboratório, e eu confesso, não tenho explicação para isso.”

“Porque eu trabalho aqui. Para você,” Claire disse. “Você sabe disso. Myrnin, você precisa lembrar. Por favor, tente.”

De repente, ele a soltou e a empurrou fortemente para frente — direto para os braços de Shane. Ele largou a estaca para agarrá-la quando ela caiu, e a segurou.

Myrnin ficou parado por um momento, a cabeça inclinada para o lado, observando os dois. “Tenho a estranha sensação,” ele disse, “que já vi isto antes. Já vi *você* antes.”

“Você viu,” Claire disse, e limpou a garganta, tentando ignorar a dor. “Myrnin, você nos conhece. Pare. Apenas pare e pense, ok?”

Ele a encarou, e ela viu que ele estava tentando — tateando os segmentos perdidos de sua vida. Ela viu como sentir-se dessa forma também o assustava. Talvez ele tenha gostado, em algum nível; talvez tenha se sentido como a liberdade, não precisando se preocupar com ninguém além dele mesmo e Ada.

Mas esse não era ele. Não mais. Não havia sido há anos.

“Claire,” ele disse, e deu um passo adiante. “Claire, eu acho... eu acho que eu... esqueci algo... sobre — Eu não acho que isso está certo. Eu não acho que nada disso está certo. E eu acho que eu sei... eu acho que conheço Ada—“

Ele parou e se virou para olhar para o portal um instante antes de Claire sentir o flash de poder vindo dele. “Não!” ele vociferou, e estendeu a mão em direção ao portal, que estava começando a acender e cintilar com a cor. “Ninguém mais entra!”

Ela não podia deixa-lo parar, não importa o que acontecesse, mas se sentiu mal por isso. Ela estava tão perto, tão *perto* de quebra-lo... e agora ele se perdeu novamente.

Claire pegou a estaca caída e pulou em suas costas.

Ela não conseguiu, é claro; Myrnin era muito rápido, e muito alerta. Ele girou, agarrou seu braço e segurou a ponta da estaca há um centímetro de seu peito, olhando diretamente em seus olhos.

“Oh, criança,” ele disse. “Você não deveria ter feito isso.”

Mas ela tinha feito exatamente o que pretendia fazer, e no segundo seguinte, o poder correu por toda a sala, fazendo sua pele crepitar, e Amelie atravessou o portal atrás de Myrnin, brilhando como um diamante branco sob a luz fraca. Atrás dela vieram dois guardas vampiros, e Oliver. Mas Oliver não seria nenhuma ajuda, porque estava usando correntes de prata em seus pulsos e tornozelos.

Ele mal conseguia ficar em pé, Claire percebeu. Ele parecia *terrível*.

Myrnin forçou Claire a largar a estaca, e segurou em seu pulso ao se virar para olhar Amelie, curvando-se até a cintura. “Fundador.”

“Myrnin,” Amelie disse, e o portal se dissolveu em preto atrás de si. “Pareço ter interrompido. Eu reconheço a garota que você tem nas mãos, e West, claro.” West, parecendo muito infeliz, soltou o arco e removeu a flecha da corda, curvando-se para Amelie. Olhando para Frank, ela andou até alcançar os recém-chegados, mostrando uma mudança em sua fidelidade. Amelie fixou sua atenção em Frank, e depois em Michael, que ainda estava no chão. Eve estava ajoelhada ao lado dele, tentando ajuda-lo a se levantar. “Isso não parece estar indo bem para você, Sr. Collins,” ela disse. “Eu sugiro que você leve essas crianças e se retire enquanto tem chance.”

“Não,” Michael disse esfarrapadamente, e cambaleou aos seus pés.

E Shane disse, “Nós não vamos sem Claire.”

“Eu asseguro a vocês, garotos, vocês irão, de uma forma ou outra,”

Amelie disse. “Myrnin, me dê a garota e irei lidar com essa invasão.”

“Mas—“

“Você tem dúvidas que agirei no melhor dos interesses de Morganville?” ela perguntou, segurando seu olhar. “Você já duvidou disso *alguma vez*, em todos nossos anos juntos?”

“Mas eles têm Ada,” ele disse, sua voz era pequena, perdida e melancólica.

“Você precisa fazê-los devolvê-la. Por favor.”

“Eu farei,” Amelie disse. “Mas primeiro, me dê a garota.”

Myrnin assentiu e empurrou Claire para ela.

Claire tentou girar para o lado, mas Amelie, sem parecer se mover, estava no caminho. Ela segurou o braço de Claire com um punho de ferro gelado, e olhou para ela com um olhar ainda mais frio. “Fique quieta,” ela disse. “Irei lidar com você em um momento.” Claire sentiu sua última esperança morrer, porque não havia nenhum indício de reconhecimento verdadeiro no rosto de Amelie.

Frank disse, “É melhor vocês lidarem comigo antes de resolverem com uma pequena colegial, ou ficarei ofendido.”

“É melhor você lidar com todos nós,” Shane disse. “Eu não deixarei você machucá-la.”

“Você parece bravo, Shane, para alguém que não se lembra de estar em minha presença antes,” Amelie disse. “Mas não irei machucá-la. Ou a nenhum de vocês.” Ela olhou para Claire novamente, e desta vez havia calor em seus olhos. Uma espécie conforto. “Eu asseguro a vocês, estou plenamente consciente do que estou fazendo aqui.”

Ela lembrou. Alívio atingiu Claire, e ela suspirou quando a tensão deixou seu corpo. As coisas ainda continuavam perigosas, não havia dúvidas disso, mas com Amelie do seu lado, com certeza as coisas dariam certo. Ela poderia convencer Myrnin a fazer a coisa certa.

“Eles têm Ada,” Myrnin disse. “Você precisa encontrá-la. Por favor.”

Amelie deixou Claire ir e a moveu para seu lado, fora do alcance de Myrnin.

“Não há necessidade,” ela disse, e a compaixão em sua voz era uma

espécie de dor própria. “Nós dois sabemos onde Ada está, Myrnin. Eu sei que você lembra.”

Ele não se moveu, e não falou, mas havia um brilho frenético, febril em seus olhos.

“Você esteve doente. Ada estava cuidando de você, mas ela também adoeceu. Fraqueza sempre desencadeou coisas ruins em você, e ela ficou muito fraca. Um dia—“

“Não,” Myrnin disse. Foi mais um apelo que uma negação, para que ela não continuasse a falar.

“Um dia vim até aqui e a encontrei morta. Drenada de vida.”

“Não!”

“Era tarde demais para salva-la, mas você tentou, uma vez que retomou os sentidos. O céu sabe que você tentou. Você fez o seu melhor para preservar o que podia dela— não se lembra?”

“Não, não, não!” Myrnin se agachou, escondendo seu rosto entre as mãos. “Não, isso não é verdade!”

“Você sabe que é,” Amelie disse, e andou até ele para colocar gentilmente uma mão em seu ombro. “Meu amigo, não é a primeira vez que temos essa conversa. Você fica doente e se esquece, e espera que ela volte. Mas Ada não está voltando, está? Ela se foi.”

“Não, ela não se foi,” Myrnin sussurrou. “Eu a *salvei*. Eu a salvei. Ela não pode morrer agora. Ela não pode me deixar. Ela está segura. Eu irei mantê-la segura. Ninguém pode feri-la.”

Ele ainda pensava que Ada estava na máquina. Isso doeu mais do que sua tristeza, de alguma forma; era outra tragédia em câmera lenta, porque Claire sabia que teria que vê-lo lembrar, o veria perder mais uma vez o que amava.

Assim como todos os outros.

Mas a diferença era que Myrnin queria aguentar, *precisava* aguentar. Ele estava três anos no passado, e doente, e louco.

Ele faria tudo o que pudesse para impedi-los de afastar Ada dele. *Esse* era o motivo dele tratar Claire como uma intrusa em primeiro lugar... Porque em algum nível ele ainda tentava salvar Ada, e ele sabia que Claire tinha a

intenção de destruí-la.

“Você não pode levá-la,” Myrnin sussurrou. “Você não pode leva-la para longe de mim. Por favor, não faça isso.”

Lentamente a expressão de Amelie deixou de ser silenciosa e fria. “Não há nada para levar,” ela disse. “Ada se foi. Há três anos você chorou em um canto e rasgou sua própria pele. Eu precisei parar você de matar indiscriminadamente para salvá-lo de se afogar em sua dor. Eu não permitirei que você volte a ser aquela... besta. Você merece mais do que isso.”

Myrnin estremeceu e deixou cair às mãos frouxamente para os lados. “O que você irá fazer?”

“Desligar isso,” ela disse. “Parar essa loucura enquanto nós podemos. Você estará melhor uma vez que isso acabe.”

Os olhos de Myrnin se dilataram brilhantes, em um branco chocante e ele saltou para Amelie, as presas deslizando para baixo. Ela girou para fora do caminho, puxando Claire com ela. Seus guardas saltaram para a luta, mas Myrnin era forte e como um louco completo que ela nunca viu igual antes.

Ele lançou um deles por toda a extensão do laboratório, e estacou outro com uma perna de cadeira quebrada, e gritou para ela em desafio.

Ela não se moveu.

“Deixe-me ir!” Oliver gritou para Amelie, e sacudiu as correntes impacientemente. “Você pode ver que não tive nada a ver com nada disso, e você precisa da minha ajuda! Me solte!”

Ela hesitou, olhando para ele, e depois se inclinou para habilmente soltar as correntes, que caíram de seus pulsos e tornozelos para o chão de pedra. Oliver cambaleou um pouco, ofegando uma respiração aliviada, e Amelie estendeu a mão para se firmar em seu braço.

“Oliver,” ela disse, e sustentou o olhar. “Eu me lembro do que aconteceu. Me lembro, e eu sinto muito.”

Ele hesitou, e então assentiu em resposta. Era como se ele estivesse esperando ela tomar alguma decisão — algo mais do que simplesmente deixá-lo solto.

Amelie disse, “Não serei sua serva em Morganville. E nem você será meu. Iguais.” Ela ofereceu uma mão a ele, ele abaixou o olhar para ela,

claramente surpreendido. Mas ele a tomou. “Agora defenda o que é nosso, meu companheiro.”

Ele sorriu— *sorriu!*— e virou-se para encontrar Myrnin em meio a um salto, em meio a um ataque.

Ele derrubou Myrnin em segundos, mas foi uma descarga de adrenalina que se desvaneceu, e Claire percebeu que a dor provocada pelas correntes de prata estava levando sua força. Ele desacelerou. Myrnin não, e em mais alguns segundos mortais, os dedos com garras de Myrnin cortou o rosto de Oliver. Ele se esquivou, mas perdeu o equilíbrio enquanto Myrnin o arremessou para trás, às pressas.

Oliver chocou-se com uma velocidade mortal contra a parede, e Myrnin correu em um borrão para o fundo da sala. “Ele está indo lá para baixo!” Claire gritou, e pegou as correntes de prata caídas de Oliver assim que Myrnin puxou o tapete para o lado. Ela ouviu os bipes do código sendo inseridos na fechadura do alçapão. “Parem-no! Ele passou dias aqui por si só, fazendo quem sabe o quê. Criando... coisas. Deixá-lo descer até lá era perigoso, ainda mais do que enfrentá-lo aqui em cima.”

De alguma maneira, ela ainda queria argumentar com ele. *Não era Myrnin, não realmente.* Ela recordou que o Myrnin que ela conhecia, era um tipo de homem quase gentil, aquele que trouxe sopa para ela e a segurou de pé quando ela estava muito cansada para fazer isto sozinha. O único que havia lutado por ela várias vezes.

Ela tinha que lutar por ele agora. Ela tinha que defendê-lo contra si mesmo.

Frank Collins quase entrou no alçapão, mas ele se fechou no último segundo, e Claire ouviu a trava se fechar com um estalo forte de poder. “Não toque nisto!”, ela gritou, assim que o pai de Shane alcançou o teclado. “É eletrificado!”

“É a única maneira”, Oliver disse enquanto levantava dolorosamente. “Alguém precisa abri-la.”

“Não é a única maneira,” Claire respondeu, e olhou para Amelie. “Há um maneira de entrar. Não é?”

Amelie hesitou, depois assentiu. Ela se virou e se dirigiu ao portal na

parede. O corpo de Rudolph estava deitado lá — bem, metade dele — e ela o moveu para o lado e ficou em frente ao portal negro. As cores mudaram, pulsaram e caíram na escuridão novamente.

Claire descobriu que estava segurando na mão de alguém. Que acabou por ser Shane, que chegara ao seu lado. Ela pôde sentir quão tensos seus músculos estavam, e quão rápido seu pulso se encontrava. O dela estava ao menos duas vezes mais rápido.

“Ali,” Amelie disse. Nada parecia diferente a respeito da escuridão do outro lado da porta, mas Claire sentiu um tipo de energia radiando para fora dela. “Eu avisei a você, não é um caminho seguro. Vá rápido, eu tenho que mantê-la aberta, ou ele poderá se lembrar de bloqueá-la.”

Oliver deu a ela um olhar duvidoso, mas mergulhou na escuridão; que o engoliu como um poço cheio de tinta. Frank e West o seguiram, e em seguida, Claire e Shane.

Antes de atravessarem, Shane hesitou e olhou por cima do ombro. Michael estava bem ali — pálido, um pouco instável, apoiando-se no ombro de Eve. “Junto com você, bro,” ele disse. “Vai.”

“Estamos totalmente certos que este é um bom plano?” Shane perguntou, calmamente, a Claire. O fato de ele ter perguntado a *ela* a fez se sentir um pouco fraca; parecia como... confiança.

Não, isso *era* confiança. Confiança que ela não merecia, mas era algo insuportavelmente precioso para ela.

Claire tentou soar confiante, “Eu acho que sim,” ela disse. “Apenas vigie suas costas, ok?”

“Nah, Michael já está fazendo isso.” Ele olhou diretamente em seus olhos. “Eu estarei vigiando as suas.”

Shane pulou na escuridão, e levou Claire com ele.

No outro lado, tudo era apenas preto — uma espécie de escuridão que fez o pânico se enroscar em um duro e quente nó no estômago de Claire. Ela conhecia essa escuridão. Ela esteve nela antes.

“Fácil,” Frank Collins disse, e ela sentiu sua mão agarrar seu ombro para mantê-la parada. “Não se mova.”

“Há buracos no chão,” ela disse. “Poços. Você consegue vê-los?” Ela esperava que ele pudesse; todos os vampiros que ela conheceu, poderiam. Ela, Shane e Eve estavam tão cegos quanto era possível estar.

“Sim, eu vejo. Agente firme; eu tenho uma luz.” Aquilo foi Frank Collins falando em algum lugar bem atrás dela. Luz brilhou em um cone branco que lançou vista sobre as rochas e projeções angulares de quartzo, afiados como navalhas. Eles estavam em uma enorme caverna, silenciosa exceto pelos ecos de seus movimentos e vozes. “Ninguém se move.”

Ele estava certo, porque a área por aonde eles chegaram era o único ponto confiavelmente seguro na sala. O chão de pedra tinha armadilhas com escuros buracos negros que levavam, ao que Claire sabia, até o centro da Terra e saía do outro lado. Não só isso, mas ela sabia por experiência própria que onde a rocha *parecia* sólida, provavelmente não era. Era como um labirinto, e da última vez que Claire esteve aqui, Mrynin a havia ajudado a passar. Ele não faria isso agora. Ele estava tentando enviá-la aos gritos para sua morte, junto com qualquer um que estivesse junto dela. Ela engoliu a seco; ao longe viu uma argola de metal cravada nas rochas e uma extensão de correntes de prata. Ele havia sido aprisionado aqui, uma vez, quando ele era... mais ele mesmo.

Mas ele não poderia lembrar-se disso agora. Ou se importar que ele tentara salvar a vida dela.

“Eu conheço o caminho,” ela disse baixinho, e tomou a lanterna de Frank. Ela testou cada passo com cuidado; algumas das rochas aparentemente sólidas eram frágeis, corroídas por baixo por rios subterrâneos que estavam bem distantes. Seu pé torceu duas vezes, e apenas o aperto de Shane em seu braço a impediu de cair para à frente pela segunda vez.

Parecia desesperadamente lento, abrindo caminho ao longo do trajeto. Até mesmo os vampiros pareciam dar cada passo com muito cuidado. Claire supôs que poderia ser pior que um pesadelo para eles, caindo em um túnel negro sem fim; e se eles não pudessem voltar? Quanto tempo eles sobreviveriam ali embaixo sem nenhum sangue, ou luz? E se eles sobrevivessem... aquilo poderia ser quase pior.

Claire estava principalmente preocupada com Michael. Ele havia se ferido muito, e agora Shane estava calmamente tomando seu outro braço, ajudando Eve, que começava a cambalear pelo peso de Michael. *Ele ficará bem*, ela pensou. Ela precisava acreditar nisso, e se concentrar.

Um som atravessou a caverna, como um suspiro; ela franziu a testa, imaginando o que o causou. Não era o vento; não havia um sopro sequer aqui, apenas o ar frio e úmido que pesava em sua pele. Ela estremeceu e esperou um segundo, mas o som não se repetiu.

Então ela sentiu um suspiro de ar contra seu rosto— uma inconfundível agitação contra seus cabelos. Claire apontou a lanterna na direção que o vento veio, mas viu nada. Nada a não ser o traiçoeiro chão de pedra, os cristais de quartzo brilhantes pendendo das paredes, e a escuridão, abismos silenciosos que se espalhavam em folhas.

Claire abriu caminho cuidadosamente em direção a outro pedaço de rocha aparentemente sólida, e enquanto fazia isso, sentiu a brisa novamente, mais forte.

Não estava vindo de cima, ou mesmo das paredes.

Ela veio diretamente da escuridão. Claire se apoiou com cuidado e moveu a luz para baixo, para o poço, tentando ver o que poderia estar acontecendo. Nada. A escuridão engoliu o brilho da lanterna sem deixar vestígios.

Claire estendeu sua mão. Definitivamente havia uma brisa fria soprando para cima, como se um ventilador tivesse sido ligado.

Ela se sentiu um pouco estranha, de repente. Um pouco... tonta.

“Hey!” Shane disse, e agarrou seus ombros para trazê-la para longe da borda. “Que diabos você está fazendo?”

Ela respirou profundamente. Sua cabeça doía um pouco. “Olhando.” Ela disse, e tossiu. Doeu. “Desculpe. Por aqui.”

Afastar-se do abismo pareceu fazê-la se sentir melhor, mesmo que agora ela tivesse uma espécie de náusea estranha, e queria respirar mais e mais profundamente, mesmo que não tivesse cansada. Claire se concentrava em cada passo, todos os movimentos feitos com cuidado. Ela ouviu alguém tropeçar atrás dela, e ouviu a silenciosa praga de Frank Collins.

E então ela ouviu West tossir, um som alto explosivo. “Desculpe,” West disse, mas então ela tossiu de novo e de novo, e quando Claire olhou para trás, viu que a mulher vampira estava curvada, com as mãos nas coxas.

Ela estava vomitando sangue pela boca.

Foi nesse momento em que Claire percebeu que algo estava muito, muito errado. Parecia óbvio agora, mas ela não tinha certeza do por que não tinha entendido antes. Seu cérebro não parecia estar trabalhando muito bem. Sua mente nadou dentro e fora de foco, e agora Oliver estava tossindo também, profundamente, fazendo sons que o deixaram arfando e limpando sua boca. Claire viu o brilhante vermelho do sangue.

Frank já estava tossindo também.

Claire de repente sentiu aquilo bater nela também, a dor rasgando seus pulmões, a convulsão esmagadora. Ela arfou, instintivamente puxou uma respiração, e tossiu. E continuou tossindo.

Gás. Foi gás. Por alguma razão, os vampiros eram mais suscetíveis a ele; talvez estivesse atingindo-os através da pele ou isso durou menos para deixá-los doente. Michael estava engasgando agora, e Eve e Shane começaram sufocar, também.

Claire cambaleou pela força de sua tosse, e quase caiu. Oliver se lançou e a pegou, então perdeu o controle enquanto tossia novamente; ela oscilou, perigosamente perto da borda de um grande, escuro abismo que estava — agora ela percebeu — expelindo algum tipo de toxina. Ela tentou prender a respiração, mas não pôde fazê-lo por muito tempo. Era como se ela não conseguisse ar o suficiente. Ela ouviu a si mesma fazendo ruídos ofegantes, como um peixe fora d’água. Sua cabeça doía, e ela apenas precisava de *ar*.

Claire estava quente, doente, assustada e *morrendo*, mas veio a ela, de repente, uma clareza brutal, ela precisava tirá-los dali. Ela era a única que poderia fazer isto, a única que sabia o caminho. Eles não estavam longe da saída da caverna; ela não conseguia vê-la, mas sabia que ela estava lá. Estava bem atrás da rocha de quartzo — uma volta rápida à esquerda iria colocá-los sobre a rocha sólida, e então eles estariam fora.

Ela tinha que tirá-los de lá.

Ela chegou para trás e agarrou a mão de Oliver. Estava molhada; ela não

sabia se aquilo era sangue, e não olhou. “Deem as mãos!”, ela gritou, e seguiu em frente, sem mais se preocupar em testar a rocha. Se quebrasse, não importaria realmente. Ser cuidadosa iria levá-los a morte.

Ela não sabia se todos estavam juntos, mas não poderia esperar. Ela só conhecia a sensação da rocha sob seus pés, a pressão quente, queimando em seus pulmões, o pulsar de dor em sua cabeça. O brilho irreal da lanterna refletindo de volta o branco do quartzo e o cinza da rocha e desaparecendo no negro...

Ela não poderia sentir seus pés agora, mas não poderia parar. Claire caiu para frente, arrastando a mão de Oliver para puxá-lo com ela, e pulou através abismo de dois metros de largura, aterrissando mal e quase caindo estatelada. Ela sentiu o frio sopro da pressão do gás, ondulando suas roupas ao passar pelo poço. A mão de Oliver quase escapou da dela, mas ela o puxou e ele conseguiu. Assim que atravessou, ele se virou e puxou Shane, que puxou Michael, que puxou Eve, que puxou Frank.

West.

Onde estava West?

Claire a viu, de pé, a vários metros atrás deles. Sangue era uma máscara negra em seu rosto, e enquanto Claire observava, West deixou cair o arco que carregava e caiu de joelhos.

Ela se lançou para frente, na escuridão.

Frank saltou, tentando alcançá-la, mas Oliver o deteve. Com sua outra mão, Oliver empurrou Claire na direção oposta. Ela o odiou naquele momento, o odiava o suficiente para empurrá-lo, também, mas sabia o que ele estava fazendo.

Ele estava salvando suas vidas.

Ela mergulhou. Eles estavam em um caminho agora, e mesmo que ela estivesse tossindo desesperadamente, mesmo que sentisse que suas forças estivessem se esvaindo a cada passo, ela sabia onde estava indo. Sentiu uma onda de frescor contra seu rosto, e de repente sua tosse diminuiu. Ela arrastou uma respiração asfixiada, e uma outra, e provou um maravilhoso, delicioso, doce ar.

Ela passou pela rocha de quartzo e estava no estreito túnel que levava ao

vazio negro do outro portal.

Claire chegou lá cambaleando, mas ainda de pé, e os outros se juntaram a ela. Oliver deixou as mãos caírem assim que pode, mas Shane a pegou, o que foi bom. Ele apertou com força e levantou o polegar para cima, tanto quanto ele tossiu novamente e enxugou o sangue de sua boca. Seus olhos estavam injetados de sangue, também. Todos pareciam estar bem, mesmo Michael.

Claire continuou respirando profundamente, melhorando as arfadas, e se concentrou no portal. Essa parte poderia ser complicada se Myrnin tivesse se lembrado de bloqueá-lo, mas ela não achava que ele teria. O portal não era usado a tanto tempo, de acordo com ele, que ele tinha realmente esquecido que existia — pelo menos havia esquecido, até que Ada havia prendido os dois na caverna.

Se ele tinha esquecido de tudo isso, ele teria esquecido este portal secreto também.

Ela esperava.

Com a frequência sintonizada em sua cabeça, e ela viu um banho de brilho através de todo o preto, e em seguida, pontinhos de luz. Uma lavagem estranha de cores, em algum lugar entre o cinza e o azul. E finalmente voltou às sombras, e luzes em cima, e da estranha, vasta, orgânica forma do computador que estava sobre o laboratório de Myrnin.

“Quietos,” Oliver disse, e apertou seu ombro em aviso. Ela assentiu. “Deixe-nos ir primeiro.”

Ela ficou para trás, segurando o portal aberto, Oliver atravessou e então Frank. Shane, Eve e Michael olharam para ela, e ela assentiu.

“Vocês vão à frente,” Shane disse. “Eu irei com ela.”

Michael pegou na mão de Eve e atravessou o portal.

“Você não tem que fazer isto,” Shane disse. “Você poderia simplesmente nos deixar lidar com isso.”

“Nós? Quem somos nós?”

Ele apontou com o queixo para os vampiros e Eve. “Você sabe. O resto de nós. Isso vai ser perigoso.”

“Não será,” Claire disse. “Eu talvez seja capaz de fazê-lo parar.”

“Quem, o cara doido? Talvez. Ou ele pode puxar sua cabeça fora,”

Shane disse. “Eu meio que me preocupo.”

Ela não podia deixar de sorrir. “Sim?”

“Um pouco.”

“Isso é... legal.”

Ele a estudou e devolveu o sorriso. “Sim,” ele disse. “Meio que é, na verdade. Então, eu estou indo.”

“Eu também.”

Shane estendeu sua mão, ela a segurou e eles foram juntos.

No outro lado do portal, não havia sinal de Myrnin. A máquina zumbia, chiava e assobiava, sussurrando vapor das válvulas em todos os ângulos. *Ele está aqui*, Claire pensou. *Em algum lugar*. Oliver e Frank se moviam silenciosamente através das sombras, o caçando. Eve, Michael e Shane estavam sensatamente parados no mesmo lugar.

O interruptor na parede era o controle de alimentação de força. Claire se soltou do aperto de Shane, e eles tiveram uma discussão através de mímicas, ele sacudindo a cabeça, ela segurando um dedo entre os lábios, ele murmurando palavras que ela tinha certeza que o teria expulsado da escola se tivesse quinze anos. Ou pelo menos o colocado em detenção. Ela fez um definitivo movimento de “fique aqui” e foi até o interruptor de alimentação.

Quando ela estava há cerca de dois metros dele, sentiu um formigamento de alerta em torno do metal. Myrnin havia arrancado os fios de lá, de alguma forma, a corrente passava livremente por ali. Se ela — ou qualquer um deles — o tocasse, eles seriam assados.

Ela estudou o problema por alguns segundos, e então se virou e voltou para seus amigos. Ela segurou Eve pelo braço, inclinou-se perto e sussurrou. “Eu preciso de suas botas.”

“O *que?*” Eve tentou manter sua voz baixa, mas se tornou um pouco assustado demais. “Minhas *o que?*”

“Botas,” Claire assobiou. “Agora. Rápido.”

Eve lhe lançou um olhar arregalado, duvidoso, e balançou a cabeça de uma maneira que indicava que ela pensava que Claire havia perdido completamente a cabeça, e se abaixou para desamarrar suas pesadas e desajeitadas botas de sola grossa. Ela tirou uma, depois a outra e ficou no chão

de rocha frio com meias listradas em vermelho e preto. Ela entregou suas botas para Claire.

Claire enfiou suas mãos dentro das botas como se elas fossem estranhas e gigantes luvas. Elas estavam quentes e um pouco úmidas dos pés de Eve. Em circunstâncias normais, aquilo seria bastante nojento, mas Claire não queria se importar com isso agora.

Ela voltou até o interruptor, respirou fundo e bateu a borracha (ou plástico) das solas das botas de Eve na alavanca pintada de vermelho. Ela fechou os olhos quando fez isso, meio que esperando começar a ser eletrocutada, mas no lugar disso, nada aconteceu. Ela ainda conseguia sentir a força, mas as botas a estavam isolando, como se fossem seus próprios sapatos de sola de borracha.

Claire puxou o interruptor para baixo, usando toda sua força, e por um momento pareceu que nada aconteceria — mas então ele subitamente fez um barulho de metal e mudou para a posição desligado.

E não serviu para nada. *Nada aconteceu.*

A máquina continuou funcionando.

Claire tirou as botas das mãos e as jogou para Eve, que se abaixou para calçá-las, desamarradas.

“Eu sabia que alguém como você viria,” Myrnin disse, e Claire pensou que ele estava em algum lugar atrás da máquina, difícil de ver, mais difícil ainda de alcançar. “Alguém que queria destruir tudo. Alguém que queria acabar com Morganville. Estive trabalhando por dias para ter certeza que você não iria conseguir. Se salvem. Saiam agora.”

“Myrnin, não há nada aqui para salvar! É só uma *máquina*, e está quebrada! Ada se foi!”

Ele sibilou, e havia fúria em sua voz quando disse, “Não diga isso. *Nunca* diga isso.”

Houve um grito abafado, e de repente, uma onda violenta de movimento no escuro onde Myrnin estava escondido.

Oliver cambaleou para trás e caiu em uma piscina de luz. Seu rosto ficou distorcido, e havia uma estaca de prata enterrada em seu peito. Ele ficou inerte e assim permaneceu.

Claire correu para frente, mas antes que ela pudesse chegar até ele, Myrnin saiu da escuridão e a agarrou. Ela não o viu se aproximando, e não pôde sair de seu caminho a tempo. Ele a segurou em uma fração de segundo, arrastando-a para longe de Oliver e voltou para a escuridão, com a mão sobre a boca dela.

“Não!” Shane gritou, e correu para arrancar a estaca para fora do peito de Oliver. Ele tremeu e rolou para o lado, mas Shane nem sequer parou.

Ele foi atrás de Myrnin e Claire com uma arma.

Frank Collins agarrou seu filho por trás e atirou-o para fora do caminho assim que Shane tropeçou em um fio, quase invisível sob a luz fraca.

Tudo o que Claire conseguia ver de sua perspectiva era um flash brilhante de luz, que era seguido quase imediatamente por um incrível e anestesiante barulho. Ela sentiu cortes se abrindo em seu corpo, mesmo quando Myrnin a empurrou para o chão e caiu em cima dela, e uma onda de poeira sufocante passou sobre ela. Ela rolou para longe de Myrnin, que estava deitado no chão, atordoado, e tentou correr.

Na frente da máquina, uma coluna imensa de metal tinha tombado e prendeu Frank Collins em uma pilha de escombros. Shane estava deitado a poucos metros dali, coberto por uma poeira pálida, mas ainda vivo e respirando; assim que Claire se levantou, viu Michael chegar até ele e checando seu pulso. Ele deu a ela um sinal positivo com a mão, e então foi até onde Frank estava preso. Ele tentou levantar a coluna de metal, mas era pesada demais, até mesmo para sua força vampírica.

E Frank não parecia bem. Havia um fluxo constante e grosso de sangue correndo de seu peito, formando uma piscina no chão em volta dele.

“Ajudem-me!” Michael gritou, e Oliver conseguiu se arrastar e colocou seu ombro contra o pilar também. “Empurre!”

“Não adianta,” Frank ofegou. “Já era. Acabe com isto. Claire, acabe com isto.”

Ela se virou para o console da máquina. Estava coberto de poeira, e a tela estava quebrada, mas ainda estava viva e funcionando. Ela pegou um punhado de fios, mas parou à apenas um centímetro de distância quando sentiu os pelos de seu braço se arrepiarem e se agitarem.

“Você não pode,” Mynin disse ao se virar e olhar para ela. “Você não pode parar isto. Está tudo bem. Uma vez que você vá, estará melhor. Você se sentirá melhor. Apenas... deixe.”

“Eu não posso fazer isto.” Ela estava chorando agora, por pura frustração e medo. “Me ajudem. *Me ajudem!*”

“Ela não pode ser desligada agora,” Myrnin disse. “Tenho certeza. Ada nunca mais será machucada novamente. Não por mim, não por você. Ela está segura.”

“Ela está nos *matando!*” Claire gritou. “Deus! Pare!”

“Não, ela está nos *consertando,*” Myrnin disse. “Você não entende? Eu li os jornais, os que estavam lá em cima. Morganville não estava certa durante anos. Tem sido mudada, se tornando algo errado. Ela nos fez certos de novo. Todos nós.”

“Besteira,” Frank Collins disse, e tossiu sangue. “Desligue isso, Myrnin. Você precisa fazer isso.”

Myrnin olhou para ele por cima da pilha de escombros. “Você não gostaria de voltar para quando era feliz, quando nós *todos* éramos felizes? Você, sua esposa, sua filha, seu filho? Tudo isso pode voltar. Você pode se sentir dessa forma de novo. Ela pode fazer você se sentir assim.”

Frank riu. “Você vai me dar minha família de volta?” ele disse. “É isso que está me dizendo?”

“Não eu,” Myrnin disse. “Não é verdade. Mas eu posso fazer tudo como era antes, para você tanto quanto para mim. Você, dentre todos os outros, deveria querer isto.”

A garganta de Frank funcionou, como se estivesse engolindo algo desagradável. Seus olhos estavam brilhantes e muito, muito frios. “Então você agora é Deus,” ele disse. “Você pode trazer os mortos de volta.”

“Eu posso lhe dar uma nova família. Essa garota pode ser sua nova filha. Podemos encontrar uma esposa. Eu posso fazer você esquecer. Você nunca saberá a diferença, e ela irá esquecer tudo o que um dia foi.”

“Você realmente acha que é uma proposta tentadora,” Frank Collins disse, bem baixinho. “Isso é doente. Minha esposa e filha estão mortas, e você não vai me fazer acreditar em uma mentira. Você não irá perverter suas

memórias. Meu filho ama essa garota, e eu não irei deixar você levá-la para longe dele, também.”

Myrnin olhou para cima, como se tivesse percebido algo. “É tarde demais,” ele disse. “Está começando.”

Claire ouviu a mudança no zumbido da máquina, mudando para algo mais elevado, mais urgente. Ela sentiu o pulso de poder vindo da máquina, e foi algo estranho em sua cabeça. Algo que ela precisava.

Algo que a mantinha em seu lugar no mundo, no tempo, no espaço.

Doeu. Pareceu que seu cérebro estava sendo rasgado, arrancado ao meio, e memórias se derramaram em uma corrente prateada. Ela não conseguia segurá-las; tudo era apenas... *ruído.*

A dor parou, mas alguma coisa pior surgiu. Pânico. Horror. Medo. Ela estava olhando para uma sala cheia de estranhos. Pessoas assustadoras em um lugar assustador. Como ela havia chegado até lá? O que estava... o que estava acontecendo? *Onde ela estava?*

Por que ela não estava em casa?

Não, isto não estava certo. Ela os conhecia; conhecia todos eles. Aquele era Shane, levantando-se... e então tudo mudou, e ele era um garoto que ela não conhecia, cabelos escuros, poeirentos. Um estranho. Ele se pôs em sua direção, mas vacilou e parou, e levou suas mãos à cabeça como se machucasse. A dela ainda doía, também. Havia um som, um estranho som que não estava realmente lá, não era um som realmente, e ela se sentiu...

Perdida. Ela se sentiu tão perdida, e sozinha e aterrorizada.

Era como ter uma visão mental dupla. Ela conhecia essas pessoas em um nível bem básico, mas ela também havia esquecido-os. Ela não conhecia/conhecia o homem com o rosto cheio de cicatrizes e o garoto se aproximando dela, e a garota de cabelos escuros e rosto pálido, e o outro garoto de cabelo dourado. Ela conseguia vê-los de alguma forma, com nomes e histórias, mas isso continuava desaparecendo. Desaparecendo.

Não. Ela não conhecia ninguém ali, e nunca se sentiu tão vulnerável e horrível em sua vida. Ela queria ir para casa.

Havia um outro estranho vestido em roupas velhas estilo vitorianas, como um mendigo, a encarando com seus escuros e imensos olhos.

Ele estendeu a mão para ela, e ela sabia que algo não estava certo. Sabia que tinha que ir para longe dele, para os braços do garoto.

O outro homem mais velho, de cabelos grisalhos lhe deu uma cotovelada para tirá-la do caminho e jogou o homem vitoriano contra a parede, e então o arrastou para fora do túnel. Ele estava gritando para todos o seguirem. Claire não queria ir; ela não confiava neles, em nenhum deles.

Mas o garoto pegou na mão dela e disse, “Confie em mim, Claire,” e ela sentiu alguma coisa dentro dela que estava gritando de medo, se silenciar.

Outra parede de dor se lançou contra ela e ela quase caiu. Tudo estava se desvanecendo, tudo o que ela era, tudo...

Ela caiu de joelhos e percebeu que estava ajoelhada próxima ao homem com cicatriz no rosto. Ele estava preso debaixo de um pilar de metal caído, e parecia mal, muito mal. Ela tentou movê-lo, mas ele estendeu a mão e pegou sua mão na dele. “Claire,” ele disse. “Saia daqui. Faça isso agora.”

Ele soltou sua mão e vasculhou uma bolsa que estava caída próxima a ele. Pegou algo redondo e verde escuro, do tamanho de uma maçã.

Granada. A palavra flutuou através de sua mente e se dissolveu em névoa. Havia alguma razão para ela ter medo daquilo, mas não conseguia realmente pensar no que era.

O garoto de cabelos escuros estava gritando com ela agora, a deixando de pé. Ele olhou para baixo e viu a coisa, a *granada*. “Pai,” ele sussurrou. “Pai, o que está fazendo?”

“Saíam daqui,” o homem disse. “Não irei perdê-lo também, Shane. Tudo está começando a se desvanecer, e não posso deixar que isso aconteça. Preciso parar isto. Essa é a única maneira.”

O garoto ficou lá, olhando para ele, e então caiu de joelhos e levou uma mão a cabeça do homem. “Sinto muito,” ele disse. “Pai, eu sinto muito.”

“Não sinta,” o homem disse. “Eu preciso de uma ajudinha, e então você precisa tirar seus amigos daqui. Entende?”

O garoto estava chorando, e tremendo, mas ele assentiu.

Ele se abaixou e pegou o anel de metal da granada, e seu pai puxou o braço na outra direção. O pino saltou livre.

“Vão,” o homem disse. “Eu te amo, filho.”

O garoto não queria ir. Claire praticamente arrastou-o através da sala, na direção que todos os outros já tinham ido. Eles pararam na boca do túnel, e Claire viu o homem rolar a granada lentamente sobre o chão, até ela se chocar contra o metal com um imenso emaranhado de cabos, relógios, tubos e teclados.

Ela o conhecia. Tinha quase certeza disso quando ele virou a cabeça e sorriu para ela.

Seu nome era Frank Collins.

Frank disse, “Adeus.”

Claire arfou e puxou Shane para dentro do túnel. Ele tropeçou e caiu e ela o fez, também, e aquilo foi uma coisa boa.

Em um segundo, o mundo estava explodindo atrás deles...

Ela acordou com um zumbido em seus ouvidos. Todo o seu corpo doía, e sua cabeça parecia que sido preenchida com ácido de bateria, mas ela estava viva.

E ela se sentiu inteira... ela mesma novamente.

Ao se mover, descobriu que estava presa embaixo de um peso quente. *Shane*. Ela se contorceu embaixo dele e o virou, desesperada e com medo que tivesse sido ferido, mas então viu que ele estava respirando, e seus olhos se abriram, momentaneamente vazios e estranhamente surpreendido. Eles se concentraram em seu rosto. Ele disse alguma coisa, mas ela apontou para suas orelhas e sacudiu a cabeça. Ela o ajudou a sentar-se e passou as mãos por ele, ansiosamente. Ele teve alguns cortes e contusões, mas nada ruim.

Shane apontou para ela e ergueu as sobrancelhas para fazer uma pergunta. Ela fez um sinal de ok. Ele lhe deu um sinal de positivo.

Uma súbita explosão de luz no teto a pegou de surpresa, ela olhou para cima para ver um alçapão aberto voar como luz derretida. Um vulto gracioso em terno branco caiu, aterrissando suavemente em seus sapatos de salto alto, e olhou em volta para o dano. Se Amelie falou; Claire não pôde ouvi-la; ela se moveu para ficar ao lado de Oliver, que tinha debruçado sobre Myrnin e segurando-o no chão.

Myrnin não parecia como se precisasse ser segurado. Ele estava tremendo, pálido e com os olhos ocos, e quando ele encontrou os olhos de

Claire, ele olhou rapidamente para longe.

Ela viu lágrimas.

Michael e Eve estavam juntos, envolto nos braços do outro, como se não tivessem intenção de nunca se soltarem. Claire se inclinou e segurou a mão de Shane, puxando-o para ficar de pé. Sentiu uma espécie de alegria, uma percepção de que eles poderiam realmente ficar bem, depois de tudo.

Enquanto Shane virava a cabeça e olhou para baixo do túnel, Claire lembrou. Pior, ela o viu lembrando. Seus lábios se abriram, e ela o viu gritar, *Pai!*, e ele correu pelo túnel em direção à casa de máquinas.

Claire correu atrás dele, com o coração batendo forte.

A máquina estava destruída. Realmente, verdadeiramente demolida. Era difícil de acreditar o quão dilacerada estava, na verdade; ela supôs que ocorreu algum tipo de reação em cadeira dentro dela, porque parecia que tinha sido esmagada sobre si mesma em alguns pontos. Havia pedaços todo o lugar, dobrados e espalhados. Nada se movia. Havia uma neblina espessa e sufocante de poeira, suspensa no ar.

Shane foi direto para os destroços. Claire tentou detê-lo, mas ele colocou fora do caminho, com a face pálida e vazia. *Pai?* Ela ouviu um eco tênue do grito desta vez e ouviu o pavor na voz de Shane.

Ela agarrou o braço de Shane, e ele olhou para ela. Ela não tinha idéia do que dizer, mas sabia que sua expressão facial podia expressar o quanto ela estava triste.

Shane se soltou e correu para os destroços da máquina — e parou. Apenas... parou, olhando para baixo.

Claire não sabia o que fazer. Sentiu-se horrível, assustada e doente, e ela sabia que era melhor ir até ele, mas alguma coisa a disse para não fazer isso. Algo dizia a ela para esperar.

Amelie tocou seu ombro, franzindo a testa, e Claire pulou de surpresa, tensa. O olhar de Amelie foi dela para a figura imóvel de Shane, e Claire viu surgir conhecimento no rosto de Amelie. Ela foi até Shane e colocou seu braço em volta dos ombros dele, então o virou para ela, e Claire sabia que ele havia visto algo por trás do emaranhado. Algo horrível. Havia um incendiado, morto olhar em seus olhos novamente, e parecia que o coração dela se

converteu em cinzas em simpatia por ele.

Claire correu para os braços dele, e depois de alguns segundos, ele a abraçou. Então ele colocou a cabeça no ombro dela, e mesmo que ela não pudesse ouvi-lo, ela sentiu a maneira como o corpo dele tremia, e a umidade de suas lágrimas contra a pele dela.

Claire penteou o cabelo dele com seus dedos, e fez a única coisa que poderia fazer.

Ela aguentou firme.

CAPÍTULO

DEZESEIS

A única coisa que se aproximava da tristeza que Claire sentia por Shane era a compaixão que ela sentia por Myrnin. Talvez tudo estivesse errado, afinal, era sua culpa. Tudo isso. Mas, na destruição da máquina, Frank Collins havia colocado as coisas de volta da maneira como deveria ser — incluindo a sanidade de Myrnin.

Shane, entendeu o que ele havia feito, e Claire mal podia olhá-lo, e ver a terrível expressão de estupor e horror em seus olhos. Ele não disse uma palavra, nem uma palavra. Quando Amelie tentou falar com ele, ele desviou o olhar e sentou-se, imóvel e com calma, abaixando a sua cabeça.

Oliver, como de costume, não tinha compaixão por nada. "O caso está encerrado", afirmou categoricamente. "Ou pior, talvez. Collins se sacrificou para acertar as coisas. Deixe que ele fique emburrado, se ele quer ficar emburrado."

Myrnin levantou a cabeça, em seguida, lentamente, e fixou seus olhos escuros e trágicos em Oliver. Ele não disse nada, mas havia algo de muito desagradável na maneira como eles se encararam.

"Bem?" Oliver exigiu. Myrnin olhou para longe. "Tudo porque você não pôde perder a sua preciosa Ada sem enlouquecer. Prometa-me, Amelie, que você vai me crucificar com prata antes de permitir que me apaixone."

"Acho difícil que exista qualquer chance disso," Amelie disse. "Duvido que tenha a capacidade." Ela parecia distante e fria, mas havia algo quase doloroso nisso, também. "Há algumas notícias positivas, eu suponho. A maioria das pessoas parece ter recuperado suas memórias. Qualquer dano que havia sido feito parece ser temporário."

"Notícias positivas", Oliver repetiu. "Salvo que nossas fronteiras ruíram, e

todas as nossas defesas. Você *sabe* que não pode continuar assim. Essa máquina—"

"Não está funcionando", disse Claire, levantando-se da cadeira de onde ela estava sentada ao lado de Shane. "Ela não está funcionando. Ela não *vai* funcionar, não por meses, se algum dia funcionar novamente. Supere isso, Oliver." Ela estava com raiva, ela sabia disso. Tremendo. E sabia que era por causa do pai de Shane. "Você poderia talvez tirar um minuto ou algo do tipo? Apenas para sentir algo?"

Amelie e Oliver olharam para ela com idênticas expressões de surpresa. "Sentir o que?" Oliver perguntou. "Pesar? Por Frank Collins? Você tem certeza de que sua memória está totalmente restaurada?"

Claire cerrou os dentes e resistiu ao impulso os mostrar para ele. Ela não deveria fazer. Eve silenciosamente fez por ela, de onde ela estava perto do portal, retirando o pó e os escombros de seu visual preto gótico. As botas dela ainda estavam desatadas. "Ei, Oliver?", ela o chamou. "Não vi *você* engolindo a bala lá e nem ajudando a equipe. Você saiu de lá mais rápido do que eu."

Fazendo o humor de Oliver ficar perigosamente em direção à escuridão, mas Eve obviamente não se importava. Ela estava angustiada, também. E com raiva.

Myrnin finalmente falou. "Eu sabia", disse ele, muito suavemente. "Eu sabia que eu não era... eu mesmo. Deixei-me acreditar que o que estava fazendo era seguro, mas não era. Talvez, desde então minha mente foi... se acabando." Ele olhou para cima, e havia uma distanciada, e miserável aparência em seu rosto. "Se eu tivesse acreditado em Claire, em primeiro lugar, nós poderíamos ter impedido isso. Não tinha que acontecer desta forma. Mas eu queria... acho que, no fundo, eu queria que as coisas fossem..." Ele tomou uma respiração profunda. "Eu a queria de volta. Eu queria o passado. Queria sentir... menos constrangido pelas regras. E foi isso que a máquina coletou de mim. E foi o que tentamos fazer."

"Bem", disse Oliver. "Você conseguiu realizar o seu desejo."

Amelie sacudiu a cabeça. "Isso não nos leva a lugar nenhum," disse ela. "Frank Collins nos prestou um grande serviço, independentemente de sua história. Vou honrar isso."

Shane olhou para cima. "Como?" Sua voz era oca e vazia. "Uma placa?"

"Como você prefere que ele seja honrado?" Amelie perguntou. "Se estiver dentro do meu poder, vou conceder isso a você."

Shane não hesitou, nem mesmo por um segundo. *Era isso*, Claire pensou, como se ele já tivesse calculado o que ele fosse dizer. "Liberte Kyle da gaiola, na Praça do Fundador", disse ele. "Coloque-o em liberdade condicional. Mas não o mate."

Houve um silêncio, longo e pesado, e por alguns segundos terríveis Claire pensou que Amelie estava com raiva. Mas ela só estava... pensativa. Ela finalmente disse: "Tudo bem."

Oliver fez um barulho em frustração, de fúria em sua garganta, pegou um béquer de vidro, que de alguma maneira sobrevivera a toda destruição, e o esmagou em pedacinhos contra a parede oposta. "Já basta!", ele latiu. "Vai continuar a se dobrar a cada respiro que—"

Amelie agarrou-o pelo braço, puxou-o para enfrentá-la, e disse: "Pare." Seu tom de voz era frio, e calmo, de uma seriedade mortal. "Vamos *parar* de dilacerar um ao outro, Oliver. Não nos faz nada bem. Não resolve nada. Gera desconfiança e paranoia e sentimentos ruins, e não somos tão numerosos nesta cidade para podermos nos render às nossas ambições. Disse a você que vamos governar como iguais, mas tome nota: se não mudarmos, se não aprendermos a por em risco a nossa segurança e o consenso, *os seres humanos se rebelarão*. Eles vão nos destruir. *Não concedo isso porque o rapaz é inocente. Concedo isso porque a misericórdia é maior para a nossa causa do que a justiça.*"

Oliver olhou fixo para ela sem falar ou se mover. Havia algo estranho sobre a sua expressão, algo... vulnerável? Claire não tinha certeza. Ela nunca tinha visto nada parecido. "E se eu decidir que quero governar sozinho depois de tudo?"

"Eu não vou lutar com você por isso", disse ela. "Mas, a sua arrogância vai destruir Morganville, e todos nós."

"Eu já governei homens antes", disse ele.

"Sem qualquer efeito duradouro. Você tentou mudar aqueles a quem governou. Você não podia." Amelie soltou-o, e colocou a sua mão no peito

dele, gentilmente. "Seus ideais não sobreviveram a você. Ou paramos, ou todos nós vamos perecer juntos. Tenho certeza que você não quer isso."

"Não", disse Oliver, estranhamente quieto. "Não, não é isso que eu quero."

"Então o que você quer?"

Ele hesitou, e então inclinou a cabeça. "Eu vou deixar você saber", disse ele. "Mas, por agora... por agora, uma trégua."

Amelie deixou passar mais outro segundo, e em seguida se afastou dele. "Vou enviar a polícia para monitorar as estradas fora da cidade. Vamos esperar podermos manter a ordem pelos meios mais convencionais até—"

"Até o quê?" Myrnin perguntou asperamente. "Até que eu crie outro milagre? Outra brilhante façanha que se transforme em fatal, porque você não vai permitir que eu a construa como deva ser construída? Não. Não vou criar mais nada, Amelie. Isso não pode ser feito corretamente, a menos que você pare de me dizer como fazer o meu trabalho!"

"Ah", disse Oliver. "Eu acho que já sei o que quero. Nunca ter que ouvi-lo reclamar novamente."

Amelie levantou as sobrancelhas claras, olhando para Myrnin, e depois se virou para Claire.

"Não é mais trabalho de Myrnin", disse ela. "E eu acho que é melhor começar a pensar como você vai resolver os nossos problemas, Claire."

"O que?"

"Seria a sua responsabilidade em poucos anos. Só muda nossos planos, acredito. Myrnin pode ajudá-la, mas vou esperar resultados dentro de uma semana."

Claire percebeu, com uma sensação de esmorecimento, que ela tinha acabado de se tornar... o novo Myrnin? Como era *possível*?

As coisas não poderiam ficar piores do que isso — até que ela falhasse. Imaginou que depois disso as coisas tomariam um rumo muito mais do que bem pior.

Pelo menos ela tinha uma semana.

Myrnin balançou a cabeça. "Amelie. Não seja ridícula. A menina não é—"

"Chega", Amelie disse, e o rosnado férreo da autoridade na voz dela o fez

ficar em silêncio. "Você já fez o bastante. Pessoas estão mortas, Myrnin."

Claire não poderia se quer dizer que ela estava errada. Não sobre isso.

Shane limpou a garganta. "Uh, sobre Kyle—"

Amelie virou-se para Oliver. "Faça o telefonema", disse ela. "A menos que você esteja planejando tomar o meu lugar."

Ele deixou alguns segundos passar, em seguida, pegou seu telefone celular e ordenou que o prisioneiro na Praça Fundador fosse libertado.

Bem, Claire pensou. *Pelo menos uma alma seria feliz.*

Ela não via como se ela fosse a contemplada.

...

De volta em casa naquela noite, os quatro se sentaram para jantar. Havia uma espécie de tranquilidade, um pouco estranha, como se nenhum deles soubesse por onde começar. Eles estavam todos contundidos, cortados, e exaustos, de um lado; por outro, ninguém realmente queria dizer o que todos estavam pensando. Ou mencionar o pai de Shane, afinal.

Eve, é claro, decidiu seguir pela direção completamente oposta. "Eu não posso acreditar que eu fui para *casa dos meus pais*", disse ela, um pouco brilhante. "Ugh. Revoltante. Minha mãe transformou meu quarto em um antiquado paraíso, você sabe, cheio de caixas de merda. Ela devia estar em algum *reality show* assustador. A parte mais estranha sobre isso? Eu realmente não esperava outra coisa, de forma alguma. Apenas imaginei que ela havia jogado fora minhas coisas e fingiria que nunca havia estado lá. Imaginei isso com bastante frequência." Eve brincava com o prato de espaguete, mas ela não estava comendo. "Eu ficava perguntando a ela onde meu pai estava. Ela continuou dizendo que ele estava a caminho de casa." O pai de Eve, Claire lembrou, havia morrido a um ano. Não admirava que ela estivesse brincando com sua comida ao invés de comer. Eve engoliu um gole de água. "Eu me pergunto se talvez eu devesse ligar para ela, ver se ela está bem."

"Nós podemos ir lá, se quiser," Michael se ofereceu. "Eu sei que você não gosta de ir por si mesma."

Eve deu-lhe um pequeno sorriso em agradecimento. "Você é incrível",

disse ela. "Talvez amanhã?"

"Claro."

Shane não estava falando afinal. Ele estava comendo, embora ele já tivesse terminado o seu prato de espaguete e estava trabalhando no seu segundo. Ela queria falar com ele, mas ela sabia que ele não ia querer trazer o assunto à tona, não na frente dos outros. Shane não gostava de ser vulnerável, nem mesmo com seus amigos. Ele sabia que eles iam entender, mas esse não era o ponto. Ele só precisava ser... mais forte do que todo mundo.

Eve disse: "Pelo menos você tem apetite, Shane."

Ocorreu um silêncio constrangedor, porque Shane não a respondeu. Ele continuou comendo. Claire enrolou algum talharim em seu garfo e disse, "Minha mãe ligou. Meu pai vai fazer a cirurgia neste fim de semana em Dallas. Eles disseram que ele precisava de algum tipo de transplante de válvula, mas parece que tudo vai ficar bem, realmente bem. Irei pedir permissão para ir na sexta-feira."

"Você não tem que pedir permissão", disse Shane então. "Você pode ir. A máquina está morta. Apenas vá." Sua voz soava plana, e errada.

Todos olharam de um para o outro, o resto deles. "Haverá bloqueios nas estradas," Michael disse finalmente. "Não é assim tão fácil."

"Sim, nunca é, não é?" Shane jogou o garfo, empurrado para trás da mesa, e levou suas coisas para a cozinha. Claire foi atrás dele, mas logo que ela chegou na porta, ele despejou sua comida no lixo e seu prato na pia e se virou para ir embora.

"Shane—"

Ele levantou as duas mãos, empurrando-a, sem tocá-la. "Dê-me algum espaço, ok? Eu preciso de espaço". Ele a deixou. Ela ficou ali, olhando para o prato dele na pia, e sentiu seu coração quebrar novamente. Por que ele não fala com ela? O que ela fez? Isso dói, o que realmente ela tinha feito. Ela se sentiu como... como se estivesse o perdendo de novo.

Ela estava cansada de perdê-lo.

Claire caminhou de volta para a mesa. Shane já havia desaparecido no andar de cima, e sua porta sendo fechada com um estrondo. Michael e Eve estavam olhando para seus pratos.

"Complicado", Eve disse finalmente, mas seu coração não estava nisso.

Michael balançou a cabeça. "Ele perdeu o pai. Dói."

"*Eu sei*," Eve disse ríspidamente. "Você se lembra? Como eu tenho passado por isso."

"Desculpe, eu só queria dizer—"

"Eu sei." Eve suspirou e pegou sua mão. "Eu sei. Desculpe. Eu só estou um pouco... estranha. Acho que todos nós estamos."

"A verdade é que ele perdeu o pai há muito tempo. Talvez quando sua irmã morreu. Talvez quando Frank... uh..." Claire não sabia como dizer isso.

Michael soube. "Quando ele fora transformado."

"Sim", ela disse. "Eu não acho que ele realmente encarou o fato, apesar de tudo. Agora é visível no rosto dele. Ele realmente não pode evitar isso mais. Seu pai apenas... se foi."

"Não é isso", disse Shane dos degraus. Todos pularam, mesmo Michael, a quem Claire adivinhou não tê-lo ouvido se aproximar, também. Shane podia ser muito silencioso quando ele queria. "Não é que ele se foi. Meu problema é que eu conhecia o meu pai. Eu tinha medo dele, e assim, eu queria agradá-lo, e depois eu o odiava porque eu achava que ele era apenas cem por cento mal, especialmente depois que ele virou um vampiro. Mas ele não era, eu estava errado sobre ele. Ele veio para ajudar. E quando ele o fez, ele morreu para que pudéssemos terminar isso."

Todos olharam para ele em silêncio. Shane sentou-se nos degraus.

"A questão é", disse ele, "é muito tarde para eu realmente ama-lo agora. Isso é o que dói."

Claire levantou-se, segurando o prato, mas Eve o retirou das mãos dela. "Vá", disse ela. "Eu faço isso. Mas você me deve um encargo de lavar roupa."

Claire assentiu e subiu os degraus. Shane levantou a cabeça, e seus olhos se encontraram. Ela estendeu a mão.

Depois de um longo momento, ele pegou a mão dela e levantou-se. "Sabe, mesmo quando eu não conhecia você, eu queria conhecer você," disse ele. "Então, eu acho que você está presa a mim. Desculpe-me"

"Eu não estou", disse Claire, e o levou para cima.

...

O celular dela tocou por volta das quatro da manhã, vibrando sobre criado mudo, e ela o manuseou desajeitadamente sobre a névoa turva do sono. Claire puxou-se cuidadosamente de debaixo do braço pesado Shane e saiu da cama, pegou um robe, e saiu para o corredor para atender o telefonema.

A tela mostrava que era *Myrnin*. Claire fechou os olhos com força por um momento, em seguida, atendeu ao telefone e disse: "São quatro horas da manhã. E não foi exatamente um dia fácil."

Myrnin disse, "posso fechar os limites da cidade."

A maneira como ele disse a deixou estática, porque não estava maníaco, não estava louco, fora apenas... uma simples declaração de fato. "Você pode? Como? A coisa toda foi... destruída."

"Sim", disse ele. "Foi. Mas, como eu já te disse uma vez, a máquina era um sistema de apoio. Um amplificador A parte importante da criação das fronteiras e do controle de memória não era a máquina,... é a mente."

"Myrnin—" Claire queria gritar, jogar o telefone, fazer alguma loucura. Mas ela não o fez. Ela engoliu tudo isso e forçou-se a dizer, com muito cuidado, "Myrnin, não estou colocando o meu cérebro em um jarro para tirá-lo da casa de cachorro da Amelie. Isso nunca, nunca vai acontecer."

"Eu sei disso", disse Myrnin. "Você não precisa."

Claire respirou profundamente, acalmando a respiração. "Eu não preciso."

"Não."

"Por que não?"

"Vamos para o laboratório", disse ele. "Venha agora."

Ele desligou. Claire encarou o telefone através de estreitos, olhos turvos, e, em seguida, virou-se e voltou para o quarto dela.

Vestir-se em silêncio, no escuro, foi um pouco desafiador, mas ela conseguiu, e se esgueirou com cuidado pelo corredor, descendo as escadas, e pulou em um pé só, enquanto ela colocava os sapatos na sala de estar. Ela acendeu a luz e olhou-se no espelho. Ela parecia... bem, tão bem quanto se

ela tivesse sido tirada da cama sem dormir o bastante. Cabelo desganhado. Pele enrugada. Roupas amassadas.

"Eu vou matá-lo se isto é para nada", ela disse refletindo, e agarrou sua mochila, que estava no canto. Ela a jogou no ombro e caminhou até a seção da parede em branco onde o portal iria aparecer. Após algum momento em concentração, e o portal preto apareceu, estabilizando, e ela o atravessou, para o laboratório de Myrnin.

Estava ainda muito pior pelo estrago. Cacos de vidro brilhavam no chão. As mesas foram derrubadas. Ainda havia uma névoa tênue de poeira no ar.

Em seguida, passou pelo cérebro dela cansado e lento, um choque de verdade, que ela não deveria ter sido capaz de fazer isso. Não conseguido atravessar o portal. A máquina havia controlado o portal... e a máquina era uma bagunça de metal esmagada no porão.

Por que funcionou?

Myrnin estava no fundo do laboratório, de pé de frente... algo que ela não podia ver muito claramente. Ele não se virou. "Claire", disse ele. "Obrigado por ter vindo."

"É. Amelie sabe que você está fazendo isso?"

"Ela me deu ordens para descansar", disse ele. "Então, não, na verdade, ela não o sabe. Mas, afinal, eu não acho que ela vai ficar com raiva."

"Você não acha? Você é louco?"

Ele não respondeu diretamente. "Eu tenho trabalhado toda a noite", disse ele. "Algumas das peças ainda eram utilizáveis, mas só fui capaz de remendar os elementos muito básicos."

"Quais elementos?"

Myrnin finalmente se moveu, e Claire andou mais alguns passos em direção a ele antes de parar congelada, a respiração bloqueada na garganta, seu coração balançando, então martelando muito, muito rápido.

Porque isso era um *cérebro*. Em uma *jarra*. Um jarro de líquido verde indistinto que borbulhava. Havia tubos, tubos de cobre, por onde o líquido circulava, e havia fios, e havia mecanismos de registro de tempo tiquetaqueando como um relógio no percurso, mas havia um *cérebro*.

Em uma jarra.

"O que você fez?" A voz de Claire não parecia em nada como a dela. Ela nem percebeu que e tinha dito isso em voz alta, até que Myrnin olhou diretamente para ela.

"O que eu tinha que fazer", disse ele. "Isso não vai funcionar de outra maneira. É muito perigoso. Eu não posso arriscar que algo como aquilo aconteça de novo, e você também não deveria, Claire. Na próxima vez, podemos não ter tanta sorte."

"Você matou alguém", disse ela. Sua garganta estava tão apertada que ela pensou que poderia engasgar com as palavras. "Oh, meu Deus, você matou alguém e... colocou seu cérebro... dentro—"

"O ponto é que as barreiras estão funcionando", disse Myrnin. "E estamos seguros. Eu fiz o que eu sabia que tinha que ser feito. Mas você não deve dizer a ele."

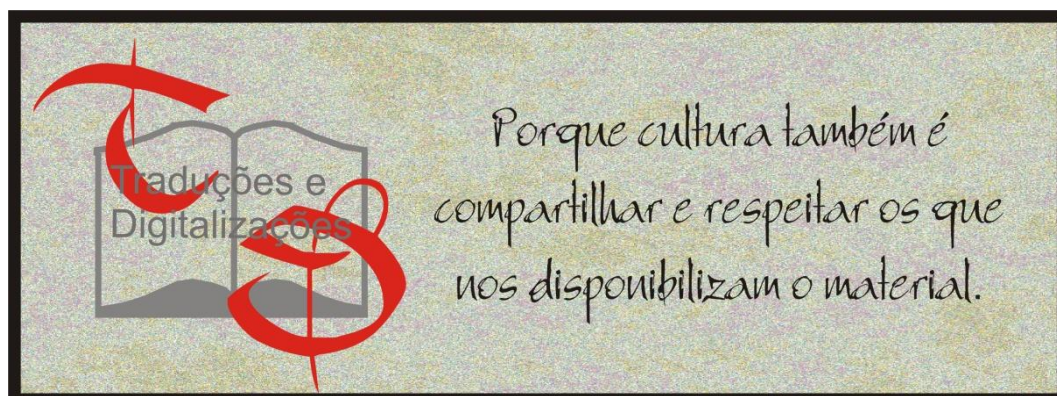
"Dizer *a quem?*" Claire não podia decidir se ela estava furiosa ou aterrorizada com tudo isso. Provavelmente ambos. Myrnin não respondeu.

A voz que saiu do viva-voz do telefone celular dela, um pouco abafada pelo bolso dela — uma voz estranha desencarnada que, no entanto, era familiar.

A última coisa que ela ouviu dizer foi *Adens*.

"Ele quer dizer Shane", disse Frank Collins. O cérebro na jarra. "Não diga a Shane, Claire. Esse vai ser o nosso segredo."

Continua



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - <http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127>

